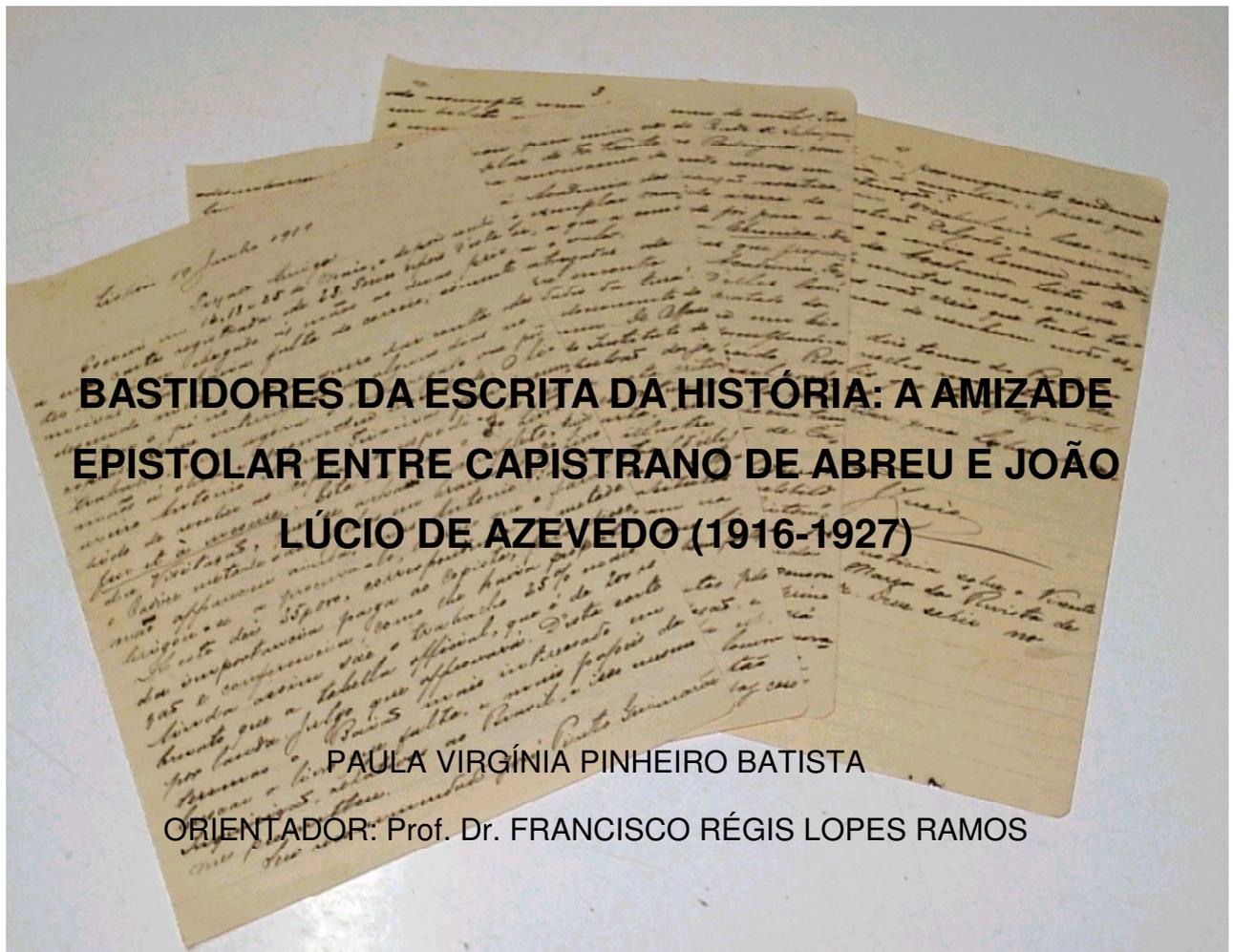




**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**



**BASTIDORES DA ESCRITA DA HISTÓRIA: A AMIZADE  
EPISTOLAR ENTRE CAPISTRANO DE ABREU E JOÃO  
LÚCIO DE AZEVEDO (1916-1927)**

PAULA VIRGÍNIA PINHEIRO BATISTA

ORIENTADOR: Prof. Dr. FRANCISCO RÉGIS LOPES RAMOS

**FORTALEZA**

**2008**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC  
PAULA VIRGÍNIA PINHEIRO BATISTA

**BASTIDORES DA ESCRITA DA HISTÓRIA: A AMIZADE  
EPISTOLAR ENTRE CAPISTRANO DE ABREU E JOÃO  
LÚCIO DE AZEVEDO (1916-1927)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

FORTALEZA  
2008

## 1.1. ““Lecturis salutem”

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593  
tregina@ufc.br

BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS – UFC\_\_\_\_\_

B337b

Batista, Paula Virgínia Pinheiro.

Bastidores da escrita da história [manuscrito] : a amizade epistolar entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo (1916-1927) / por Paula Virgínia Pinheiro Batista. – 2008.

231 f. : il ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE),

Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

Inclui bibliografia.

1-ABREU, J. CAPISTRANO (JOÃO CAPISTRANO DE), 1853-1927 – CORRESPONDÊNCIA – HISTÓRIA E CRÍTICA – 1916-1927. 2-AZEVEDO, J. LÚCIO DE (JOÃO LUCIO DE), 1855-1933 – CORRESPONDÊNCIA – HISTÓRIA E CRÍTICA – 1916-1927. 3-HISTORIADORES – BRASIL – CORRESPONDÊNCIA – HISTÓRIA E CRÍTICA – 1916-1927. 4- HISTORIADORES – PORTUGAL – CORRESPONDÊNCIA – HISTÓRIA E CRÍTICA – 1916-1927. 5- HISTORIOGRAFIA. I- Ramos , Francisco Régis Lopes, orientador. II - Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em História. III - Título.

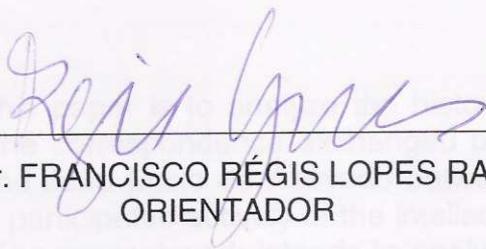
CDD (22ª ed.) 928.690904

25/08

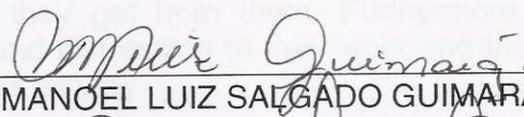
Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará, como requisito necessário para obtenção do título de Mestre em História.

**APROVADO EM: 02 / 07 / 2008**

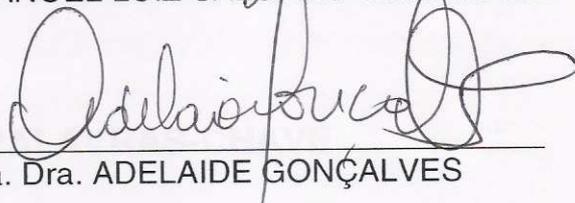
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. FRANCISCO RÉGIS LOPES RAMOS  
ORIENTADOR



Prof. Dr. MANOEL LUIZ SALGADO GUIMARÃES



Profa. Dra. ADELAIDE GONÇALVES

## **RESUMO**

O objetivo desta pesquisa é analisar os processos de leitura e escrita da história expressos na correspondência trocada entre os historiadores Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo entre os anos de 1916 e 1927. Ambos participaram ativamente do campo intelectual, respectivamente, no Brasil e em Portugal. O presente trabalho se propõe a analisar os comentários que os missivistas faziam sobre suas leituras, na busca de apreender que tipo de apropriações eles faziam dessas e expor algumas das condições de produção e circulação das suas obras, bem como as estratégias de publicação e divulgação das suas obras.

## **ABSTRACT**

The aim of this paper is to analyze the history reading and writing dynamics depicted by the correspondence exchanged between the historians Capistrano de Abreu and João Lúcio de Azevedo between the years of 1916 and 1927. Both of them participated actively of the intellectual field in Brazil and Portugal, respectively. The present work intends to analyze the comments that the historians made on their common readings, trying to comprehend which kind of appropriations they get from them. Furthermore, it presents some features of production and distribution of their work and the applied publishing and divulgation strategies as well.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Correspondência — Historiografia — História da leitura

## AGRADECIMENTOS

Todo texto historiográfico carrega em si um trabalho em conjunto. Este não seria diferente. Tenho muito a agradecer aos que ajudaram na concretização desse trabalho. Talvez esqueça de citar alguns. Perdoem a omissão.

Ao meu orientador Régis Lopes, pela serenidade que sempre acalmou minha ansiedade. Agradeço pela paciente leitura dos meus textos fragmentados e confusos. Sua leitura cautelosa deu uma consistência substancial ao texto final.

Agradeço o apoio da CAPES, que concedeu uma bolsa de pesquisa durante a execução desse trabalho.

Ao Instituto do Ceará, principalmente aos seus funcionários, que permitiu a pesquisa no Acervo Capistrano de Abreu.

À Regina Jucá, pela atenção e carinho com que sempre trata os alunos da pós-graduação.

À banca da qualificação, ao Professor João Ernani e Professora Adelaide Gonçalves, pelas dicas, referências imprescindíveis à continuação do trabalho.

Às minhas amigas e amigos do Mestrado, que dividiram comigo as agruras do curso e carregaram muitas “pedras”: Ana Amélia, Luciana, Lucélia, Karoline, Kelly, Ana Sara, Ana Isabel, Viviane, Igor, Agostinho, Janote.

Ao Emy, Daniel e Carlos Renato, pelo empenho em manter um grupo de estudos, que foi importante espaço de discussão desse trabalho.

À Ítala Byanca, que mesmo distante, continuou estabelecendo intercâmbio de fontes, textos e dicas.

Aos meus prezados amigos, Humberto, Ozângela e Igor, obrigada pelo companheirismo.

Aos meus pais Luiz e Francisca, obrigada pelo amor incondicional.

Ao meu marido Ricardo, conciliador da eterna batalha entre mim e o computador. Ao meu “consulente de plantão” agradeço o amor que me dedica.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS E QUADROS</b> .....	06
<b>LISTA DE ABREVIATURAS</b> .....	07
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>CAPÍTULO 1: O OFÍCIO DO HISTORIADOR NAS EPÍSTOLAS DE CAPISTRANO DE ABREU</b> .....	28
1.1. Capistrano de Abreu, as instituições intelectuais e os círculos de convivência.....	28
1.2. Comemorar o Descobrimento (1900) e não comemorar a Independência (1922).....	60
<b>CAPÍTULO 2: INTERCÂMBIOS ENTRE LETRADOS: TROCA DE TEXTOS, LIVROS, DOCUMENTOS E IMPRESSOS</b> .....	85
2.1. Copiar, Anotar e Publicar: edições de livros e documentos.....	85
2.2. Livro vai - Livro vem: formação de uma comunidade de leitores.....	117
2.3 Escritos e Escritas da História.....	145
<b>CAPÍTULO 3: O MERCADO EDITORIAL NA CORRESPONDÊNCIA DE CAPISTRANO DE ABREU</b> .....	172
3.1. "Casas de Papel": cotidiano das livrarias, editoras e tipografias.....	172
3.2. O Autor, o Editor e o Público: estratégias de publicação e direitos autorais.....	198
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	212
<b>FONTES</b> .....	216
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	223

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

### FIGURAS:

**Figura 1:** Fotografia de um grupo de intelectuais.....14

Fonte: SEVCENKO, Nicolau. Literatura Como missão: tensões sociais e criação cultural na 1ª República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

**Figura 2:** Fotografia de João Lúcio de Azevedo.....15

Fonte: acervo do Instituto do Ceará.

**Figura 3:** Catálogo de Exposição da História do Brasil.....88

Fonte: acervo do Instituto do Ceará.

**Figura 4:** Edição de Cultura e Opulência do Brasil.....96

Fonte: biblioteca da Universidade Federal do Ceará.

**Figura 5:** Edição de História dos Cristãos Novos Portugueses.....106

Fonte: acervo do Instituto do Ceará.

**Figura 6:** Rede de Capistrano de Abreu.....119

Fonte: acervo do Instituto do Ceará, concedido ao Museu do Ceará.

**Figura 7:** Carta de Capistrano de Abreu para Xará.....157

Fonte: acervo do Instituto do Ceará.

**Figura 8:** Cadernos de anotações de Capistrano de Abreu.....160

Fonte: acervo do Instituto do Ceará.

**Figura 9:** Fachada da Livraria Garnier.....175

Fonte: Almanaque Brasileiro Garnier (1905).

**Figura 10:** Caricatura de Capistrano de Abreu, de Castro Rebello....195

Fonte: acervo do Instituto do Ceará.

### QUADROS:

**Quadro 1:** Distribuição temporal das cartas de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo.....17

**Quadro 2:** Distribuição temporal das cartas de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu.....18

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ABL – Academia Brasileira de Letras

CCA – Correspondência de Capistrano de Abreu

IC – Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IHGP – Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Pará

RIC – Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

RIHGB – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

## INTRODUÇÃO

*Escrevo-lhe de Pedras Altas, da granja de Assis Brasil, aonde vim solver um compromisso tomado em 80/81. O tempo de verão não é o mais próprio para visitar uma terra essencialmente fria, mas tenho sido feliz: a dois ou três dias de calor intercalados, tem sucedido sempre a chuva, e a temperatura não pode ser mais agradável. (...) A casa de morada é um castelo granítico, em cuja construção consumiram-se não menos de cem contos. Em roda nascem buxos americanos, que sob a tesoura assumem formas variadas, entre as quais as de muralhas com ameias: muito interessante um dia destes vê-las tremerem com um vento forte do Norte, que persistiu algumas horas. O que mais encanta é a família forte, sadia, perfeitamente contente e satisfeita. O ano é excepcional, porque não faltam chuvas nesta época, em que são mais necessárias, e a praga de gafanhotos anda longe e talvez não alcance aqui. Mas mesmo em anos menos propícios creio que o fundo psicológico não se altera. (...) Moro só, em 'chalet' de madeira, habitado antes de ereto o castelo: é impossível achar reunido maior número de comodidades que nos poucos metros do andar térreo que ocupo. Dentro em poucos dias terei companheiros. Ainda não sei quanto tempo ficarei; mas não entra em meus planos partir antes do fim de março.<sup>1</sup>*

Em 31 de janeiro de 1916, Capistrano de Abreu<sup>2</sup> escreveu essa carta ao amigo Mário de Alencar relatando sua estadia na granja de Pedras Altas, propriedade de Assis Brasil, onde foi passar o verão quando da sua primeira viagem ao Rio Grande do Sul. Foi nesse ambiente, propício a relações epistolares, que Capistrano escreveu uma das cartas<sup>3</sup> ao historiador português João Lúcio de Azevedo,<sup>4</sup> datada de 7 de fevereiro de 1916.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Carta de Capistrano de Abreu a Mário de Alencar de 31 de Janeiro de 1916. In: ABREU, Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2. ed, 1977, p. 243. A partir daqui mencionaremos essa obra usando a seguinte abreviatura: CCA.

<sup>2</sup> Capistrano de Abreu nasceu em Maranguape, Ceará, em 23 de outubro de 1853 e faleceu no Rio de Janeiro a 13 de agosto de 1927. Em Fortaleza, freqüentou o Colégio dos Educandos, o Ateneu Cearense e o seminário episcopal. Em 1870, seguiu para Recife com o objetivo de se formar em Direito, mas não obteve êxito. Em 1875, embarcou para o Rio de Janeiro, dedicando-se ali ao ensino, ao jornalismo, à crítica literária e aos estudos históricos.

<sup>3</sup> A carta de 7 de fevereiro de 1916 escrita por Capistrano de Abreu para João Lúcio é a carta mais antiga encontrada nos arquivos pessoais de Capistrano, utilizados nessa pesquisa. Porém, há indícios de que essa troca epistolar entre os dois historiadores se iniciou em 1909, portanto 7 anos antes do início do período abordado aqui. Essas referências se encontram na correspondência trocada entre Capistrano e José Veríssimo, mais

Essa carta foi escrita cinco dias após a morte de José Veríssimo,<sup>6</sup> amigo em comum de Capistrano e João Lúcio, ocorrida em 2 de fevereiro de 1916. Percebe-se um tom saudoso diante do amigo ausente:

Domingo passado, 30 de janeiro, José Veríssimo foi ao América Hotel no Catete, entregar a um amigo, que vinha para aonde estou, duas publicações suas, mandadas por intermédio dele e a mim destinadas. Chegaram ontem, acompanhadas de um cartão carinhoso como sempre. Na véspera lera em um jornal de Bagé o telegrama de seu falecimento. (...) A tão velho e querido amigo não preciso lembrar o que valia. Comecei a conhecê-lo depois de sua mudança para o Rio, e não posso conformar-me com a idéia de que não mais tornarei a encontrá-lo. Muitas vezes nossas opiniões e atitudes divergiam inteiramente, mas os laços de boa amizade nunca afrouxaram e a intimidade foi sempre crescendo mais forte.<sup>7</sup>

Diante da morte do amigo José Veríssimo, os dois historiadores se aproximaram, estimulando uma densa troca de correspondência e estreitando laços de amizade. Essa troca epistolar, iniciada no ano de 1916, foi conservada até a morte de Capistrano em 1927.

---

especificamente em carta a José Veríssimo datada de 28 de outubro de 1909, em que Capistrano afirma incluir “uma carta para João Lúcio de Azevedo, cujo o endereço, ignoro. Leia-a; se achar inconveniente, suprima-a”. (Publicada em ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 196). Sabe-se que João Lúcio enviou uma resposta a Capistrano, já que em carta de 23 de dezembro de 1909, Capistrano escreve a José Veríssimo dizendo que “muito folguei sabendo que João Lúcio me escreveu, e estou com curiosidade de lê-lo. Pretendo depois de amanhã dormir em Petrópolis: terça-feira aí estarei. Se não nos encontrarmos logo, deixe a carta no Briguiet” (Publicada em ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 198). Uma vez que não tivemos acesso a essas cartas, trabalhamos com as cartas trocadas entre Capistrano e João Lúcio depois da morte de José Veríssimo em 1916.

<sup>4</sup> João Lúcio de Azevedo nasceu em Sintra, Portugal, em 16 de abril de 1855 e faleceu em Lisboa no ano de 1934. Diplomou-se, em 1872, pelo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Em 1873, partiu para o Brasil, dirigindo-se para Belém do Pará para trabalhar na Livraria do seu tio, depois tornou-se sócio de uma empresa de exploração de borracha e uma companhia de navegação fluvial. Em 1899, retorna ao seu país natal e dedica-se ao ofício de historiador desde então.

<sup>5</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 7 de fevereiro de 1916. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 9.

<sup>6</sup> José Veríssimo nasceu em Óbitos, Pará, em 8 de abril de 1857 e faleceu no Rio de Janeiro em 02 de fevereiro de 1916. Depois, morou em Manaus e Belém. Aos doze anos transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde fez os preparatórios e ingressou na Escola Politécnica. Por motivos de doença, em 1876, abandona os estudos e regressa ao Pará. Viaja à Europa e, em 1889, muda-se para o Rio de Janeiro, onde se consagra inteiramente à crítica e ao magistério, tornando-se professor e diretor do Colégio Pedro II.

<sup>7</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 7 de fevereiro de 1916. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 9.

Em sua segunda carta a João Lúcio, datada de 30 de junho de 1916, Capistrano confessa que o início da amizade parece consentida pela “co-presença” de José Veríssimo:

Não acho sua carta para responder-lhe: responderei só de coração. Foi para mim um consolo. Veríssimo gostava de fazer propaganda de amigos. Falou-me em seu nome, pela primeira vez, creio que em 93 ou 94. Depois muitas e muitas vezes falou-me de sua ida para o Pará, a entrada no comércio, seus trabalhos para a conquista do pão, sua volta além-mar, sua vida de estudo e de pensamento, que auspiciávamos longa e fecunda em obras cada vez mais vigorosas. A partida de nosso amigo ainda mais sagradas torna estas recordações.<sup>8</sup>

José Veríssimo e João Lúcio de Azevedo se conheceram em Belém do Pará, quando o primeiro retornava em 1876 a sua cidade natal, depois de uma estadia no Rio de Janeiro, e o segundo iniciava sua jornada profissional na companhia de navegação fluvial de seu tio e na Livrara Tavares Cardoso, onde trabalhava desde 1873. De acordo com Laurence Hallewell, João Lúcio, “após começar como auxiliar em 1873, casou-se com a filha de seu patrão e, em 1900, voltou para Portugal com uma sólida fortuna”.<sup>9</sup>

Tanto José Veríssimo como João Lúcio de Azevedo colaboraram para jornais da província como o *Liberal do Pará* e a *Província do Pará*. Ambos escreveram<sup>10</sup> sobre a região da Amazônia em trabalhos iniciais das suas carreiras.

É possível que Capistrano tenha conhecido José Veríssimo quando esse se mudou para o Rio de Janeiro, em 1891, e foi trabalhar como professor e diretor do Colégio Pedro II. Os dois conviviam nas livrarias, cafés e jornais com o grupo idealizador da Academia Brasileira de Letras,<sup>11</sup> que teve

---

<sup>8</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 30 de junho de 1916 – In: ABREU, v. 2, 1977, p. 12.

<sup>9</sup> HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: EDUSP, 1985, p. 121.

<sup>10</sup> José Veríssimo escreveu um ensaio intitulado *O Homem de Marajó e a Antiga Civilização Amazônica* em 1889, já João Lúcio de Azevedo escreveu crônicas sobre a história amazônica reunidos no volume intitulado *O livre Amazonas – vida nova* publicado em 1899.

<sup>11</sup> EL FAR, Alessandra. **A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 52.

Veríssimo como sócio fundador. Capistrano, por sua vez, recusou o convite para fazer parte dessa agremiação.

Sem Veríssimo, Capistrano e João Lúcio iniciaram uma cumplicidade intelectual, incentivada pela escrita cotidiana de cartas. A memória de suas relações intelectuais foi preservada nessas epístolas. Essa correspondência exemplifica um tipo de relacionamento mantido entre alguns intelectuais do século XIX: a amizade epistolar. Nesse tipo de relação, como afirma Vicent-Buffault, “a correspondência torna-se o altar da amizade, monumento privado onde vem se celebrar a relação e se inscrever a marca, onde se principia a obra comum”.<sup>12</sup>

A troca de cartas era fundamental para a convivência intelectual naquele período, já que, nesse espaço privado, discutia-se a produção, o cotidiano, os gostos e os caprichos, misturados a conselhos, encorajamentos, críticas e elogios. Capistrano e João Lúcio mantiveram uma correspondência freqüente durante quase doze anos (1916-1927) e usaram esse suporte para trocas intelectuais e afetivas, uma vez que nunca se encontraram pessoalmente.

Cartas são conversas com os que estão ausentes. Essa correspondência foi gerada, sobretudo, em função da distância física entre eles, posto que um vivia no Rio de Janeiro, e o outro, em Lisboa. O que fascina, nessas cartas, é a cumplicidade do ofício de historiador que eles partilhavam, tendo a correspondência como espaço de discussão sobre o trabalho historiográfico de ambos. Contudo, a freqüência das cartas, juntamente com o tom íntimo empregado entre esses dois correspondentes, revela mais: apresenta a trajetória de uma amizade intelectual que vai sendo construída a partir da ajuda mútua. Além disso, a intimidade favorece as confissões recíprocas entre Capistrano e João Lúcio sobre a família, a solidão e a velhice, dentre outros temas.

A ausência de uma convivência pessoal estimulava ainda mais a escrita de cartas entre os dois. A intimidade epistolar aumentava diariamente, com cada missivista procurando agradar o outro nos pequenos detalhes, como

---

<sup>12</sup> VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da Amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 25.

podemos apreender desta carta de João Lúcio para Capistrano: “sua idéia de me mandar a parte que evidentemente mais poderia interessar-me, por me ser mais familiar, denota a delicadeza de quem, fazendo um presente, busca o que mais pode agradar ao presenteado”.<sup>13</sup> Ou nesta outra epístola, na qual João Lúcio afirma: “creio que, quando escrevi aquilo, o fiz com o sentido de lhe agradar, e triunfei, visto havê-lo conseguido”.<sup>14</sup>

O tom fraternal usado nas cartas se sobressai. Em vários trechos da correspondência, eles deixam evidente o carinho recíproco, como nesta carta de Capistrano: “este ano, em vez de Páscoa, tivemos 4º feira de trevas. Desculpe-me isto, o lapso involuntário, que tento reparar agora com o abraço cordial através do Atlântico”.<sup>15</sup> Mesmo sabendo que não poderiam se encontrar para conversarem pessoalmente procuravam recursos para se sentirem mais próximos, como percebemos nesta carta de João Lúcio de 3 de março de 1922: “em uma planta do Rio, que trouxe meu filho, vi o morro da Glória, e a Rua D. Luísa. Pareceu-me ficarmos mais perto agora. Como não posso ir em pessoa, subo a vista as alturas”.<sup>16</sup>

Em carta de 18 de março de 1918, Capistrano afirma que sempre recorre ao “auxílio precioso”<sup>17</sup> de João Lúcio, o que nos revela um espírito de colaboração científica entre eles. Já João Lúcio confessa ao amigo Capistrano que sua amizade lhe estimulava o trabalho intelectual, como sugere este trecho, da carta de 23 de outubro de 1920: “o que digo, no meu *Marquês de Pombal* está certo; agora poderia explanar o caso. De sorte que estou achando prazer na tarefa, que tinha antes por cansada e enfadonha. E devo isto a V., como algumas outras cousas boas”.<sup>18</sup>

Os dois historiadores não trocaram somente cartas. Ao sentirem a necessidade de olhar o rosto um do outro, permutaram fotografias. As

---

<sup>13</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 08 de agosto de 1918. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 227.

<sup>14</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 08 de agosto de 1918. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 229.

<sup>15</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de dia (não oficial) do descobrimento, 1924. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 298.

<sup>16</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 03 de março de 1922. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 241.

<sup>17</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 18 de março de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 87.

<sup>18</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 08 de agosto de 1918. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 234.

primeiras menções de troca de fotografias começaram nos idos de 1917, quando João Lúcio pede ao amigo Capistrano uma fotografia sua. Em carta de 6 de junho de 1917, Capistrano afirma que talvez João Pandiá Calógeras possua alguma ou que poderá mandar tirar uma para enviar-lhe.<sup>19</sup>

Guilherme Studart afirmou, em nota biobibliográfica, que Capistrano nunca havia tirado nenhuma fotografia, o que Capistrano retificou em carta ao amigo cearense:

Li e te agradeço a minha biografia, que ainda não vi no Almanaque. Enganaste-te dizendo que foi Amaro quem me extinguiu: foi Epitácio. Não é também exato que jamais tirasse retrato: apenas não guardo um só. No Brejão, Eduardo Prado fotografou-me mais de uma vez; em Santa Cruz das Palmeiras fez o mesmo Godofredo Leão Veloso, Assis Brasil aqui em Santa Tereza e Rio Branco em Petrópolis, em grupo. Não guardo um só, porque não os acho parecidos.<sup>20</sup>

De fato, Capistrano foi fotografado várias vezes, embora não guardasse nenhuma de suas fotografias. Além disso, recebia fotografias de amigos como João Lúcio, que lhe enviou duas. Essas imagens foram enviadas junto com uma carta para Capistrano datada de 8 de agosto de 1919, na qual afirma: “tirada no quintal por meu filho. As feições estão contraídas por efeito da luz, por isso pareço aborrecido”.<sup>21</sup>

Ao receber as fotografias de João Lúcio e ao saber do seu retorno a Portugal, Capistrano de Abreu escreve uma carta emocionada em 11 de setembro de 1919:

Sua carta alvoroçou-me. A partida de Londres é uma aproximação e bem grande. Sabê-lo em sua casa da Rua de Alexandre Herculano é como se o Atlântico se estreitasse e pudéssemos dialogar de uma costa para outra. Devo a Londres suas duas fotografias que muito agradeço. Tenho mirado ambas muitas vezes e, apesar do fotógrafo, prefiro a primeira. Por ter sido a

---

<sup>19</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 6 de junho de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 52.

<sup>20</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 26 de abril de 1906. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 173.

<sup>21</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 08 de agosto de 1919 – Acervo Instituto do Ceará.

primeira? Talvez, mas também acho-a mais psicológica, mais substancial e permanente.<sup>22</sup>



*Figura 1: fotografia de um grupo de intelectuais, dentre os quais está Capistrano de Abreu (1906) – In: SEVCENKO, Nicolau. Literatura Como missão: tensões sociais e criação cultural na 1ª república. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 95.*

Uma outra fotografia de João Lúcio foi enviada junto com a carta de 17 de outubro de 1923. Com afeto, Capistrano acusou seu recebimento: “aqui recebi sua fotografia, que muito agradeço e terei sempre diante dos olhos. Se é recente, felicito-o: poreja saúde e vigor. Regozijo-me que a maturidade tenha sido um elemento de regeneração e consolidação. A natureza tem destes paradoxos”.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 11 de setembro de 1919. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 133.

<sup>23</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de Dia da Conceição de 1923. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 284.



Figura 2: fotografia de João Lúcio de Azevedo enviada para Capistrano de Abreu em 17 de outubro de 1923 – Acervo Instituto do Ceará.

A delicadeza da troca de imagens entre os dois mostra a necessidade de ver aquele com quem se fala apenas por cartas. João Lúcio, ao despedir-se em carta de 28 de outubro de 1918, revela os limites da amizade epistolar: “como sempre foi grande o meu prazer com esta sua prosa escrita, já que segundo todas as possibilidades não será dado tê-la de boca comigo”.<sup>24</sup> A carta é uma presença que marca a ausência do outro.

Na presente dissertação, a correspondência trocada entre Capistrano e João Lúcio foi interpretada como objeto de pesquisa, entrevendo as relações de amizade estabelecidas através da troca epistolar, bem como os intercâmbios estabelecidos entre esses historiadores e uma rede de sociabilidade formada a partir deles. Nessa pesquisa, percebemos o quanto

<sup>24</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 28 de outubro de 1918 – Acervo do Instituto do Ceará.

essa colaboração mútua influenciou o trabalho de ambos. Guilherme Amaral<sup>25</sup> e outros historiadores destacam a importância da análise da “formidável” correspondência de Capistrano de Abreu:

O estudo da correspondência de Capistrano de Abreu, exatamente por sua riqueza, pelo volume de informações que contém, é um acervo precioso para a compreensão de uma dimensão oculta do labor histórico: aquela que se refere às práticas de pesquisa e de leitura.<sup>26</sup>

Para Peter Gay, “as cartas pareciam parte essencial de uma pessoa importante”.<sup>27</sup> Analisar a trajetória intelectual de um escritor através da sua correspondência privada passou a ser crucial para compreender sua obra. Diante disso, entendemos a crescente produção de trabalhos acadêmicos<sup>28</sup> que utilizam as missivas enviadas e recebidas por Capistrano. Nosso trabalho analisa as relações amiais estabelecidas entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo entre 1916 e 1927.

A análise do suporte das correspondências consiste em verificar a frequência da troca epistolar, as circunstâncias de envio e recebimento das cartas, o tipo de tratamento usado pelos correspondentes (como vocativos e despedidas), a temporalidade e o conteúdo abordado nestas.

As cartas são produzidas por um autor inserido no seu tempo e no seu espaço social. Esse se utiliza de um objeto da cultura material de sua época (a correspondência) para comunicar-se com o outro. Mas não podemos considerar essas cartas como formas “naturalizadas” e “espontâneas” de expressão, já que são regidas por normas sociais.

<sup>25</sup> Cf. AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. **Correspondência cordial**: Capistrano de Abreu e Guilherme Studart. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura, 2003 (Outras Histórias).

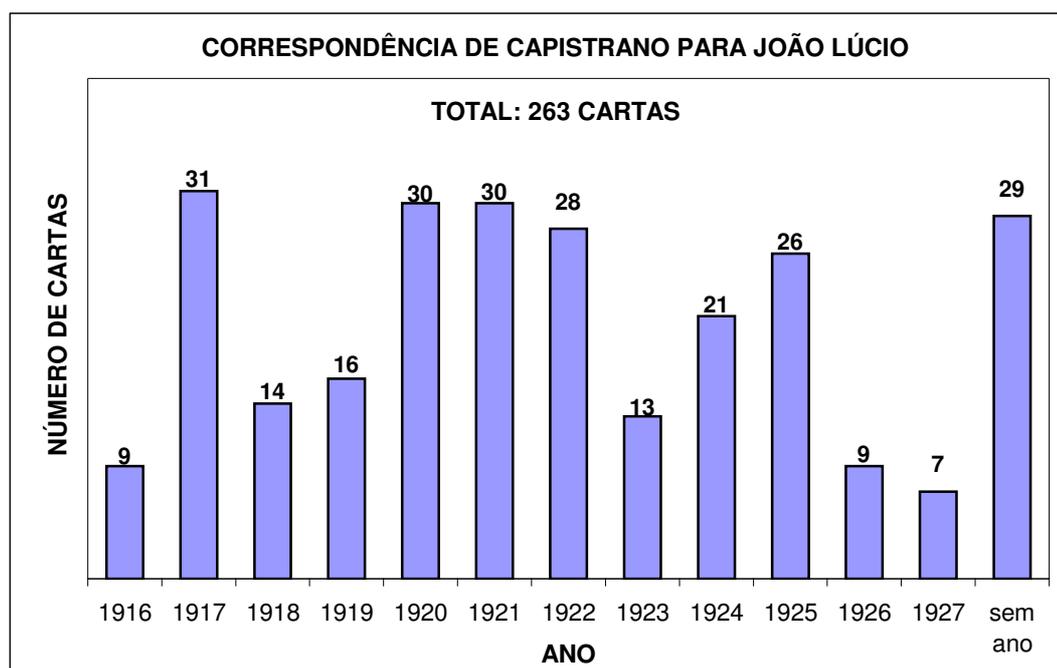
<sup>26</sup> Ver AMARAL, 2003, p. 58.

<sup>27</sup> GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 357.

<sup>28</sup> Além do trabalho de AMARAL (2003) sobre a correspondência de Capistrano de Abreu, cf. BUARQUE, Virgínia A. Castro. **Escrita Singular**: Capistrano de Abreu e Madre Maria José. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura, 2003 (Outras Histórias); GONTIJO, Rebeca. A reta e o círculo: amizade, projeto intelectual e construção identitária nas cartas de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo (1916-1927). **Trajetos**, Revista de História da UFC. Fortaleza, v. 3, n. 5, 2004; GONTIJO, Rebeca. “Paulo Amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

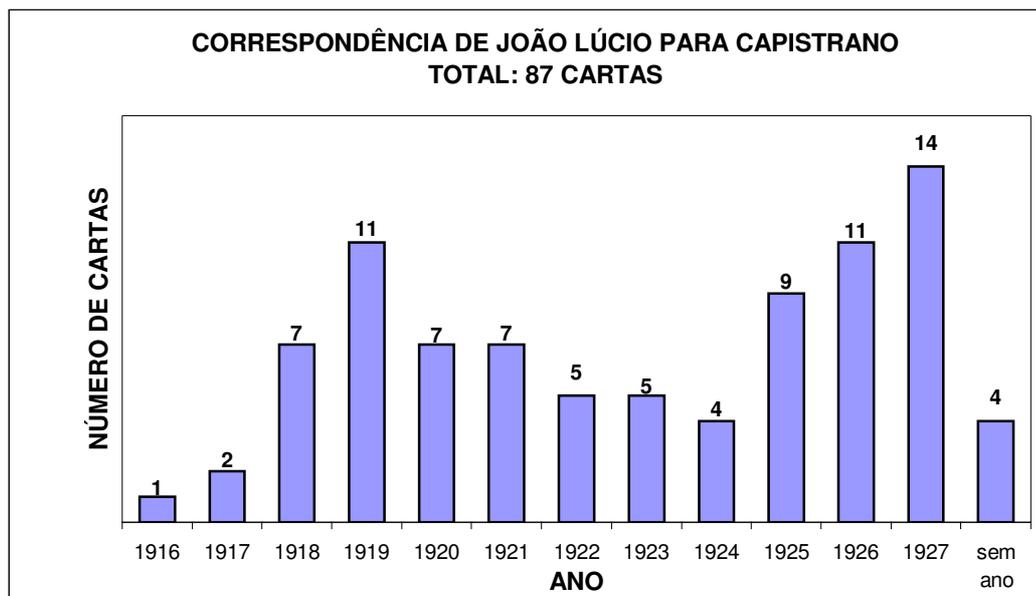
Sobre o tempo da escrita na prática epistolar, há diversas questões a serem consideradas pelo pesquisador, como o porquê de em determinadas circunstâncias (aniversário, festas, morte etc.) serem enviadas cartas com mais frequência que em outras situações. Mas também deve ser analisado o período anterior, para se determinar quando a troca de correspondências se iniciou entre aqueles sujeitos.

O suporte epistolar também exige uma análise quantitativa do material, já que se trata de uma fonte serial e fragmentada. Neste trabalho, foi analisado um conjunto de 350 cartas trocadas entre esses dois correspondentes, sendo 87 cartas da correspondência passiva de Capistrano, das quais 57 cartas inéditas, e 263 da correspondência ativa de Capistrano, sendo 1 inédita (quadros 1 e 2).<sup>29</sup> Nessas epístolas, foram encontradas variadas temáticas, desde afazeres próprios do ofício do historiador, como pesquisa de documentos em acervos, até relatos do cotidiano, incluindo comentários de suas leituras diárias de livros históricos, políticos e de romances.



Quadro 1: distribuição temporal das cartas escritas por Capistrano utilizadas neste trabalho.

<sup>29</sup> Essas 350 cartas correspondem a 20% de um total de 1761, considerando esse número a partir do levantamento de dois tipos de acervos: as 1253 cartas de Capistrano de Abreu publicadas por José Honório Rodrigues entre 1954 e 1956; e as 508 cartas, inéditas na sua maioria, pertencentes ao Acervo Capistrano de Abreu do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). As referências das cartas utilizadas neste trabalho, mencionadas daqui por diante, foram publicadas em **ABREU, Capistrano de. Correspondência de Capistrano de Abreu**. 2. ed. 3 vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. Ou pertencem ao Acervo Capistrano de Abreu do Instituto do Ceará.



Quadro 2: distribuição temporal das cartas escritas por João Lúcio utilizadas neste trabalho.

Na análise do material, buscamos primeiramente identificar a periodicidade dessas epístolas. Como pode ser visto a partir dos gráficos apresentados, há uma disparidade entre o número de cartas escritas por um e por outro. As cartas escritas por João Lúcio ocorrem em uma média de 7 cartas por ano, enquanto as cartas de Capistrano chegam a 21 no mesmo período. Isso se deve, em certa medida, à própria conservação do material. Provavelmente, o número reduzido das cartas de João Lúcio ocorre pelo “descuido” de Capistrano na conservação das cartas recebidas, ou mesmo à doação das cartas do amigo português a outros amigos, como o próprio Capistrano nos revela nessa epístola enviada a Paulo Prado: “incluo páginas da última carta de Lúcio de Azevedo”,<sup>30</sup> ou nesta carta enviada a Rodolfo Garcia: “a carta junta de J. Lúcio desfaz as dúvidas quanto à de Sardinha”.<sup>31</sup> Além disso, é preciso levar em consideração as perdas provocadas pelas mudanças de endereço dele e da Sociedade Capistrano de Abreu, que ficou com a guarda do material logo após a morte do seu patrono em 1927.

Já as cartas de Capistrano foram conservadas devido à doação das epístolas por João Lúcio à Biblioteca Nacional em 7 de março de 1928, logo

<sup>30</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada da oitava da anunciação. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 479.

<sup>31</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Rodolfo Garcia datada de 18 de novembro de 1926. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 499.

após a morte do amigo. Na mesma data, em carta a Mário Bhering, diretor da Biblioteca, João Lúcio reconhece a relevância daqueles documentos:

Por espaço de mais de onze anos, tive a fortuna de entrever ativa correspondência com Capistrano de Abreu, e tão interessantes achei suas cartas que as guardei todas ou quase todas. Elas encerram curiosas particularidades sobre o viver e pensar do escritor e poderão servir utilmente a quem um dia pretender traçar o perfil de uma figura de tanto prestígio entre os estudiosos. Pareceu-me por isso que agora, por morte dele, o lugar adequado para estas cartas seria a Biblioteca Nacional do Rio, para onde as dirijo, com endereço a V. Senhoria, seu ilustre Diretor. Aí ficarão sob a guarda e acessíveis aos amigos e admiradores do finado que, se a família não fizer objeção, as poderão ver, copiar ou publicar, se assim quiserem, porque da minha parte não me oponho a isso.<sup>32</sup>

Tal atitude de João Lúcio pode ser vista como uma tentativa de guardar e “monumentalizar” essa correspondência para a posteridade, posto que, doando-as para a Biblioteca Nacional, uma instituição já firmada e estruturada no início do século XX, as cartas poderiam ter um espaço reservado, onde estariam abertas para a consulta pública.

Entretanto, o Ministro do Interior Viana de Castelo, considerou a correspondência escrita por Capistrano e enviada a João Lúcio “documentos secretos”, devido à afluência de curiosos que iam examinar as epístolas, além do fato de ainda estarem vivas algumas figuras políticas nelas caricaturadas.<sup>33</sup> Em 13 de maio de 1928, na coluna *Surpresas da História* do jornal *O Globo*, saiu um artigo relatando a proibição:

Um dos confidentes de Capistrano de Abreu era o historiador João Lúcio de Azevedo, espírito notável de crítico, a quem devemos algumas obras de mérito sobre os jesuítas e sua influência nos passos iniciais da nacionalidade. Morto Capistrano de Abreu, João Lúcio de Azevedo achou que devia confiar a Biblioteca Nacional a copiosa coleção de cartas, que dele recebera em anos

---

<sup>32</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Mário Bhering datada de 7 de março de 1928, *apud* RODRIGUES, José Honório. Introdução. In: ABREU; Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2. ed, 1977, p. IX.

<sup>33</sup> Cf. NASCIMENTO, Alba Cañizares. **Capistrano de Abreu** (o homem e a obra). Rio de Janeiro: F. Briguet, 1931, 32.

consecutivos de incessante cordialidade. Assim fez e a seção de manuscritos da Biblioteca recebeu os documentos preciosos. Como era natural, a leitura das cartas de Capistrano de Abreu despertou curiosidades. As curiosidades formaram, em poucos dias, uma pequena romaria. A romaria cresceu, de modo a causar incômodos ao Ministro Viana do Castello. Por que incômodos tais? É que, nas suas cartas, o historiador critica, com independência, ironia e justiça, os fatos e os homens da república, e, principalmente, os dos últimos períodos do regime. A correspondência de Capistrano de Abreu constitui um verdadeiro libello, escrito nas despreocupações naturais do gênero, sem nenhuma eiva de paixão, mas com evidentes, enérgicos e seguros elementos de prova. Foram poucos os que puderam ter as epístolas do historiador entregues a guarda da Biblioteca Nacional, depois que se espalhou a fama da imponência do seu valor documental. O Ministro do Interior proibiu incontinenti que fossem às normas dadas à consulta. Com o veto, as cartas referidas entraram para o rol dos documentos secretos daquela Biblioteca. Os documentos secretos, ali, hoje não são numerosos: constam apenas das cartas que João Lúcio de Azevedo recebeu do historiador e crítico sincero. Nem mesmo as cartas fascinas de D. Pedro I à Marquesa de Santos mereceram nunca tais cuidados.<sup>34</sup>

Passados 25 anos, em 23 de outubro de 1953, o jornal *O Globo*<sup>35</sup> volta a falar dessa correspondência trocada entre Capistrano e João Lúcio, que permanecia “secreta” e guardada na Biblioteca Nacional. Mesmo na edição das cartas de Capistrano feita por José Honório Rodrigues, entre 1954 e 1956, houve restrição a algumas missivas, como relata o próprio editor: “umas poucas cartas, cuja divulgação foi considerada inoportuna, deixaram de ser publicadas”.<sup>36</sup> Dentre as cartas que “deixaram de ser publicadas” estão algumas dirigidas a João Lúcio que estavam na Biblioteca Nacional.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> Surpresa da História. In: JORNAL O GLOBO. Acervo: Fundação Biblioteca Nacional Ano IV, nº. 1013. Edição das 17 horas de 13 de maio de 1928.

<sup>35</sup> O Globo de 23 de Outubro de 1953 – p. 9

<sup>36</sup> *Id. Ibidem.*, p. XII.

<sup>37</sup> A maioria das cartas de Capistrano de Abreu, dirigidas a João Lúcio de Azevedo, foram publicadas na 1ª edição da correspondência e fazem parte do acervo da Biblioteca Nacional. Estão depositadas na sessão de manuscritos da referida instituição.

Além dessas, as 57 cartas escritas por João Lúcio que pertenciam ao acervo da Sociedade Capistrano de Abreu,<sup>38</sup> e hoje estão depositadas no Instituto do Ceará, permanecem inéditas até hoje. Essas cartas inéditas, bem como as demais que se encontram no Acervo Capistrano de Abreu do Instituto do Ceará, possivelmente são aquelas que o próprio Capistrano guardou. Por outro lado, as 30 cartas de João Lúcio que foram publicadas por José Honório Rodrigues na segunda edição da correspondência de Capistrano de Abreu, em 1977, estavam de posse de Eugênio de Castro, membro da Sociedade Capistrano de Abreu, e, com sua morte, foram doadas pelo filho Mauricio de Castro ao editor das cartas.

O critério da conservação sugere uma razão para se entender a diferença quantitativa dessa troca epistolar. Além disso, nas cartas de Capistrano, percebe-se o constante diálogo estabelecido com João Lúcio. Possivelmente ele escreveu o mesmo número de cartas de Capistrano, essas apenas não foram guardadas.

O conteúdo abordado nessa correspondência, como já mencionado, trata de diversos assuntos, como o diligente ofício do historiador a partir de relatos das suas práticas de leitura, troca de livros e pesquisas de documentos em arquivos.

Procuramos, na presente dissertação, analisar essa fonte fragmentada e reconstruir parte dos vínculos de amizade intelectual estabelecidos entre os historiadores Capistrano e João Lúcio, presentes no “pacto epistolar”<sup>39</sup> que eles instituíram ao receber, ler, responder e guardar cartas.

---

<sup>38</sup> A Sociedade Capistrano de Abreu foi criada em 11 de setembro de 1927, por alguns dos amigos de Capistrano de Abreu: Paulo Prado, João Pandiá Calógeras, Eugênio de Castro, Miguel Arrojado Lisboa, Manuel Said Ali da Costa, Jayme Coelho, Rodolpho Garcia, Afrânio Peixoto, Theodoro Sampaio, Affonso de E. Taunay, E. Roquette Pinto e Adriano de Abreu (representante da família) com o intuito de prestar homenagem ao “mestre e amigo”.

<sup>39</sup> Cf. GOMES, Ângela de Castro. Introdução. **Escrita de Si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 19. Ângela de Castro Gomes afirma nesse trabalho que a escrita epistolar é um espaço preferencial para a construção de vínculos que possibilitam a conquista de posições sociais, profissionais e afetivas. Segundo a autora, a escrita epistolar é, portanto, uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos. Isso ocorre em sentido duplo, tanto porque se confia ao “outro” uma série de informações e sentimentos íntimos, quanto porque cabe a quem lê, e não a quem escreve (o autor/editor), a decisão de preservar o registro. A ideia de “**pacto epistolar**” segue essa lógica, pois envolve receber, ler, responder e guardar cartas. (Grifo nosso)

A escrita da história<sup>40</sup> pode ser percebida a partir do lugar social<sup>41</sup> daquele que a elabora e no do trabalho coletivo que é estabelecido pela “disciplina”. Para isso, optamos, como referência teórica para esse trabalho, pelos estudos de Michel de Certeau,<sup>42</sup> sintetizados na sua obra *A Escrita da História*, na qual o autor encara a História como uma operação historiográfica, relacionada a um lugar social, a práticas científicas e a uma escrita.

Essa escrita é resultado de um trabalho individual e coletivo, posto que os procedimentos teóricos, metodológicos e temáticos escolhidos e adotados por um autor/historiador são determinados pelo grupo ou instituição à qual este está ligado. Toda e qualquer obra de história é determinada por uma fabricação localizada dentro de um sistema no qual se elabora o próprio discurso histórico.

Pensar a escrita da história dessa forma nos possibilita compreender o modo como os historiadores realizavam seu ofício e construía um discurso legítimo sobre o passado. Assim, investigamos a prática da escrita da história de Capistrano e João Lúcio a partir dos seus relatos de pesquisa e leitura, expressos na correspondência trocada entre eles. Nesses relatos podemos perceber aquilo que norteava seus escritos e suas concepções de História, além do papel que tiveram na constituição do campo historiográfico a que pertenciam.

Além disso, analisamos a correspondência como uma prática cultural relacionada com a comunicação, a linguagem e a escrita, como também uma “produção de si”. Adotamos ainda o conceito de Roger Chartier<sup>43</sup> de “Leitura”, pensado como uma ação criativa e uma prática cultural historicamente determinada, na qual as pessoas constroem significados a partir das leituras que fazem.

---

<sup>40</sup> Cf. DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 71. Michel de Certeau afirma que é, pois, impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente (...) No texto, ele é a encenação de um contrato social “entre nós”. É um sujeito plural que “sustenta” o discurso. Um “nós” se apropria da linguagem pelo fato de ali ser posto como locutor. Por aí se verifica a prioridade do discurso histórico em cada obra historiográfica particular.

<sup>41</sup> Sobre o conceito de “lugar social”, ver CERTEAU, 2006, p. 73.

<sup>42</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>43</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa, São Paulo: Difel/ Bertrand, 1990.

Usamos, dos trabalhos de Pierre Bourdieu,<sup>44</sup> seus conceitos de “Trajetória” e “Campo”, já que é fundamental compreendermos as diversas posições ocupadas num campo social ao longo da trajetória de um indivíduo e o espaço de relações sociais construídas por ele.

A partir de tais referenciais, a presente análise foi estruturada em três capítulos. O primeiro, intitulado “O ofício do historiador nas epístolas de Capistrano de Abreu”, apresenta um paradoxo entre a construção da imagem de Capistrano como um intelectual isolado e a sua atuação nas diversas instituições intelectuais da época. O Brasil passava por um processo de construção da História como ciência, no final do século XIX e início do XX. Compreendendo que a construção da disciplina (História) é histórica, sendo preciso “historicizar” esse processo a partir da fundação de diversas instituições legitimadoras da produção sobre o passado, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a Biblioteca Nacional. Instituições que tiveram como membro Capistrano de Abreu. Além disso, foram analisadas as propostas de transmissão do conhecimento da história adotadas por esse historiador, principalmente com relação ao ensino da História, experiência vivenciada por Capistrano.

Nesse capítulo, analisamos alguns traços da trajetória intelectual de Capistrano a partir de seus relatos epistolares ao amigo João Lúcio, mostrando o processo de construção do perfil desse historiador e intelectual a partir das posições ocupadas por ele nos diversos espaços sociais. Assim entrevemos, em parte, as relações sociais que ele teceu no decorrer de sua vida.

Sobre a formação de Capistrano, propaga-se seu isolamento intelectual, sendo o mesmo considerado um misantropo, um homem isolado das sociedades letradas, um “beneditino das Letras”. Entretanto, aqui destacamos um outro perfil desse historiador, vemos sua atuação no “pequeno mundo dos letrados” e sua participação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Colégio Pedro II e na Biblioteca Nacional.

O segundo tópico do capítulo analisa a participação de Capistrano e de João Lúcio nas comemorações das festas cívicas do Centenário do Descobrimento (1900) e do Centenário da Independência (1922). Na

---

<sup>44</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

correspondência trocada, surgem críticas à forma como as festas eram organizadas. Percebemos também a inserção deles nesses eventos com produções historiográficas escritas para as festas.

O segundo capítulo, intitulado “Intercâmbios entre letrados: troca de textos, livros, documentos e impressos”, aborda a produção de Capistrano de Abreu a partir dos seus artigos, prefácios, publicação e anotação de obras raras sobre a historiografia nacional. A escrita é, segundo Jan Assmann, “a condução de possibilidade da historiografia, tanto no sentido da escritura do relato como também, e sobretudo, da escritura dos documentos que o embasam”.<sup>45</sup> Diante disso, foi analisada, a partir dessas fontes, a prática da escrita da história realizada por Capistrano, no intuito de averiguar se os critérios teóricos, metodológicos e temáticos discutidos no suporte epistolar perpassaram para outros suportes.

Uma obra historiográfica pode ser compreendida a partir da trajetória do autor e do lugar social da produção historiográfica. Refletindo sobre suas concepções de história e sobre seu lugar de fala, seja institucional ou não, procurou-se perceber como Capistrano entendia sua prática histórica no início do século XX.

Capistrano foi capaz de formar uma “cadeia de amizade” a partir de alguns de seus correspondentes. Essa amizade criou um espaço privado onde se trocavam elogios e críticas ao trabalho um do outro, formando um “laboratório da obra”. Nesse lugar, onde misturavam-se encorajamento e concorrência, Capistrano é admirado e reconhecido como historiador pelos amigos que o evocavam por “mestre”.

Esses missivistas eram em sua maioria estudiosos que se correspondiam com ele para versar sobre a pesquisa histórica ou para pedir orientação, revisão de seus trabalhos e até mesmo colaboração com alguma referência bibliográfica para um livro em preparação. Capistrano pedia em troca alguns “favores”, como a aquisição de livros raros, manuscritos depositados no exterior e até empregos para outros amigos.<sup>46</sup> Essa posição exercida por

---

<sup>45</sup> ASSMANN, Jan. Para além da voz, para além do mito. **Humboldt**. Bonn, GE. Goethe-Institut Inter Nationes, v. 86, p. 9, 2003.

<sup>46</sup> Em **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina**, analisamos a correspondência mantida pelo historiador Capistrano de Abreu e um círculo de mulheres que o tinham como um “mediador” social, político e intelectual. Durante os anos de 1891 e 1927, Capistrano fez

Capistrano no mundo intelectual se deu possivelmente porque ele mantinha em torno de si uma grande rede de influência mútua entre intelectuais como João Lúcio de Azevedo, João Pandiá Calógeras, Afonso de Taunay, Paulo Prado e outros.

Apresentamos uma apreciação acerca das trocas de leituras, livros, comentários, sugestões e críticas de autores lidos a partir da discussão epistolar estabelecida entre esses dois historiadores. Considerando essas trocas como “orientações” epistolares de Capistrano para com a produção de João Lúcio e vice-versa.

Capistrano parecia manter certo distanciamento das instituições acadêmicas, usando, de certa maneira, a correspondência para infundir uma determinada autoridade entre seus missivistas. Assim, o presente trabalho faz uma análise de como Capistrano lia os artigos de João Lúcio, os tipos de sugestões ou críticas que ele fazia e como essas eram recebidas pelo amigo. Pode-se investigar esses aspectos a partir da correspondência trocada entre eles, já que, nesse suporte, os missivistas dão margem a vários comentários sobre as obras de cada um.

O terceiro capítulo, intitulado “O mercado editorial brasileiro na correspondência de Capistrano de Abreu”, enfoca a repercussão da instauração dos direitos autorais no campo intelectual luso-brasileiro, especificamente no caso dos contratos editoriais com os historiadores. Além disso, analisamos esses contratos editoriais e os pedidos de editores por livros encomendados, tendo em vista a expectativa dos leitores. Buscamos compreender as lógicas editoriais vigentes no período. Exemplo típico dessa lógica é a obra de Capistrano de Abreu *Capítulos de História Colonial*, que foi

---

parte de uma imensa “rede de sociabilidade” que envolvia renomados políticos da Primeira República Brasileira, como Francisco Sá, e ultrapassava a vida pública ao estender essa relação aos membros da família desses, incluindo suas esposas e filhas. Com o objetivo de compreender como foi construída essa “teia social” e quais as estratégias de inserção dos missivistas, traçamos as trajetórias de cada uma das correspondentes e analisamos minuciosamente o suporte material, a periodicidade, os temas, as circunstâncias e as convenções da troca epistolar estabelecida entre o historiador e suas correspondentes. Com isso, contrapomos-nos a visão geral que considera Capistrano um misantropo e o percebemos como alguém que se inseriu na vida social e política da capital federal, participando de visitas domiciliares aos amigos e usando a prática epistolar para pedir favores, discutir política e relatar o seu cotidiano. Cf. BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura, 2006. (Outras Histórias).

“encomendada” para um público específico devido à “demanda” editorial da época.

Uma das estratégias usadas pelos autores e editores para divulgar um livro novo, geralmente com o auxílio de amigos próximos, era escrever resenhas críticas para divulgá-los entre o público leitor. Em um número da *Revista de História*,<sup>47</sup> encontramos uma resenha escrita por João Lúcio sobre o prefácio de Capistrano para a edição da obra *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador.

Em outro artigo de João Lúcio, na *Revista de História*,<sup>48</sup> encontramos o autor preocupado com as relações intelectuais entre Brasil e Portugal. No início do século XX, observamos certa concorrência existente no campo historiográfico brasileiro e português através dos comentários presentes na troca epistolar desses dois intelectuais. Vemos alguns intelectuais brasileiros afastarem-se das relações com Portugal, a ponto de Joaquim Nabuco afirmar na Academia Brasileira de Letras que “Portugal tem muito pouco de primeira mão que lhe queiramos tomar, uns e outros nos fornecemos de idéias, de erudição e pontos de vista nos fabricantes de Paris, de Londres e Berlim”.<sup>49</sup> As relações intelectuais estabelecidas entre brasileiros e portugueses e a disputa por um espaço de legitimação de um campo do conhecimento e da escrita da história está presente na correspondência de Capistrano e João Lúcio.

Esse trabalho seguiu uma linha interpretativa que analisa, a partir de uma amizade epistolar entre os historiadores Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo, a prática cotidiana do fazer historiográfico, passando pelas dificuldades de pesquisa, a busca por documentos, a crítica documental, e entrevedo assim os processos de leitura, escrita, publicação, impressão e circulação dos trabalhos de ambos.

---

<sup>47</sup> AZEVEDO, João Lúcio de. *História do Brasil* por Frei Vicente do Salvador. **Revista de História**. Lisboa: Clássica, n. 31, 1919, p. 239. A *Revista de História* era o periódico trimestral de divulgação dos trabalhos dos sócios da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, impresso pelo Ministério da Instrução Pública. A Revista iniciou sua circulação em 1911 e teve como colaboradores Fidelino de Figueiredo, João Lúcio de Azevedo, Alberto Rangel, Bruno Sampaio Renato Almeida Carlos França, entre outros.

<sup>48</sup> AZEVEDO, João Lúcio de. América Latina e América Inglesa. **Revista de História**, n. 11, jul/set, 1914.

<sup>49</sup> NABUCO, Joaquim. Academia Brasileira de Letras. In: **Escritos e discursos literários**. São Paulo: Nacional; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939, p. 201.

Por outro lado, vale salientar que esse estudo centraliza sua atenção mais na trajetória de Capistrano de Abreu. Trata-se, portanto, de um enfoque que dá mais ênfase a um dos dois amigos. Tal delimitação foi constituída diante das fontes disponíveis encontradas. Existem nesses documentos (arquivados no Instituto do Ceará) cartas não publicadas de João Lúcio, fato que motivou a presente pesquisa. Entretanto, o conjunto de cartas de Capistrano (para João Lúcio e outros amigos) é muito maior, graças ao meticuloso e incansável trabalho editorial de José Honório Rodrigues. De João Lúcio, possuímos apenas as correspondências enviadas para Capistrano. Isso acabou delimitando a opção aqui assumida: trabalhar a amizade entre os dois a partir da trajetória de Capistrano de Abreu, utilizando não somente as cartas trocadas entre ele e João Lúcio, mas também aquelas que transitaram entre Capistrano e outros amigos. Assim, procuramos relacionar a amizade epistolar com um cotidiano de leituras, escritas e livros. Diante das fontes, essa foi a nossa tentativa de compor uma interpretação historicamente fundamentada.

## CAPÍTULO 1

### O OFÍCIO DO HISTORIADOR NAS EPÍSTOLAS DE CAPISTRANO DE ABREU

#### 1.1 Capistrano de Abreu, as Instituições Intelectuais e os Círculos de Convivência.

Em 12 de dezembro de 1896, em sua coluna semanal de *O Estado de São Paulo*, Lúcio de Mendonça anunciou a criação da Academia Brasileira de Letras<sup>1</sup> e publicou uma lista prévia com os 40 nomes que comporiam a mesma, dentre os quais: Araripe Júnior, Capistrano de Abreu, Escragnole Dória, Escragnole Taunay, Graça Aranha, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Machado de Assis, Olavo Bilac, Osório Duque-Estrada, Ramiz Galvão, Rui Barbosa e outros.

Esses nomes, porém, foram publicados sem uma consulta prévia aos intelectuais indicados. Na listagem final dos membros fundadores da Academia, alguns nomes foram substituídos, porque uns, como Capistrano de Abreu e Osório Duque-Estrada, não aceitaram o convite e outros não mostraram interesse pela nova agremiação.

Em nota biobibliográfica enviada para a obra do Barão de Studart, o *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*,<sup>2</sup> Capistrano usa discurso indireto e fala de sua recusa: “não quis fazer parte da Academia Brasileira, e é avesso a qualquer sociedade, por já achar demais a humana. Por exceção única pertence ao Instituto, do qual pretende demitir-se em tempo se não morrer repentinamente”.<sup>3</sup> Segundo Francisco Prisco, essa foi a mesma explicação que Capistrano deu a Lúcio de Mendonça para que esse retirasse seu nome da

---

<sup>1</sup> EL FAR, Alessandra. **A encenação da imortalidade**: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924). Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 52.

<sup>2</sup> A obra foi publicada em três volumes entre os anos de 1910 e 1915. STUDART, Guilherme. **Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense**. Fortaleza: Minerva, 1910-1915, 3 v.

<sup>3</sup> Carta de Capistrano de Abreu a Guilherme Studart datada de 18 de agosto de 1901. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 152.

lista dos 40 imortais. Na ocasião, ele afirmou que: “já lhe pesava pertencer à comunhão humana, de que, mal a seu grado, não podia demitir-se”.<sup>4</sup>

Em sua correspondência com os amigos, ao mencionar agremiações intelectuais, ele sempre as ironizava e colocava-se como membro independente, pertencente apenas à “Academia Humana” ou a “Academia de A(dão) e E(va)”,<sup>5</sup> ou ainda afirmava, com certa ironia, que havia se doutorado na “Academia de xenxém”,<sup>6</sup> procurando estabelecer uma certa autonomia no meio intelectual da época.

Embora procurasse isolar-se dessas agremiações, Capistrano de Abreu acompanhava as eleições para a Academia Brasileira de Letras, mas procurava realçar seu distanciamento e voltava a se filiar à “Academia Humana”, como nessa carta dirigida a Alfredo Pujol, quando da sua eleição para o grêmio:

Recebi o Jornal do Comércio de S. Paulo, com um belo artigo sobre sua entrada para a Academia de Letras. Estou de perfeito acordo e meu voto seria seguro se não pertencesse apenas à Academia Humana, eleito por outros processos.<sup>7</sup>

Capistrano de Abreu falava, em cartas aos amigos, que seu afastamento social era uma escolha sua. Em carta a Mário de Alencar, declarou: “isolamento não me pesa, alivia-me”.<sup>8</sup> Em carta ao amigo Luís Sombra, afirma: “freqüento tão poucas rodas e falo com tão pouca gente”.<sup>9</sup> Partindo dessas declarações, poder-se-ia concluir que ele era um homem isolado, contrário a instituições literárias, ou mesmo que buscou manter certo

<sup>4</sup> Cf. PRISCO, Francisco. **José Veríssimo, sua vida e suas obras**. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1937, p.164. *apud*. EL FAR, 2000, p. 53.

<sup>5</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo sem data. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 359.

<sup>6</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay sem data. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 274. Vale ressaltar que Xenxém era uma moeda de cobre muito popular no fim do período colonial, mas, no dialeto “caboquês”, vem a ser algo muito ruim, de qualidade inferior, ordinário.

<sup>7</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Alfredo Pujol datada de 18 de fevereiro de 1917. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 67.

<sup>8</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 18 de janeiro de 1911. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 225.

<sup>9</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Luís Sombra datada de 19 de dezembro de 1916. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 34.

distanciamento dessas instituições acadêmicas, isolando-se no seu gabinete para pesquisar, ler e produzir suas obras.

Passados 21 anos desde sua recusa a participar da Academia Brasileira de Letras, Capistrano ainda mantinha sua posição e escreveu uma carta ao amigo João Lúcio, de 2 de julho de 1917, comentando o caso:

Fui inscrito na Academia Humana independente de consulta e já acho excessivo. Os fundadores da Academia de Letras daqui eram quase todos meus amigos, instaram comigo para que lhes fizesse companhia. Resisti e cada vez estou mais convencido de que andei com juízo.<sup>10</sup>

Essa recusa em participar da Academia Brasileira de Letras e a recusa de algumas premiações a ele conferidas construíram em torno do historiador um imenso anedotário. No universo letrado brasileiro, o historiador Capistrano de Abreu é uma figura de destaque, um “divisor de águas” na historiografia nacional. As inúmeras narrativas biográficas que objetivaram delinear seu perfil apresentam-no usualmente como um homem excêntrico, misantropo, estranho e avesso às “sociabilidades intelectuais”, conforme comenta José Soares:

João Capistrano de Abreu, um dos mais ilustres historiadores brasileiros, por temperamento e também por certas circunstâncias de sua vida, não apreciava as relações sociais, reduzindo o seu mundo ao lar e à convivência de seus amigos fraternais.<sup>11</sup>

Dentre aquelas narrativas, destacamos também o dizer de Rodolfo Teófilo, que em suas reminiscências afirma que Capistrano, desde a adolescência, andava “sempre pelos cantos, isolado, mal-amanhado, desasseado e lendo, sempre lendo. Nunca tinha nota má nas lições, mas era castigado por falta de asseio”.<sup>12</sup> Meio século depois, encontramos Capistrano

---

<sup>10</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 2 de julho de 1917. In: ABREU, v.2, 1977, p. 58.

<sup>11</sup> SOARES, José Carlos de Macedo. Abertura do Curso Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, 1954, p. 44.

<sup>12</sup> Cf. OTÁVIO FILHO, Rodrigo. A vida de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, 1953, p. 56.

na cidade do Rio de Janeiro, prestes a completar seu septuagésimo aniversário, quando soube que seus amigos lhe preparavam uma festa para comemorar a data. Escreveu aos promotores da homenagem uma carta feroz, acontecimento relatado por Cecília de Assis Brasil em seu diário do dia 1º de junho de 1923:

O Sr. Capistrano de Abreu distribuiu aqui em casa a folha que mandou imprimir contra as homenagens que lhe seriam prestadas a 23 de outubro, dia do seu aniversário. Diz o seguinte: “Segundo sou informado trama-se para meu próximo aniversário uma patuléia, poliantéia, ou coisa pior e mais ridícula, se for possível. Aos meus amigos previno que considero a tramóia como profundamente inamistosa. Não poderei manter relações com quem assim tenta desmoralizar-me. Custe o que custar. – Rio, Dia do Corpo de Deus, 1923”. Quantas pessoas terão pensado mais ou menos assim, diante de projetada apreciação pública dos atos e feitos da vida? É mais uma prova da originalidade e da independência, quase brutalmente sincera, do nosso Capistrano.<sup>13</sup>

Barbosa Lima Sobrinho procura entender o comportamento do historiador ao afirmar que “é preciso considerar que o que Capistrano de Abreu detestava não era o convívio humano, mas sim o cerimonial das entidades mais ou menos solenes, as convenções e o ritual da vida associativa”.<sup>14</sup> Aparentemente, Capistrano de Abreu era contrário a manifestações e comemorações públicas em sua homenagem.

Em carta a Lídia Assis Brasil, datada de 29 de abril de 1922, Capistrano afirmou que obteve um triunfo com uma homenagem que lhe foi dirigida por um amigo no Instituto Histórico: “outro triunfo: a um discurso do Padre Hafkemeyer, saudando-me no Instituto Histórico, respondi: *Silentium*

---

<sup>13</sup> Cf. ASSIS BRASIL, Cecília. **Diário de Cecília Assis Brasil**. Org. por Carlos Reverbel. Porto Alegre: L&PM, 1983, p.62-63.

<sup>14</sup> Cf. SOBRINHO, Barbosa Lima. Capistrano de Abreu – Historiador. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, 1953, p. 86.

*verbis facundius*. Tanto bastou para os telegramas me condecorarem de orador”.<sup>15</sup>

Capistrano era um crítico irônico dessas entidades. Ao saber da afirmação de Antônio Henrique Leal: “todo brasileiro tem um das duas ambições: ser senador ou lente do Colégio Pedro II”,<sup>16</sup> Capistrano escreveu um artigo publicado, em 18 de novembro de 1879 na *Gazeta de Notícias*:

Nós, por exemplo, de modo nenhum aspiramos ao Senado, e desde já cedemos nossos direitos presentes e pretensões futuras (...). À cadeira do Colégio Pedro II pode ser que tenhamos aspirado; mas são necessárias tantas condições – a secularização do Colégio, a liberdade de opiniões, a impossibilidade de reproduzirem-se julgamentos como o do concurso de filosofia –, enfim são necessárias tantas coisas difíceis de realizar-se que não temos dúvida em fazer renúncia em favor de quem quiser. Não vão por isso elogiar o nosso desinteresse. Ai de nós! *Homo sum*. Se fazemos tal cessão, é porque pretendemos posição mais elevada: a de membro do Instituto Histórico. Funcionar no Paço, trajar farda literária, aparecer com ela, representando a sociedade, nas festas nacionais e nos cortejos; ser presidido pelo Visconde do Bom Retiro, assistir aos discursos monumentos do monumental Sr. Macedo, e, honra ainda mais é invejável servir de ponto de incidência de olhares augustos, apanhar até uma nesga da conversação semidivina... eis o nosso desideratum. Desideratum bem difícil de ser satisfeito. O Instituto contém a disposição de serem admitidos em seu seio aqueles unicamente que têm escrito trabalhos históricos e geográficos. Às vezes abrem-se exceções – uma está a escapar-nos do bico da pena... mas exceções, e nós que a elas não temos direito também nelas não nos podemos fiar. Havendo de ceder à imposição regulamentar, hesitamos mais; já escolhemos até o assunto. Vamos escrever a história do Instituto Histórico, uma história curiosíssima, onde estão traçados em caracteres indelévels os progressos da história pátria, a dignidade de nossas letras, os efeitos da

---

<sup>15</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lídia de Assis Brasil datada de 29 de abril de 1922. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 98.

<sup>16</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 2-4 de fevereiro de 1920. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 386.

proteção sobre a literatura, enfim a origem e desenvolvimento da literatura oficial.<sup>17</sup>

Apesar dos seus biógrafos e alguns historiadores enquadrarem Capistrano como um intelectual isolado, independente, esquisito, atípico e irônico, ele faz parte de um tipo de intelectual integrado nas instituições, que visita os amigos, freqüenta as rodas literárias, participa de agrupamentos e agremiações de letrados, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Capistrano tinha hábitos singulares, dentre eles destacamos um episódio de sua vida quando levou índios para sua casa, convivendo diariamente com eles para realizar seus estudos lingüísticos. Contudo, sua aparente reclusão permitia-lhe dedicar-se à escrita epistolar e, através dela, criticar autores, tecer comentários sobre leituras e indicá-las, formando, de certa maneira, uma comunidade de letrados que partilhavam leituras, trocavam livros entre si e revelavam como percebiam e se apropriavam desses livros.

O nascimento da disciplina História está ligado à criação de grupos de intelectuais que vivenciaram a institucionalização do saber histórico no limiar do século XIX a partir da fundação de academias.<sup>18</sup> A obra historiográfica passa a exercer certa legitimidade a partir do século XIX, devido à institucionalização do ofício de historiador e do campo historiográfico.<sup>19</sup>

O mundo das Letras muda de acordo com os letrados que o compõem. Para compreendê-lo é preciso refletir sobre o ofício de um letrado em particular, o historiador, e em geral das “inúmeras gerações de historiadores que construíram, cada qual sob as luzes de seu tempo e de acordo com a maquinaria conceitual disponível, um patrimônio próprio da memória das sociedades, constituído por sua historiografia”.<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> ABREU, Capistrano de. Livros e Letras (Seção). In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)**. 4ª série. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / MEC, 1976, p. 105. Publicado em 18 de novembro de 1879 na *Gazeta de Notícias*.

<sup>18</sup> DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006, p. 69.

<sup>19</sup> Michel de Certeau analisa o processo de institucionalização do saber historiográfico no século XIX e afirma que a “instauração de um saber [está] indissociável de uma instituição social”. Cf. DE CERTEAU, 2006, p. 69.

<sup>20</sup> Cf. MALERBA, Jurandir. Teoria e história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A História Escrita: teoria e História da Historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 11.

Os grupos, aos quais os historiadores estão inseridos determinam ou criam as regras do campo.<sup>21</sup> Como homem pertencente a esses grupos, Capistrano de Abreu se envolveu em vários grêmios intelectuais durante sua trajetória. Entre eles, destaca-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro<sup>22</sup> (IHGB), do qual Capistrano de Abreu foi membro.

Esses convívios de grupos eram importantes para as afiliações profissionais no campo intelectual nesse momento. Apesar de sua crítica aos intelectuais que almejavam entrar no Imperial Colégio Pedro II, aos 27 anos Capistrano inscreveu-se no concurso para o preenchimento da vaga de lente da cadeira de Corografia e História do Brasil. Segundo Raja Gabaglia esta era a

Cátedra das coisas nacionais, que pertencera a Joaquim Manuel de Macedo, romancista e historiador, cuja *Corografia do Brasil*, inspirada em Aires de Casal, ‘foi por longos anos, como a de Pompeu e, depois, a de Moreira Pinto, modelo de Geografia à antiga, isto é, carregada de nomenclatura e ainda sem aquela feição científica que carrega a moderna geografia’. Era pois, a cadeira almejada por Capistrano de Abreu a mais importante, não só por sua missão educativa, mas principalmente pela necessidade que se impunha, em país ainda pouco estudado como o nosso, de fornecer à mocidade conhecimentos seguros sobre a terra e o homem.<sup>23</sup>

Capistrano foi classificado em 1º lugar no concurso do Colégio Imperial Pedro II, tomou posse do cargo em 23 de junho de 1883 e lecionou na instituição cerca de quinze anos. Em carta ao amigo Raul Pompéia datada de

<sup>21</sup> Sobre o conceito de Campo, ver BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a Teoria da Ação. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2003.

<sup>22</sup> Sobre as origens do IHGB, consultar: DIEHL, Astor Antônio. **A Cultura Historiográfica Brasileira**: do IHGB aos Anos 1930. Passo Fundo: Ediupf, 1998; GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, n. 1, 1988; IGLÉSIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil**: Capítulos de Historiografia Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, IPEA, 2000; SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças**: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; WEHLING, Arno. **A Invenção da História**: Estudos sobre Historicismo. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001.

<sup>23</sup> OTÁVIO FILHO, Rodrigo. A vida de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, 1953, p. 57-58.

24 de julho de 1883, ele fala das expectativas para com sua nova função no Colégio: “já ontem tomei posse do lugar, e amanhã vou dar a primeira lição. Versará sobre a guerra holandesa, que foi onde Berquó, já meado do ano, deixou o assunto”.<sup>24</sup> Entretanto, com o passar dos anos o professor de História do Brasil não tinha alunos, como revela nessa carta dirigida a Assis Brasil datada de 4 julho de 1897: “esta carta sai de Porto Novo do Cunha, onde, por não ter alunos este ano, vim passar uma temporada com um patrício, amigo de colégio”.<sup>25</sup>

Um ano depois dessa última carta, em 1898, o historiador foi posto em disponibilidade, devido à reforma educacional do presidente Epitácio Pessoa, que reuniu, em uma só cadeira, a História do Brasil e a História Geral. Na ocasião, Capistrano enviou uma carta ao amigo Domingos Jaguaribe, na qual desabafava a sua revolta contra a situação:

Devia ter-lhe escrito antes; mas encontrei uma situação muito complicada, e que ainda não se desatou, relativamente à minha cadeira no Ginásio. Quiseram fazer de mim professor vitalício de História e Corografia do Brasil, professor de História Universal, lecionando não um ano como antes, porém três. Protestei perante a congregação do Ginásio, reclamei ao Ministro, e este, dando-me e negando razão, vai declarar-me extinto. Lembra-me de uma carta sua antiga, em que V. estranhava que eu não tivesse alunos; pois agora há cousa melhor: não há mais professor de História do Brasil no Ginásio Nacional.<sup>26</sup>

Capistrano alegou ser especialista apenas em História pátria, sendo impossível para ele lecionar História Universal. Assim, o Ginásio Nacional, antigo Colégio Imperial Pedro II, decidiu colocar em disponibilidade em 1898 seu professor de História do Brasil, quando ele se encontrava com 45 anos de

---

<sup>24</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Raul Pompéia datada de 24 de julho de 1883. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 54.

<sup>25</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Assis Brasil datada de 4 de julho de 1897. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 85.

<sup>26</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Domingos Jaguaribe sem data. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 32.

idade.<sup>27</sup> A partir dessa data, Capistrano passou a dedicar suas horas à pesquisa historiográfica. Ele confessa: ia “todos os dias para a Biblioteca Nacional, onde passo quatro a cinco horas trabalhando. Infelizmente pouco adianto, porque, quando se quer fazer trabalho sério, só aparecem dificuldades”.<sup>28</sup>

Ainda quando era lente do Imperial Colégio Pedro II, Capistrano foi eleito membro do IHGB em 19 de outubro de 1887. Esse título era fundamental para que seus pares reconhecessem sua posição como historiador e pesquisador no campo intelectual brasileiro, afinal o IHGB era um dos “lugares sociais e institucionais da produção e circulação das próprias idéias recebidas nos círculos intelectuais brasileiros”.<sup>29</sup> No entanto, antes de entrar no Instituto e no Pedro II, Capistrano anunciava em 23 de novembro de 1882:

Se estudarmos a corporação que entre nós representa ou que pelo menos deve representar, os estudos históricos; se lançarmos os olhos para o Instituto Histórico, veremos aí homens distintos, e que tem adiantado nossos conhecimentos em diferentes questões; nenhum, porém será capaz de escrever a história do Brasil. O motivo é este: cada século exige certas qualidades em quem estuda. (...) Ora, no Instituto Histórico, todos os que se entregam às investigações têm aptidões para estudar principalmente a história contemporânea, e são inacessíveis a nossa história primitiva.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> No Almanak do pessoal docente e administrativo até 30 de junho de 1924 do Colégio Pedro II, organizado pelo secretário da instituição Otacílio A. Pereira, há uma nota sobre um aumento recebido por Capistrano em 1923: “João Capistrano de Abreu. Lente de História e Chorografia do Imperial Colégio Pedro II em 21-06-1883. Prestou concurso. Está em disponibilidade nos termos do dec. 3251 de 08-04-1899. É autor de inúmeros trabalhos sobre a História do Brasil, entre os quais sobressaem: ‘O Descobrimento do Brasil’ e ‘Capítulos de História Colonial’”. Tem 60% de adicionais por ter completado 40 anos de efetivo exercício em 04-10-1923” (dec. de 31-12-1923).

<sup>28</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Domingos Jaguaribe datada de 27 de junho de 1899. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 34.

<sup>29</sup> FALCON, Francisco José Calazans. O Brasil de Capistrano de Abreu: características de sua produção historiográfica. **Trajetos**. Revista do programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Departamento de História da UFC, v. 3, n. 5, p. 69, 2004.

<sup>30</sup> ABREU, Capistrano. Sobre o Visconde de Porto Seguro. In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)**, 1ª série. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1931, p. 200-201. Publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* em 23 de novembro de 1882.

Capistrano reconhecia o lugar de legitimidade do IHGB,<sup>31</sup> sendo uma das associações que gozavam de mais prestígio intelectual na América.<sup>32</sup> Entretanto, ele discordava da maioria dos sócios da instituição, que não se dedicava ao estudo dos primeiros séculos de nossa história, período denominado de Brasil Colônia, que Capistrano julgava fundamental para se compreender a formação da nacionalidade brasileira. Mesmo diante dessas e outras discordâncias, Capistrano aceitou o convite para ser sócio correspondente do IHGB.

Segundo os estatutos do IHGB, os novos sócios precisavam residir no Rio de Janeiro, então Capital Federal, serem apresentados por consócios antigos e avaliados por sua produção. Não foi diferente com Capistrano de Abreu. Ele foi admitido no Instituto por intermédio de quatro membros da instituição: Tristão de Alencar Araripe, César Augusto Marques, Franklin Távora e Augusto Fausto Souza, que encaminharam um ofício com a proposta em 28 de agosto de 1887.

Passado um mês, o grêmio comunicou um parecer,<sup>33</sup> através dos consócios Moreira de Azevedo e José Alexandre Teixeira de Melo, que avaliaram o trabalho de Capistrano intitulado *Descobrimto do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI* e afirmaram que o autor discute

As pretensões francesas, espanholas e portuguesas. Prova que por ora é impossível reconhecer que o descobrimto do Brasil é devido aos Franceses. Quanto aos espanhóis, diz ele [Capistrano], que o descobriram, porque, antes de Cabral já Pinzon e Leppe haviam tocado em terras do Brasil (...) É este um trabalho bem elaborado, escrito sobre bases históricas, manifestando o cabedal literário do autor, sua crítica conscienciosa e seu estilo elegante e claro.<sup>34</sup>

---

<sup>31</sup> Na sua correspondência, cita o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro quase em todas as suas cartas, como pode-se verificar em ABREU, CCA, v. 2, 1977, p.14, 17, 21, 23, 24, 30, 34, 35, 42, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 56, 60, 67, 68, 175, 188, 206, 213, 214, 216, 235, 247, 258, 261, 266, 267, 272, 273, 321, 365, 386, 389, 392, 395, dentre outras.

<sup>32</sup> Cf. ORIBE, Aquiles B. **Capistrano de Abreu**: perfíles de su personalidad. Montevideo: Imp. El "Siglo Ilustrado", 1927, p. 21.

<sup>33</sup> Cf. Atas da **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia do Brasil. t. 50, 1887, p. 308-309. A partir daqui, mencionaremos a Revista do Instituto Histórico usando a seguinte abreviatura: RIHGB.

<sup>34</sup> RIHGB, 1887, p. 322.

Nesse livro, Capistrano realizou interessante diálogo com a produção do período, apresentando embasamento teórico-metodológico, com indicação das fontes e bibliografia para exposição e crítica dos respectivos temas abordados. Além disso, a obra teve repercussão pública no mercado editorial, foi editada e publicada três vezes logo após a apresentação e aprovação de Capistrano na seleção para professor de História do Brasil do Imperial Colégio Pedro II em 1883, sendo as duas primeiras pela Tipografia Leuzinger e a última num número especial da *Gazeta Literária* em 1884, apenas com a introdução do trabalho.

A entrada de Capistrano para o IHGB e para o Colégio Pedro II trouxe para ele certo reconhecimento no meio intelectual brasileiro. Reconhecimento esse sentido também por João Lúcio de Azevedo, quando da sua eleição para sócio correspondente do IHGB em 31 de março de 1895, admitido por proposta de dois grandes críticos brasileiros: José Veríssimo e Tristão de Alencar Araripe Júnior. A associação comunicou um parecer sobre sua obra *Estudos de História Paraense*, que foi lida “sem debate” pelo relator César Augusto Marques, avaliada e elogiada:

Seu autor revelou talento cultivado na história pátria, gênio investigador e de tudo tratou, não às carreiras, porém detidamente, descrevendo também outras instituições do tempo, tais como a mesa dos homens de negócio, o caráter, o gênio e a parte ativa que tomaram muitos homens notáveis. (...) e por isso anima-se a recomendá-lo a leitura dos nossos consócios.<sup>35</sup>

Os pareceres emitidos pelo IHGB acerca da obra dos sócios eram, de certa forma, o termômetro da “popularidade” de um livro ou de um autor, e legitimavam a sua obra. Esse parecer é um elogio ao historiador português em fase inicial da sua produção, quando ainda nem conhecia Capistrano. Passados quase dez anos da entrada de João Lúcio para o IHGB, Capistrano iniciou uma amizade epistolar com ele a uma distância transcontinental, em 1916, logo após a morte de José Veríssimo, amigo comum dos dois.

Mesmo vivendo em Portugal, João Lúcio tinha acesso ao que acontecia no Instituto Histórico pelas revistas da instituição e pelas cartas do amigo. Em

---

<sup>35</sup> Cf. Atas da **RIHGB**. Rio de Janeiro: Tipografia do Brasil. t. 50, 1887, p. 308-309.

carta de 6 de março de 1923, ele confessa a Capistrano como almejava o reconhecimento dos contemporâneos:

Fleiuus mandou-me o Diário Oficial com a notícia da sessão do Instituto em que o consagraram grande homem. Como é bom receber as homenagens dos contemporâneos e beber na taça dos imortais! Júlio Dantas igualmente faz jus à imortalidade. O presidente mais jovem que tem toda a Academia (assim andou pessoalmente a declarar nas redações das gazetas) intimou ao trabalho a célebre Comissão do Dicionário, e Leite de Vasconcelos, presidente, já fez os convites para a primeira reunião. Agora sim, que o Dicionário vai cobrir de glória a Academia e o jovem presidente.<sup>36</sup>

A Academia mencionada na carta acima era a Academia de Ciências de Lisboa,<sup>37</sup> instituição da qual João Lúcio era sócio correspondente “estrangeiro”, eleito em 14 de julho de 1910. Além de membro da Academia, João Lúcio também era sócio da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos,<sup>38</sup> colaborador da *Revista de História*, pertencente à mesma, e de outras revistas como *Nação Portuguesa*, *Revista do Arquivo Histórico Português* e *Lusitânia*.

Como sócio correspondente do IHGB, João Lúcio foi convidado pelo secretário da instituição para escrever um artigo para a *Revista do Instituto*, mas não aceitou, e explica a Capistrano por que:

Recebi uma carta de Fleiuus pedindo-me colaboração para a Revista do Instituto. Não poderei satisfazer por enquanto. O mesmo me faz pedido que envie ao Dr. Urbano Santos, vice-presidente da república, a separata com as cartas inéditas de Antônio Vieira; já pus no correio. No último número da Revista saiu um Ms. da Biblioteca de Évora que eu tinha mandado, O “Noticiário Maranhense”, que tem algumas cousas curiosas sobre o

<sup>36</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 6 de março de 1923. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 246.

<sup>37</sup> A Academia das Ciências de Lisboa foi fundada no reinado de D. Maria I em 24 de dezembro de 1779.

<sup>38</sup> Luís Reis Torgal analisa a criação da Sociedade e a participação de João Lúcio na Instituição. TORRAL, Luís Reis. A História através da História. In: CATROGA, Fernando; MENDES, José Amado; TORRAL, Luís Reis. **História da história em Portugal, séculos XIX e XX**. v.I., Lisboa:Temas & Debates, 1998, p.257.

Amazonas. O mesmo número traz o “Diário de viagem do Pe. Samuel Fretz” da qual igualmente eu tenho oferecido uma cópia, essa porém em castelhano como é a original. A que foi publicada tem a vantagem dos comentários. Fleiuss propõe mandar-me os números da Revista que me faltam. São muitos principalmente dos antigos. Dos volumes referentes ao congresso de História tive o 1º e o último. Não sei se vale a pena pedir os demais.<sup>39</sup>

Além do reconhecimento intelectual, uma das motivações que levavam Capistrano a freqüentar o IHGB era a sua biblioteca.<sup>40</sup> Em sua correspondência com João Lúcio, Capistrano comenta suas visitas ao IHGB: “hoje vou ao Instituto examinar a Revista do Inst. Hist. do Rio Grande do Norte”.<sup>41</sup> Em outras cartas, ele afirma: “há uns 15 dias, examinando a Bib. do Instituto Histórico encontrei uma história das minas de prata de Roberio Dias, cuja importância é grande”,<sup>42</sup> “mostraram-me ontem no Inst. Hist. três volumes de notas e apontamentos do Barata, com que pretendia organizar as efemérides paraenses”; “não sabia que seus artigos eram tantos, porque o Inst. possui números salteados”.<sup>43</sup>

Capistrano era um exímio conhecedor da Biblioteca do IHGB. Tratava-a como se fosse sua, chegando ao ponto de, às vezes, trazer para casa alguns

<sup>39</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 28 de outubro de 1918 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>40</sup> A Biblioteca do IHGB foi formada em 1838, por ocasião da criação do IHGB. Ela constitui um dos mais expressivos acervos bibliográficos sobre História do Brasil, possuindo milhares de peças, entre livros e folhetos, nacionais e estrangeiros, recebidos principalmente por doação e permuta. Entre as coleções que foram enriquecendo o seu patrimônio ao longo dos anos, destacam-se: *Coleção Thereza Christina*, parte da biblioteca particular de D. Pedro II, por ele doada ao IHGB, quando no exílio; *Coleção Martius*, constituída de livros raros dos séculos XVI-XIX, que compunham a chamada “Biblioteca Americana” do naturalista Karl Friedrich Philipp von Martius; *Coleção Manuel Barata*, formada pela biblioteca que pertenceu ao político, bibliógrafo e historiógrafo de Belém do Pará. Além das coleções do IHGB, também podem ser consultadas importantes coleções para o estudo da História do Brasil, como a *Coleção Brasileira*, da Editora Nacional, da qual a biblioteca possui a coleção completa de 387 volumes, e a *Coleção Documentos Brasileiros*, da J. Olympio, também completa, com 207 volumes.

<sup>41</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 18 de novembro de 1916. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 23.

<sup>42</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 8 de agosto de 1885. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 324.

<sup>43</sup> Cartas de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datadas de 18 de novembro de 1916; 17 de junho de 1917 e 18 de junho de 1917. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 23, 54 e 56.

documentos manuscritos pertencentes à instituição<sup>44</sup> e outras vezes esquecia de tomar nota de algum documento pesquisado, como conta a Lino de Assunção: “julguei ter tomado nota há pouco na Biblioteca, mas agora vejo que esqueci-me”.<sup>45</sup> Segundo José Carlos de Macedo Soares, Capistrano não era cuidadoso com os seus livros, tampouco com as notas pacientes e exaustivamente tomadas nas pesquisas que fazia no Instituto e na Biblioteca Nacional. Não raro, depois de horas de trabalho ele, descuidado, perdia as notas que “fainosamente” colhera.

Capistrano também doava livros para a Biblioteca do Instituto, como na oferta que fez do livro *História do Brasil (1500-1627)* de Frei Vicente do Salvador.<sup>46</sup> Além disso, a visita ao IHGB fazia parte da sua rotina, depois que foi posto em disponibilidade do cargo de professor do Colégio Pedro II em 1889.

A rotina de Capistrano no Rio de Janeiro envolvia visitas às instituições de saber, como o IHGB e a Biblioteca Nacional. No depoimento de Múcio Leão, podemos ver sua freqüência a essa outra “instituição de saber”, a Biblioteca Nacional:

Homem de poucos livros em casa, ele é o grande freqüentador da Biblioteca [Nacional]. Tem uma mesa especial para os seus estudos, e para eles precisa quase de uma sala inteira. Senta-se à sua cadeira, e manda descer rumas de volumes, e começa a lê-los. Como é muito míope, lê com os olhos em cima das páginas, com o nariz cheirando as letras. E tudo o que lhe merece atenção vai transferindo para o papel, como nota. Ao fim da noite (há um

---

<sup>44</sup> Certa vez, o historiador retirou do arquivo do Instituto Histórico alguns manuscritos sem deixar a documentação adequada. O sócio César Marques precisando de um deles reclamou, em sessão, a devolução do códice. Capistrano silenciou a resposta. César Marques, na sessão de 25 de dezembro de 1912, reclamou novamente e com energia a restituição dos manuscritos. Foi preciso a intervenção de Henrique Raffard, 1º secretário do IHGB, informando que a devolução era impraticável, porque Capistrano havia perdido os manuscritos. Há um ofício solicitando a devolução de documentos levados por Capistrano do IHGB na RIHGB, t. 55, v. 86, 1892, p. 361-362.

<sup>45</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 9 de junho de 1885. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 321.

<sup>46</sup> Carta de Souto Maior para Capistrano de Abreu datada de 08 de fevereiro de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará. Souto Maior agradece a oferta do sócio Capistrano de Abreu: “Tenho a honra de agradecer a V. Ex. a oferta que fez da importante obra: - Frei Vicente Salvador História do Brasil 1500-1627 – Nova edição revista por Vª Sª. para a biblioteca deste Instituto, esperando que V. Ex. continue a distinguir esta associação com a sua valiosa simpatia. Apresento a V. Ex. meus protestos de elevada consideração”.

horário especial para ele, que está sempre fora dos regulamentos) existem laudas numerosas traçadas pelo seu lápis. (...) Algumas ficarão dentro das páginas dos livros consultados (...) Outras ficam jogadas em cima da mesa... Para essas últimas, diz-se que a direção da Biblioteca determinou [que] passasse a existir uma caixa especial destinada a Capistrano de Abreu.<sup>47</sup>

Capistrano não freqüentava somente a biblioteca do IHGB. Fazia-se presente também nas sessões do Instituto, como podemos acompanhar pelas atas da instituição.<sup>48</sup> No ano de 1900, o historiador chegou a freqüentar nove reuniões do IHGB, onde assistiu a palestras sobre dois temas: um bastante recorrente na sua produção, a questão do “Descobrimento do Brasil”, e outro referente à Campanha de Canudos. Cabe sublinhar o interesse de Capistrano nesse último tema, já que também o encontramos presente na sessão extraordinária de 20 de novembro de 1903,<sup>49</sup> na qual o IHGB recebeu seu novo sócio correspondente Euclides da Cunha, que foi muito elogiado pela instituição:

O trabalho histórico que há pouco foi publicado e que serviu de título de habilitação à vossa entrada no Instituto dá prova cabal de vossa capacidade literária e amor ao estudo, assegurando-nos o valioso concurso de uma inteligência esclarecida e vontade bem disposta para os árduos serviços que

<sup>47</sup> Cf. LEÃO, Múcio. **Capistrano de Abreu e a Cultura Nacional**. Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, t. 221, 1953, p.108.

<sup>48</sup> Realizamos um levantamento da freqüência de Capistrano de Abreu nas sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Verificaram-se as atas dos 40 anos em que o historiador participou da instituição. Nesse período, há uma grande variação da freqüência considerando que em alguns anos ele não ia a nenhuma reunião e em outros presenciava 9 sessões. Analisamos as atas das reuniões publicadas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no período de 1887 (ano da admissão de Capistrano de Abreu como sócio efetivo) a 1927 (ano da sua morte): 1887 (7%); 1888 (0%); 1889 (8%); 1890 (0%); 1891 (0%); 1892 (-); 1893 (0%); 1894 (0%); 1895 (0%); 1896 (0%); 1897 (0%); 1898 (4%); 1899 (0%); 1900 (33%); 1901 (9%); 1902 (0%); 1903 (8%); 1904 (5%); 1905 (14%); 1906 (5%); 1907 (18%); 1908 (10%); 1909 (0%); 1910 (0%); 1911 (0%); 1912 (0%); 1913 (0%); 1914 (0%); 1915 (0%); 1916 (0%); 1917 (0%); 1918 (11%); 1919 (0%); 1920 (13%); 1921 (0%); 1922 (0%); 1923 (0%); 1924 (0%); 1925 (-); 1926 (0%); 1927 (0%). Sua ausência em algumas reuniões pode ser justificada pelo fato das sessões serem realizadas aos domingos (SCHWARCZ, 1993, p. 106 e 108) e pelas inúmeras viagens realizadas por Capistrano de Abreu para as casas de veraneios dos amigos, como pode ser verificado ao longo de sua correspondência.

<sup>49</sup> Atas das sessões do ano de 1903. In: **RIHGB**. t. 66. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904, p. 288.

nos são confiados. Sede, pois, bem vindo entre os cultores da nossa história, e recebei as afetuosas saudações que neste momento vos são por mim dirigidas em nome do Instituto. (...) De fato, o livro – Os Sertões – *Campanha de Canudos* – que deu ingresso ao Sr. Euclides da Cunha neste Instituto, é um documento incontestável de uma grande mentalidade e de uma alma nobre que na explanação e juízo sobre os sucessos históricos cumpre severamente os ditames da retidão. Moço ainda, trabalhador incansável, aplicado como poucos o são. O Sr. Euclides da Cunha está destinado a ser um dos mais robustos esteios desta casa, que antes de tudo reclama dos seus obreiros o zelo, o estudo e a probidade científica, condições essenciais do verdadeiro brilho.<sup>50</sup>

Capistrano conhecia bem o cerimonial da instituição, da qual era membro desde 1887. Em 1920, quando da recepção do português Fidelino de Figueiredo, amigo de João Lúcio, no Instituto Histórico, Capistrano escreve uma carta, na qual fala da visita do português: “tenho estado com Fidelino de Figueiredo, expressa recomendações de Lúcio de Azevedo. (...) Amanhã Ramiz pronunciará o *dignus est intrare no docto corpore* do Instituto”.<sup>51</sup>

Na sua correspondência, Capistrano descreve algumas das suas visitas ao Instituto Histórico, o que nos revela os objetivos do historiador nessa instituição. Visitava o silogeu para assistir às conferências dos membros, como podemos observar nessa carta enviada a Domingos Jaguaribe: “falei anteontem com Miguel na conferência do Fazenda no Instituto Histórico”<sup>52</sup>, ou quando ia ao IHGB pesquisar documentos: “vou de vez em quando à biblioteca do Inst. Hist., aonde se pode trabalhar com certa comodidade”<sup>53</sup>, ou visitava o grêmio simplesmente para assistir as sessões: “passarei no Instituto; não tenho ido lá”.<sup>54</sup>

<sup>50</sup> Atas das sessões do ano de 1903. **RIHGB**. t. 66. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904, p. 288-298.

<sup>51</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 28 de setembro de 1920. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 315.

<sup>52</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Domingos Jaguaribe datada de 14 de fevereiro de 1915. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 37.

<sup>53</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 14 de abril de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 96.

<sup>54</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 11 de junho de 1919. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 301.

Às vezes freqüentava o Instituto Histórico apenas para conversar com os amigos que trabalhavam no grêmio: “aparecerei mais tarde no Inst. para examinarmos o caso”.<sup>55</sup> Nesta última carta, refere-se a um encontro com o amigo Rodolfo Garcia. Em outra carta, Capistrano marca novo encontro com Garcia no Instituto: “passarei mais tarde pelo Silogeu, embora não tenha certeza de encontrá-lo no regime da semana inglesa”.<sup>56</sup>

Apesar de nunca ter ocupado cargos na diretoria do IHGB, Capistrano foi membro de várias comissões escolhidas pela diretoria do Instituto Histórico, entre elas a de revisão de manuscritos (1888); de pesquisa de manuscritos (1890); de estatutos e revisão da revista (1904); de história (1906). Além de parecerista da comissão de História acerca da admissão do Visconde de Ouro Preto como sócio correspondente (1900) e da comissão de estatutos e publicação da revista (1906).<sup>57</sup>

Capistrano publicou quatro artigos na revista da Instituição. O primeiro, antes de ser eleito sócio, intitulado *Batista Caetano: notas de um amigo* (1883). E os outros depois: *O duque de Caxias* (1906), *Vaz de Caminha e sua Carta* (1909) e *Fases do Segundo Império* (1925), esse último publicado num volume especial em homenagem ao centenário de nascimento de D. Pedro II. Se comparado a sócios que também publicaram na revista do IHGB, como João Lúcio<sup>58</sup> e João Pandiá Calógeras (cada um escreveu dois artigos), Capistrano teria uma contribuição ativa na revista. Entretanto, geralmente seus críticos<sup>59</sup> comparam sua produção à de Francisco Adolfo Varnhagen que, em 33 anos de sócio do IHGB, publicou 32 artigos na revista.

A dedicação às pesquisas históricas garantiu a Capistrano o reconhecimento do Instituto Histórico, que o elevou a sócio honorário em

<sup>55</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Rodolfo Garcia datada da oitava de reis. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 492.

<sup>56</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Rodolfo Garcia datada do dia de São Lucas de 1924. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 495.

<sup>57</sup> Cf. **RIHGB**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Nos seguintes tomos: 50 (p. 321-322); 51(p. 388); 52 (p. 549); 53 (p. 552); 63 (p. 503); 67 (p. 514); 69 (p. 499).

<sup>58</sup> Os artigos de João Lúcio de Azevedo podem ser consultados nos tomos 84 (1918) e 91 (1922) da RIHGB e os de João Pandiá Calógeras no tomo especial de 1925.

<sup>59</sup> Cf. SOBRINHO, Barbosa Lima. Capistrano de Abreu – Historiador. **RIHGB**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1954, p.86.

1913,<sup>60</sup> sendo o parecer favorável assinado por Leonel Martiniano de Alencar (Barão de Alencar), Antônio Olinto dos Santos Pires e Antônio Coutinho Gomes Pereira. Essa distinção era destinada àqueles que “teriam como condição, além de idade propecta, o consumado saber e distinta representação”<sup>61</sup> para receber o honroso título.

Três anos depois, Capistrano foi elevado a sócio benemérito, promoção destinada aos “sócios efetivos que por serviços relevantes viriam a se tornar merecedores de tal distinção, ou pessoas que teriam feito doações de importância superior a 2:000\$ em dinheiro ou outros objetos de valor”.<sup>62</sup>

Cabe sublinhar, que parte dos correspondentes e amigos íntimos de Capistrano eram membros do Instituto Histórico, como o próprio João Lúcio, sócio correspondente, e outros como João Pandiá Calógeras, Ramiz Galvão, Afonso de E. Taunay, Leopoldo de Bulhões, Clóvis Beviláqua, Alberto Rangel. O Instituto era responsável por reunir os que pensavam a História do Brasil e estavam dispostos a discutir e divulgar esse conhecimento, tendo como finalidades definidas nos seus estatutos o estabelecimento de contatos com as províncias para recolhimento de documentos relativos à história e geografia do Brasil e a publicação de uma revista da instituição.

O IHGB era um “espaço da academia de escolhidos e eleitos a partir de relações sociais (...) vincado por uma profunda marca elitista, herdeira muito próxima de uma tradição iluminista”.<sup>63</sup> Dessa aliança entre os intelectuais e o poder político traçou-se mais um objetivo para o IHGB: escrever uma história nacional para esclarecer a sociedade e formar os patriotas numa defesa de uma “monarquia constitucionalista”, já que o instituto vivia sob os auspícios do imperador D. Pedro II.

O instituto defendia uma “monumentalização” do passado. Seus membros tinham o propósito de pesquisar sobre aquilo que caracterizava a

---

<sup>60</sup> Na sessão de 4 de agosto de 1913, foi apresentada a proposta para que Capistrano de Abreu fosse elevado a sócio honorário. A proposta foi sancionada pelos membros presentes na mesma sessão. Cf. Atas das sessões do ano de 1913. **RIHGB**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. 76, 1914, p. 561-562.

<sup>61</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 104.

<sup>62</sup> *Id. Ibidem.*, p. 104.

<sup>63</sup> GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, n. 1, 1988, p. 5.

nação brasileira no intuito traçar uma “identidade nacional”. Dessa forma, seus membros escreviam sínteses gerais ou monografias interpretativas acerca do passado da pátria.

A instituição era um espaço de sociabilidade e de convivência intelectual entre pares. Apesar de ter afirmado em nota biobibliográfica já mencionada, escrita em 18 de agosto de 1901, que pretendia desligar-se do IHGB, Capistrano permaneceu no Instituto Histórico até os seus últimos dias. Em cerca de 40 anos, ele não fez qualquer menção oficial sobre sua retirada.

Capistrano participou de outras agremiações intelectuais como o Clube Rabelais, um grêmio que não teria estatutos, nem sede, nem diretores. Consistia apenas na organização de um jantar mensal que reunia homens de Letras e artistas, em um bate-papo sobre assuntos literários. Alguns membros desse grupo formaram a Academia Brasileira de Letras. Segundo Raimundo de Menezes,<sup>64</sup> a primeira reunião ocorreu em agosto de 1892, sendo o comissário do primeiro banquete Raul Pompéia, e a solenidade ocorreu no Restaurante Stadt München, no Largo do Rocio, cujo jantar garantiu a continuação do clube.

Apesar de afirmar-se hostil a grêmios intelectuais, Capistrano na sua juventude pertenceu, ainda no Ceará, à Academia Francesa (1873-1875), e posteriormente tornou-se sócio honorário do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará e da Academia Cearense de Letras. Além dessas associações cearenses, o historiador era sócio honorário correspondente do Gabinete Português de Leitura<sup>65</sup> e sócio correspondente da Berlim Anthr. Zeit.<sup>66</sup>

No Instituto do Ceará, Capistrano entrou inicialmente como sócio correspondente nacional, emissário do Rio de Janeiro, a partir de 1907,<sup>67</sup> sendo elevado a sócio honorário em 1918. Guilherme Studart solicitou várias

---

<sup>64</sup> Sobre o Clube Rabelais, ver MENEZES, Raimundo. **Capistrano de Abreu**: um homem que estudou. São Paulo: Melhoramentos, 1956, p. 41-45.

<sup>65</sup> Sobre sua eleição para essa associação, ver carta do Gabinete Português de Leitura para Capistrano de Abreu datada de 25 de junho de 1898. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 289.

<sup>66</sup> Sobre sua eleição para essa associação, ver Carta de Dr. R. Ihrering para Capistrano de Abreu datada de 05 de janeiro de 1896. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 284.

<sup>67</sup> Cf. Revista do Instituto do Ceará (RIC). Fortaleza: Minerva. t. XXI, p. 433, 1907. A RIC inicia a divulgação da sessão “Relação dos sócios” em 1907 e publicada seqüencialmente nos anos de 1910, 1912, 1915, 1918 e 1922, assim não temos referência da entrada de Capistrano de Abreu na mencionada instituição.

vezes que Capistrano escrevesse artigos para a *Revista do Instituto do Ceará*, como nessa carta de 24 de agosto de 1893:

A propósito: como dá-se que você, o homem de maior proficiência em História que o atual Brasil conhece, e cearense, ainda não haja escrito um só artigo para a nossa Revista? Nessa minha censura vai um pedido de algum trabalho seu para brilho e honra do Instituto do Ceará.<sup>68</sup>

Para atender ao pedido de Studart, em 1899, no 13º tomo da revista, Capistrano escreveu seu primeiro artigo para a *Revista do Instituto do Ceará* intitulado *Sobre uma História do Ceará*, o autor traça um balanço da historiografia cearense elogiando o trabalho *Datas e fatos para a História do Ceará*<sup>69</sup> do seu amigo de infância, o historiador Guilherme Studart.

Capistrano escreveu e publicou cerca de sete artigos na *Revista do Instituto do Ceará*.<sup>70</sup> Assim como Capistrano, João Lúcio também foi sócio do Instituto do Ceará, eleição que fez jus a uma carta de agradecimento dirigida a Guilherme Studart:

Tenho a honra de acusar a recepção da carta de 11 de maio em que me é comunicada a minha eleição para sócio correspondente dessa douda agremiação, e respondendo cumpro-me manifestar o meu reconhecimento pela distinção que constituirá para mim justo motivo de desvanecimento.<sup>71</sup>

Apesar de ter sido eleito sócio correspondente, João Lúcio não escreveu nenhum artigo para a *Revista do Instituto do Ceará*. Entretanto, em um dos tomos do periódico, Guilherme Studart publicou documentos

<sup>68</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart data de 24 de agosto de 1893. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 150.

<sup>69</sup> STUDART, Guilherme. **Datas e Factos para a História do Ceará**. Edição Fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. (Biblioteca Básica Cearense). O livro foi dedicado a João Capistrano de Abreu e a outros intelectuais cearenses como Tristão de Alencar Araripe e Antônio Bezerra de Menezes.

<sup>70</sup> Capistrano de Abreu publicou os seguintes artigos na Revista do Instituto do Ceará: *Ceará e Rio Grande* (t. XXXV); *Em memória a Eduardo Prado* (t.XXXIII); *Carta a Antônio Bezerra* (t. XLV); *Sobre uma História do Ceará* (t. XIII); *Tricentenário do Ceará* (t. XVIII); *Um livro sobre a Marquesa de Santos* (t.XXXV); *Vaz de Caminha e a sua carta* (t. XXIV).

<sup>71</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 26 de Agosto de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

concedidos por João Lúcio, acerca da presença de cearenses nos processos da Inquisição, que causaram certo “espanto” ao amigo de ambos, Capistrano, que afirma em carta de 13 de setembro de 1926: “recebi do Studart provas de um artigo sobre dois moradores do Ceará, castigados pelo Santo Ofício. Parabéns! Lá vem citado seu nome, não é useiro ou vezeiro nestas liberalidades meu companheiro de infância”.<sup>72</sup>

João Lúcio também foi sócio-fundador do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Pará (IHGP), criado em 1900,<sup>73</sup> na cidade de Belém, ao lado de nomes como Barão de Marajó e Emílio Goeldi. Essa participação nos Institutos Históricos espalhados pelo país, nos sugere um pouco da inserção de Capistrano e João Lúcio no campo intelectual brasileiro.

Em 1917,<sup>74</sup> veio o “Prêmio Pedro II”, concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para o estudo de Capistrano de Abreu sobre os Caxinauás: *Rã-txa hu-ni-ku-i: gramática, textos e vocabulários Caxinauás*.<sup>75</sup>

A proposta de retomada do “Prêmio Pedro II” foi dirigida pelo secretário perpétuo Max Fleiuss em sessão de 11 de julho de 1917, onde ele ressaltou a importância de dar continuidade à premiação criada em 1838 com o objetivo de “estimular e recompensar moralmente os esforços dos nossos companheiros e os serviços por eles prestados à História, à Geografia e à Etnografia do Brasil”.<sup>76</sup>

Na mesma sessão de 11 de julho de 1917, o secretário Max Fleiuss propõe que seja concedida a medalha de ouro, ou seja, o “Prêmio Pedro II”, aos trabalhos que tratam de assuntos com os quais se ocupa o Instituto, mencionando os seguintes estudos: “*A língua dos Caxinauás* do Sr. Capistrano

<sup>72</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 13 de setembro de 1926. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 365.

<sup>73</sup> Ata de fundação do IHGP. **Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Pará**. t. 1. Belém: Imprensa Oficial, 1900, p. 3.

<sup>74</sup> Atas das sessões de 1917. RIHGB, t. 82, v. 136, 1918, p. 743, 764-769.

<sup>75</sup> De acordo com Guimarães, “trabalhos voltados para a problemática indígena – aliás um tema particularmente tratado nas páginas da revista do IHGB – obterão também premiação, numa clara demonstração de que a reflexão sobre a “questão indígena” era parte substancial da discussão mais ampla relativa à questão nacional”. Cf. GUIMARÃES, 1988, p. 19.

<sup>76</sup> Atas das sessões do ano de 1917. **RIHGB**, t. 82. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1918, p. 743.

de Abreu; *Expansão Geográfica do Brasil até fins do século XVII* do Sr. Basílio de Magalhães; *Rondônia* do Dr. Roquette Pinto”.<sup>77</sup>

O Prêmio Pedro II tinha sido conferido somente em 1847, quando o Instituto Histórico premiou os seguintes sócios: Carlos Frederico von Martius, Francisco Adolfo de Varnhagen, José Joaquim Machado de Oliveira, Domingos José Gonçalves de Magalhães e Conrado Jacob de Niemeyer. Em 1917, o instituto decide retomar a premiação depois da proposta feita por Max Fleiuss e resolve nomear uma comissão para emitir um parecer<sup>78</sup> sobre esta proposta, à qual os membros Ramiz Galvão, Manoel Cícero e Clóvis Beviláqua foram favoráveis.

Na nota explicativa da obra *Rã-txa hu-ni-ku-i: gramática, textos e vocabulários Caxinauás*, datada de dezembro de 1909, Capistrano fala de suas dificuldades e relata o percurso da pesquisa com os índios:

Bem alheio a línguas brasílicas andava em fins do ano passado, quando chegou do território do Acre meu patrício capitão Luís Sombra, com um índio anteriormente prometido. “Da outra vez tivera de deixá-lo no Ceará, temendo que não resistisse à inanição e ao enjôo, agravados ainda mais pelo pânico da briga do vapor com o mar”. Trazia-o agora bem disposto, lendo mal, escrevinhando gostosamente, compreendendo qualquer conversa; entendê-lo era mais difícil, devido ao emperro da pronúncia. (...) Pertence ao ramo

<sup>77</sup> *Id. Ibidem.*, p. 743.

<sup>78</sup> Ramiz Galvão, *representando* a comissão, emite o seguinte parecer: “Nosso colega, o professor João Capistrano de Abreu, grande sabedor de História Pátria, a quem já devíamos outros trabalhos altamente valiosos, deu-se há alguns anos ao afanoso trabalho, de colher de dois jovens caxinauás, Borô e Tuxinim, um copioso vocabulário, que deu a estampa em 1914 com texto e gramática, formando alentado volume de 630 páginas. Com paciência de beneditino e arcando com dificuldades de vários gêneros, conseguiu o Sr. Capistrano de Abreu dar aos estudiosos de Lingüística Americana uma idéia completa da estrutura do ra-txã hu-ni-kui, língua daquela tribo indígena, da família dos panos, que habita ainda hoje as paragens longínquas das margens do Ibuacu, rio tributário do Morú – afluente do Tarauacá, na bacia do Juruá (território do Acre). É incontestavelmente obra de insigne valor e a contribuição de maior vulto que se tem prestado ao estudo dessa língua americana mal conhecida. (...) Dos cinco vocabulários impressos até agora nenhum certamente se pode comparar ao do Sr. Capistrano de Abreu, já em extensão, já em cópia de informações etnográficas sobre o curioso ramo da família pana, cujo primeiro conhecimento se deve ao grande etnólogo Ehrereich. O esforçado autor do ra-txã hu-ni-kui, por exagerado escrupulo, deixou de adicionar a este volume os curiosos artigos, que em 1911 e 1912 publicara no Jornal do Comércio sobre costumes, habitações, indústrias, cerimônias e mitos dos Caxinauás; esses seus artigos, entretanto, são de igual valia e merecem sair das páginas fugitivas da imprensa diária para um repertório ou livro de mais fácil consulta. Mas a grande obra do ilustrado professor nem por isso deixa de merecer elevadíssima estima, e bem lhe cabe a distinção, que com justiça lhe foi proposta”. Cf. Atas das sessões de 1917. **RIHGB**, t. 82, v. 136, 1918, p. 743.

caxinauá, da família pana, cuja existência só me deram a conhecer dois estudos do eminente etnólogo Dr. Paulo Ehrenreich. Começamos logo o trabalho, duplamente espinhoso, de preparar o glossário. A fonética do *rã-txa hu-ni-kui*, falar de gente verdadeira, de gente fina, como se poderia traduzir, oferece dificuldade singulares, dignas de um Jespersen, um Roussetot ou um Gonçalves Vianna. Não me gabo de tê-las resolvido; não me animei si quer a enfrentá-las: a pronúncia figurada aqui é apenas uma média, digamos uma pronúncia de seringueiro, que os índios compreendem sem grande esforço. (...) Em conclusão: ao entrar para o prelo estas páginas representam o labor ininterrupto de pouco mais de seis meses.<sup>79</sup>

Foi para o trabalho “duplamente espinhoso” sobre a questão indígena que foi conferido o Prêmio Pedro II a Capistrano de Abreu. Ao saber da premiação, o historiador se recusou a receber a comenda. Em carta de 3 de abril de 1918, endereçada a Afonso de Taunay, justifica:

Vou hoje no Instituto Histórico tomar as notas para refazer o artigo sobre guaianases que será reimpresso na Revista de Alberto de Faria. Na mesma ocasião redigirei um ofício ao Presidente sobre o tal medalhão de ouro, entalada bem desagradável para quem como eu abomina a Satanás com todas as suas pompas e obras. Já falei com Afonsinho de quem sou muito amigo há mais de trinta anos, dizendo-lhe que queria seguir o precedente de Varnhagen; infelizmente nada achou a dizer, e é o que importa. O precedente de Varnhagen consta das atas do vol. 9 ou 10 que vou examinar.<sup>80</sup>

Capistrano seguiu o precedente aberto pelo historiador Francisco Adolfo de Varnhagen,<sup>81</sup> recusando a medalha de ouro quando foi premiado

<sup>79</sup> ABREU, Capistrano. Nota explicativa. In: **Rã-txa hu-ni-kui**: gramática, textos e vocabulário caxinauás. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/ Brigueit, 1941, p. 5-10.

<sup>80</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 03 de abril de 1918. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 293-294.

<sup>81</sup> Eis aqui um trecho da carta de recusa de Francisco Adolfo de Varnhagen à medalha de ouro do IHGB: “Agradecendo a distinta honra, que eu anhelava, de que fosse aberta esta cédula, rogo ao Instituto aceite, com os meus reintegrados respeitos, a oferta que faço da medalha deste prêmio, que a sua benignidade me confere, para propô-la com assunto novo para o ano próximo futuro. Francisco de Adolfo Varnhagen”. Carta citada por Max Fleiuss na sessão de 21 de outubro de 1917. Cf. Atas das sessões do ano de 1917. RIHGB. t. 82. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1918, p. 833. Atente que os termos empregados por Capistrano de Abreu são semelhantes aqueles usados na carta de recusa de Francisco Adolfo de Varnhagen. Anos depois, Afonso Celso comenta o caso em uma das sessões do

pelo IHGB. Escreveu uma carta para o Presidente da instituição, justificando a recusa e doando a medalha para ser usada pelo instituto como recompensa em outro concurso:

Exmo. Sr. Presidente do Instituto Histórico. Sei pela imprensa diária que a Sociedade que V. Ex. tão sabiamente dirige houve por bem premiar com uma medalha de ouro meu imperfeito ensaio sobre a língua dos Caxinauás. Esta distinção, tão superior a meus fracos méritos e até das minhas maiores ambições, fundou-se para maior realce no parecer do meu antigo chefe e venerando mestre Dr. Ramiz Galvão, que passa de quarenta anos acolheu paternalmente o provinciano bisonho, e com seu exemplo, com a convivência dos admiráveis colaboradores, hoje todos mortos, que soube reunir na Biblioteca Nacional, acompanhou-me os primeiros passos nos estudos, a que o Instituto Histórico tem dado impulso e direção desde 1838. Muito grato pela imerecida prova de apreço, socorro-me do precedente aberto pelo benemérito Francisco Adolfo de Varnhagen, glória da pátria e lustre desta casa, para rogar ao Instituto com os reiterados respeitos a oferta que faço da medalha deste prêmio, que a sua benignidade me confere, para propor como assunto novo em outro concurso. João Capistrano de Abreu.<sup>82</sup>

O Instituto Histórico, ao receber a carta de recusa de Capistrano, datada de 16 de outubro de 1917, fica ciente da devolução da medalha de ouro para a realização de um outro concurso, decide em sessão extraordinária de 20 de outubro de 1917,<sup>83</sup> conceder a medalha do Prêmio Pedro II a outro trabalho. O escolhido foi *A missão artística de 1916*, do consócio Afonso de Escragnole

---

IHGB, afirma que Capistrano “publicou belos trabalhos na *Revista*, obtendo uma das suas obras o prêmio Pedro II, consistente numa medalha de ouro, que ele, a exemplo de Varnhagen, agradeceu, porém não aceitou e devolveu, com o pedido de ser conferida a outro consócio”. Cf. Ata da 6ª sessão ordinária realizada em 13 de setembro de 1927 do IHGB. Cf. CELSO, Afonso. Elogio fúnebre a Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928, p. 343.

<sup>82</sup> RIHGB, t. 82, v. 136, 1918, p. 790-791.

<sup>83</sup> RIHGB, t. 82, v. 136, 1918, p. 825.

Taunay. A festa da premiação foi realizada um dia após essa decisão, na sessão de aniversário da instituição, no dia 21 de outubro de 1917.<sup>84</sup>

Além do universo das agremiações intelectuais, Capistrano também freqüentava as reuniões familiares nas casas dos amigos. Essas reuniões familiares são práticas de sociabilidade mais íntimas, sendo significativo o papel da mulher, a “senhora do lar”, que se encarrega de assegurar a circulação dos amigos nesses locais privados.

Capistrano era assíduo freqüentador da casa dos seus amigos íntimos e sempre estava em contato com as esposas e filhas desses amigos. João Pandiá Calógeras afirma que a presença de Capistrano era desejada por todos, posto que,

Em cada lar, sua presença era pedida e suas visitas assinaladas como dias festivos. Todos o procuravam. Os mais idosos, em pé de igualdade. Os mais moços, com veneração e ânsia de ouvi-lo. Até as crianças, a quem sabia agradecer com ternura e carinho, o chamavam: vovô Capistrano.<sup>85</sup>

Na correspondência de Capistrano, percebemos o quanto eram constante suas visitas à casa dos amigos para partilhar do espaço privado da vida familiar, já que a sua havia se desmembrado com a morte da esposa. Independente da ocasião, Capistrano participava de vários tipos de visitas, desde as digestivas, de cortesia, de felicitações, de condolências, até as de despedida e de retorno, antes ou depois de uma viagem.

Em “visita de felicitação” pelo aniversário do seu amigo Domingos Jaguaribe, Capistrano escreveu a Calógeras relatando o alegre encontro que se transformou em triste, devido à morte do amigo, tornando sua visita de felicitação uma “visita de condolência”:

Escrevo-lhe do quarto aonde às 11 horas da noite deixou de existir o bom Jaguaribe. Ao chegar, achei-o bem disposto, esteve alegre no aniversário,

---

<sup>84</sup> RIHGB, t. 82, v. 136, 1918, p. 854.

<sup>85</sup> CALÓGERAS, João Pandiá. Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto do Ceará**. t. XLI. Fortaleza: Minerva, 1927, p. 265.

que reuniu toda família; dias depois começou a tossir; era a bronco-pneumonia que se manifestava. A ela sucumbiu.<sup>86</sup>

Em carta a Paulo Prado de 18 de janeiro de 1922, Capistrano fala de uma “visita de despedida” que iria fazer a Calógeras: “no princípio de março irei esperar Calógeras que deve partir daqui a 6 ou 7”.<sup>87</sup> Além de se despedir e receber os amigos que viajavam, Capistrano também planejava viagens e viajava com os amigos regularmente. Observamos isso na sua correspondência, já que, quando estava saturado do Rio de Janeiro, decidia descansar na casa de algum amigo. Dessa forma, viajou algumas vezes para Pedras Altas, onde Assis Brasil lhe hospedava; São Vicente, para acompanhar o amigo Domingos Jaguaribe; no Brejão, sendo recebido por Eduardo Prado, e para o Morro Azul, em companhia da família Sá.

Suas epístolas apresentam inúmeras referências de “encontros gastronômicos” entre Capistrano e seus amigos, como podemos ver nos trechos seguintes: “jantei com o Calógeras segunda-feira”,<sup>88</sup> “o secretário do Ministro com quem ontem almocei é filho de Francisco Sá”,<sup>89</sup> “Dia de Reis fui a Petrópolis almoçar com Said Ali”,<sup>90</sup> “Tite faz anos a 16: irei almoçar com ela”.<sup>91</sup> Essas são algumas alusões às visitas gastronômicas.

Capistrano tomava parte também de “encontros literários” na casa do seu amigo Francisco Sá, como nos relata Carlos Sá: “à casa da praia do Flamengo levou Capistrano o seu amigo Silvio Romero que, em suas visitas, costumava recitar versos, gostando também de contar cousas do nosso folclore”.<sup>92</sup> Essas reuniões eram organizadas por Olga Sá, que era uma amante da literatura clássica e se distraía lendo os livros franceses da biblioteca do Dr. Botelho Benjamim.<sup>93</sup> Nesses encontros, discutiam-se autores como Molière,

---

<sup>86</sup> Calógeras, p. 263, 1927.

<sup>87</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada de 18 de janeiro de 1922. In: ABREU, CCA, v.2, p. 413, 1977.

<sup>88</sup> Carta de Capistrano de Abreu a Paulo Prado. In: ABREU, CCA, v.2, 1977, p. 410.

<sup>89</sup> Carta de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo datada de 12 de junho de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, p. 52, 1977.

<sup>90</sup> Carta de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo datada de 17 de janeiro de 1927. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 372.

<sup>91</sup> Carta de Capistrano de Abreu a Luiz Sombra sem data. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 65.

<sup>92</sup> Cf. SÁ, Carlos (org.). **Francisco Sá: reminiscências biográficas.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.

<sup>93</sup> Cf. SÁ, 1938, p. 389.

Goethe e Shakespeare. Mas também, como é natural na casa de um político, não faltavam discussões políticas.

Nesses encontros na casa dos Sá, Capistrano estabeleceu fortes laços de amizade com a família, a ponto de defender os interesses do amigo político Francisco Sá, envolvido em um escândalo em 1910. Por carta de Olga Sá soubemos dos acontecimentos:

Capistrano, você que bem me conhece pode avaliar quanto tenho sofrido desde que tive notícia da infame calúnia do “Jornal do Comercio”! Os últimos meses que passei no Rio foram de sofrimentos cruéis! Acredite que eu resolvi fazer esta viagem, de tantos sacrifícios, porque esperava que os inimigos políticos e negociatas que cercavam o Sazinho haviam de inventar mil infâmias para desmoralizá-lo e afastá-lo da política. Entretanto nunca pude imaginar que ela nos viesse ferir de um modo tão desapiedado. A infame calúnia do jornal trouxe ao Sazinho um abatimento tal que julguei vê-lo adoecer. Felizmente já ele se sente mais forte. Principalmente depois que em sua carta soube como se criou e divulgou tal infâmia. Fiquei muito grata ao Dr. Lisboa que se mostrou tão amigo em toda esta história, mas é a você que eu venho agradecer comovida, porque sei que sem os seus conselhos nada se faria. É provável que o nosso regresso ao Brasil não se demore. Esperamos com ansiedade as notícias da eleição e reconhecimentos do Sazinho para o Senado para fixá-lo. As últimas notícias que nos têm vindo são cheias de receios e apreensões quanto a esta última. Você o que poderá me dizer a respeito?<sup>94</sup>

Podemos perceber a influência que Capistrano tinha junto a alguns políticos brasileiros, e por isso os agradecimentos de Olga pela atuação de Capistrano no caso do marido dela, Francisco Sá. Em carta a Mário de Alencar, Capistrano fala de sua indignação por ver um amigo insultado: “tenho assistido a toda a campanha movida contra o Sá. (...) Sei que um respingo de lama não quebra osso; mas que prazer pode causar-me ver por perfídia alheia emporcalhado o rosto de um amigo?”<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> Carta de Olga Sá para Capistrano de Abreu datada de 15 de fevereiro de 1911 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>95</sup> Carta de Capistrano de Abreu a Mário de Alencar sem data. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 214.

O caso foi que Francisco Sá, então Ministro da Viação no governo de Nilo Peçanha (1909-1910), recebeu, durante sua administração, diversas acusações da Imprensa, às quais Olga se refere na sua carta, através dos jornais *O Paiz* e *Jornal do Comércio*, que publicaram artigos denunciando sua atuação no Ministério, devido ao desvio de verbas de obras públicas consideradas “intermináveis”, projetos “mal-elaborados” e desastrosas escolhas que o Ministro fez das companhias que foram contratadas para essas obras.

Na carta de Olga Sá, há uma referência à ajuda do Dr. Lisboa (Miguel Arrojado Lisboa) no caso e à provável intervenção de Capistrano junto ao mesmo com intuito de ajudar Sá. Encontramos uma carta de Capistrano para Miguel Arrojado Lisboa na qual o historiador fala do caso: “muita curiosidade sinto de conhecer o que se trama contra Sá (...) creio que o escândalo levantado à roda do nosso amigo é uma diversão para os horrores da Ilha das Cobras. E conseguirão com certeza”.<sup>96</sup> Em outra carta a Miguel Arrojado Lisboa, Capistrano retoma o assunto: “soube ontem alguma coisa de sólido a respeito do Sá (...) Peço-te que com Bulhões e o cunhado dê um corte à meada do Navarro”.<sup>97</sup>

Diante disso, percebemos que Capistrano usa de seus laços de amizade como uma forma de mediar ajuda aos amigos. Então, ele pede que Arrojado Lisboa, com a ajuda de Leopoldo de Bulhões, como se refere na carta, intervenha no caso em prol de Sá. E consegue o que queria, já que Francisco Sá retorna da Europa, onde estava em viagem de “repouso”, depois do tumulto devido às acusações dos jornais já citados, para assumir uma vaga de Senador da República pelo Estado do Ceará.

Sobre o retorno de Sá ao Senado e sua viagem à Europa, Capistrano escreve a Calógeras afirmando que mandou orientações a Sá e Olga:

Escrevi ao Sá, lembrando a conveniência de sua presença nos primeiros dias de sessão (...) Mas ele precisa de repelir os ataques. Sua demora, mesmo a mim que dele não duvidei um instante, causará impressão penosa. Defenda-

---

<sup>96</sup> Carta de Capistrano de Abreu a Miguel Arrojado Lisboa de 13 de janeiro de 1911. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 418.

<sup>97</sup> Carta de Capistrano de Abreu a Miguel Arrojado Lisboa de 13 de janeiro de 1911. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 419.

se, esmague os caluniadores, torne ao Velho Mundo para afinal desfrutar férias mais calmas. (...) Isto mesmo insinuei discretamente a D. Olga.<sup>98</sup>

Outra correspondente que trata de política com Capistrano nas suas cartas é a esposa do diplomata Joaquim de Assis Brasil, a senhora Lídia de Assis Brasil, que relata em carta de 7 de agosto de 1922 a nomeação do seu marido como embaixador do Partido Libertador, partido político liderado pelo próprio diplomata:

Joaquim partirá provavelmente no dia 12 – no vapor Ceará, para o Rio, com D. Maria e Carolina. Vai tratar com os poderosos sobre o modo de remediar a angústia dos criadores. Deve ter lido o artigo dele – que saíra na “Opinião Pública” e que deve ter sido transcrita, mais ou menos, em vários jornais e feito algum barulho. Reuniu-se com Congresso de criadores e resolveram nomeá-lo embaixador para tratar do assunto no Rio. Os representantes do chimanguismo, protestaram contra a escolha e ficou resolvido no fim de algumas discussões violentas, contestá-los, nomeando também o Sr. Simões Lopes – e um outro moço de talento Carlos Corrêa.<sup>99</sup>

O Rio Grande do Sul carrega na sua história um passado de conflitos internos entre as próprias elites locais e disputas com o Governo Federal (Rio de Janeiro), que sempre representavam estados economicamente mais fortes. Nesse período, durante o governo de Artur Bernardes, havia uma disputa interna pelo controle do Estado entre os “pica-paus”, grupo apoiado por Borges Medeiros e os “maragatos”, grupo apoiado por Assis Brasil, já que Medeiros tinha sido eleito cinco vezes consecutivas para a presidência do Estado.

Mesmo assim, o Governo Federal preferia não intervir. Até que em 1923, no mês de dezembro, foi assinado o Tratado de Pedras Altas, no castelo de Assis Brasil, na cidade de mesmo nome, no qual se confirmou o direito de

---

<sup>98</sup> Carta de Capistrano de Abreu a João Pandiá Calógeras de 9 de abril de 1911. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 375.

<sup>99</sup> Carta de Lídia de Assis Brasil para Capistrano de Abreu datada de 7 de agosto de 1922 – Acervo do Instituto do Ceará.

posse de Medeiros para governar o Estado. Em 1924, tendo surgido um movimento revolucionário, Assis Brasil exilou-se, emigrando para o Uruguai.

Capistrano tomava parte dos acontecimentos políticos que envolviam seus amigos através de cartas e dos jornais. Às vezes, agia pessoalmente, como no caso de Francisco Sá, e outros não, como no caso de Assis Brasil. Mas o fato é que estava mergulhado nas discussões políticas contemporâneas, apesar de mostrar-se, muitas vezes, na sua correspondência, desacreditado da política brasileira.

Capistrano mediu e influenciou outros pedidos. Acabou sendo induzido a usar dos seus vínculos com os altos círculos políticos para conseguir algum benefício para amigos, como no caso de Noemia Cabral. Ela foi a primeira mulher, no Ceará, a pertencer ao quadro de funcionários do Banco do Brasil. Participou também da Ação Católica e ajudou a fundar o programa “Berço do Pobre”, que dava assistência a prostitutas, ensinando a catequese e distribuindo donativos, geralmente enxoval de bebê para aquelas que estavam grávidas. Devido à sua intensa participação e envolvimento nessas “obras de caridade”, Noemia doou a casa onde morava para a Arquidiocese de Fortaleza, quando morreu, em 1981. Ou, talvez, porque não tivesse herdeiros, já que Noemia Cabral nunca casou nem teve filhos.<sup>100</sup>

Entre a correspondência passiva de Capistrano, encontramos uma carta de agradecimento de Noemia Cabral para Capistrano, na qual ela agradece a interferência do historiador na sua nomeação para o Banco do Brasil:

Sem ter o prazer de conhecê-lo de perto lhe sou devedora de um grandíssimo favor que me acaba de fazer. Soube pelo tio Thomé, ter sido o Sr. o meu advogado junto ao Presidente do Banco, ali no Rio, para arranjar a minha nomeação para aqui.<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> Informações biográficas cedidas pela Senhora Maria Neide Coelho da Comunidade Josefina Noemia Cabral, localizada na Rua General Sampaio, 1123, Centro – Fortaleza (CE) – CEP: 60020-031. A casa era de Propriedade da Diocese de Fortaleza, mas atualmente pertence às Irmãs Josefinas.

<sup>101</sup> Carta de Noemia Cabral para Capistrano de Abreu datada de 21 de novembro de 1926 – Arquivo do Instituto do Ceará.

Como ele conseguiu essa nomeação? Encontramos, no acervo epistolar de Capistrano depositado no Instituto do Ceará, uma carta do Presidente do Banco do Brasil, de 17 de agosto de 1926, endereçada ao Senhor João Pandiá Calógeras, amigo de Capistrano, na qual aquele afirma que:

Em adiantamento a minha carta de 22 e final resposta a sua carta de 16 do pp, comunico-lhe que a D. Noemia Cabral foi classificada no concurso de Fortaleza. Como de rigor, para as vagas já existentes e as que vão imediatamente ocorrendo são chamadas os candidatos segundo a ordem de classificação, pelo que espero apenas a vez de sua recomendada e vaga na Agência em que deseja servir, para nomeá-la.<sup>102</sup>

Na carta de Noemia Cabral, ela reconhece o valor de Capistrano junto aos seus amigos políticos quando diz: “estou bem convencida do prestígio do Sr. perante esses graúdos políticos e faço votos para que possa sempre se servir dele em favor dos seus patrícios”.<sup>103</sup> Vale ressaltar que a própria correspondente ressalta o seu pioneirismo:

Pode crer que foi uma grande vitória essa alcançada em meu favor. Diante dos obstáculos que o gerente daqui punha à entrada de moças no Banco (pois é a primeira vez que entram moças nesse concurso) a ponto de só lhes permitir a inscrição na última hora e bem perto dos exames, o conseguir-se a nomeação para aqui repito, é verdadeiramente uma vitória!<sup>104</sup>

Encontramos, o historiador Capistrano apresentado pelos biógrafos, como um homem excêntrico, misantropo, que se dedicou quase que exclusivamente ao mundo dos livros. De certa maneira, isso contribuiu para a construção do anedotário em torno da imagem de Capistrano e também para

---

<sup>102</sup> Carta do Presidente do Banco do Brasil para João Pandiá Calógeras datada de 17 de agosto de 1926 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>103</sup> Carta de Noemia Cabral para Capistrano de Abreu datada de 21 de novembro de 1926 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>104</sup> Carta de Noemia Cabral para Capistrano de Abreu datada de 21 de novembro de 1926 – Acervo do Instituto do Ceará.

que em vida ele usasse o espaço das agremiações e da sua correspondência para infundir certa autoridade entre seus amigos e missivistas.

Capistrano dizia sentir-se deslocado de sua época, mas criou diversas estratégias para se inserir no campo intelectual brasileiro. Recusou o convite da Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Pedro II do IHGB, mas freqüentava as reuniões dessa instituição, escrevia artigos para o periódico da mesma e acompanhava o cotidiano do Instituto Histórico. E mais, freqüentava a casa de alguns membros do IHGB e confabulava com os “amigos” pedidos de emprego.

Compreendendo o espaço de socialização desse historiador, principalmente no campo intelectual, percebemos sua atuação e recepção na comunidade letrada do período. Entre essas atuações, destacam-se seus protestos contra o Centenário da Independência (1922) e seus planos de comemoração para o Centenário do Descobrimento (1900), que veremos no tópico seguinte.

## 1.2 Comemorar o descobrimento (1900) e não comemorar a independência (1922).

Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo mantiveram uma correspondência freqüente durante doze anos (1916-1927) e usaram esse suporte para estabelecer trocas culturais entre Brasil e Portugal. As missivas são um espaço de discussão sobre o trabalho de ambos, onde se pode entrever as concordâncias e discordâncias sobre os eventos históricos e as festas cívicas.

A cena cultural luso-brasileira no início do século XX foi marcada pelo diálogo e por uma disputa estabelecida entre intelectuais das duas nações. Essas querelas e as trocas culturais entre brasileiros e portugueses podem ser observadas em revistas, em jornais e também nas epístolas trocadas entre Capistrano e João Lúcio.

Os campos historiográficos, brasileiro e português, têm suas particularidades de formação e legitimação, mas são semelhantes entre si no campo das estratégias de consagração e exclusão dos intelectuais nesse “pequeno mundo das Letras”. Cabe sublinhar que a implementação do regime republicano nos dois países e as discussões em torno da constituição da nacionalidade possibilitou que “os novos cidadãos e, a partir deles, os novos Estado-Nação, ajudassem no processo de profissionalização dos estudos historiográficos porque estes se tornaram cada vez mais úteis para a compreensão da formação da nação”.<sup>105</sup>

Os intelectuais brasileiros passam a estudar o passado da nação para criar formas legítimas de vivenciar a memória histórica da sociedade. Posto que, “fazer história da pátria era antes de tudo um exercício de exaltação. Essa lógica comemorativa se efetivou com a produção de monumentos, medalhas,

---

<sup>105</sup> Segundo Catroga, a história da historiografia mostra à sociedade que a institucionalização e profissionalização da pesquisa e do ensino históricos, bem como a sua conseqüente estatização, não se limitaram a garantir a produção de conhecimentos objetivos, de acordo com a aplicação de critérios tidos por mais científicos (...). Mas o desempenho desse papel ultrapassou os círculos de especialistas, de modo a que os historiadores pudessem contribuir para o enriquecimento da memória coletiva e da memória histórica. Na verdade, o crescimento da sua importância social (e política) foi acompanhado por essas duas conseqüências simultâneas: a produção de conhecimentos científicos (a história como saber) e a difusão de conhecimentos (a história como memória). Cf. CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 51.

hinos, lemas, símbolos e uniformes”.<sup>106</sup> Assim, esses ritos comemorativos desempenham funções instituintes de sociabilidades intelectuais, como no caso do Centenário da Independência Brasileira, em 7 de setembro de 1922, que “oferecia uma boa oportunidade para o aprofundamento das relações entre ambos os países [Brasil e Portugal]”.<sup>107</sup>

Segundo Marly Mota, o Centenário da Independência não se reduz à comemoração de uma data memorável, pois a festa cívica provocou um grande debate e mobilizou os políticos e os intelectuais nas duas nações. Podemos perceber isso na ampla produção de artigos, ensaios e estudos sobre a data magna da nacionalidade brasileira: o 7 de setembro. Foi exatamente esse o título usado por Capistrano no seu artigo publicado em 7 de setembro de 1881 na *Gazeta de Notícias*, 41 anos antes do centenário da Independência do Brasil, onde o autor afirmava que:

O dia que hoje comemoramos radica-se cada vez mais na consciência nacional, e eleva-se na significação, e estende-se em seu alcance. Há anos, era de alguma sorte um fato dinástico, e representava uma dessas rebeliões comuns entre pais e filhos, tendo apenas de particular quase não se ter derramado sangue, e não haver posterior reunião das coroas cindidas. Hoje, à medida que se conhece melhor o passado, e abarca-se mais adequadamente as suas manifestações múltiplas, vê-se que é um dia lógico e coletivo, que teve uma incubação de séculos e teria alvorecido quaisquer que fossem as circunstâncias. (...) Os louvaminheiros podem dizer que sem Pedro I o Brasil estaria ainda dependente e seríamos uma Cuba, boçal, sem impulsos de liberdade, sem sede de vida, sorna, bestial. Mas aos que fizeram do dia de hoje uma era dinástica, a história há de obrigar a comentar o dia 7 de setembro de 1822 à luz do dia 15 de novembro de 1825 em que foi assinada a nossa carta de alforria.<sup>108</sup>

---

<sup>106</sup> SCHWARCZ, 1993, p. 104.

<sup>107</sup> CATROGA, Fernando. **Nação, Mito e Rito**: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal). Fortaleza: NUDOC / Museu do Ceará, 2005, p. 131.

<sup>108</sup> ABREU, Capistrano. Sete de Setembro. In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)**. 4ª série; Org. e prefácio de José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1976, p. 284-287.

A data de 7 de setembro de 1822 ficou vulgarmente conhecida como “O grito do Ipiranga” e foi marcada inicialmente como uma festa monárquica. Apesar de repudiarem a data inicialmente, os republicanos tiveram que revestir a festa com caráter republicano devido a diversos fatores, dentre eles a supremacia de uma leitura monárquica da história brasileira defendendo que a unidade nacional só foi possível pela manutenção da monarquia.

A comemoração do “7 de setembro” prevaleceu, e o centenário da festa trouxe à tona várias discussões em torno da construção da identidade nacional. Era preciso criar legitimidade para a nova nação republicana e estabelecer uma tradição com o passado. Era essencial lembrar, documentar, comemorar e festejar a nação. Para isso, surgem diversas reflexões sobre o passado do país, no intuito de projetar expectativas para o futuro. Entre as aspirações, destaca-se a modernidade da nação brasileira, posto que,

Ser moderna, eis a aspiração que animava a sociedade brasileira às vésperas do Centenário da Independência, momento ímpar não só para a realização de um efetivo balanço das “reais” condições do país, como para a elaboração de projetos que apontassem soluções para a questão nacional.<sup>109</sup>

Nesse clima comemoracionista, o IHGB e seus membros não poderiam ficar de fora e resolvem participar dos debates, organizando e publicando um volume especial sobre esse momento da história brasileira, o *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*. Capistrano, membro da instituição, não foi convidado para escrever nessa obra. Também não freqüentou as sessões comemorativas do centenário da Independência organizadas pela instituição entre os anos de 1921 e 1922, apesar de toda a expectativa criada por ele no começo do ano de 1922, quando afirmou para João Lúcio que o ano da independência ia ser o “ano das produções e realizações”.<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup> MOTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos**: a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro: FGV – CPDOC, 1992, p. 40.

<sup>110</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 9 de maio de 1922. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 246.

Excluído do volume comemorativo do IHGB, Capistrano não quis participar, inicialmente, de outras produções. Em vários trechos da sua correspondência, informa aos amigos que sairá do Rio de Janeiro para não assistir à comemoração da festa da independência brasileira. Em carta a João Lúcio de 23 de julho de 1922, Capistrano escreve: “para não assistir a estas cousas, estou preparando as minhas malas com sentimentos comparáveis aos de Adamastor, a buscar outro mundo aonde não visse...”.<sup>111</sup>

Diante da organização e mobilização do Congresso Internacional de História da América em 1922, promovido pelo Instituto Histórico, Capistrano relata a João Lúcio: “agosto será o mês dos congressos, não quero estar aqui, porque envergonha-me o papel triste que vamos fazer”.<sup>112</sup> Volta a insistir no caso em carta dirigida a Lúcia de Assis Brasil em 29 de junho de 1922: “agosto será o mês dos congressos. Em alguns faremos papel bem triste: não quero assistir”.<sup>113</sup>

O “triste papel” do Brasil no Centenário da Independência também foi apresentado nos jornais e revistas cariocas. A revista *Careta* publicou uma caricatura dos preparativos da festa intitulada “Tristeza do Centenário”, que mostrava um “velho”, desolado, com um livro de história do Brasil, roído por ratos, numa incisiva denúncia da necessidade de se salvar a memória desses cem anos de nação.<sup>114</sup>

Para não assistir a esse “triste papel” do Brasil nos congressos internacionais que faziam parte da festa do centenário, Capistrano sai do Rio de Janeiro. Em carta dirigida a Lúcia de Assis Brasil em 17 de agosto de 1922, revela a razão da viagem: “vim fazer companhia a Jaguaribe. (...) aqui ficarei, fugido de congressos e centenários, até meados de setembro”.<sup>115</sup> Dias antes, em 13 de agosto de 1922, escreve a João Lúcio, informando que saiu do Rio de Janeiro para São Vicente:

<sup>111</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 23 de julho de 1922. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 258.

<sup>112</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 30 de julho de 1922. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 261.

<sup>113</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lúcia de Assis Brasil datada de 29 de junho de 1922. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 99.

<sup>114</sup> Revista *Careta*, XIII (648), 20/11/1920. *apud.* MOTA, 1992, 49.

<sup>115</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lúcia de Assis Brasil datada de 17 de agosto de 1922. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 100.

Vim para São Vicente fazer companhia a um amigo e refugiar-me dos congressos e festas. Creio terão alcançado o apogeu para a semana, com a chegada do presidente português. Poderei então voltar e ver se a excursão aos sertões do Norte em companhia do Arrojado Lisboa, inspector das secas, será exeqüível ou não. Em uma de minhas cartas referi-me a certos folhetos no Rio, de que não aparecem exemplares. Creio existirão em Lisboa, se não a venda, ao menos para se copiarem. Um deles refere-se à revolução da Bahia e tem por autor Francisco Gomes Barreto Montesuma. O exemplar da Bib. Nac. foi roubado. Já li o livro de Oliveira Lima sobre a independência. É interessante, mas esperava cousa melhor.<sup>116</sup>

Sua fuga do Rio de Janeiro já estava programada um ano antes do evento. Em carta de 6 de outubro de 1921, dirigida a João Lúcio, Capistrano comenta a decisão de sair da cidade:

A 22 pretendo partir para São Paulo, a 3 de nov. seguir para Mato Grosso, em companhia de Calógeras, em excursão rápida. Para Pedras Altas não embarcarei antes de março. Desejo estar fora daqui a maior parte do ano que vem. O tal centenário da independência promete uma borracheira a que por modo algum desejo assistir.<sup>117</sup>

Apesar de não participar da coletânea organizada pelo IHGB em homenagem ao centenário da independência, percebemos o quanto Capistrano conhecia da obra, diante dos detalhes que apresenta ao amigo João Lúcio:

No Instituto tratam do famoso *Dicionário*.<sup>118</sup> A introdução parece terá bons capítulos: Teodoro Sampaio tomou a si a geografia física; Basílio Magalhães poderá fornecer uma boa história administrativa, se não se deixar levar pelo positivismo. A parte especial, que esperam publicar antes de Sete de

---

<sup>116</sup> Sobre o relato de sua viagem, ver carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 1 de setembro de 1922. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 261.

<sup>117</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 6 de outubro de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 223.

<sup>118</sup> Refere-se ao Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil.

Setembro, deve alcançar os Estados do Norte até a Paraíba. O resto virá depois.<sup>119</sup>

Capistrano estava acompanhando a produção em torno da Independência, pedindo a João Lúcio que procurasse livros sobre o tema em Portugal. Entretanto, João Lúcio não encontrou nenhuma novidade, o que deixou Capistrano surpreso ao saber que em Portugal não havia sido publicado nenhum trabalho de autores portugueses sobre a independência brasileira até aquela data. Em carta de 13 de maio de 1922, contesta: “não é possível que em Portugal não estejam publicando qualquer trabalho sobre a independência?”.<sup>120</sup> Embora, em carta de 25 de maio de 1919, João Lúcio tivesse informado que “Malheiro Dias veio à Europa com a missão, segundo diz, de coligir materiais e obter colaboradores para uma obra monumental sobre a história do descobrimento e colonização do Brasil pelos portugueses, a ser publicada por ocasião do centenário da Independência”.<sup>121</sup>

Em carta de 18 de agosto de 1922, João Lúcio informa que encontrou um livro sobre a independência do Brasil, de autoria de Antônio Vianna, em uma livraria portuguesa e enviou-lhe imediatamente:

Ontem vi na vidraça de uma livraria o volume de Antônio Vianna sobre a independência do Brasil. Entrei, comprei, trouxe para casa, abri parte da folhas, li umas páginas, e hoje fui pô-lo no correio. Não me pareceu magnífico. Sei pouco da matéria para reconhecer se contêm novidades. V. verá por si, ainda que me parece seria recessiva a sua ansiedade por esta obra, que eu não sabia estava em gestação.<sup>122</sup>

Apesar das críticas aos trabalhos do período, Capistrano estava pesquisando sobre o tema e chegou a confessar que escreveria um artigo sobre o assunto: “também não escapei da independicite. Coisa sem gravidade

---

<sup>119</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 13 de maio do 34º aniversário da Lei Áurea (1922). In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 247.

<sup>120</sup> *Id. Ibidem.*, p. 247.

<sup>121</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 25 de maio de 1919. In: ABREU, v. 3, 1977, p. 229-230.

<sup>122</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 18 de agosto de 1922 – Acervo do Instituto do Ceará.

– uma página apenas do *Estado de S. Paulo*. Felizmente para escrever não preciso de inéditos”.<sup>123</sup>

Por outro lado, afirma que não se interessava pelo tema em carta para Taunay: “não pretendia tocar no assunto porque minha participação não faria falta – é um verdadeiro *curée* do qual faltará carne, não urubus. Além disto não sinto entusiasmo pelo Grito do Ipiranga. Achei porém extravagante a idéia do *Estado*”.<sup>124</sup>

Em carta posterior, datada de 12 de julho de 1922, Capistrano confessa a João Lúcio que vai desistir de escrever o texto para o *Estado de São Paulo*:

Estava preparando um artigo sobre a independência para *O Estado de São Paulo*. Desisti porque meus olhos não vão bem e não posso tomar compromisso a prazo fixo. Não deixarei, porém, o assunto de parte, e mais cedo ou mais tarde pretendo fazer algo.<sup>125</sup>

Quando Martim Francisco lhe pede que escreva um texto sobre a Independência, Capistrano retruca: “sou eu quem deve escrever sobre a Independência enquanto ficarias de palanque no papel cômodo de juiz de chegada? Tão tolo não sou eu. Não podia escrever sobre a Independência porque não a entendo”.<sup>126</sup>

As produções em torno da festa nacional se multiplicaram. Foi publicado o livro de ouro comemorativo do Centenário da Independência (Anuário do Brasil), e Capistrano reproduziu um artigo seu, primeiramente publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1908) intitulado *Vaz de Caminha e sua Carta*,<sup>127</sup> onde faz um estudo crítico sobre as

<sup>123</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 04 de julho de 1922. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 253.

<sup>124</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 26 de abril de 1922. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 329.

<sup>125</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 12 de julho de 1922. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 256.

<sup>126</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Martim Francisco datada de 25 de setembro de 1922. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 89.

<sup>127</sup> ABREU, Capistrano. *Vaz de Caminha e sua carta*. In: **O Descobrimento do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 179-191.

várias edições da carta e fornece alguns dados biográficos de Pero Vaz de Caminha, temática referente ao Descobrimento e não sobre a Independência.

Apesar de ter “fugido” do Rio de Janeiro durante as comemorações do centenário de 1922, essas festas cívicas mobilizaram Capistrano durante sua trajetória intelectual. Alguns anos antes, o Centenário do Descobrimento, em 1900, e o centenário de sua terra natal, o Ceará, em 1903, também lhe renderam artigos e pesquisas de documentos.

Capistrano não participou ativamente das comemorações organizadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em torno do Centenário da Independência em 1922, mas empenhou-se ativamente nas comemorações em torno do Centenário do Descobrimento em 1900.

Participou de nove das vinte e sete sessões do IHGB no ano de 1900. Já em 1922, não freqüentou nenhuma sessão promovida pela instituição. Não foi à sessão comemorativa do centenário no dia 22 de abril de 1900, mas assistiu a outras sessões, nas quais houve a leitura de três trabalhos em torno da temática do Descobrimento do Brasil: *A armada de Cabral e a Descoberta do Brasil*, do Capitão Tenente Carlos Vidal de Oliveira Freitas, na sessão de 27 de abril de 1900; *A Demonstração da entrada de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro*, do Almirante Ignácio Joaquim da Fonseca, na sessão de 25 de maio de 1900; por último, *A América e seu Descobridor*, de Nunes Pires, na sessão de 23 de outubro de 1900 (data de seu aniversário).<sup>128</sup>

João Lúcio também participou dos preparativos para a comemoração do IV Centenário do Descobrimento do Brasil,<sup>129</sup> organizado pelo Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Pará, do qual é sócio fundador. O IHGP promoveu uma sessão cívica realizada no Teatro da Paz, na cidade de Belém, no dia 3 de maio de 1900, coincidindo com a fundação do mesmo instituto, com discursos pronunciados pelo 1º vice-presidente, Henrique Américo Santa Rosa, e pelo orador oficial, José Olyntho Barroso Rabello.

Não consta a participação de João Lúcio nas comemorações organizadas pelo IHGB. Capistrano não foi convidado pelo IHGB para fazer uma conferência nas festas do Centenário do Descobrimento, embora fosse

---

<sup>128</sup> Atas das sessões do ano de 1900. **RIHGB**. t. 63. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901, p. 435-522.

<sup>129</sup> Ata de fundação do IHGP. **Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Pará**. t. 1. Belém: Imprensa Oficial, 1900, p. 3.

um “especialista” na temática e pesquisasse sobre o tema do Descobrimento do Brasil desde sua entrada na Biblioteca Nacional em 1879. Em 1883, apresentou a tese *o Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI* para o concurso de professor de História do Brasil no Imperial Colégio Pedro II. Contudo, Capistrano publicou um documento na *Revista Trimestral do IHGB*, como relata Hélio Viana:

Ainda no mesmo ano ofereceu Capistrano ao Instituto Histórico, para publicação em sua Revista, uma cópia de consulta do Conselho Ultramarino, feita no Arquivo Nacional e confrontada com o original existente na Torre do Tombo, em Lisboa. Trata, esse “Subsídio para a História das Minas”, de 1677, de papéis relativos a Jorge Soares de Macedo, interessantes às minas de Itabiana e Paranaguá e ao estabelecimento dos luso-brasileiros no Rio da Prata.<sup>130</sup>

Em 1901, na nota biobibliográfica enviada ao amigo Barão de Studart, já mencionada, Capistrano fala da sua produção no Centenário do Descobrimento:

No Livro do Centenário fui encarregado de tratar do descobrimento do Brasil, povoamento do solo, organização política e administrativa, evolução social. Escrevi a primeira parte; mas não estou disposto a escrever o resto, porque não me pagaram.<sup>131</sup>

Apesar de ter declarado que não ia escrever o trabalho, Capistrano escreveu uma memória intitulada *O descobrimento do Brasil - povoamento do solo - evolução social*,<sup>132</sup> inserta no *Livro do Centenário (1500-1900)*<sup>133</sup>

---

<sup>130</sup> VIANA, Hélio. Ensaio Biobibliográfico. In: ABREU, Capistrano. **O Descobrimento do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. VII-LXXVII.

<sup>131</sup> Nota biobibliográfica anexa à carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 18 de agosto de 1901. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 152.

<sup>132</sup> ABREU, Capistrano. *O Descobrimento do Brasil - o povoamento do solo - a evolução social*. In: **O descobrimento do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 121-177. (Temas Brasileiros).

<sup>133</sup> Livro do Centenário (1500-1900). v. I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

publicado pela Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil.<sup>134</sup>

Além da tese do concurso e da memória escrita para o Livro do Centenário, Capistrano retomou o tema da tese e publicou um opúsculo editado pela casa Laemmert em 1900, intitulado *Descobrimento do Brasil pelos Portugueses*,<sup>135</sup> em comemoração ao centenário do Descobrimento do Brasil. Esse texto era uma reprodução ampliada do artigo publicado no *Jornal do Comércio* em 3 de maio de 1900 com o mesmo título. No início do ano, em 24 de janeiro de 1900, Capistrano tinha escrito outro artigo no *Jornal do Comércio* intitulado *Sólis e primeiras explorações*.<sup>136</sup>

Capistrano produziu muitos textos nesse ano de 1900. Esses trabalhos estavam sendo preparados com antecedência, como relata em carta de 9 de outubro de 1899: “estou às voltas com a minha memória para o Centenário: faltam menos de três meses, e nada tenho feito, e não sei que par de botas sairá”.<sup>137</sup> Embora não tenha feito nenhuma conferência no IHGB, outras instituições solicitaram que Capistrano escrevesse trabalhos sobre a data para publicarem em seus periódicos, como a Sociedade Portuguesa de Beneficência de Piracicaba, que informa ao historiador que a diretoria resolveu celebrar o quarto centenário da descoberta do Brasil com uma “poliantéia comemorativa”, na qual apareçam artigos dos vultos literário do Brasil e de Portugal e convoca Capistrano: “cumpro a grata incumbência de dirigir-me a V. Ex<sup>a</sup>. pedindo-lhe

---

<sup>134</sup> Capistrano de Abreu publicou dois textos sobre o Descobrimento do Brasil, um escrito em 1883, tese de docência apresentada no Colégio Pedro II, e outro em 1900 para o *Livro do Centenário*. De acordo com Ricardo Benzaquen, “os dois trabalhos discutem exatamente o mesmo tema e, o que é mais interessante, não apresentam muitas divergências em relação às questões mais substantivas, apesar da distância que separa as suas datas de edição. (...) os dois estudos são redigidos em estilos inteiramente diferentes, apresentando um contraste que precisa ser melhor explorado. Enquanto o segundo texto aborda a descoberta do Brasil dentro da forma narrativa, forma em que os livros escritos a partir da concepção moderna de história costumam habitualmente se expressar, a tese de concurso aproxima-se da mesma questão de maneira totalmente distinta, não-narrativa, quase como se Capistrano estivesse explicitando para o leitor uma etapa da pesquisa histórica que geralmente lhe é ocultada: a etapa da crítica da documentação”. Cf. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, v. 1, n.1., 1988, p. 34-35.

<sup>135</sup> ABREU, Capistrano. **O Descobrimento do Brasil**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900.

<sup>136</sup> ABREU, Capistrano. *Sólis e as primeiras explorações*. In: **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/ Brigueit, 1960, p. 11-27.

<sup>137</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Domício da Gama datada de 9 de outubro de 1899. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 378.

nos honre com a sua colaboração”.<sup>138</sup> O Liceu Literário Português também solicitou a participação de Capistrano, como relata Hélio Viana:

A passagem do quarto centenário do descobrimento do Brasil motivou a publicação, pelo Liceu Literário Português, do Rio de Janeiro, de um inédito valioso, embora incompleto, a *História Topográfica e Bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata*, do setecentista carioca Simão Pereira de Sá. Encarregado de prefaciá-lo, escreveu Capistrano magnífico ensaio “Sobre a Colônia do Sacramento”, terminando-o por conclusões muito pessimistas, relativas ao Uruguai e ao Rio Grande do Sul.<sup>139</sup>

Capistrano continuou produzindo sobre o tema e organizou uma coleção intitulada: *Monografias Brasileiras*, cujo objetivo, nas palavras do historiador, era “preparar o centenário do descobrimento do Brasil, o que quer dizer que admite quanto trabalho original lhe for oferecido sobre o Brasil”.<sup>140</sup> Na coleção foi publicada uma variedade de livros sobre o Brasil como, por exemplo: *A História do Governo Provisório* de Rui Barbosa; *A caça e a Pescaria no Sul do Brasil* de Travassos; *Legislação Federal e Estadual* de Macedo Soares; *Geologia e Geografia Física do Brasil* de Derby; *Flora Amazônica* de Barbosa Rodrigues; *Folclore* de Sílvio Romero, entre outros.

O Centenário do Descobrimento não atingiu as expectativas de Capistrano, posto que dois anos antes, em 1898, ele foi afastado do Ginásio Nacional, e a cadeira que lecionava de História do Brasil foi excluída do programa escolar. Sua decepção foi grande, mas ele não perdia a ironia e chegou a afirmar que, sem professor de História do Brasil, “não se podia acabar o centenário de modo mais expressivo”.<sup>141</sup>

---

<sup>138</sup> Carta de Augusto Salgado para Capistrano de Abreu datada de 16 de fevereiro de 1900. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 293.

<sup>139</sup> VIANA, 1999, p. XXXI.

<sup>140</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Assis Brasil datada de 23 de janeiro de 1893. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 33.

<sup>141</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Domingos Jaguaribe sem data. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 32.

Somente um povo conhecedor de sua história acudirá as comemorações.<sup>142</sup> Para Capistrano, escrever e participar das comemorações dos centenários só seria possível se o processo histórico que envolvia aquele evento fosse compreendido. Para ele, o acontecimento-fato era mais importante do que acontecimento-comemoração.

Cabe sublinhar, por outro lado, que as datas comemorativas estavam intrinsecamente ligadas ao cotidiano de Capistrano, posto que costumava datar sua correspondência com os amigos, e em particular com João Lúcio, recorrendo a efemérides. Essas datas eram relacionadas às festas religiosas ou festas nacionais. As cartas para João Lúcio eram marcadas com diversas datas, entre elas: “sexta-feira da paixão”, “conversão de São Paulo”, “sábado de aleluia”, “quinta-feira da ascensão”, “dia de São Sebastião”, “dia de Santo Antônio”, “dia de São José”, “véspera de São João”, “Solstício de 1917”, “Oitava da Bastilha”, “aniversário da morte de Jerônimo de Albuquerque (11/02/1920)”, “371º aniversário de Tomé de Souza (29-03-1920)”, “Cinque Maggio (morte de Napoleão em 05-05-1821)”, “Oitava do Ano Bom”, “34º Aniversário da Lei Áurea”, “Independence Day”, “dia da Bandeira”, “Oitava de Tiradentes”, “Oitava da Constituição”, “dia do Ventre Livre”, “segunda-feira Gorda”, “dia das Mentiras”, “dia (não oficial) dos Descobrimentos”. Ele caçoava, às vezes, indicando a data como “véspera da soltura dos diabos” ou “dia em que os diabos andam soltos”.<sup>143</sup>

Embora não tenha participado da organização dos eventos e das festas comemorativas em torno dos Centenários, as datas e os fatos comemorados eram discutidos com os amigos nas suas epístolas. O Descobrimento do Brasil era um tema que despertava o interesse de Capistrano. Talvez, por isso, tenha se envolvido numa polêmica sobre a temática com João Lúcio. Em carta de 11 de novembro de 1920, Capistrano interpela o amigo sobre as produções em torno desse assunto em Portugal:

<sup>142</sup> CATROGA, Fernando. Ritualizações da história. In: \_\_\_\_\_; TORRAL, Luís Reis e MENDES, José Amado. **História da história em Portugal, séculos XIX e XX**. v. 2. Lisboa: Temas & Debates, 1998, p. 237.

<sup>143</sup> As datas inusitadas das cartas de Capistrano de Abreu foram coletadas na correspondência publicada em: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 44, 89, 99, 144, 193, 250, 272, 333, 60, 383, 147, 152, 159, 233, 248, 254, 268, 275, 290, 309, 269, 295, 299, 339, 307.

Na história monumental, que aí planejam, é possível que reste algum espaço deixado livre pela prioridade nos descobrimentos dos portugueses, pela não-casualidade no descobrimento de Cabral, e alguém se incumbisse de investigar o período: Braamcamp, Baião, Azevedo podem ter encontrado qualquer novidade. Tomara que assim seja.<sup>144</sup>

João Lúcio defendia a tese da casualidade do descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral. Buscava, inclusive apresentar ao amigo alguns documentos que comprovassem sua tese, como neste caso:

Vieram-me às mãos as “Cartas de Filipe Sasseti”, florentino que esteve em Lisboa, e foi à Índia, no tempo do rei D. Henrique. Não sei se conhece. Em Portugal a obra tem sido vista de poucos. Tão interessante como a de Pyrart. Muito noticiosa sobre Lisboa e Cochim. O homem, indo para a Índia, tornou do caminho porque o piloto, afastando-se muito para Oeste, foi parar aos Abrolhos, daí, não podendo vencer os ventos ponteiros, regressou a Portugal, e o florentino repetiu depois com mais fortuna a viagem. Morreu em Goa. A arribada pareceu-me uma prova mais do que foi casual a escala de Cabral pela costa do Brasil. O que sucedeu em 1581, e tinha sucedido antes a outro, podia bem acontecer em 1500, o livro creio ser de muita raridade; ainda que o esteja lendo em edição de 1880.<sup>145</sup>

Entretanto, Capistrano continuava dissuadindo o amigo de tal concepção, afirmando que o descobrimento tinha sido intencional:

Não sei o que se possa opor a suas idéias sobre a viagem de Cabral. Mas hoje é artigo de fé que o descobrimento do Brasil foi proposital, e que fazer? Quem pensar o contrário é filho de cachorro pelado (Ceará). Em carta a Elísio de Carvalho, Cortesão anuncia dois volumes provando que Portugal antecedeu todos os povos no caminho dos descobrimentos. Precederia também os normandos? Quando me lembro que a história do Brasil não tem

---

<sup>144</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 11 de novembro de 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 185.

<sup>145</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 12 de outubro de 1924 – Acervo Instituto do Ceará.

quase um capítulo apurado, parecem de importância somenos estas questões.<sup>146</sup>

João Lúcio retrucava: “o descobrimento casualmente feito por Cabral, a quem os ventos impeliram até junto da Costa. Depois que li o Sasseti nunca mais tive dúvidas. No Esmeraldo não acho razão para mudar de idéia”.<sup>147</sup> A questão parecia invencível para ambos os lados. Mas, em carta datada de 17 de agosto, Capistrano afirma: “alegro-me ver que V. não acredita no descobrimento proposital de Pedro Álvares. Depois de ter falecido em S. Paulo um conhecedor e amante da nossa história, chamado Haddock Lobo, pensava ser o único a assim pensar. Ainda bem que V. não me deixa mal”.<sup>148</sup>

Passado o 4º Centenário do Descobrimento (1900), quase vinte anos depois, encontramos Capistrano “desprestigiando” o Centenário da Independência (1922), posto que chegou a confessar a alguns amigos que os intelectuais brasileiros iriam representar mal o Brasil, assim resolveu sair da cidade nos dias da comemoração. Entretanto, escreveu sobre o tema, discutiu a temática com os amigos e ficou acompanhando a festa pelos jornais e pelas missivas.

No programa da festa do Centenário da Independência, destaca-se também, no âmbito político, a visita ao Brasil do Presidente da República Portuguesa Antônio José de Almeida, a edição de uma medalha comemorativa e a realização do primeiro vôo de Lisboa ao Rio de Janeiro. Sobre a visita do presidente português ao Brasil, em missiva de 12 de agosto de 1922, João Lúcio noticia:

A 18 parte o presidente Antônio José para assistir o 7 de setembro no Rio. É um passador oco, absolutamente ignorante, com pretensão de falar bonito. Politicamente uma nulidade. Só tem a recomendá-lo a probidade pessoal e o desinteresse, mas isso não basta ao chefe de uma nação, que uma horda de politicantes rapinadores atirou à ruína. Ele não corre, mas ouve-se o trabalhar

---

<sup>146</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de *Cinque Maggio*, 1924. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 300.

<sup>147</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 02 de maio de 1926 – Acervo Instituto do Ceará.

<sup>148</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 17 de agosto (não consta o ano). In: ABREU, v. 2, 1977, p. 361.

das mandíbulas dos que devoram a sua sombra. A exposição tem sido pretexto para belas digestões ou indigestões.<sup>149</sup>

Em carta posterior, datada de 18 de agosto de 1922, João Lúcio afirma que a visita do presidente português na festa da independência brasileira tinha um pretexto político:

O nosso famoso Antônio José parte, dizem, no dia 21. Se ele fosse capaz de conversar em assuntos financeiros, seria curioso assistir ao que ele e Eptácio diriam sobre os câmbios. Grande patriota, o nosso Presidente deve ter orgulho do que se tem feito para deixar o Brasil na bagagem; no ano 100 da independência Eptácio apenas arvora a taxa de 7½; a pátria velha as tenta agora 3½, e, na opinião de banqueiros abalizados, caminhamos infalivelmente para 2. O escudo republicano inveja as Marcas e as Coroas, e tem aspirações à gloriosa situação do Rabelo. Até onde chegaremos com a inépcia dos que governam, ninguém pode prever. Ainda pensam em empréstimos no estrangeiro. Foi uma comissão a Inglaterra à procura de um milhão de libras, e voltou bredomille [sic], panema [sic], creio que se diz em nossa terra. Panema [sic] voltará provavelmente o ministro do exterior capadócio de grande gula que leva um projeto de convenção comercial com o Brasil, para negociá-lo, aproveitando o entusiasmo pelos aviadores.<sup>150</sup>

O encontro dos presidentes português e brasileiro no ano da Independência trouxe inúmeras polêmicas, principalmente em relação ao aumento do Câmbio. Para Capistrano, o aumento era percebido um ano antes por “causa do aumento dos preços dos livros”.<sup>151</sup> Entretanto, o grande acontecimento polêmico do centenário foi a visita dos aviadores. Segundo Fernando Catroga,<sup>152</sup> em Portugal, a viagem dos aviadores portugueses ao Rio de Janeiro foi mais noticiada do que a festa da independência brasileira ou os

---

<sup>149</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 12 de agosto de 1922 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>150</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 18 de agosto de 1922 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>151</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada do dia de S. Marcos de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 208.

<sup>152</sup> CATROGA, 2005, p. 133.

acordos comerciais assinados entre os países, sendo celebrada pelos lusitanos como um reavivamento dos tempos da expansão marítima, ou mesmo, “uma redescoberta do Brasil em um Hidroavião”.<sup>153</sup>

Com efeito, desde a Independência política e econômica do Brasil e principalmente com a proclamação da República brasileira (1889), houve diversas relações diplomáticas embaraçosas,<sup>154</sup> principalmente ocasionados por distanciamentos e disputas entre os dois países. O que não implica num rompimento geral dos vínculos culturais estabelecidos desde o período colonial, quando brasileiros atravessavam o Atlântico para diplomarem-se nas universidades portuguesas, participando inclusive de suas academias científicas.<sup>155</sup>

Leonardo do Nascimento<sup>156</sup> afirma que as duas nações foram marcadas por uma Geração de 1870, influenciada por inúmeras teorias positivistas, evolucionistas e cientificistas da época. Além de alguns intelectuais se envolverem também em lutas pela implantação da República nos dois países. As produções literárias e historiográficas desses intelectuais tiveram desdobramentos políticos em um e outro país, como no caso de Oliveira Martins, que escreveu e interpretou a história brasileira, e de José Veríssimo e Silvio Romero, que escreveram sobre Portugal.

Podemos mencionar, nesse sentido, as disputas de legitimação no campo do conhecimento e da escrita da história entre Portugueses e Brasileiros. João Lúcio escreveu um artigo para a *Revista de História*, bastante preocupado com as relações intelectuais entre os dois países e em verificar se

---

<sup>153</sup> CATROGA, 1998, p. 245.

<sup>154</sup> Para um aprofundamento do caso: TENGARRINHA, José (Org.). **História de Portugal**. 2. ed. São Paulo: Edusc/ UNESP; Portugal, PT: Instituto Camões, 2001.; LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (Orgs.). **A missão Portuguesa: rotas entrecruzadas**. São Paulo: UNESP; Bauru: EDUSC, 2003.

<sup>155</sup> Sobre a formação de brasileiros em Portugal: CAVALCANTE, Berenice. Iluminismo e tradição: considerações acerca de um “letrado” luso-brasileiro. **Leituras**: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa. v.3, n. 6, 2000, abril - out, p. 173-193.

<sup>156</sup> Cf. NASCIMENTO, José Leonardo de. História da Cultura, da Historiografia, das Idéias e da Arte / Brasil: final do século XIX e início do século XX. In: ARRUDA, José Jobson e FONSECA, Luís Adão da (Orgs.). **Brasil - Portugal: História, agenda para o milênio**. São Paulo: EDUSC/ FAPESP; Portugal, PT: ICCTI, 2001, p. 81.

“realmente existe no Brasil a idéia de que este país seja propriamente uma colônia mental de Portugal”.<sup>157</sup>

O fato de o Brasil ser ou não uma colônia mental de Portugal gerou polêmicas entre muitos intelectuais brasileiros. Para evidenciar a autonomia intelectual brasileira, acabaram se afastando das relações intelectuais com Portugal, a ponto de Joaquim Nambuco afirmar em uma sessão da Academia Brasileira de Letras que “Portugal tem muito pouco de primeira mão que lhe queiramos tomar, uns e outros nos fornecemos de idéias, de erudição e pontos de vista nos fabricantes de Paris, de Londres e Berlim”.<sup>158</sup> Sílvio Romero, ao escrever uma resenha crítica ao trabalho do português Teófilo Braga, afirmou que “apesar de seus arrojamentos gratuitos, tem mais senso crítico do que o geral dos seus compatriotas”.<sup>159</sup>

O Centenário da Independência provocou várias reflexões sobre a nação brasileira, e os brasileiros passaram a concorrer com a produção intelectual portuguesa, tentando criar um saber próprio do país e procurando apresentar obras imersas nas discussões contemporâneas européias. Um exemplo dessa produção é a obra *Sintaxe do Português Histórico*, do filólogo Manuel Said Ali Ida, amigo e correspondente de Capistrano de Abreu, que tencionava mostrar a originalidade e a diferença da língua brasileira. Sobre essa obra, Capistrano escreveu em carta ao amigo Paulo Prado, de 8 de janeiro de 1922, afirmando: “não me admirará se em Portugal ficarem bestializados com a Sintaxe: mesmo Epifânio, cuja obra póstuma possui valor incontestável, não acompanhou a marcha da ciência”.<sup>160</sup>

Conforme Élio Serpa, essas discussões em torno da língua nacional no Brasil incomodaram os lusitanos, posto que:

Para a intelectualidade portuguesa parecia estar acontecendo uma segunda independência do Brasil quando seus intelectuais se debruçavam na discussão sobre a criação de uma língua brasileira, principalmente no que se

---

<sup>157</sup> AZEVEDO, João Lúcio de. América Latina e América Inglesa. **Revista de História**, n. 11, jul/set, 1914, p. 93.

<sup>158</sup> NAMBUCO, Joaquim. Academia Brasileira de Letras. In: **Escritos e discursos literários**. São Paulo: Nacional; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939, p. 201.

<sup>159</sup> ROMERO, Sílvio. A Literatura Brasileira: suas relações com a portuguesa; o Realismo. **Revista Brasileira**, ano 1, t. 2, 1879, p. 281.

<sup>160</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado de 8 de janeiro de 1922. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 412.

refere às pesquisas em torno do brasileiro e da criação de uma literatura genuinamente nacional.<sup>161</sup>

Essa disputa por autonomia científica gerou polêmicas entre brasileiros e portugueses. Segundo Marçal de Menezes, “a polêmica<sup>162</sup> era a pulsão da atividade cultural na sociedade portuguesa e foi a marca do relacionamento entre os intelectuais luso-brasileiros do final do século XIX até início do XX”. A correspondência desses dois intelectuais, Capistrano e João Lúcio, possibilita-nos entremear essas trocas culturais, nos aspectos concernentes à produção, à circulação e recepção de idéias entre Brasil e Portugal a partir de um relato particular.

João Lúcio, em uma de suas cartas para Capistrano, chega a afirmar que os portugueses “estavam separados desse país [Brasil] como do antigo Egito e da Assíria”.<sup>163</sup> Em outra carta, de 18 de agosto de 1922, João Lúcio enfoca a contribuição de portugueses nas produções sobre a independência brasileira

Há dias fui consultado sobre quem seria a pessoa habilitada em História do Brasil, para com Duarte Leite e Malheiros Dias representar Portugal no congresso de História. Respondi que não conhecia ninguém idôneo, com conhecimento quer da história colonial, quer da posterior à independência.<sup>164</sup>

Essas declarações nos sugerem certa dificuldade de realizar intercâmbios intelectuais entre as duas nações, o que pode indicar, em parte, o restrito conhecimento dos portugueses sobre a vida intelectual brasileira.

---

<sup>161</sup> Cf. SERPA, Élio. Portugal no Brasil: a escrita dos irmãos desavindos. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, n. 39, p. 81, 2000.

<sup>162</sup> Sobre a questão das polêmicas envolvendo escritores brasileiros e portugueses. Cf. PAREDES, Marçal de Menezes. A Querela dos originais: notas sobre a polêmica entre Silvio Romero e Teófilo Braga. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 2, 2006, p. 103-119.

<sup>163</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 25 de Novembro de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>164</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 18 de agosto de 1922 – Acervo do Instituto do Ceará.

Sampaio Bruno em seu livro *Brasil Mental*,<sup>165</sup> publicado em 1898, escreve, por exemplo, sobre as relações intelectuais luso-brasileiras, fazendo um balanço desse “alheamento” intelectual que Portugal tinha do Brasil.

Entretanto, as cartas trocadas entre Capistrano e João Lúcio mostram a vontade dos dois de promover intercâmbios. Em carta de 24 de Janeiro de 1926, João Lúcio pede ao amigo brasileiro que escreva textos para circularem em Portugal:

Recebi ontem carta de Joaquim Carvalho, Diretor da Imprensa da Universidade, lamentando que do Brasil só haja um colaborador, Rocha Pombo, para o volume de homenagem a D. Carolina Michaelis. É lástima que você não mande o artigo que tinha em vista fazer, e de que me falou. Seria o meio de nossos eruditos conhecerem um escritor que honra as letras e a ciência histórica na língua comum. Com boa vontade ainda seria tempo de mandar o seu concurso, porque a impressão caminha vagamente. Vou agora preparar e enviar o meu capítulo.<sup>166</sup>

Capistrano retruca o convite, com certa ironia, falando dos intelectuais portugueses e da produção do período:

Felizmente, apesar de tudo, intelectualmente Portugal progride: faltam-lhe agora nomes retumbantes como o de Herculano, mas o nível geral é superior e já se pode ler mais do que romances, solares, etc. O livro de Fidelino de Figueiredo, a reeditar, inspira-se, segundo uma impressão talvez falsa, no Brunetière. Não gosto do modelo, e não sei se a literatura portuguesa dá para uma história. Havia tão pouco quem escrevesse! Havia tão pouco quem lesse! Originalidade só se podia ter por contrabando, e não havia maior garbo do que estar mostrando a imitação perene.<sup>167</sup>

<sup>165</sup> De acordo com Élio Serpa, “Sampaio Bruno, qualificado como filósofo português, publicou um livro, em 1898, intitulado *Brasil Mental*, mostrando a complexidade das relações entre Portugal, Espanha, Inglaterra e Brasil, no final do século XIX e início do século XX. Argumentou que sua preocupação ia no sentido de avaliar o desconhecimento que Portugal tinha do Brasil”. Cf. SERPA, 2000, p. 73.

<sup>166</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 24 de janeiro de 1926 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>167</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de Oitava de S. João, 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 163.

Essa preocupação com a “originalidade” e o ineditismo era muito cara a Capistrano, posto que os temas analisados em seus trabalhos não eram muito abordados pelos estudiosos do período; por isso voltou sua atenção para os séculos XVI e XVII. Esse período da história brasileira, ele considerava fundamental para entender o processo de formação da nação. Isso pode ser percebido na sua correspondência:

Afrânio vai editar para o Alves uma *Cultura Brasileira* no gênero de uma que se publica em Buenos Aires. Quer que me encarregue da *Cultura Brasileira* no século XVI. Nos processos da Inquisição encontro elementos preciosíssimos e indispensáveis. V. [Paulo Prado] poderia enviá-los, bem como o 2º volume do Morley, pelo Michel Calógeras, que deve estar aí. Tenho pensado na tal *Cultura* e pretendo trabalhar nela em setembro, quando tornar a Caxambu. Se sair como imagino, ficará original.<sup>168</sup>

Nessa procura pela originalidade, Capistrano procurava fazer trabalhos diferentes. Em seu livro *Capítulos de História Colonial*,<sup>169</sup> resolveu excluir o movimento da Inconfidência Mineira de seu livro. Esse era um evento bastante festejado pelos historiadores da época principalmente depois da proclamação da República, gerando polêmica na festa do Centenário da Independência em 1922. Segundo Capistrano de Abreu, a Inconfidência era um episódio relativo à história intelectual e não deveria figurar num estudo sobre a colônia brasileira. Considerava ser esse um fato isolado sem repercussões efetivas na vida do povo.

O movimento republicano sentiu a necessidade de construir símbolos para a República brasileira. A luta em torno dos mitos culminou com a eleição de Tiradentes como o “verdadeiro herói republicano” que representaria a identidade nacional. Segundo José Murilo de Carvalho,

A aceitação de Tiradentes veio, assim, acompanhada de sua transformação em herói nacional, mais do que em herói republicano. Unia o país através do espaço, do tempo, das classes. Para isso, sua imagem precisava ser

---

<sup>168</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada de 18 de maio de 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 399.

<sup>169</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 9 de setembro de 1915. In: ABREU, v. 1, 1977, p. 241.

idealizada, como de fato o foi. O processo foi facilitado por não ter a história registrado nenhum retrato, nenhuma descrição sua. Restaram apenas algumas indicações nos autos.<sup>170</sup>

Em carta a Mário de Alencar datada de 9 de setembro de 1915, Capistrano se opõe a esses esforços de construir e propagar na memória coletiva a imagem idealizada desse herói:

Na Suíça, li algures, é proibido hoje nas escolas públicas introduzir a história de Wilhelm Tell, depois da crítica histórica ter demonstrado sua inanidade. Por que, tendo estudado o depoimento de Tiradentes e a sentença da alçada, sou obrigado a repetir a versão corrente e a colocá-lo no Panteon? Nunca escrevi sobre ele, nos *Capítulos*, dada à escala, não entrou porque não cabia: tenho emitido minha opinião em conversa: é tão fácil derrubar o que não chega a ser granito.<sup>171</sup>

Essa opção por excluir o movimento da inconfidência de seu livro pode ser visto também como uma busca pela “originalidade” nos trabalhos históricos, um critério adotado nas obras de Capistrano. Assim, ele preteriu a história de Tiradentes, mas escreveu sobre os caminhos e a ocupação do sertão com a pecuária, tema até então desconsiderado por outros historiadores.

O mais importante não era somente a originalidade, mas também a significação do fato no processo histórico. Na correspondência com João Lúcio, procurava discutir os fatos, ler a produção de escritores brasileiros e/ou portugueses sobre o assunto, traçando comentários acerca do material produzido nesses países. Numa carta enviada a João Lúcio, Capistrano fala de seu contato com o historiador português Antônio Sérgio, diretor da *Revista Renascença*, com quem trocou apenas ligeiras palavras, posto que se encontraram apenas duas vezes. Mas foi tempo suficiente para deixar impressões simpáticas em Capistrano, afirmando que o referido diretor “não é

---

<sup>170</sup> Cf. CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 71.

<sup>171</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 9 de setembro de 1915. In: ABREU, v. 1, 1977, p. 241.

monárquico nem católico. Isto em português que se dedica à história é princípio de sabedoria”.<sup>172</sup>

Nas cartas, encontramos vários epítetos e apreciações mencionadas pelos dois historiadores sobre seus conterrâneos, onde percebemos uma disputa entre os intelectuais dos dois países. Em carta de 15 de dezembro de 1920, Capistrano afirma que os membros do IHGB chamam os portugueses de “mondrongo”,<sup>173</sup> mas João Lúcio desconhecia o epíteto. Em outro trecho da carta, Capistrano explica que a palavra significa uma “coisa desaprumada e chabouqueira”. João Lúcio concorda com as críticas e também critica os estudiosos portugueses, falando da inércia dos sócios da Academia de Ciências de Lisboa, que raramente concorrem às sessões e que do “Brasil moderno tudo ignoram e do antigo sabem somente que o descobriu Pedro Álvares Cabral em 1500”.<sup>174</sup>

Em outra carta, João Lúcio retoma as críticas aos estudiosos portugueses da Academia de Ciências de Lisboa:

O editor Estêves Pereira é o sujeito que, tendo-lhe eu oferecido o 1º volume do Antônio Vieira me perguntou por que não chamava, a este, padre, no título, e se eu não sabia ter ele sido missionário. Dizem que é doutor em língua abexim, muito apreciado por especialistas; re-traduz para português traduções do sânscrito, e faz preleções com ciência de artigos de enciclopédia quando lê qualquer coisa na Academia. O modo como escreve o português mostra quanto é acanhado de idéias. Mas neste país de mediocridade e dentro de uma Academia sem sábios, ele, sempre pronto

---

<sup>172</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 28 de janeiro de 1921. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 194.

<sup>173</sup> Segundo Capistrano de Abreu, mondrongo é o último epíteto pelo qual se designam os portugueses no Brasil (Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 15 de dezembro de 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 187) Em outra carta, explica o termo para João Lúcio: “a origem da palavra mondrongo não conheço: ouvi-a pela primeira vez na boca de Taunay. Dá-me a impressão de qualquer coisa desaprumada, chabouqueira – não se usam em Portugal, ouvi-a muitas vezes, quando menino no Ceará”. (Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 28 de janeiro de 1921. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 195.).

<sup>174</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 25 de maio de 1919. In: ABREU, v. 3, 1977, p. 230.

para o trabalho, é figura de representação. Tanto mais que tem a especialidade das línguas orientais.<sup>175</sup>

Podemos perceber como as posições ocupadas por João Lúcio e Capistrano no campo intelectual de seus países de origem os colocaram como críticos desse mesmo campo, atuando ativamente no meio intelectual luso-brasileiro, seja nas suas produções ou na crítica às festas cívicas.

Segundo Catroga, as festas cívicas eram lições vivas de memorização e formas ritualísticas de evocar o passado nacional. O povo português se deliciava diante do comemoracionismo nacionalista promovido pelo Governo. João Lúcio relata, em carta de 12 de outubro de 1924, dirigida a Capistrano, como a religião, o patriotismo, o culto e a admiração aos heróis nacionais estavam presentes no imaginário do ser humano:

Cheguei à semana passada de Lourdes, Pau e Biarritz. Vim de Lourdes envergonhado de pertencer a uma espécie zoológica, em que, após tantos séculos de pseudo-civilização, são possíveis semelhantes espetáculos. A propaganda durante a guerra desvendou-me profundezas, que não suspeitava da imbecilidade humana. Lourdes agravou-me a impressão. Lembrei-me lá da cena de “Lolambó” em que as mães levavam as crianças para serem abrasadas no seio de moloch. O sentimento é o mesmo, e só a falsa verniz da suposta civilização moderna impede que para fins iguais só perpetuem iguais barbaridades. Afinal a espécie humana alimenta-se de superstições e não poderia viver sem elas: religião, patriotismo, culto e admiração dos heróis sanguinários não são outra coisa. Um livro de Félix Dantas- Le problème de la mort- que li ultimamente diz que será impossível extirpar da humanidade o espiritualismo; e assim é. A virgem de Lourdes especializou-se agora nas tuberculoses ósseas. Quando lá estive deu-se um milagre. Os doentes banhavam-se sucessivamente na mesma tina e na mesma água. Não há perigo de contágio.- L'eau est miraculeuse - explicou-me o guarda.<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 3 de março de 1922. In: ABREU, v. 3, p. 241, 1977.

<sup>176</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 12 de outubro de 1924. – Acervo do Instituto do Ceará.

A onda comemoracionista do período e os cultos católicos mobilizavam o povo e o Governo português. Esses festejos “apelavam explicitamente à mediação da memória, chamando-a a desempenhar a mesma função pedagógica que era atribuída a toda a literatura histórica”.<sup>177</sup> Em outra carta, de 22 de março de 1925, João Lúcio refere-se às comemorações do Centenário de Camilo Castelo Branco:

Há tempo escreveu-me Fleiuss, pedindo notícias de Alberto Pimentel; remeto-lhe uma produção dele, publicada no “Diário de Notícias” no dia do centenário de Camillo. Agora todos os meses há um centenário a celebrar, com selo comemorativo obrigatório. Pela obra julgará V. do estado da cabeça. Juntamente vai a réplica de Oliveira Lima a uma agressão besta de Agostinho de Campos na “Lusitânia”, e outra de Antônio Sérgio a Malheiro Dias, ainda por causa do D. Sebastião. Não me parece que da polémica nem um nem outro saiam cobertos de louros.<sup>178</sup>

O poeta Camões era o literato símbolo da nação portuguesa e as comemorações camonianas datam desde 1880. Foram seguidas ainda de outras comemorações nacionais como as comemorações henriquinas (1894), o Centenário da Índia (1897-1898), o Centenário de Ceuta (1915), a Festa da Pátria (1918), o Centenário da Independência do Brasil (1922), o Centenário de nascimento de Vasco da Gama (1924), a Festa da Fundação ou Refundação de Portugal (1926), entre outras festas.<sup>179</sup>

Para Lúcia Lippi, “cada momento presente e cada crise ou mudança na sociedade permitem que se construa uma nova tradição, definindo que eventos e pessoas devem ser lembrados e quais devem passar ao esquecimento”.<sup>180</sup> Seguindo os olhares de Capistrano e João Lúcio, suas críticas sobre a produção do período, vislumbramos em parte suas atuações e mobilizações em torno das festas nacionais, comemorativas dos centenários do

<sup>177</sup> CATROGA, 1998, p. 224.

<sup>178</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 22 de março de 1925 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>179</sup> Sobre as festas cívicas portuguesas, ver: CATROGA, Fernando. Ritualizações da história. In: \_\_\_\_\_; TORRALBA, Luís Reis e MENDES, José Amado. **História da história em Portugal, séculos XIX e XX**. v. 2. Lisboa: Temas & Debates, 1998.

<sup>180</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As festas que a República manda Guardar. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 4, 1989, p. 173.

Descobrimto e da Independência. Através de sua convivência epistolar, eles elegem os fatos que devem ser alocados no panteão da historiografia nacional.

Capistrano se aproximou de alguns intelectuais lusitanos, como Lino de Assunção e João Lúcio, com intuito de estabelecer intercâmbios e também de penetrar no mundo dos arquivos portugueses. Segundo Edmilson Rodrigues,<sup>181</sup> a importância de João Lúcio para os historiadores brasileiros, como intermediário entre eles e os arquivos portugueses, fazendo buscas de documentos nos ajudam a entender a recepção de sua obra no Brasil. João Lúcio também se tornou um dos grandes conhecedores da documentação existente em Portugal sobre assuntos que se referiam ao Brasil, como veremos no próximo capítulo.

---

<sup>181</sup> RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. O Achamento do Brasil e de Portugal: perfil intelectual do historiador luso-brasileiro João Lúcio de Azevedo. **Acervo**: Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. v. 12, n. 1-2, jan/dez, 1999, p. 38.

## CAPÍTULO 2

### INTERCÂMBIOS ENTRE LETRADOS: TROCA DE TEXTOS, LIVROS, DOCUMENTOS E IMPRESSOS

*O mundo parecia coberto de documentos para aquele cearense que aos vinte dois anos chegara ao Rio de Janeiro; se não o mundo, ao menos a Corte Imperial.*

Ilmar Rohloff de Matos.<sup>1</sup>

#### 2.1 Copiar, Anotar e Publicar: edições de livros e documentos.

Na sua correspondência com João Lúcio, Capistrano fala da sua entrada na Biblioteca Nacional e do seu antigo chefe Ramiz Galvão:

Ramiz Galvão, ao mesmo tempo que ia para Viena, foi incumbido de estudar a organização da Bib. Nac. em Paris e do British Mus. em Londres, sobre os quais apresentou interessante relatório. Ao chegar, obteve a nomeação de uma comissão de Catálogo, em 76, a reforma da repartição. Prometeu-me um lugar, mas não foi possível; só entrei para a Bib. em 79, por concurso. Era o chefe ideal, inteligente, zeloso, incansável. Quando chegávamos às 9 horas já estava no trabalho, revendo, classificando os bilhetes do catálogo; morava contíguo; depois do almoço continuava; à noite, pois abria a Bib. das 6 às 9, pelo menos até às 8 continuava no seu posto, de Ano Bom a São Silvestre.<sup>2</sup>

Em 2 de dezembro de 1881, inaugurou-se a Exposição de História do Brasil e foi publicado o Catálogo da Exposição de História do Brasil, em comemoração do aniversário de 56 anos do Imperador Pedro II. Como funcionário da instituição, Capistrano participou da organização da exposição e

---

<sup>1</sup> MATOS, Ilmar Rohloff de. **Capítulos de Capistrano**. Disponível em: <<http://historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos.inf.br/desc/capistrano/frame/htm>>. Acessado em set. de 2007.

<sup>2</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 25 de setembro de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 70.

do catálogo, cujos dois tomos e o suplemento atingem o espantoso número de 20.337 referências bibliográficas. Essa foi a maior exposição bibliográfica e iconográfica sobre o Brasil feita até aquela data, abrangendo o maior acervo de livros, periódicos, opúsculos, mapas, quadros, medalhas e bustos referentes ao Brasil naquela época.

A Exposição da História do Brasil parece ter seguido uma concepção “personalista” da história, como se percebe na composição das salas da referida mostra. A exposição foi composta com as seguintes salas: sala D. Pedro II, com documentos e livros variados, além de retratos da família real, dos Andradas e documentos do descobrimento; sala Ayres do Casal composta de livros variados, além do original da Constituição de 1824, uma cópia da carta de Pero Vaz de Caminha, e um documento da primeira tipografia que funcionou no Brasil, de propriedade de Antônio de Isidoro da Fonseca, além das primeiras histórias de Gândavo, Gabriel Soares e Fernão Cardim; sala Varnhagen com livros de história eclesiástica, diplomática e da imprensa; sala Silva Lisboa com livros de história econômica e biografia, onde foram expostas obras sobre economia brasileira – destaque especial para *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, de Antonil; sala Veloso com livros sobre história militar, natural e literária, destaque para a primeira edição do Barleus e a coleção de Francisco Freire Alemão.

No discurso de abertura da Exposição, Ramiz Galvão, bibliotecário responsável pelo empreendimento, afirma que “a exposição é um fato na história literária do país, e o seu catálogo vê hoje a luz da publicidade, para dar aos coevos e vindouros idéia dos nossos trabalhos e do manancial que pudemos reunir”.<sup>3</sup> Do Catálogo e dos responsáveis pela exposição, afirma:

O Catálogo dessa exposição não é pura e simplesmente um indicador de livros, painéis, estampas e medalhas. Tanto quanto no-lo permitiram o espaço e o tempo, vai nele um esboço de bibliografia histórica brasileira, considerada a história em sua maior amplitude, e não esquecidos os documentos subsidiários que a podem esclarecer. (...) Não fecharemos este curto prólogo, sem ostensivamente tributar louvores aos dignos chefes da seção, oficiais e

---

<sup>3</sup> GALVÃO, Ramiz. Apresentação. **Catálogo de Exposição da História do Brasil**. Edição Fac-Similar. Brasília: Senado Federal, 1998, p. XIX.

mais empregados da Biblioteca Nacional, a cuja solicitude se deve a presente obra. Agradeça-lhe o Brasil este esforço, e estamos certos que há muito mais a esperar do patriotismo e do talento de tão indefessos quão dignos trabalhadores.<sup>4</sup>

A Biblioteca Nacional, sob a direção de Ramiz Galvão e a colaboração de Capistrano de Abreu, Alfredo do Vale Cabral, João Ribeiro, Menezes Brum e outros funcionários, organizou um levantamento bibliográfico das publicações sobre História e Geografia do Brasil, escritas de 1500 a 1881, e apresentou aos estudiosos o *Catálogo de Exposição de História do Brasil* que, de acordo com Eliana Dutra, foi “concebido pelos seus idealizadores como um monumento à História do Brasil e considerado um fato histórico da vida literária do país”.<sup>5</sup>

Em carta de 25 de setembro de 1917, dirigida a João Lúcio, Capistrano relembra esse trabalho na Biblioteca Nacional e fala dos companheiros da instituição:

Em menos de um ano organizaram-se e imprimiram-se os dois volumes já seus conhecidos. Dois colaboradores sobressaíram a todos: Brum, médico baiano, chefe da Seção de Estampas, e Vale Cabral, também baiano, da Seção de Manuscritos. Do meio para o fim da obra, Ramiz foi chamado para a cadeira de Botânica da E. de Medicina, e o peso caiu quase todo sobre Cabral. Foi uma pena, porque a cultura deste pobre amigo não era suficiente.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> GALVÃO, 1998, p. XXI.

<sup>5</sup> Cf. DUTRA, Eliana. Tela imortal! O Catálogo de Exposição de História do Brasil de 1881. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA DO CEARÁ, 1., 2004, Fortaleza. **Anais do...** Fortaleza: Circo das Letras, 2004. (mimeo)

<sup>6</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 25 de setembro de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 70-71.

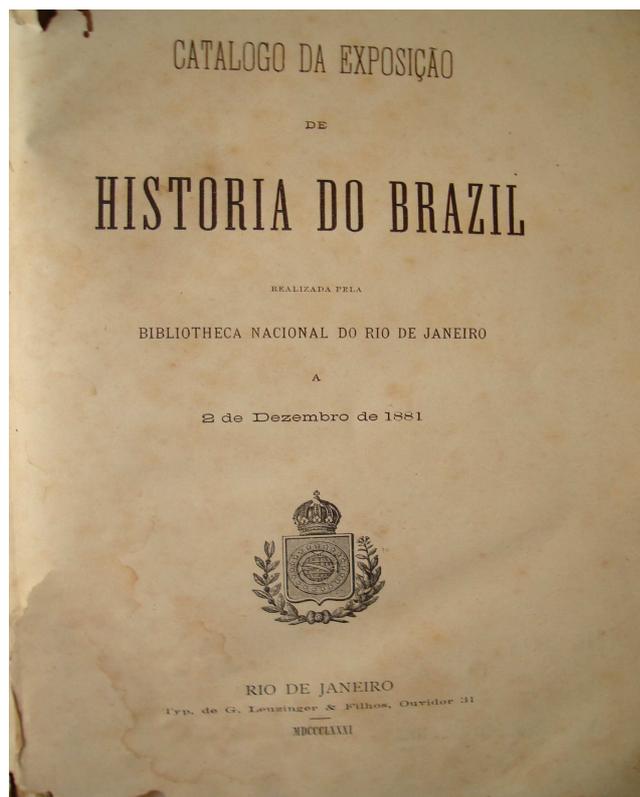


Figura 3: *Catálogo de Exposição da História do Brasil* organizado pela Biblioteca Nacional em 1881.

Com a organização do *Catálogo*, Capistrano entrou em contato com as antiquilhas bibliográficas, os inúmeros documentos e os livros manuscritos e impressos que tratavam do Brasil de 1500 a 1881, sejam nos aspectos históricos, geográficos ou mesmo estatísticos, obras relativas principalmente ao período colonial.<sup>7</sup> Além disso, Capistrano de Abreu e outros funcionários da Biblioteca Nacional foram condecorados com o grau de Cavaleiro da Ordem Imperial da Rosa<sup>8</sup> em 7 de janeiro de 1882, pelos serviços prestados na Biblioteca Nacional com a organização do referido catálogo.

Ponderando a trajetória e a participação de Capistrano na organização do *Catálogo de Exposição de História do Brasil* e na Biblioteca Nacional como funcionário, podemos admitir que, a partir dessas experiências, ele escolheu a

<sup>7</sup> Segundo Dutra, o Catálogo tratava de obras como *Tratado da terra do Brasil*, de Pero de Magalhães; *História da província de Santa Cruz*, de Gândavo e *Tratado Descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Souza.

<sup>8</sup> A “Ordem Imperial da Rosa” foi criada por D. Pedro I em 1829 para perpetuar a memória de seu casamento com D. Adélia Leuchtenberg. Esta ordem servia para premiar militares e civis, nacionais e estrangeiros, que se distinguissem por sua fidelidade ao Imperador e por serviços prestados ao Estado.

“profissão” de historiador, como afirma Mário de Alencar<sup>9</sup>, e “especializou-se” particularmente no estudo do século XVI e XVII, como podemos identificar na sua obra.<sup>10</sup> Na sua correspondência, Capistrano confirma esse interesse já em 9 de abril de 1887: “quando comecei os meus estudos de história pátria, chamou-me especial atenção o século XVI. Ainda hoje gosto muito dele; mas agora o que me seduz mais é o século XVII, principalmente depois da guerra holandesa”.<sup>11</sup>

Para Capistrano, “a Biblioteca Nacional é um mundo; papel deslocado ou mal classificado fica perdido indefinidamente até que um acaso favorável o reconduza à luz”.<sup>12</sup> Na busca de dar luz a esses livros velhos e papéis amarelados pelo tempo, Capistrano mergulhava no passado do Brasil e empenhava-se em propagá-lo aos brasileiros ou, como ele mesmo afirmava, “tirar da obscuridade imensa que o embuça”.<sup>13</sup> Por isso, dedicou-se ao trabalho de publicar edições raras, obras desaparecidas ou antigos manuscritos, descobrir e divulgar documentos do período colonial, desvendando autores de crônicas sobre o Brasil.

Os fundadores do Instituto Histórico sempre zelaram pela coleta e organização dos documentos interessantes à história pátria, grande parte dos quais foram transcritos nas páginas da sua revista trimestral. Em carta de 25 de janeiro de 1890, ao Barão do Rio Branco, Capistrano fala da importância de divulgar suas descobertas no IHGB: “quando Varnhagen fazia qualquer descoberta destas, escrevia ao Instituto, dizendo-lhe como a fizera. Bom exemplo para ser imitado”.<sup>14</sup> Além disso, confessa ao português Lino de Assunção que publicar documentos inéditos é uma honra para o país: “por

<sup>9</sup> ALENCAR, Mário. Sobre um livro de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: tipografia Minerva. t. 28, 1915, p. 310.

<sup>10</sup> Considerando somente as obras completas de Capistrano de Abreu vimos o predomínio de estudos sobre a colônia como, por exemplo, *O Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI* (1883); *Capítulos de História Colonial* (1907) e *Caminhos antigos e Povoamento* (ensaio crítico-1930).

<sup>11</sup> Carta de Capistrano de Abreu para o Barão do Rio Branco de 9 de abril de 1887. In: ABREU, v. 1, 1977, p. 112 e 113.

<sup>12</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 9 de janeiro de 1914. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 277.

<sup>13</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 10 de março de 1923. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 332.

<sup>14</sup> Carta de Capistrano de Abreu para o Barão do Rio Branco datada de 25 de janeiro de 1890. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 128.

honra de Portugal e do Brasil não pode mais tempo ficar inédita”,<sup>15</sup> referia-se à obra *Esmeraldo*.

Seguindo uma tradição iniciada por Francisco Adolfo de Varnhagen, Capistrano de Abreu segue seu trabalho anotando e publicando obras em projetos como a *Biblioteca do Século XX, Monografias Brasileiras, Cartas Avulsas dos Jesuítas*<sup>16</sup> e a *Série Eduardo Prado: Para Melhor Conhecer o Brasil*. Nesse último projeto, teve a parceria e a colaboração direta de João Lúcio de Azevedo. Essas coleções foram criadas por alguns editores durante o século XIX e início do século XX, objetivando difundir a leitura de obras esgotadas para um maior número de leitores e transformando o livro raro em um “monumento” que pudesse ser preservado em uma coletânea. Além disso, “os editores compreendiam as vantagens comerciais de uma série preparada por autores reputados”.<sup>17</sup>

Capistrano afirmava que em “história o importante é não deixar trabalhos para os outros”.<sup>18</sup> Assim procurava ser um agente de difusão de documentos raros, manuscritos ou impressos, tornando-se um pesquisador incansável, assemelhando-se ao garimpeiro:

Escrever a História constituía dessa forma um ato de garimpagem, de quem recolhe documentos assim como se procuram preciosidades. O ato de selecionar fatos supunha a mesma isenção encontrada naquele especialista que, ciente de seu ofício, separa as boas pedras das más, ou mesmo daquelas que oferecem pouco brilho ao olhar.<sup>19</sup>

Entre garimpagens de livros raros e manuseio de cronistas coloniais, Capistrano traduzia e publicava alguns livros. Dentre essas traduções,

<sup>15</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 5 de junho de 1885. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 316.

<sup>16</sup> Em cartas ao Barão do Rio Branco, Capistrano fala dessa coleção *Cartas Avulsas dos Jesuítas*: “em julho ou agosto hão de estar prontas as Cartas Avulsas dos Jesuítas, já impressas, mas não publicadas ainda, à espera das notas de Cabral”. (Carta de Capistrano de Abreu para Barão do Rio Branco datada de 13 de junho de 18883. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 125.)

<sup>17</sup> GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 171.

<sup>18</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 09 de janeiro de 1914. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 277.

<sup>19</sup> SCHWARCZ, 1993, p. 114.

destacamos três que compuseram a coletânea intitulada *Biblioteca do Século XX*. Dentre os títulos traduzidos, estão: *O homem e a terra*, de Alfred Kirchhoff; *A moderna arte de curar*, de Edmund Biennacki e *Introdução à Ciência do Direito*, de Köhler.

Além de publicar e pôr essas traduções à venda nas livrarias, Capistrano presenteava seus amigos com os volumes. Um dos presenteados foi Guilherme Studart, como podemos observar em carta dirigida a esse, de 19 de julho de 1902: “os três últimos volumes e outros que seguirão fazem parte da *Biblioteca do Século XX* que tomei a minha conta e de que é editor a Casa Laemmert”.<sup>20</sup>

Capistrano se envolveu com afinco nesse projeto da *Biblioteca do Século XX* e mobilizou seus amigos pedindo indicações, fontes, livros etc., como nesta carta enviada a José Veríssimo, onde comenta o último trabalho da coleção: “querendo agora dar num 3º volume da *Biblioteca do Século XX* o trabalho de Köhler, verifiquei que tenho apenas os primeiros artigos da *Gazeta*. Faltam os que tratam dos direitos pessoais e direitos reais. Tê-los-á você? Se tiver, é favor deixá-los no Laemmert, no Briguiet ou no Colombo”.<sup>21</sup>

As três obras mencionadas acima e publicadas na *Biblioteca do Século XX* foram todas traduzidas direto do alemão, língua que Capistrano dominava plenamente, e foram traduzidas da coleção *Aus Natur und Geisteswelt*, editado por B.G.Teubner e publicada em Leipzig.<sup>22</sup> De acordo com Laurence Hallewell, os últimos anos de edição da Casa Laemmert foram marcados pela publicação de “importantes textos alemães sobre ciência moderna em suas coleções ‘Biblioteca do Século XX’ (...) traduzidos por Capistrano de Abreu”.<sup>23</sup>

Publicar obras sobre o país era um grande contentamento para o historiador, como confessa em vários trechos da na sua correspondência: “há de algum dia ter satisfação de ter concorrido para divulgar-se o livro”.<sup>24</sup> Em

<sup>20</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 19 de julho de 1902. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 159.

<sup>21</sup> Carta de Capistrano de Abreu para José Veríssimo datada de 26 de dezembro de 1902. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 191.

<sup>22</sup> Sobre a publicação da coleção, ver: CARMO, José Arimatéia Pinto. **Bibliografia de Capistrano de Abreu**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p. 114.

<sup>23</sup> HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: UNESP, 1985, p. 169.

<sup>24</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 4 de agosto de 1886. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 340.

outra epístola, fala do orgulho de publicar documentos sobre o Brasil: “garanto-te que ao receber o primeiro volume, ficarás alegre e sentirás o maior prazer; ao receber o décimo sentirás orgulho que irá crescendo à medida que outros forem aparecendo”.<sup>25</sup> Esse contentamento de publicar livros e fazer descobertas históricas o envaidecia: “de toda a história pátria só me envaidece uma descoberta: o mameluco de Ilhéus ou Espírito Santo que repeliu os franceses chamava-se Cotucadas, não Catucadas como escreveram Santa Maria, Jaboatão e Varnhagen”.<sup>26</sup>

Descobrir a autoria de uma obra significava ser, “em parte”, autor daquele livro. A descoberta do autor de *Cultura e Opulência do Brasil* pode ser narrada por Capistrano como uma verdadeira odisséia na sua trajetória intelectual. Desde a infância, Capistrano tinha se encantado por essa obra e a descoberta do verdadeiro nome do autor foi para ele uma vitória, um prêmio, uma grande realização profissional que se tornou uma decepção depois, posto que Capistrano não conseguiu publicar uma edição dessa obra, como desejava.

A longa peregrinação da descoberta da autoria foi relatada ao amigo João Lúcio em carta de 18 de novembro de 1916:

Quando era menino, li no Íris Clássico de José Feliciano de Castilho qualquer coisa assinada André João Antonil, que me impressionou. Mais tarde, depois de conhecer a obra, informou-me o meu amigo Vale Cabral que nada constava sobre o autor e deu-me o artigo de Inocêncio. Picou-me o problema; depois de muita cabeçada, concluí que seria jesuíta e italiano e pendi para Andreoni ou Andreão, como se lê em Vieira. Passei tempo sem verificá-lo, mas uma vez, já não era empregado na Bib., portanto deve ter sido depois de 83, disse ao meu caro Vale Cabral: vou fazer uma descoberta de causar inveja, e dirigi-me ao Backer e lá estava a cousa: estava e não estava, como verá, consultando a famosa bibliografia, hoje substituída parece que com vantagem, pela de Sommervogel. Foi um dia cheio, jantamos juntos; sob as árvores do Passeio Público, perdemos-nos em cerveja marca barbante e conversas sem fim, até que os guardas nos despediram. Da primeira edição

<sup>25</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 5 de maio de 1886. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 332.

<sup>26</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 18 de novembro de 1920. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 318.

cheguei a possuir um exemplar, legado por um primo do Carvalho Monteiro: levei-o à casa do J. C. Rodrigues para mostrar a Eduardo Prado, lá deixei-o, e sem prazer algum vi-o alistado na Biblioteca Brasiliense, hoje incorporada à Bib. Nac. Da edição fluminense emprestei um exemplar a Afonso Arinos, que foi reimpresso na Rev. do Arquivo Mineiro e nunca mais me foi restituído: não o possuo e a edição ultimamente tem rareado muito.<sup>27</sup>

Na época da descoberta, Capistrano procurou difundir, entre os historiadores, sua façanha. Entre os informados, está seu amigo de infância Guilherme Studart:

Interessou-me muito o que me diz sobre Antonil, um amigo velho. Lembra-se que no Ateneu, entre outros livros de aula, tivemos o Íris Clássico, de Castilho? Há ali um capítulo que por mais de uma vez li aí nas calçadas altas, sempre com uma impressão esquisita, assinado Antonil. Vindo para o Rio, um dia, na Biblioteca, perguntei a Vale Cabral se a casa possuía-o levei-o para ler com mais vagar. A leitura agradou-me bastante e perguntei ao meu bom Vale Cabral quem era este tal Antonil. Respondeu-me então Cabral que não se sabia, e enviou-me para Inocêncio, Rivera, Varnhagen, etc. A cousa é assim? – disse a Cabral – pois hei de descobrir o autor. Reli então pausadamente, saborosamente, deliciando-me, a Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas. (...) Depois de convencer-me que o autor era jesuíta, chamou-me a atenção uma parte da dedicatória ou prólogo, em que o autor, depois de ter escrito, na primeira página, André João Antonil, assina-se entretanto Anônimo Toscano, (...) Desde então convenci-me que Andreoni e Antonil eram uma e a mesma pessoa. (...) Não preciso dizer que foi um dia de delírio. Jantamos juntos, tomamos cerveja juntos, conversamos até meia-noite e separamo-nos à *contre coeur*. Que bom tempo aquele, em que a descoberta de um anônimo bastava para coroar de rosas um dia. Vimos logo que, de João Antônio Andreoni, era anagrama ou cousa que o valha André João Antonil; – mas uma coisa nos causava espécie: que significava o L final? Foi ainda no Backer que achamos a resposta: Andreoni era de Luca, na

---

<sup>27</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 18 de novembro de 1916. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 22.

Toscana; L significa luquensis. Cabral queria que eu escrevesse um artigo sobre o assunto, mas eu nunca o fiz.<sup>28</sup>

A descoberta do autor de *Cultura e Opulência* como sendo o jesuíta João Antônio Andreoni ocultado no criptograma Antonil, desvendado pelo historiador em 4 de junho de 1886 na Biblioteca Nacional, como relatado nas epístolas acima, foi uma façanha que premiou um dia de grande realização para Capistrano.

Sua admiração pelo jesuíta Andreoni era imensa. Capistrano queria editar a obra, como relata a João Lúcio em carta de 8 de março de 1918: “creio que com este material poderei realizar um plano há muito incubado: uma nova edição do Antonil. Talvez exista algum livro sobre o contrato do tabaco, cancro do absolutismo, de que não sei se a república se livrou”.<sup>29</sup> Esse projeto estava incubado há muito tempo, posto que, desde 1893, Capistrano queria escrever uma biografia sobre Antonil, como confessa em carta dirigida a Guilherme Studart em 8 de março de 1893:

No correr de suas investigações V. encontrará certamente, pelos fins do século XVII, o nome do jesuíta João Antônio Andreoni. É esta uma das figuras mais notáveis, mais inteligentes e curiosas do jesuitismo entre nós. Publicou, sob pseudônimo, um livro que é uma das raras jóias da nossa literatura histórica, e deixou diversos trabalhos manuscritos, entre eles um, *De Rebus Brasiliae*, ignoro se escrito em latim, se em português. Se for, como suponho, uma corografia histórica, já pelo autor, já pela data em que foi escrita, deve ser de capital importância. Peço-lhe que me comunique o que encontrar sobre Andreoni, cuja biografia ainda pretendo escrever.<sup>30</sup>

Mesmo dividindo com Guilherme Studart suas investigações acerca do jesuíta Andreoni, Studart escondia documentos sobre o caso, como confessa Capistrano numa carta a João Lúcio datada do 34<sup>o</sup> aniversário da Lei Áurea: “uma do Studart. Desde 1902 possui documentos sobre Andreoni – Antonil: só

<sup>28</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 18 de junho de 1893. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 144 e 145.

<sup>29</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 8 de março de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 81.

<sup>30</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 8 de março de 1893. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 142.

agora publicou uns pedaços relativos ao Ceará”.<sup>31</sup> Percebemos que essa rede de informações entre Capistrano e João Lúcio também era um espaço para protestar contra aqueles que preferiam particularizar as fontes e mantê-las na “obscuridade”, como no caso de Studart.

Na sua correspondência, podemos ver que sua participação na publicação dessa obra de Andreoni seria “natural” depois da descoberta da autoria. Por isso, Orville Derby convidou Capistrano para revisar uma edição da obra: “Veiga quer reproduzir Antonil no Arquivo, e vou-lhe emprestar o meu exemplar, para este fim, mas lembrei-lhe a conveniência de convidar o amigo [Capistrano] de conferir as provas com a edição original, que creio lhe ser acessível, de modo a poder dizer que é conforme o original”.<sup>32</sup> Entretanto, esse projeto não seguiu adiante.

Diante de todo esse empenho, Capistrano ficou aborrecido quando Afonso de E. Taunay decidiu publicar o livro *Cultura e Opulência do Brasil*<sup>33</sup> sem um texto seu e sem a “parceria” de Capistrano. Em carta para João Lúcio, de 5 de novembro 1921, Capistrano reclamava:

Taunay vai publicar o Antonil, com uma introdução e sem notas. Acho inexplicável este procedimento de tomar a si o que qualquer caixeiro faria, juntando apenas o nome. Não é por aperto de dinheiro. O pai deitou fora o dinheiro, em especulações, segundo uns, por tratantadas de falsos amigos, segundo outros. Mas ele está bem colocado – diretor de Museu, etc.; a senhora herdou, não muito, mas herdou. Publicar o Antonil era um de meus desejos, para ele a empresa era mais fácil que a mim. Melhor para ambos.<sup>34</sup>

Apesar de Capistrano não ter colaborado diretamente na publicação dessa edição da obra de Andreoni, Taunay dedicou publicamente o livro ao “mestre prezado e ilustre J. Capistrano de Abreu, em lembrança das sábias lições da adolescência até os dias de hoje continuadas. Afetuosamente oferece

---

<sup>31</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 13 de maio - 34º aniversário da Lei Áurea. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 248.

<sup>32</sup> Carta de Orville A. Derby para Capistrano de Abreu datada de 30 de julho de 1899. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 144.

<sup>33</sup> ANDREONI, João Antônio. *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*. In: TAUNAY, Afonso de E. **André João Antonil (João Antônio Andreoni, S. J.) e sua obra: ensaio bio-bibliográfico**. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

<sup>34</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 5 de novembro de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 223.

– e como a quem de direito – este ensaio despretensioso, o discípulo e amigo Afonso de E. Taunay”.<sup>35</sup>

Taunay dedicou a edição que fez do livro *Cultura e Opulência do Brasil* ao mestre Capistrano e principiou seu ensaio falando da importância de realizar uma série de reimpressões de livros raros brasileiros, procurando preencher uma lacuna na bibliografia nacional, alcançando um maior número de leitores desses textos. Afirma ainda que esse projeto é inspirado pelo trabalho de Capistrano e seu empenho em publicar o livro *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador<sup>36</sup>, sobre o qual falaremos adiante.

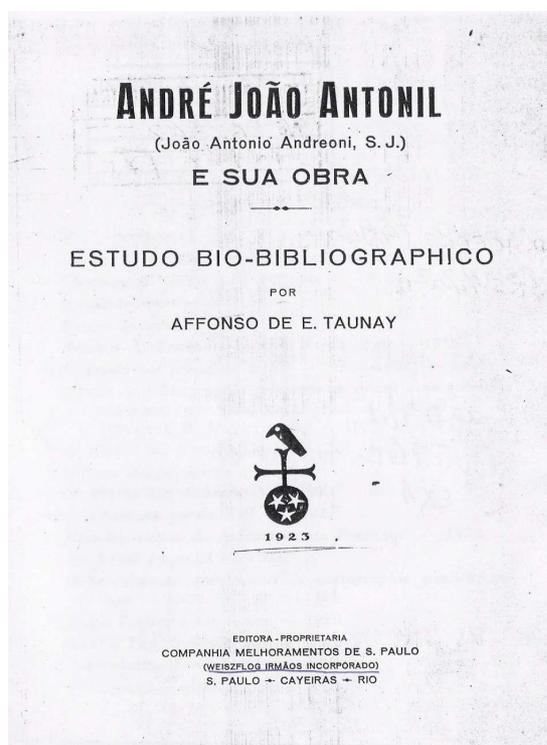


Figura 4: Edição de *Cultura e Opulência do Brasil* organizada por Afonso de E. Taunay em 1923.

Ao receber o exemplar de *Cultura e Opulência* editado por Afonso de Taunay, Capistrano escreve uma carta ao “discípulo” em 29 de janeiro de 1924, agradecendo o volume e a dedicatória:

<sup>35</sup> ANDREONI. Dedicatória, 1923.

<sup>36</sup> Sobre a importância da obra, ver: MARIELLA, Ricardo. Sobre Frei Vicente do Salvador. História. Documentos. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (Org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access, 1998, p. 95-106.

Recebo o exemplar de Antonil que V. tinha anunciado por carta. Ao abri-lo, vi logo a página em que tão amável se mostrou a meu respeito. Não posso deixar de agradecer-lhe; mas, em 81 ou 82, Apulcro de Castro, durante um ano inteiro, me seringou trissemanalmente no Corsário, e desde então a primeira impressão sentida, ao ver meu nome em letra de forma, é desagradável. Passada a primeira impressão, não posso deixar de agradecer sua bondade e sua amizade, que vem de longe. Li com muita curiosidade e muito prazer sua erudita contribuição. Aí vão ligeiros reparos: Por que não fazer a *Opulência* no mesmo formato que *Frei Vicente*?<sup>37</sup>

A pergunta, em tom de ironia, ao final dessa carta, demonstra o desejo de Capistrano de organizar a publicação do livro de Antonil. Capistrano indica que, no final das contas, estava insatisfeito, pois a edição deveria ter sido igual à que ele organizou do manuscrito do livro *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador,<sup>38</sup> em 1918, e em cujo projeto bibliográfico trabalhou com afinco para a sua posterior publicação. Por trinta e sete anos, desde 1881, quando o códice foi doado por “Martins da Rua Uruguaiana”<sup>39</sup> à Biblioteca Nacional até a edição completa da obra em 1918, Capistrano se empenhou nesse projeto de organizar e publicar essa obra. Em meio à busca do manuscrito para publicação, ainda em 1897, o historiador chega a afirmar que teria um “ataque de alegria”<sup>40</sup> se encontrasse o códice completo.

Para Capistrano, essa obra de Frei Vicente do Salvador podia ser classificada como uma obra “monumental”<sup>41</sup> sobre a História do Brasil. Em carta a João Lúcio de 26 de janeiro de 1917, ele relata o momento em que

<sup>37</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 29 de janeiro de 1924. In: ABREU; CCA, v. 1, 1977, p. 339.

<sup>38</sup> Sobre a pendenga envolvendo a publicação do livro *História do Brasil* de Frei Vicente Salvador, ver também: AMED, Fernando. **História ao portador**: interlocução privada e deslocamento no exercício de escrita de cartas de João Capistrano de Abreu (1853-1927). Dissertação (Mestrado em História) - USP, 2001, p. 197.

<sup>39</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 25 de abril de 1885. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 312.

<sup>40</sup> “Escrevo-lhe, pois, pedindo que examine se neste decurso de mais de cinqüenta anos reapareceu tão esquivo códice e se nele estão os capítulos que faltam. Se isto suceder (nem quero pensar nisto, pois teria um **ataque de alegria**), ficar-lhe-ia muito obrigado se V: me obtivesse cópia o mais depressa possível”. Trecho da carta de Capistrano de Abreu para Assis Brasil datada de 4 de julho de 1897. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 85. (grifo nosso)

<sup>41</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 11 de junho de 1885. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 318.

entrou em contato com o manuscrito de Frei Vicente Salvador, na época da Exposição de História do Brasil, feita pela Biblioteca Nacional em 1881:

Conhecíamos vagamente a existência de Fr. Vicente; um dia entrou-nos pela casa a dentro. Fora adquirido em leilão, por um alfarrabista que por ele pediu 200\$ a um amador de livros. Este dispunha e dispõe de recursos, mas regateou e o livreiro ofereceu-o grátis à Biblioteca. (...) Por altruísmo empenhei-me com o diretor, Saldanha da Gama, cunhado e sucessor de Ramiz Galvão, para imprimir a História do Brasil de Frei Vicente. Trabalho em pura perda: foi preciso que por intermédio de Lino d'Assunção, nosso amigo, mandássemos, Vale Cabral e eu, extrair uma cópia na Torre do Tombo e começássemos a publicá-la no Diário Oficial. Só assim cedeu. (...) Felizmente é das obras que, ou por este ou por aquele, mais hoje ou mais amanhã, acabam sendo feitas.<sup>42</sup>

Em 23 de julho de 1886, Capistrano começou a publicar alguns capítulos da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, no *Diário Oficial*, embora o códice não estivesse completo. Mesmo assim, Capistrano queria publicar “um fascículo de Fr. Vicente este ano ainda, compreendendo os dois primeiros livros e parte do terceiro”.<sup>43</sup> Seu empenho deu resultado, como revela ao Barão do Rio Branco: “quis à força publicar no dia 20 o primeiro fascículo de Frei Vicente, compreendendo os dois primeiros livros da *História do Brasil*. Filho, mas foi preciso deixar tudo de parte, e só agora posso responder mais demoradamente suas amáveis cartas”.<sup>44</sup>

Capistrano confessa ao português Lino de Assunção que essa publicação no *Diário Oficial* era uma resposta ao diretor da Biblioteca Nacional, que queria impedir a publicação da obra depositada na instituição:

Enviei-te pelo Gironde o 1º número do Diário Oficial em que saía nossa publicação. Saiu hoje outra vez, mas não t'ó [sic.] remeto porque o 1º volume

<sup>42</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 26 de janeiro de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 29.

<sup>43</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Barão do Rio Branco datada de 25 de novembro de 1887. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 117.

<sup>44</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Barão do Rio Branco datada de 23 de dezembro de 1887. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 118.

sairá nestes oito dias e então receberás tudo de uma vez. Imagina lá uma coisa absurda, e vê se não ficas aquém da realidade: o Diretor da Biblioteca Nacional, Saldanha da Gama, está furioso com a nossa empresa e decidido a fazer-lhe a mais cruenta e decidida guerra. Felizmente na publicação das cartas dos jesuítas não precisamos dele, e, cômico da sua impotência pois que temos cópia do Instituto Histórico, o bicho quer vingar-se em outras coisas. Ora queremos dar-lhe uma lição de mestre, publicando Frei Vicente do Salvador. (...) de modo a produzirmos a mais desagradável surpresa no eminente bibliógrafo, e que seja feita por pessoa competente. (...) Hás de estranhar que escolhamos a obra de Frei Vicente para dar o *coup de grace* e quero ter o prazer de editá-la e anotá-la; é que, em segundo lugar, o bibliotecário não quer que ninguém edite senão ele ou, para ser mais franco, não quer que seja editado absolutamente. Toma estas pequenas lutas de companarículos [sic.] a sério e ajuda-nos a obter a vitória e sobretudo decide-te de uma vez a ser nosso representante e correspondente e sócio na Europa.<sup>45</sup>

Depois de iniciada a publicação do códice no *Diário Oficial*, a Biblioteca Nacional resolveu dedicar o 13º volume de seus *Anais*<sup>46</sup> a alguns capítulos da obra de Frei Vicente do Salvador, como conta Capistrano de Abreu ao Barão do Rio Branco em 20 de abril de 1888:

A Biblioteca Nacional, que possui Fr. Vicente Salvador desde 1881, sem querer publicá-lo, resolveu-se agora a fazê-lo, depois de nosso primeiro fascículo, que enviei a V. Ex<sup>a</sup> em dezembro. A edição será feita com a ortografia da cópia e sem notas; não é, pois, duplicata. Vou ver se Saldanha junta à obra de Fr. Vicente a parte inédita do Valeroso Lucideno, que a Biblioteca também possui.<sup>47</sup>

Em 19 de outubro de 1892, quando Capistrano de Abreu soube que o historiador cearense Guilherme Studart estava em Lisboa para pesquisar nos

---

<sup>45</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 7 de abril de 1886. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 328.

<sup>46</sup> SALVADOR, Frei Vicente. História do Brasil. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. v. XIII, fasc. 1. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1889. (Acervo: Fundação Biblioteca Nacional).

<sup>47</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Barão do Rio Branco datada de 20 de abril de 1888. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 121.

arquivos portugueses, enviou uma carta ao amigo insistindo na busca dos capítulos perdidos do manuscrito: “na Torre do Tombo existe um exemplar da *História do Brasil* de Fr. Vicente do Salvador, mas incompleto. Veja se em suas investigações encontra um códice completo deste livro, que é verdadeiramente a base da nossa história de 1580 a 1627”.<sup>48</sup>

Durante esse período, Capistrano e Vale Cabral tiveram a ajuda de Lino de Assunção na pesquisa dos documentos nos arquivos portugueses. Em carta de 12 de março de 1885, Capistrano explica ao português que suspeita que o original da obra de Frei Vicente do Salvador esteja depositada na Torre do Tombo:

Por certos indícios, cujo desenvolvimento levaria longe, parece-me que é na Torre do Tombo que está o original da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, obra capital para a nossa de 1590 a 1635. A Biblioteca Nacional tem uma cópia mandada tirar por João Francisco Lisboa, cópia infelizmente incompleta, pois faltam-lhe uns 30 capítulos, exatamente os mais importantes, os que se referem aos últimos anos de D. Francisco de Souza e de Diogo Botelho (1596 a 1607 pouco mais ou menos). O motivo por que a cópia está incompleta, – segundo deduções com que Cabral está de acordo, – é que o livro original desencadernou-se e muitas folhas foram parar a maços diferentes. É possível que do mesmo modo que Lisboa conseguiu reunir a maior parte do volume, aí na Torre do Tombo tenham conseguido reunir o resto. Indaga-o, e se conseguires dar-me tão grata notícia, terás prestado à história do século XVI o melhor serviço imaginável.<sup>49</sup>

Em carta de 25 de abril de 1885, volta a esclarecer o português Lino de Assunção qual será a sua tarefa nos arquivos e o que está faltando para a publicação da obra “monumental” de Frei Vicente do Salvador:

Teu trabalho consiste em ver se descobres os malditos capítulos e mais no seguinte. Os primeiro e segundo livros têm, ao menos devem ter, desenhos, pois que o texto os anuncia e a nossa cópia deixa um lugar em branco talvez

---

<sup>48</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 19 de outubro de 1892. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 140.

<sup>49</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 12 de março de 1885. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 307.

porque o copista não sabia desenhar. Verifica isto e lembra-te que és engenheiro.<sup>50</sup>

Entretanto, somente em 1918 Capistrano conseguiu publicar uma edição completa e comentada da *História do Brasil* de Frei Vicente Salvador, que é a primeira história do Brasil composta por um brasileiro, segundo José Honório Rodrigues.<sup>51</sup> Em carta a João Lúcio, Capistrano comemora essa publicação, almejada por 37 anos:

Estava de partida para S. Paulo e Rio Grande. À última hora adiei a viagem por motivo muito agradável: está quase fechado o ajuste de uma nova edição de Fr. Vicente do Salvador. Nela trabalho. Como não sou mais marinheiro de primeira viagem, deixei de parte as notas. Cada capítulo, digo cada um dos cinco livros levará uma introdução, em que estudo as fontes do autor, indico os documentos originais conhecidos, que servirão a quem quiser aprofundar o assunto, e as monografias existentes. Cada introdução pedirá cinco a dez páginas: assim aliviada, a introdução geral escrita para os An. da Bibl. assumirá outra forma mais breve e precisa. Espero dar conta do livro já impresso em fevereiro: o formato será um sub-octavo, que facilmente poderá ler-se na rede.<sup>52</sup>

Entretanto, as pretensões de Capistrano de escrever apenas dez páginas em cada introdução não foram possíveis, como ele relata a Lídia de Assis Brasil em 23 de março de 1918: “apenas no princípio pretendia juntar meia dúzia de páginas e creio que juntarei cem: páginas muito fatigantes, cheias de datas, cheias de citações, que é preciso verificar a cada prova, a cada momento, a cada passo”.<sup>53</sup>

Enfim, depois de trinta e sete anos, Capistrano recebe a edição do livro de Frei Vicente Salvador, e começa a presentear os amigos com a obra. Um

---

<sup>50</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 25 de abril de 1885. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 311.

<sup>51</sup> RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1979, p. 489.

<sup>52</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo sem data. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 74.

<sup>53</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lídia de Assis Brasil datada de 23 de março de 1918. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 89.

dos primeiros agraciados foi João Lúcio, que se mostra encantado diante da edição:

Antes de tudo quero dizer-lhe que a História do Frei Vicente Salvador chegou a porto e salvamento, estou relendo, depois de ver com a atenção que merecem os prolegômenos em que a minuciosa e copiosa bibliografia deixa a gente estarecida. “Vaidade e Inoportuna Erudição”, segundo o reta-pronúncia João Ribeiro. Vaidade justa de quem sabe e estuda; erudição inoportuna para os que se contentam do pericarpo, incapazes de atingir a substância profunda dos fatos. Sua bondade, decididamente parcial, lá me aponta entre as autoridades, com palavras de encômio, em que resuma o afeto. Lá vi também, o que ignorava, que Bertino Miranda publicara em Florença uma edição de Berredo<sup>54</sup>. Não lhe perdôo que sabendo ele quanto o estimo e lhe aprecio o talento me não mandasse um exemplar, pois certamente a obra há de ter anotações de interesse. Nele a indolência do caboclo supera a amizade.<sup>55</sup>

Capistrano já havia enviado um exemplar da obra de Frei Vicente para João Lúcio, mas este não havia chegado ao seu destino. Segundo Capistrano, pode ter sido porque o “editor é alemão da lista negra: não me admiraria o confisco. Se não recebeu, mandarei outro, apenas passar a crise. Junto um artigo de João Ribeiro, o único que até agora chegou a meu conhecimento. Os que vierem depois, naturalmente se modelarão por este”.<sup>56</sup>

Mesmo com os elogios, Capistrano menospreza seu trabalho ao afirmar que: “considero acabada minha lengalenga de Frei Vicente. Imagino sua decepção comparando o trabalho intenso de quatro meses com o resultado

<sup>54</sup> Berredo, autor de Anais Históricas: Historiadores da Amazônia.

<sup>55</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 12 de maio de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>56</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 5/6 de abril de 1919. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 122. Outro amigo de Capistrano que recebeu a obra de presente foi Rodolfo Garcia, que ao receber o presente escreveu ao mestre Capistrano agradecendo: “Recebi há dias o exemplar da História de Fr. Vicente do Salvador, que me destinou. Como lhe agradecer a oferta e mais ainda a menção de meu apagado nome no prólogo desse livro imortal, não sei francamente: creia apenas que considero aquela página o melhor diploma da minha carreira literária, com o valor que em outros tempos teria uma condecoração subidamente honrosa. Queria, pois, ler, nestas palavras agradecimento, que não sei traçar. Achei o livro ótimo, - ótimo em si, ótimo na feitura artística. Parece-me que vai tendo boa saída, apesar de nenhum reclame, aliás escusada; tenho-o visto em mãos dos que sabem ler nesta terra”. (Carta de Rodolfo Garcia para Capistrano de Abreu sem data. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 103).

colhido”.<sup>57</sup> Entretanto na mesma carta de 1º de abril de 1918, Capistrano incentiva o amigo João Lúcio a ler o livro, confessa sua paixão pelos documentos e fala da emoção que sentiu quando viu o precioso manuscrito de Frei Vicente do Salvador: “a impressão que lhe deixará Frei Vicente não pode ser igual à minha, pegado de supetão, folheando um livro, de cuja existência não tinha certeza. Revivi a emoção do humanista da renascença, diante de um códice ressuscitado da antiguidade”.<sup>58</sup>

A diligência de Capistrano em publicar obras inéditas sobre o Brasil colonial criou em torno do historiador um “horizonte de expectativa” que fazia com que qualquer produção sua causasse “frisson” no meio intelectual, principalmente entre os intelectuais que o rodeavam.<sup>59</sup> No caso da edição da obra de Frei Vicente do Salvador, João Lúcio escreveu uma resenha crítica na seção “Bibliografia” da *Revista de História* de 1919, elogiando o trabalho e os comentários iniciais de Capistrano:

É a terceira vez que o sr. Capistrano de Abreu empreende a publicação da obra do franciscano Frei Vicente do Salvador, o primeiro historiador do Brasil na ordem cronológica, e um dos primeiros sob o ponto de vista literário pela exactidão dos fatos e candura da narrativa, em estilo totalmente escoimado do culteranismo e vícios da época, e a cuja simplicidade corresponde à máxima objetividade na exposição dos acontecimentos (...) É, como fica dito, a terceira vez que este escritor, namorado da obra de Frei Vicente, empreende a sua publicação. A primeira em 1886, não podendo então chegar ao fim. À segunda pouco depois, no volume 13º dos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, que saiu em 1889, a instâncias suas, e precedendo-a de um interessante estudo biográfico-crítico; edição para um público restrito, por ser pequena tiragem. Só agora a obra do olvidado franciscano atinge aquela possibilidade de divulgação, que teriam satisfeito as suas ambições de autor. (...) Os estudiosos têm seu quinhão no erudito comentário anteposto a cada um dos cinco livros, no qual a penetração da crítica, o preciso das

<sup>57</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 1 de abril de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 89.

<sup>58</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 1 de abril de 1918. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 90.

<sup>59</sup> Rodolfo Garcia, que na explicação para a 3ª edição do livro de Frei Vicente do Salvador, em 1931, afirmou que o sucesso do livro devia-se aos “maravilhosos ‘prolegômeros’ que após o mestre a cada um dos livros de Frei Vicente, e que por si sós constituem a mais lúcida síntese da História do Brasil, que jamais se escreveu”(GARCIA, Rodolfo. Explicação para a 3. ed. In: SALVADOR; Frei Vicente do. **História do Brasil**. 7. ed. São Paulo: Itatiaia, 1982).

anotações, a abundância de documentos, o conhecimento das fontes bibliográficas revelado, só podem surpreender aos que ignoram que lugar tem entre os sabedores da especialidade o comentador. No ano passado, um jornalista fluminense, fazendo com alguns traços de humorismo o retrato literário de Capistrano de Abreu, intitulava o artigo – *O Homem que mais sabe no Brasil* - Acrescentando a palavra *História*, o crítico mais sisudo e escrupuloso poderia subscrever a afirmativa.<sup>60</sup>

Ao receber a *Revista de História* com a crítica de João Lúcio, Capistrano escreve uma carta agradecendo ao amigo a gentileza da divulgação de seu trabalho: “li na *Revista* sua notícia, cuja gentileza muito me penhorou. Noto apenas que Fr. Vicente é quem afirma ter escrito o livro a pedido de Severim”.<sup>61</sup> Essa manifestação pública de elogios aponta para uma prática dentro do campo historiográfico: a opinião do “público especializado” com relação à obra historiográfica, que se torna mais importante do que a do público em geral.

A propósito do verdadeiro destinatário do livro de História, De Certeau afiança que “uma obra é menos cotada por seus compradores do que por seus “pares” e seus “colegas”, que apreciam segundo critérios científicos diferentes daqueles do público e decisivos para o autor, desde que ele pretenda fazer uma obra historiográfica”.<sup>62</sup>

Nesse sentido, a obra de História deve ser percebida não só a partir do lugar social daquele que a elabora, mas também a partir do trabalho coletivo que é estabelecido pela disciplina e do reconhecimento dos pares. Outra prática de legitimação do discurso historiográfico é o uso do prefácio para se comunicar com os futuros leitores, criando um espaço inicial dentro do livro, espaço esse utilizado como “estratégia”<sup>63</sup> para aguçar a leitura e, às vezes, para o autor se definir e se agenciar no campo intelectual.

---

<sup>60</sup> AZEVEDO, João Lúcio de. História do Brasil por Frei Vicente do Salvador. **Revista de História**. Lisboa: Clássica, n. 31, 1919, p. 239.

<sup>61</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada do dia de São Sebastião (20 de janeiro). In: ABREU, CCA, v.2, 1977, p. 143.

<sup>62</sup> CERTEAU, op. cit., p. 72.

<sup>63</sup> O conceito de estratégia, tal como o definiu Certeau, é um cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder é isolado em um ambiente. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. Cf.

No prefácio dos livros *História de Antônio Vieira e Épocas de Portugal Econômico*, João Lúcio escreveu uma dedicatória para Capistrano, inserindo-se e marcando seu lugar no campo intelectual brasileiro, posto que havia certa disputa no campo do conhecimento histórico entre Brasil e Portugal, a que já nos referimos anteriormente. No prefácio de *História de Antônio Vieira* (1918) há um agradecimento especial:

Se pois conseguiu o autor retratar com alguma fidelidade esta grande figura, terá realizado uma ambição que o anima desde muito. Foi ele incitado a convertê-la em ato por José Veríssimo, o crítico e polígrafo, de que se honram as letras do Brasil; ajudou-o com atilados conselhos e preciosas indicações Capistrano de Abreu, o cultor exímio da ciência histórica, e que é naquele país mestre acatado: ambos interessados pelo trabalho relativo a um filho genial da raça lusa, singular em tudo e, pelo que de sua vida pertence ao Brasil, quase mais de lá que da pátria nativa. Assim não saia o livro de todo indigno do paládio desses dois nomes.<sup>64</sup>

Capistrano agradece aos amigos a gentileza da divulgação de seu trabalho, o que nos aponta para a importância da opinião do público especializado para o reconhecimento da obra dentro do campo historiográfico. Quando Capistrano lançou *Capítulos de História Colonial* em 1907, Mário de Alencar escreveu uma resenha crítica elogiando autor e livro no *Jornal do Comércio*, afirmando que “escreve não para analisar o livro, mas para homenagear o ‘mestre’”,<sup>65</sup> e segue realçando a abstenção da publicidade do autor, sua vocação de historiador e capacidade de investigação minuciosa de documentos. Finaliza assegurando que *Capítulos* é um livro de mestre para mestres e somente a esses cabe discuti-lo.

---

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

<sup>64</sup> Ver AZEVEDO, João Lúcio de. Explicação Prévia. AZEVEDO, João Lúcio de. **História de Antônio Vieira**. Lisboa: Clássica, 3. ed, 1992.

<sup>65</sup> ALENCAR, Mário. Sobre um livro de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Minerva. t. 28, 1915.

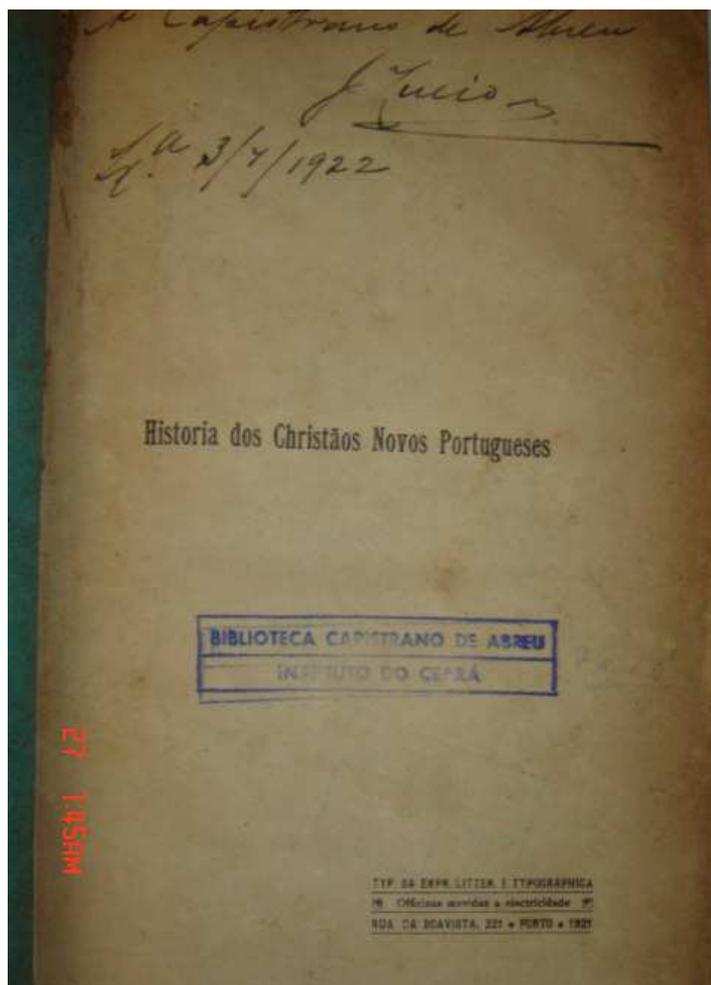


Figura 5: Edição de *História dos Cristãos Novos Portugueses* – Acervo Instituto do Ceará.

Além desses prefácios, que agradeciam a contribuição de Capistrano, encontramos dedicatórias assinadas em exemplares de sua biblioteca,<sup>66</sup> feitas por alguns dos amigos do historiador. Entre essas se destaca a de seu amigo português João Lúcio de Azevedo no livro *História dos Cristãos Novos Portugueses*: “A Capistrano de Abreu. J. Lúcio – 3/7/1922” e no volume *O Marquês de Pombal e sua época*.

Além da dedicatória de João Lúcio, existem, na sua biblioteca, outras assinadas por admiradores de Capistrano, como a assinada por Pedro Calmon em seu livro *História da Bahia (das origens a atualidade)*, onde escreveu: “ao grande mestre Dr. Capistrano de Abreu, homenagem do menor dos seus

<sup>66</sup> A Biblioteca da Sociedade Capistrano de Abreu compõe-se de livros pertencentes ao patrono da Sociedade e livros dos sócios da instituição. A Biblioteca está depositada no Instituto Histórico do Ceará.

discípulos, do maior dos seus admiradores. 5 de março de 1917”.<sup>67</sup> Outras dedicatórias foram assinadas, por exemplo, a de Alberto Souza em seu livro *Os Andradas*: “ao insigne, ao favorito historiador, Exmo. Sr. Dr. Capistrano de Abreu, oferta respeitosamente o autor, setembro de 1922”.<sup>68</sup> Afonso de Taunay, em seu livro *História Geral das Bandeiras Paulistas*, declarou: “ao ilustre mestre Capistrano de Abreu, lembrança afetuosa de Afonso, maio de 1924”.<sup>69</sup>

Capistrano de Abreu era homenageado pelos amigos nessas dedicatórias, o que mostra o reconhecimento intelectual dos seus pares. Essa amizade intelectual gerava trocas culturais, seja de livros, favores, documentos, de tal modo que diante do seu constante trabalho de publicação das obras inéditas e/ou esgotadas, Capistrano de Abreu também incentivava os amigos a publicar documentos e contribuir nessa tarefa de “vulgarizar” cada vez mais as fontes históricas sobre o Brasil. Por isso, Capistrano elaborou um método para normatizar as publicações, apresentado-o em carta ao Barão de Studart datada de 5 de fevereiro de 1900:

Vou-lhe dizer o modo porque me parece que a empresa se poderia realizar. Há documentos que não pedem mais que o transunto, por exemplo, nomeações, etc. Há outros que devem publicar-se integralmente, exemplo: todas as cartas mandadas para o reino, por mais insignificantes que sejam. Os documentos desta ordem V. até hoje tem publicado com a falta de ortografia e pontuação no original, deixando a cada um interpretá-los como entender. O sistema que eu e Cabral introduzimos é diferente por muitos motivos: primeiramente nosso trabalho, embora feito com o maior rigor a que podemos atingir, é de vulgarização, em segundo lugar, ater-se à ortografia arcaica é conjurar contra si todos os compositores e revisores, em terceiro lugar, o editor preocupado com a grafia não tem tempo de atender a questões mais sérias, em quarto lugar, é preciso que quem edita qualquer papel assumo a responsabilidade da interpretação. (...) A realizar-se este plano,

---

<sup>67</sup> Dedicatória feita por Pedro Calmon no exemplar de seu livro oferecido a Capistrano de Abreu. Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>68</sup> Dedicatória feita por Alberto Souza no exemplar de seu livro oferecido a Capistrano de Abreu. Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>69</sup> Dedicatória feita por Afonso de E. Taunay no exemplar de seu livro oferecido a Capistrano de Abreu. Acervo do Instituto do Ceará.

pedir-lhe-ia a maior catolicidade, aproveitar todos os documentos conhecidos, quer os de seu arquivo, quer os que já foram publicados por João Brígido, Araripe, Perdigão, etc.: Nada de exclusivismo. Nos de seu arquivo, conviria indicar a procedência, que infelizmente V. calou no seu catálogo.<sup>70</sup>

Nessas linhas, Capistrano traça um plano historiográfico de “vulgarização” e difusão dos documentos relacionados à História do Brasil. Como podemos apreender nessas recomendações feitas para o copista dos documentos, o historiador sugere que ele siga “a ortografia atual, porque nossa edição é popular”.<sup>71</sup>

Sua preocupação com as notas e a melhor forma de apresentá-las no texto impresso aparece várias vezes na sua correspondência com Afonso de Taunay, como nessa carta de 9 de janeiro de 1914: “as notas que fizer, acoste-as ao texto, sem chamadas: as diferenças de tipo impedirão a confusão”.<sup>72</sup> Porém, afirma em seguida que não pôde fazer o mesmo na edição anotada que organizou da obra de Varnhagen.

Em outra carta, de 13 de junho de 1914, Capistrano volta a falar da disposição das notas em um texto histórico: “cuidado com as notas: tendo de levantar e abaixar os olhos, tem-se a impressão de estar cochilando. Melhor reunir no fim de cada capítulo, mas sem chamadas. Assim: para tal fato cita-se o documento”.<sup>73</sup> Essas críticas às notas de rodapé são compartilhadas por outros autores que consideravam que elas interrompiam a narrativa histórica ou tornavam-na enfadonha e dirigida apenas para um público especializado de historiadores.<sup>74</sup>

Segundo Guimarães, “a pesquisa de fontes inscreve-se, assim, como uma das preocupações primeiras daqueles homens voltados à tarefa de

<sup>70</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 5 de fevereiro de 1900. In: ABREU, CCA, v.1, 1977, p. 148-149. (grifo nosso)

<sup>71</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 2 de abril de 1886. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 327.

<sup>72</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 9 de janeiro de 1914. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 277.

<sup>73</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 13 de junho de 1914. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 278.

<sup>74</sup> Sobre as funções das notas para a histórica científica, cf. GRAFTON, Anthony. **As origens trágicas da erudição**: pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Campinas: Papyrus, 1998.

escrever a história do Brasil”.<sup>75</sup> Esse cuidado em pesquisar e editar obras raras sobre o país pode ser acompanhado na execução da *Série Eduardo Prado: Para melhor conhecer o Brasil*, na qual Capistrano teve a chance de divulgar alguns dos documentos e textos que julgava “fundamentais” para o estudo da história nacional, já que ele considerava que, “no Brasil nós não precisamos de história, precisamos de documentos, uns oitenta volumes como os da Rev. do Inst., porém feitos por gente que saiba aonde tem o nariz”.<sup>76</sup> O objetivo da série era publicar obras históricas que não tinham sido publicadas no Brasil ainda, como explica Capistrano no volume *Confissões da Bahia*, que a inaugura:

Contra o que se assentara e se esperava sai este volume da Série Eduardo Prado antes da edição fac-símile de Claude d’Abbeville, que se está fazendo em França, e por onde devia começar. Foi melhor assim, Eduardo tinha certa predileção pelas coisas inquisitoriais. Os dois livros que planejou, sobre Antônio Vieira e Manuel Moraes, tratavam de processados do Santo Ofício. Com que prazer leria este! Com que alacridade mandaria copiá-lo se já fosse conhecido! No prólogo à nova edição de Claude d’Abbeville estão as seguintes linhas que explicam a presente publicação: “Depois de longo peregrinar, a curiosidade insaciável de Eduardo Prado fixou-se no Brasil. De livros brasileiros ou relativos às coisas brasileiras, os mais raros e os mais preciosos, coligiu grande número. Em investigações da história pátria contava consumir o resto da sua existência. O pouco que deixou feito mostra o muito que poderia fazer. A morte não lhe consentiu ir além. Amigo carinhoso e discípulo amado, Paulo Prado quer reatar a tradição do seu saudoso tio. De contribuições históricas seria capaz e é possível as apresente, se sua vida laboriosa lhe conceder as ensanchas imprescindíveis. Por ora limita-se a fornecer instrumentos aos desejosos de trabalhar. A Série Eduardo Prado destina-se aos que aspiram conhecer melhor o Brasil.”<sup>77</sup>

---

<sup>75</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo (Org.). **Nação e cidadania no Império**: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 111.

<sup>76</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 09 de junho de 1920. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 165.

<sup>77</sup> ABREU, J. Capistrano. Prefácio. In: Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça (Confissões da Bahia). Rio de Janeiro: Briguiet, 1935, pp. XXVII-XXVIII.

Para alcançar tal objetivo, os seus organizadores escolheram os seguintes volumes: *Confissões da Bahia 1591-92*, recolhidas pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça na Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil, e *História da Missão dos Padres Capuchinhos*, de Claude d'Abbeville, que inauguraram a coletânea com prefácios de Capistrano de Abreu em 1922. Além desses, foram publicados na mesma série *Denúncias da Bahia 1591-93* em 1925 e *Diário da navegação de Pero Lopes de Sousa* com prefácios do mesmo autor, sendo este póstumo, publicado somente em 1929.

Em 22 de junho de 1918, Capistrano conta para João Lúcio como surgiu a idéia de publicar a *Série Eduardo Prado*:

Paulo Prado, sobrinho do Eduardo, é rapaz culto. Atirado ao comércio, tem prosperado sem abandonar os livros. Preso em casa pela gota, leu meus Capítulos e ganhou amor à História do Brasil. Sugeriu-me que em honra do tio, cuja memória continua a estremecer, publicasse uns livros com o título Eduardo Prado. Aceitou a idéia, com a condição de escrever os prólogos este seu amigo. O primeiro volume será Claude de Abbeville, que ele fará imprimir em Paris, para onde partirá nestes dois meses. O segundo é objeto de cheque incluso.<sup>78</sup>

Nesse projeto, Capistrano teve a participação ativa de João Lúcio, visto que partilhou com ele desde a concepção até a execução da série. Depois de estabelecidos os volumes que poderiam ser publicados, era necessário copiar as obras que estavam em arquivos portugueses. Diante disso, a atuação de João Lúcio como encarregado de localizar as obras, copiá-las e enviá-las para o Brasil se tornou fundamental para o andamento do projeto. Cabe sublinhar que João Lúcio não lia originais e não fazia as cópias, como confessa a Capistrano: “olhei para elas, mas, como não sei ler a escrita, incumbi o mesmo empregado de fazer a busca nos documentos que são bastante extensos”.<sup>79</sup> Em 8 de agosto de 1919, João Lúcio dá mais detalhes sobre o copista contratado:

---

<sup>78</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 22 de junho de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 99 e 100.

<sup>79</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 22 de agosto de 1918. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 228.

O copista da torre do tombo se chamava Álvares Valdez; não me parece que valha a pena escrever-lhe, porque não passa de uma máquina de escrever animada; falta-lhe esperteza e gosto pela especialidade; copia, copia e copia, mais nada. Não querendo esperar, para o que quer saber, pelo meu regresso melhor será escrever a Baião. Há dias escrevi a Braamcamp Freire, e transmiti-lhe seu pedido acerca de Cristovão Jacques. Não tive resposta ainda e pouco a espero. O homem não é dado a epistolografia e seus conhecimentos em assuntos relativos ao Brasil são muito restritos. D. João 2º, as poetas do cancionero, homens e sucessos da corte até o reinado de D. João 3º; aí são principalmente os seus domínios.<sup>80</sup>

O primeiro texto escolhido por Capistrano para a coletânea foi *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*, de Claude d'Abbeville, seleção motivada pela tentativa de suprir uma lacuna referente à “ausência” de escritos sobre a história dos franceses no Maranhão.<sup>81</sup> Começa a escrever a introdução do livro em meados de 1919, e pede ao amigo João Lúcio alguns dados referentes ao autor da obra:

Vou ver se hoje avanço um pouco a introdução a Abbeville. Tenho escritas umas seis páginas e vou abordar C. Jaques. Tenho querido pedir-lhe que indague do Braamcamp Freire se encontrou alguma coisa sobre ele. Bastaria saber se era ou não espanhol. É a única dúvida que tenho sobre aplicar-se a ele um documento espanhol descrevendo uma viagem ao rio da Prata no fim do reinado de D. Manuel.<sup>82</sup>

No prefácio para Claude d'Abbeville, Capistrano faz um estudo sobre a ocupação dos franceses na província do Maranhão, desde sua primeira aparição até as pazes feitas com os índios por Jerônimo de Albuquerque, no Rio Grande, já quase terminado o século XVI. João Lúcio, ao saber do projeto, comenta: “li com prazer a introdução ao Abbeville. Conheço a obra de tradução

<sup>80</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 08 de agosto de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>81</sup> Razões apresentadas por Capistrano de Abreu em carta ao amigo João Lúcio de Azevedo datada de 16 de setembro de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 110.

<sup>82</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 12 de junho de 1919. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 132.

de Cezar Marques, bom sujeito, que com Bertino foi muitas vezes conviva em minha casa no Pará. A impressão, que provavelmente terá notas suas, prometeu-me um vivo gozo espiritual”.<sup>83</sup> Entretanto, a edição de Claude d’Abbeville não foi anotada por Capistrano:

A edição de Cl. d’Abb. será fac-similar. Contratou-a com a Casa Champion por 12 mil francos, cem exemplares. Achei pouco para uma obra de vulgarização. Prometeu passar telegrama aumentando o número para 250. Não trará notas minhas. Sobre os processos da Inquisição falamos perfunctoriamente. Entende que a publicação deve ser integral; em documento não se toca. Entreguei-lhe o volume das Confissões da Bahia que levou para examinar.<sup>84</sup>

O primeiro volume da série não saiu da forma planejada por Capistrano de Abreu, posto que teve uma tiragem de 100 exemplares apenas e foi editado na França sem a supervisão dele. No entanto, ele termina a carta dirigida a João Lúcio falando da continuidade do projeto da *Série Eduardo Prado*, ao mencionar a organização e impressão das *Confissões da Bahia*, que teve a tiragem desejada por Capistrano de 250 exemplares, e acabou inaugurando a série, devido ao atraso da impressão Abbeville. A participação de João Lúcio na coleta das cópias para publicação foi fundamental, como explica nessa carta para Capistrano, de 19 de fevereiro de 1920: “com a minha forçada ausência da Torre do Tombo, o serviço das cópias parou. Tinha-me prometido o Valdez os documentos que precedem o 1º Livro das Confissões, edito da graça, etc. para o fim do mês passado, e até agora não deu sinal de si. Infelizmente não há outra pessoa a quem se recorra”.<sup>85</sup>

No prefácio das *Confissões da Bahia*, Capistrano agradece:

As cópias publicadas neste volume foram bondosamente lidas pelo digno diretor da Torre do Tombo, Dr. Antônio Baião. Sem a dedicação incansável de

<sup>83</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 25 de novembro de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>84</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 17 de dezembro de 1919. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 139.

<sup>85</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 19 de fevereiro de 1920. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 232.

Lúcio d’Azevedo não seria possível obtê-las. Às confissões faltam as frases tabeliosas com que começavam e acabavam: a de Frutuoso Alves vai completa para se ver que o que foi cortado não fez falta. A grafia reproduz a do copista, exceto num ponto: não havia é, i, u com til e não se pendou em fundi-los a tempo. Muitas notas seriam necessárias ao esclarecimento do texto: ficam reservadas para o volume das *Denúncias*. Nele será amplamente aproveitada a História dos Christãos Novos Portugueses de João Lúcio d’Azevedo, de que a amizade do autor me permitiu a leitura antes de qualquer outro.<sup>86</sup>

Os dois historiadores dão continuidade à cópia dos documentos sobre a inquisição, como podemos acompanhar na correspondência trocada entre eles. Em fevereiro de 1922, João Lúcio informa: “foram para o correio as últimas folhas das Denúncias. Nada mais há naquele livro, nem aparecem outras além das que já lhe foram mencionadas. Mande continuar com a visita de Marcos Teixeira, até receber ordem em contrário”.<sup>87</sup> Desde 1918, João Lúcio estava comandando a cópia de documentos sobre a inquisição para Capistrano, embora somente em 1925 tenha sido publicado as *Denúncias da Bahia na Série Eduardo Prado*.

Além desse projeto feito em parceria com João Lúcio e o financiamento de Paulo Prado, Capistrano foi um incansável difusor de livros raros, não cessando de coligir dados sobre livros escassos e de decifrar alfarrábios, no intuito de editar esses textos de História e publicá-los para difundi-los. Assim, presenteou o público com algumas obras, dentre às quais estão *Informações e fragmentos Históricos* do Padre José de Anchieta, na série *Cartas Jesuíticas* em 1886; *Tratado descritivo do Brasil*, de Pero de Magalhães Gândavo, no Anuário do Brasil em 1924; *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, de Fernão Cardim, pela J. Leite & Cia. em 1925.

Nesse espírito de organização e propagação de documentos sobre o país, Capistrano foi responsável pela elaboração do catálogo da biblioteca de Ramos Paz depois da sua morte, como conta a João Lúcio em setembro de 1919: “estou inteiramente no ar: auxiliando o catálogo da livraria de um meu

<sup>86</sup> ABREU, 1935, pp. XXVIII-XXIX.

<sup>87</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 26 de fevereiro de 1922. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 239.

finado amigo, Ramos Paz, que tem raras preciosidades”.<sup>88</sup> Quando estava “garimpendo” em outra biblioteca particular, a de Eduardo Prado, Capistrano informa que encontrou uma notícia valiosa sobre Gaspar de Souza: “li isto num manuscrito da Biblioteca do Eduardo Prado”.<sup>89</sup> Dessa biblioteca, o historiador escolheu um manuscrito sobre a Missão dos Capuchinhos no Rio São Francisco presente na biblioteca de Eduardo Prado para doá-lo à Coleção Studart, coleção particular do seu amigo Guilherme Studart:

Deixei em São Paulo a proposta para a compra de um manuscrito, que espero oferecer para tua coleção, paguei-o antecipadamente, sem arrebentar as finanças. Trata-se de uma inspeção feita às missões do S. Francisco, em 1760, pelo teu protegido Jerônimo Mendes Paz. A escrita é atrapalhada e apenas percorri ligeiramente as páginas. Aceitarão a proposta?<sup>90</sup>

A proposta da compra do manuscrito foi aceita. Ele está depositado na Coleção Studart,<sup>91</sup> que se encontra no Instituto do Ceará, com uma dedicatória de Capistrano de Abreu. Alguns anos antes, Guilherme Studart havia pedido ao amigo Capistrano que aumentasse a sua coleção particular:

Como vê, apesar de ser eu um dos particulares que possuem uma bonita coleção, ainda não é ela cousa que avulte. Você bem poderia supri-lhe as lacunas, aumentá-la na preciosidade, ministrando-me indicações ou notícia das fontes a que eu possa socorrer-me. Mande, pois copiar para mim tudo o que houver nos arquivos daí sobre o Ceará desde 1600 a 1650.<sup>92</sup>

---

<sup>88</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 30 de setembro de 1919. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 136.

<sup>89</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 18 de março de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 86.

<sup>90</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 5 de dezembro de 1916. In: ABREU, CCA, v.1, 1977, p. 184.

<sup>91</sup> O manuscrito citado está depositado no Instituto do Ceará e pertence à Coleção Studart. Localizado no subfundo “Documentos”, caderno 11, referente ao manuscrito oferecido por Capistrano de Abreu a Guilherme Studart, adquirido da Biblioteca de Eduardo Prado. Contém vários documentos do Séc. XVIII, incluindo cartas e relatos da Missão dos Capuchinhos no Rio São Francisco.

<sup>92</sup> Carta de Guilherme Studart para Capistrano de Abreu datada de 24 de agosto de 1893. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 149.

Essa troca de documentos era uma prática usual para Capistrano. Com vários de seus correspondentes, percebemos essa rede de intercâmbios, na qual circulavam fontes, livros, manuscritos. Em carta ao Barão de Studart, Capistrano deixa transparecer uma dessas permutas: “acabo de receber uma nota sua sobre Fr. Vicente, Custódio de Faria. Obrigado. Mando-lhe em troca a nota sobre Martim Soares Moreno de que já falei noutra”.<sup>93</sup>

Nesse intercâmbio, podemos vislumbrar dois tipos de pesquisadores: um que tencionava formar um acervo privado e outro que objetivava difundir esses documentos. Capistrano planejava incessantemente publicar documentos para efetivação de uma escrita da História do Brasil, incentivava e pedia ajuda, como relata ao amigo Guilherme Studart em fevereiro de 1900: “tenho ordem do ministro da Fazenda para continuar a coleção de documentos sobre a História do Brasil, que há anos comecei com Vale Cabral. Venho pedir-lhe o seu auxílio”.<sup>94</sup> Em outra carta, de agosto de 1901, reitera a solicitação citada acima: “em tempo escrevi-lhe uma ou duas cartas, de que não tive resposta. Repito o pedido: suas notas sairão com seu nome: as de que agora preciso referem-se aos capítulos anteriores à guerra holandesa: já tenho impresso até o descobrimento do Brasil: 128 págs.”.<sup>95</sup>

Em meados do século XIX, começa a desabrochar um crescente interesse pelo valor histórico dos arquivos e os documentos ganham o *status* de testemunhos da História. Buscando essas testemunhas, Capistrano iniciou seu longo (quase 50 anos) e árduo trajeto para pesquisar, identificar, anotar, revisar e revelar o maior número de fontes e documentos para os historiadores preocupados com o passado do Brasil.

Para além de seu trabalho individual de pesquisa, Capistrano de Abreu formou em torno dele uma “rede de sociabilidade” capaz de realizar um trabalho coletivo de discussão, troca, ajuda mútua e reconhecimento intelectual. Trabalhos coletivos que geraram vários projetos bibliográficos, como os apresentados aqui. Além dessas, ele tinha outras pretensões, como a

---

<sup>93</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de junho de 1902. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 156.

<sup>94</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 5 de fevereiro de 1900. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 148-149.

<sup>95</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 18 de agosto de 1901. In: ABREU, CCA, v.1, 1977, p. 150.

de montar uma coleção de documentos sertanejos, confessada em uma epístola a João Lúcio: “deixei-lhe na cidade uma carta mais longa, em que tratava de minha projetada coleção de documentos sertanejos. É preciso recorrer ao Castro e Almeida e passar pelas forcas caudinas”.<sup>96</sup>

Essa coleção não se concretizou, mas outros dos seus projetos incidiram radicalmente na historiografia nacional, devido à importância que Capistrano dava a algumas obras, como *História do Brasil* de Frei Vicente Salvador, e *Cultura e Opulência do Brasil*, de João Antônio Andreoni. Assim, seu constante incentivo moveu vários intelectuais, amigos íntimos do “mestre”, a seguir com o trabalho de investigação, pesquisa, difusão e reprodução de obras raras e esgotadas no cenário nacional,<sup>97</sup> com o intuito de “divulgar” esses livros, reproduzindo fontes, textos e documentos para “preservar” parte da memória escrita sobre o Brasil dos primeiros séculos da colonização.

Todo trabalho de História, segundo Michel de Certeau, “começa como o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”.<sup>98</sup> De tal modo, Capistrano buscou fontes de exata informação histórica e de probidade científica, procurando estudar os documentos de acordo com a hermenêutica, e erigir narrativas fundamentadas neles. Portanto acabou transformando essas raridades bibliográficas em “monumentos”<sup>99</sup> da pátria. Além disso, sua atuação em instituições como a Biblioteca Nacional, o IHGB e o Colégio Pedro II, onde apanhava textos de que necessitava, pesquisava, lia e tomava notas, criava condições para que outros pudessem ler.

---

<sup>96</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 23 de março de 1918. In: ABREU, CCA, v.2, 1977, p. 88.

<sup>97</sup> Cabe sublinhar o empenho dos membros da Sociedade Capistrano de Abreu em editar obras raras como *A Primeira Visitação do Santo Ofício as partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça (Confissões da Bahia)*, publicado em 1935, dentre outras.

<sup>98</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

<sup>99</sup> Em carta ao Dr. Mendes da Rocha, então diretor da Biblioteca Nacional, Capistrano refere-se a algumas edições raras de livros sobre a língua tupi como verdadeiros monumentos bibliográficos, afirma que se fossem reimpressas tais obras “teríamos para o Brasil a série completa de monumentos da língua tupi”. Cf. Carta de Capistrano de Abreu para Mendes da Rocha datada de 22 de fevereiro de 1893. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 59.

## 2.2 Livro vai – Livro vem: formação de uma comunidade de leitores.<sup>100</sup>

*Talvez o leitor puro, o leitor que só lê, seja o escritor mais perfeito, o escritor mais feliz, pois é autor gracioso de tudo que lê. Autoriza-se em vários estilos. Escreve-se em vários gêneros. E tem uma vantagem: não tem dívidas para com a posteridade. Apodera-se de cada texto que lê, torna-se pleno com a plenitude alheia.<sup>101</sup>*

Afonso Romano de Sant'anna

O trecho retirado da obra de Afonso Romano de Santana nos sugere que o leitor se apropria das leituras que faz de textos alheios, reescrevendo-os à medida que os lê. A correspondência mantida entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo (1916-1927) fornece um indício sobre dois leitores discutindo suas leituras, enquanto vão tocando as questões rotineiras da vida e do ofício de historiador. Assim, exploramos aqui principalmente os tipos de apropriação e críticas literárias feitas por eles no âmbito do debate epistolar.

Segundo Fernando Amed,<sup>102</sup> Capistrano se revelava nessas cartas ao seu mais próximo interlocutor, posto que nas epístolas para João Lúcio comentava aspectos pessoais concernentes à vida de cada um. Ambos falavam da família, da viuvez, da velhice, da proximidade da morte, além de debater sobre o ofício de historiador, com sugestões de pesquisas, indicação de documentos, livros e autores (criticando ou ajuizando suas condutas e obras).

Capistrano tem suas singularidades como leitor. Pode ser comparado a um “devorador de livros”, um leitor insaciável, posto que dedicava horas, dias, meses para a leitura e vivia rodeado de livros, jornais, cadernos, anotações

<sup>100</sup> O título sugerido nesse tópico foi influenciado pelo trabalho de pesquisa apresentado por Emy Falcão Neto em comunicação oral no IV Seminário de Pesquisa do Departamento de História: Escritas da História, realizado de 6 a 9 de dezembro de 2006. Cf. Texto no Caderno de Resumos do evento.

<sup>101</sup> Cf. SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Coleção Melhores Crônicas**. São Paulo: Global, 2003.

<sup>102</sup> Cf. AMED, Fernando José. **História ao portador**: interlocução privada e deslocamento no exercício de escrita de cartas de João Capistrano de Abreu (1853-1927). Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2001, p. 175.

soltas em folhas espalhadas pelo seu quarto, como nos relatam seus biógrafos. Dentre essas memórias biográficas, destacamos a de Raimundo de Menezes, que chega a afirmar que Capistrano de Abreu tinha uma necessidade física de leitura e que “numa interrupção de sono, alta noite, repousa lendo. Lê no bonde, às horas da comida, em toda parte, e lê tudo, poesia, obras de ficção, direito, ciências físicas e naturais, filosofia, economia política, e ainda lhe sobra atenção para acompanhar os jornais daqui e os principais do estrangeiro”.<sup>103</sup>

Capistrano era um apaixonado pelos livros. Lia deitado numa rede,<sup>104</sup> hábito de um “típico cearense”, como relata em sua correspondência a João Lúcio: “aqui no Rio fiz duas aquisições: saber do alemão o bastante para lê-lo na rede, sem estar a cada instante para recorrer ao dicionário; e através de Wappoeus, Poschel e Ratzel compreender que a geografia é tão bela ciência como difícil”.<sup>105</sup> Em outra carta, confessa ao amigo: “encontrei à mão o terceiro volume de Castanheda e tenho estado a lê-lo na rede, como romance, apenas traçando uma ou outra marca a lápis, para facilitar o encontro de algum trecho se for preciso”.<sup>106</sup> A rede lhe inspirava a leitura, como revela nessa carta de 28 de setembro de 1910 a João Pandiá Cológeras: “aos vaivens da rede, parece-me tudo simples e harmônico”.<sup>107</sup>

---

<sup>103</sup> MENEZES, 1956, p. 54.

<sup>104</sup> A rede de Capistrano de Abreu está depositada no Museu do Ceará e pertence ao Instituto do Ceará. Segundo Ramos, dentre os “objetos biográficos” do historiador, a rede tem uma presença peculiar, posto que era “a rede onde Capistrano dormia e estudava, artefato em sintonia com os sentidos que ele mesmo deu para sua vida, e com as memórias daqueles que constituíram sentidos para a biografia do historiador”. Cf. RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A Doação do objeto**. O Museu e o ensino de História. Chapecó: Argus, 2004, p. 110.

<sup>105</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 19 de março de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 38.

<sup>106</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 18 de setembro de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 69.

<sup>107</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Pandiá Cológeras datada de 28 de setembro de 1910. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 364.



*Figura 6: Rede de Capistrano de Abreu – Acervo Museu do Ceará.*

O gabinete de leitura de Capistrano de Abreu, na velhice, era o porão de sua casa, onde ele lia estendido numa rede, e à “medida que ia lendo, atirava os livros, a esmo, no chão, pelos cantos, para a mesa, por forma que os volumes iam formando pilhas, a que a poeira concedia extravagantes ornatos”.<sup>108</sup> João Lúcio nos revela outro ambiente para as suas práticas de leitura: “no lugar onde escrevo o termômetro marca 8°. Aqueço as mãos de vez em quando a um esquentador elétrico que tenho junto da carteira”.<sup>109</sup> Entre esses dois lugares de leitura, a rede e a carteira, há diferenças de gestos, posturas e modos de ler. Já entre esses dois leitores, Capistrano e João Lúcio, há similaridades de gostos, textos preferidos e apreciações de leituras.

Entrevemos, nessa correspondência, várias maneiras de ler, desde uma leitura rápida de um periódico, na qual Capistrano afirma que “o trabalho do Jornal, pequeno volume, é enorme para artigo; não o li, mas passei os olhos e fiquei senhor de seu pensamento”,<sup>110</sup> até uma leitura atenta “li com atenção

<sup>108</sup> MENEZES, Raimundo. **Capistrano de Abreu**: um homem que estudou. São Paulo: Melhoramentos, 1956, p. 32.

<sup>109</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 26 de dezembro de 1926 – Acervo do Instituto do Ceará. (grifo nosso)

<sup>110</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 6 de setembro de 1915. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 236.

de que são dignos os dois trabalhos sobre a história do Ceará (...) gostei muito de ler seu folheto, e lucrei e aprendi bastante”<sup>111</sup>; ou mesmo uma leitura como aprendizado “tenho-me cercado de livros sobre a história e a geografia de S. Paulo, e não tenho lido outra cousa e voltarei menos ignorante do que vim”.<sup>112</sup>

A partir dessas epístolas, vislumbramos a formação de uma “comunidade de leitores”<sup>113</sup> estabelecida entre Capistrano, João Lúcio e uma rede de interlocução com outros intelectuais que rodeavam a dupla. Nessas epístolas, encontramos variadas temáticas, desde afazeres próprios do ofício do historiador, como pesquisa de documentos em acervos, até relatos do cotidiano, incluindo aqui comentários de suas leituras diárias de livros históricos e romances.

Capistrano e João Lúcio trocavam, através da correspondência, idéias e opiniões sobre livros, jornais e estudos de suas próprias pesquisas, mas também de outros autores, como Euclides da Cunha, Raul Pompéia, Monteiro Lobato, Machado de Assis e outros. Sobre o último, João Lúcio teceu elogios: “tenho relido com delícia Machado de Assis, que escreve a língua do Brasil com o vocabulário dos clássicos. Em nenhum escritor moderno a nossa língua portuguesa é mais límpida e suave”.<sup>114</sup>

Capistrano freqüentava a casa de Machado de Assis, como podemos acompanhar através da correspondência trocada entre eles. Em carta de 22 de julho de 1880, Machado soube que Capistrano não o encontrou em casa, então procura saber o motivo do desencontro: “fiquei incomodado quando anteontem soube que se retirara, depois de longa espera. Esperei que ontem me

---

<sup>111</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Brígido datada de 20 de janeiro de 1883. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 52.

<sup>112</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 30 de outubro de 1916. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 245.

<sup>113</sup> Segundo Roger Chartier, essas “comunidades de leitores” objetivam compreender “como os mesmos textos podem ser diversamente apreendidos, manejados e compreendidos por indivíduos diferentes”. Os membros dessas comunidades interpretativas compartilham estilos de leitura e estratégias de interpretação. Cf. CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os Séculos XVI e XVII**. Brasília: UnB, 1999, p. 11.

<sup>114</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 28 de Outubro de 1918. – Acervo do Instituto do Ceará.

mandasse dizer alguma coisa, se se tratasse de negócio urgente”.<sup>115</sup> Em resposta, Capistrano explica o motivo da visita:

A sua bondade é tão grande que me incomoda. Fui anteontem, mas levado antes pela simpatia que lhe dedico e pela vontade de vê-lo e ouvi-lo do que por negócio. Ia também para falarmos sobre o plano que na distribuição de fatos da História do Brasil me parece o mais próprio para tornar a narrativa una. Ontem não voltei, hoje não irei, nem tão cedo, porque às 2 horas, ao sair da Biblioteca, tenho aula no Colégio Aquino. Se soubesse a que hora encontrá-lo em sua residência, iria qualquer domingo.<sup>116</sup>

Além dessas visitas, os dois escritores estudaram línguas estrangeiras juntos, fizeram o curso de inglês com o Professor Eduardo Alexander e o de alemão com o Professor Carlos Jansen. Constantemente, cruzavam-se nas gazetas, livrarias, jornais e cafés da cidade do Rio de Janeiro. Um dos primeiros contatos entre os dois intelectuais remonta a um caso relatado pelos biógrafos de Capistrano. Quando da morte do romancista José de Alencar, o jornal *Gazeta de Notícias* resolveu fazer uma homenagem ao escritor e pediu a Machado de Assis que escrevesse um artigo para publicarem no jornal. No entanto, Machado de Assis teria rasgado o texto que escreveu para homenagear o escritor cearense quando encontrou na *Gazeta* o necrológico de José de Alencar feito por seu conterrâneo Capistrano de Abreu, que foi publicado nesse jornal em 13 de dezembro de 1887, onde o jovem escritor afirma:

Hoje Alencar repousa à sombra das palmas virentes dos seus louros, pranteado pela esposa e filhos, e por todo um povo. Quando desgraças, como esta, sopram por sobre um povo, há como uma espécie de desequilíbrio, como uma força oculta e misteriosa que faz curvar respeitosa e comovida toda uma geração.<sup>117</sup>

<sup>115</sup> Carta de Machado de Assis para Capistrano de Abreu datada de 22 de julho de 1880. In: ASSIS, Machado de. **Correspondência**. São Paulo: Globo, 1997, p. 7.

<sup>116</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Machado de Assis datada de 23 de julho de 1880. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 49.

<sup>117</sup> ABREU, Capistrano. José de Alencar. In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)** – 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 45, 1976.

A amizade não impediu que Capistrano tecesse críticas ao trabalho de Machado de Assis, a ponto de afirmar em carta dirigida a Mário de Alencar, de janeiro de 1910, que “a papelada de Machado de Assis, salvo uma ou outra escapada humorística, é muito medíocre”.<sup>118</sup> E em artigo publicado no *Jornal do Comércio*, em setembro de 1920, afirma que Manuel Antônio de Almeida facilitou a carreira literária de Machado de Assis, antes “um medíocre tipógrafo da Imprensa Nacional”.<sup>119</sup>

Capistrano também expressou publicamente suas críticas ao romancista num artigo publicado na *Gazeta de Notícias* de 5 de dezembro de 1879:

É possível que o artigo que o senhor Machado de Assis dedicou à nova geração no último número da Revista Brasileira, desperte mais um protesto. Um negar-lhe-á talvez o direito de medir as raízes de alheias convicções. Outros discutirão a conveniência de tratar de política a propósito de literatura. Outro perguntará por que não julga conveniente citar Spencer sobre as tendências literárias quem aduziu a sua opinião sobre a ineficácia da instrução como elemento moralizador. Talvez até haja quem diga que o ilustrado escritor serviu-se da linguagem para disfarçar a idéia, e que seus conceitos são tão vagos e sutis, que não se pode perceber bem o que significam.<sup>120</sup>

Para Jefersson Cano,<sup>121</sup> os dois intelectuais divergiam em suas concepções de História e Literatura. De acordo com Capistrano,

A história quando é escrita com precipitação sem o conhecimento exato dos fatos e de todas as circunstâncias, e onde o autor, poeta ou romancista dá largas à sua imaginação deixa de ser história, é romance, é poema, deleita, agrada, distrai, mas não instrui, e não adianta idéia alguma, e livros que não

<sup>118</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 20 de janeiro de 1910. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 220.

<sup>119</sup> ABREU, Capistrano. Francisco Ramos Paz. In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)** – 2ª série. Brasília: Senado Federal, 2003, p. 137.

<sup>120</sup> ABREU, Capistrano de. Livros e Letras. In: **Ensaio e estudos (Crítica e História)** – 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 109, 1976.

<sup>121</sup> Sobre as divergências literárias envolvendo Capistrano de Abreu e Machado de Assis ver o artigo de: CANO, Jefferson. Machado de Assis, Historiador. In: CHALHOUB, Sidney e Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 35-65.

adiantam idéias, de pouca utilidade são. Ou história verdadeira ou romance, tem-se a escolher, mas fazer romance em assuntos sérios, só um espírito superior disso é capaz!<sup>122</sup>

Segundo Capistrano, a História como saber estava baseada no conhecimento exato dos fatos, no uso de documentos, numa “verdade histórica”, no caráter de aprendizado e de instrução da História. Essa era uma concepção que seguia ainda uma perspectiva do velho preceito ciceriano da História *magister vitae*, segundo o qual, o estudo do passado seria condição fundamental para se entender o presente e se perceber a direção do futuro. Para Machado de Assis, a história era instável e imprecisa, visto que a obra literária “poderia servir à análise da sociedade (...) [já que] a história se mostra complacente com as interpretações díspares, apresentando-se volúvel”.<sup>123</sup>

As críticas ao trabalho de Machado de Assis foram discutidas com relação à obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicada em 1881, numa carta escrita por Capistrano ao romancista em 10 de janeiro de 1881

Hoje, às 7 horas da manhã, poucos momentos antes de tomar o trem de Rio Claro para Campinas, me foi entregue com a sua carta de 7, o exemplar do Brás Cubas que teve a bondade de me enviar. Li de Rio Claro a Campinas e, preciso dizer-lhe? A impressão foi deliciosa – e triste também, posso acrescentar. Sei que há uma intenção latente porém imanente a todos os devaneios, e não sei se conseguirei descobri-la. Em S. Paulo, por diversas vezes, eu e Valentim Magalhães nos ocupamos com o interessante e esfíngico X. Ainda há poucos dias, ele me escreveu: “O que é Brás Cubas em última análise? Romance? Dissertação moral? Desfastio humorístico?” Ainda o sei menos que ele. A princípio me pareceu que tudo se resumia em um verso de Hamlet de que me não lembro agora bem, mas em que figura The pale cast of thought. Lendo adiante, encontrei objeções... et je jette ma langue aux chiens. Pretendo passar dois dias em Campinas, e aqui lerei o que me falta, que infelizmente não é tanto quanto desejaria. Livros como Brás Cubas

---

<sup>122</sup> ABREU, 1976, p. 39.

<sup>123</sup> ASSIS, Machado. A Nova Geração. **Revista Brasileira**, v. 2, 1 dez. 1879.

é que deveriam assumir as proporções de Rocambole ou Três mosqueteiros. Só no dia 15 partirei para o Rio.<sup>124</sup>

Capistrano resolve apresentar essa discussão sobre o romance de Machado de Assis para o público e dedica um artigo à obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* na sua coluna “Livros e Letras” da *Gazeta de Notícias* de 30 de janeiro de 1881, vinte dias depois da missiva apresentada acima. O historiador inicia seu artigo questionando o gênero literário da obra: “as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* serão um romance? Em todo o caso são mais alguma coisa. O romance aqui é simples acidente. O que é fundamental e orgânico é a descrição dos costumes, a filosofia social que está implícita”.<sup>125</sup> Segue afirmando que a filosofia usada pelo autor é triste e que este “é o primeiro a reconhecê-lo, e por isso põe-na nas elucubrações de um defunto, que nada tendo a perder, nada tendo a ganhar, pode despejar até às fezes tudo quanto se contém nas suas recordações”.<sup>126</sup> Finaliza o artigo afirmando que “a humanidade reside no todo, mas reside igualmente no indivíduo. Como, por conseguinte, pode lesar-se a si própria?”.<sup>127</sup>

Para Jefferson Cano, no romance, o fictício Brás Cubas é um exemplo de um indivíduo (Brás) que fazia de sua própria identidade uma alegoria da identidade da nação (Brasil), e o autor procura traçar paralelos das fases da vida do personagem com a História do Brasil, desde o fim da colônia até o final dos anos de 1860.

No prólogo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis adverte seus leitores: “a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião”.<sup>128</sup> Machado de Assis afirma que o seu personagem homônimo não tem nada a ver com Brás Cubas histórico, embora no romance *Memórias Póstumas* ele trace uma genealogia da sua família e

---

<sup>124</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Machado de Assis datada de 10 de janeiro de 1881. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 49.

<sup>125</sup> ABREU, 1976, p. 197.

<sup>126</sup> ABREU, 1976, 198.

<sup>127</sup> ABREU, 1979, 200.

<sup>128</sup> ASSIS, Machado. Prólogo. In: **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1995, p. 173.

afirme que o nome do personagem do seu romance é uma homenagem ao capitão-mor Brás Cubas.

Machado de Assis escreve, em seu romance, que o capitão-mor Brás Cubas tinha sido fundador de São Vicente,<sup>129</sup> já Capistrano afirmava que era fundador de Santos.<sup>130</sup> Brás Cubas era um explorador português e foi o fundador da vila de Santos, governando por duas vezes a Capitania de São Vicente (1545-1549 e 1555-1556). Chegou ao Brasil no ano de 1531, com a expedição de Martim Afonso de Souza, este considerado o fundador da vila de São Vicente.

Para Capistrano de Abreu, Brás Cubas era um personagem histórico, tanto que afirma que usará uma carta do capitão-mor nos seus *Capítulos de História Colonial* como fonte de pesquisa: “ainda poderia aproveitar-me da carta de Brás Cubas, descoberta pelo Alfaia, se não for a de 25 de abril de 1562, que já está impressa; e uns documentos sobre Jerônimo de Albuquerque, citados por Varnhagen”<sup>131</sup>; ou nessa epístola na qual volta a falar de Brás Cubas: “talvez escreva nos prolegômenos do segundo de Fr. Vicente algumas linhas sobre a sesmaria concedida a Brás Cubas, comparando-a com a de Duarte Lemos”.<sup>132</sup>

De acordo com Catroga, “um romancista histórico nunca será apreciado pelos seus leitores à luz dos cânones do saber historiográfico, independentemente do recurso que possa fazer de fontes históricas; é que a sua obra será julgada, sobretudo, em termos artísticos”.<sup>133</sup>

Aqui não entraremos na discussão se *Memórias Póstumas de Brás Cubas* era ou não um romance ou um romance-histórico, centramo-nos apenas na polêmica gerada entre esses dois intelectuais em torno dos seus campos de atuação, a História e a Literatura, cujo debate procurava delimitar as fronteiras

<sup>129</sup> Machado de Assis afirma que Brás Cubas era fundador da capitania de São Vicente em: ASSIS, 1995, p. 180.

<sup>130</sup> Capistrano afirma que Brás Cubas era fundador da cidade de Santos no seu artigo: ABREU, Capistrano. Paulística. In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)** – 2ª série. Brasília: Senado Federal, 2003, p. 88.

<sup>131</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Ramos Paz datada de 12 de abril de 1905. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 23.

<sup>132</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 29 de novembro de 1917. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 288.

<sup>133</sup> CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001, p.45.

entre os dois campos que se encontravam em processo de formação e construção no final do século XIX.

Mesmo discordando de Machado de Assis e considerando sua obra “medíocre”, Capistrano presenteava os amigos com obras do romancista brasileiro, como fez com seu amigo João Lúcio e com A. Portela. Esse último escreveu uma carta de março de 1900 agradecendo o romance presenteado: “não imaginas como apreciei as obras do nosso Schopier brasileiro (Assis, Machado) e te prometo ler todas as obras dele, quando voltar”.<sup>134</sup>

A circulação e troca de romances entre Capistrano e João Lúcio acenderam ainda mais a discussão em torno dos limites e disputas entre o ofício de historiador e de ficcionista. João Lúcio, em carta de 18 de agosto de 1922, critica o romance *O Judeu*, no qual foi abordado um personagem histórico.

Indo ver na Torre do Tombo uns processos de cristãos novos, para estudar os inventários, deparou-se-me [sic.] a família de Antônio José da Silva. Agora já sei todos os antecedentes. O processo de Antônio José foi publicado na Rev. do Instituto, mas até hoje ninguém se ocupou dele devidamente. Há um romance de Camillo, “O Judeu”, que pretende ser uma biografia do dramaturgo infeliz, mas está cheio de erros de fato, e a fantasia, coroando a ignorância, sobrepõe se à realidade. E afinal, para o público, aquilo é a biografia real. Estou coligindo apontamentos para pôr este caso direito em um tomo de estudos avulsos que agora me tenta, pois que, para obra de maior fôlego não me sinto com alma.<sup>135</sup>

Em março de 1925, João Lúcio volta a criticar Camilo Castelo Branco:

Aqui se tem feito uma exploração enorme da memória de Camilo. As janelas das livrarias estão repletas de volumes sobre ele. E principalmente cuidam de trazer a lume a sua vida privada, deixando de parte o escritor. Camilo vivia da pena, escrevendo romance sobre romance, para granjear o pão quotidiano. Romântico em seus princípios, passou depois ao naturalismo. A composição

<sup>134</sup> Carta de A. Portela para Capistrano de Abreu datada de 28 de março de 1900. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 166.

<sup>135</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 18 de agosto de 1922 – Acervo do Instituto do Ceará.

muitas vezes é frouxa, mas em todas as obras há páginas que são modelos de boa linguagem. Entrou no campo da história, desfigurando-a para suas narrativas a seu modo. O romance “O Judeu”; de que é herói Antônio José constitui um bom exemplo do seu método. Onde lhe faltava o conhecimento dos fatos, inventava. O que se sabe em Portugal de Antônio José é colhido no romance. A verdade mora em outra parte. As “Noites de Insônia” eram séries de artigos, que ia fazendo, para as necessidades do bolso, quando já não tinha fôlego, para as dimensões maiores do romance. As “Novelas do Minho” foram, creio, seus últimos trabalhos, digo que são das melhores. Nunca li. Na polêmica era formidável; um fogo de artifício de sarcasmo e amargura. Quis ser da Academia e possuir um título de nobreza. Na academia não o quiseram; era grande de mais para lá. Como lhe recusaram o título começou a escrever, suponho que nas “Noites de Insônia”, as origens da casa de Bragança. Afinal contentaram-no. Mande-i-lhe do Pará os artigos sobre o Bispo D. Frei João de L. José, que figuram nos “Estudos de História Paraense”. Agradeceu, prometendo reproduzi-las na 2ª edição das Memórias do Bispo, que nunca publicou. E assinou a carta: Visconde de Correia Botelho. Isto retrata e seu estado mental dos últimos tempos.<sup>136</sup>

“História e literatura são, creio eu, les moindres de ses soucis [as menores das preocupações]”,<sup>137</sup> segundo João Lúcio em carta dirigida a Capistrano em fevereiro de 1923. Apesar de “ser das menores preocupações”, Capistrano e João Lúcio atuaram como historiadores num momento de construção da disciplina nos seus países de origem. Portanto, defendem e legitimam um modo de fazer história “científica” pautada na verdade dos fatos e fundamentada nos documentos. Por isso, criticam os ficcionistas, que tentam fazer uma narrativa de eventos históricos sem uma apuração documentada dos fatos, numa disputa entre dois campos em construção: o histórico e o literário.

Para além dessa disputa, os dois leitores continuam trocando confidências literárias, lendo romances, como confessa João Lúcio: “ando há

---

<sup>136</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 4 de março de 1925 – Acervo do Instituto do Ceará. (grifo nosso)

<sup>137</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 11 de fevereiro de 1923. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 244.

muito apartado de literatura de imaginação, mas o romance brasileiro prende-me, por me recordar a vida passada”.<sup>138</sup>

Essas lembranças provocadas pela leitura levam Capistrano e João Lúcio de volta ao passado, trazem recordações longínquas, como as experiências da infância, quando eles tiveram as primeiras leituras. Capistrano, nessa carta dirigida ao seu amigo Ramos Paz, conta o seguinte: “já dei ao bibliotecário seu recado sobre o *Peregrino da América*. Peço-lhe adquira um para mim, pois é livro que desejo possuir desde a infância, e, além disso, a primeira vez que li o nome de Vale Cabral, foi no Ceará, assinando um artigo sobre este livro, que então ainda não conseguira ver”.<sup>139</sup> O livro desejado na infância só foi possuído quando Capistrano tinha 52 anos, como nos relata nessa carta de 27 de janeiro de 1905: “nosso amigo Peixoto me trouxe da Europa um exemplar do *Peregrino da América*: era o volume 761 de um alfarrabista seu conhecido, cujo nome não me acode agora”.<sup>140</sup>

Em carta de 18 de novembro de 1916, Capistrano narra ao seu amigo João Lúcio sua experiência na meninice com a leitura em voz alta: “se ainda não conhece a *Cultura e Opulência*, asseguro-lhe horas de verdadeiro deleite, o capítulo lembrado de minha infância intitula-se: Do que Padece o Açúcar, etc. Saboreei o prazer divino de ouvir aquele sermão de lágrimas, lido alto, a meu pedido, por um pregador afamado”.<sup>141</sup>

Os textos são lidos de formas diferentes, em espaços coletivos ou solitários. De acordo com Chartier, “a leitura é uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos”;<sup>142</sup> por isso é primordial investigar os usos sociais das idéias e os significados produzidos a partir dos registros das leituras feitas, explorando as práticas de leitura e traçando perfis de leitores.

Capistrano tinha hábito de leitura peculiar, a que já nos referimos. Apesar desta imagem singular de leitor, deitado numa rede, Capistrano, assim

<sup>138</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 3 de junho de 1917. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 225.

<sup>139</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Ramos Paz datada de 30 de novembro de 1904. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 16.

<sup>140</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Ramos Paz datada de 27 de janeiro de 1905. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 20.

<sup>141</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 18 de novembro de 1916. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 23.

<sup>142</sup> Cf. CHARTIER, Roger. Introdução. In: \_\_\_\_\_ e CAVALLLO, Guglielmo. **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998, p. 6.

como João Lúcio, faz parte de um tipo de “leitor erudito”, que se isola no seu gabinete particular para fazer uma leitura intensiva e interiorizada.

Segundo Alessandra El Far, “naquela época, fosse no ambiente requintado da corte ou no humilde recanto dos camponeses e trabalhadores pobres, um livro, por ser ainda objeto raro, era lido e relido várias vezes”.<sup>143</sup> A leitura repetida, realizada por motivos que dependem dos intuitos do leitor, pode ser observada nessa epístola de Capistrano, na qual declara que precisa ler várias vezes um livro: “já li umas três vezes o Diário [de Pero Lopes]. Vou lê-lo mais umas quatro ou cinco, até absorvê-lo e saturar-me”.<sup>144</sup>

Essas cartas nos mostram os hábitos de leitura de dois amigos que sentiram vontade de partilhar suas experiências através da correspondência, como na carta de 9 de março de 1918, onde Capistrano ofereceu de presente a João Lúcio seu próprio exemplar do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que já estava esgotado na época, e tinha sido muito requisitado por João Lúcio. Capistrano informa o seguinte: “procurei ontem na cidade *Os Sertões* e não achei, está esgotado, não sei se a Livraria Alves pensa em editá-lo. Mando-lhe o meu exemplar, por sinal bem pouco apresentável”.<sup>145</sup>

Também em março de 1918, Capistrano tece algumas apreciações: “Euclides e Pompéia são para mim os dois primeiros escritores do Brasil moderno. Prefiro Pompéia, mas em certas cousas Euclides é superior. Com duas, três linhas rasga às vezes perspectivas admiráveis”.<sup>146</sup> Em sua resposta à carta de Capistrano, João Lúcio agradece o romance, e também faz críticas e elogios à obra de Euclides da Cunha:

Recebi em 18 do passado sua carta de março 8, e ontem as de 9, 18 e 23 e 1º de abril. Também os livros. Os “Sertões” dão-me uma página mais para a

<sup>143</sup> EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 28.

<sup>144</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada de 3ª feira das trevas de 1927. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 480.

<sup>145</sup> Em carta de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo de 9 de março de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 83.

<sup>146</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 8 de março de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 82. Raul Pompéia já era elogiado com verdadeira efusão por Capistrano, como nessa carta dirigida ao Barão do Rio Branco ainda em 13 de junho de 1888: “ele [Domício da Gama] e Raul Pompéia são as duas vocações literárias mias vigorosas e mais brilhantes que conheço atualmente. (Carta de Capistrano de Abreu para Barão do Rio Branco datada de 13 de junho de 1888. In: ABREU, CCA, v.1, 1977, p. 124).

nova edição da “Evolução do Sebastianismo”, que o Teixeira me pediu, e que sairá antes do “Vieira”. Ignorava que na tragédia de Canudos houvesse um fundo de sebastianismo. Euclides da Cunha diz que ele existe em todo o sertão do norte. Inigualar escritor aquele. Tem páginas que me arrebataram, outras que me desesperam pelo rebuscado da linguagem. Fico em dúvida se os termos são do vocabulário do sertão, ou se andou o escritor a cata deles pelo dicionário.<sup>147</sup>

Para João Lúcio, a obra *Os Sertões* é esclarecedora, já que apresenta uma idéia próxima da realidade do sertão. Ainda sobre obras que abordam o sebastianismo, João Lúcio elogia também o trabalho de Taunay:

De Affonso Taunay recebi o volume da Revista do Instituto de S. Paulo com a notícia da expulsão dos jesuítas, a que ele juntou uma nota crítica de lavra própria, uma “Crônica do tempo dos Felippes”, e uma amável carta, em que V. é designado por meu ilustre amigo e seu prezadíssimo mestre (d’ele) com o que fiquei simpatizando com o homem. Na “Crônica” há dois capítulos sobre o sebastianismo que me deram na vista, quando cortava as folhas, e que li com prazer, parecendo-me as mais bem feitas do livro.<sup>148</sup>

O interesse de João Lúcio pelas mencionadas obras explica-se pelos estudos que vinha desenvolvendo para seu livro *A Evolução do Sebastianismo*, publicado pela primeira vez em 1918. Quando estava lendo a obra, Capistrano escreveu a seguinte apreciação:

Li, estou relendo *A Evolução do Sebastianismo*, para mim terreno absolutamente desconhecido. Dá idéia de Frederico Barbarroxa que deveria ressuscitar; mas neste caso tratava-se de mera lenda poética, no outro de norma de vida. Não entraria também no sebastianismo algo da história de Preste João? Em menino, ouvi falar do rei do Congo como do mais poderoso

---

<sup>147</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 1º de maio de 1918 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>148</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 19 de junho de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

da terra; talvez seja o último avatar do Preste, a menos que não fosse um broto do messianismo escravista.<sup>149</sup>

Capistrano tinha o hábito de presentear os amigos íntimos com livros que lia, geralmente acompanhado de uma epístola com uma apreciação da obra presenteada. Talvez por essa prática, “sua Biblioteca encontra-se hoje muito despojada, pois Capistrano gostava de emprestar e dar livros depois de lidos”.<sup>150</sup>

Além de presentear os amigos, Capistrano também vendia seus livros quando estava se mudando ou quando queria desfazer-se de alguns volumes, como ele mesmo relata a João Lúcio em 1923: “tenho de mudar-me até fins de julho. Vou ver se Mário compra para a Bib da Câmara a maior parte de meus livros. Ofereceu-se a fazê-lo já há algum tempo: isto me facilitará a mudança”.<sup>151</sup> Em abril de 1923, Capistrano fala do alívio que terá ao vender seus livros: “posso esperar e estes livros que forem indo adiante serão outros tantos pesos que tirarei de cima. Ficarei um estudante pobre, sem cadáveres, contente com o *libello no angello* de qualquer pensão”.<sup>152</sup> Mas, alguns anos antes, em carta a Mário de Alencar, Capistrano revela sua intimidade com os livros:

Agora resolvi uma medida drástica. Sá comprou uma fazenda lá em Morro Azul, perto da Sacra Família do Tinguá, município de Vassouras. Quero mandar para lá uns dois caixões de livros. A dificuldade é escolhê-los. Cada um representa tanta coisa! Uma veleidade, um projeto, uma decepção. Neles vejo como por passeio a cronologia de meu espírito, e a impressão não é fagueira: reduz-se a lançar continuamente carga ao mar, para não evitar a submersão completa.<sup>153</sup>

<sup>149</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 16 de março de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 33.

<sup>150</sup> Ribeiro (v. 2, p. 207, 1990). Ver Gontijo, Rebeca. “Paulo Amigo”: Cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, p. 163-193, 2004.

<sup>151</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada da oitava de Tiradentes, 1923. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 275.

<sup>152</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada do dia de Tiradentes, 1923. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 447.

<sup>153</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 15 de setembro de 1915. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 242.

Ao amigo, ele confessa, portanto, que cada livro representava pedaços da sua vida, como se fossem registros em um diário. Em outra carta dirigida a Paulo Prado datada do dia das petas de 1923, Capistrano desabafa e fala como será a mudança dos livros: “acabo de saber que a casa foi vendida e terei de mudar-me a toda pressa (...) Para mim o golpe é terrível. Materialmente a mudança dos livros é um horror”.<sup>154</sup>

Mesmo doando e/ou vendendo seus livros, a casa de Capistrano era abarrotada de livros que velavam seu sono na solidão da vida domiciliar. Certa vez, afirmara, em carta a João Lúcio, que sua sede de leitura era ilimitada: “ler posso indefinidamente, embora pouco guarde na memória”.<sup>155</sup> Assim, também guardava poucos livros na sua biblioteca, que depois de lidos eram repassados aos amigos queridos. Entre estes livros doados está o romance *O Ateneu*,<sup>156</sup> um presente para João Lúcio:

Junto um exemplar do *Ateneu*, o mais forte livro de nossa literatura, escrito dos 24 aos 25 anos, no espaço de três meses. O autor, um dos mais íntimos de meus amigos, brigou afinal comigo; meses depois suicidou-se. Não serve para moças. Aristarco é a caricatura desapiedada do famoso educador Abílio, Barão de Macaúbas. A concepção da vida do pobre Raul, que selou com o próprio sangue, está na pág. 264. Duas conferências no meio do volume dão sua teoria da arte e sua visão do Brasil da Abolição e da República. Vai entre os livros uma carta do Padre Hafkmeyer.<sup>157</sup>

João Lúcio, em uma das epístolas enviadas ao amigo brasileiro, comenta que não tinha lido ainda nenhum romance de Raul Pompéia: “o Grão Paí que me mandou chegou-me com o que de cá lhe enviei; fico sabendo que

<sup>154</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada de dia das petas de 1923. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 445.

<sup>155</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 18 de março de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 35.

<sup>156</sup> O romance *O Ateneu* foi publicado em folhetins do jornal *Gazeta de Notícias* em 1888. Trata-se de uma narrativa na primeira pessoa, em que o personagem Sérgio, já adulto, conta sobre seu tempo de aluno interno no Colégio Ateneu. A ação do livro transcorre no ambiente fechado e corrupto do internato, onde convivem crianças, adolescentes, professores e empregados.

<sup>157</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 12 de maio de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 49.

mora aí o autor; mais um estro para florescer o calor dos trópicos. Obrigado pelos livros. Muito tenho visto citado Raul Pompéia, sem nunca se me deparar ocasião de o ler”.<sup>158</sup>

Em carta de 1º de abril de 1920, Capistrano comenta sobre outro livro. Dessa vez, é o romance *Urupês* de Monteiro Lobato, que, segundo ele, “representa o maior sucesso literário do Brasil”.<sup>159</sup> João Lúcio escreve elogiando o autor, em carta datada de 4 de fevereiro de 1920, e agradece o livro presenteado: “tem-me escapado agradecer-lhe o livro de Monteiro Lobato. Li com prazer, posto que às vezes me faltassem termos do vocabulário local, que muito diverge da língua do norte”.<sup>160</sup>

Um ano antes, em 1919, Capistrano confessa ao seu amigo Afonso de E. Taunay que ainda não tinha lido *Urupês*:

Comprei *Urupês* de Monteiro Lobato e não podendo lê-lo mandei o exemplar ao velho Branner, bom amigo do Brasil, uma das melhores pessoas que conheço. Branner tem uma coleção brasileira, talvez a mais completa dos Estados Unidos. Por sua morte passará à Stanford University de que foi presidente. Em carta de 11 de outubro, ontem recebida, escreve: Lendo a história de D. Isabel nas jaboticabas, contada na página do título do livro *Urupês* estou interessado desde já. Mais tarde lhe mandarei uma opinião mais abalizada. Conhece o autor? Se o velho Branner cumprir a promessa mandarei o juízo mais autorizado para v. transmitir-lhe. A propósito das Páginas Literárias de Rui Barbosa, remetidas na mesma ocasião, escrevi: Sinto que aquele escritor me faz, quase sempre, lembrar do chá que tem açúcar de mais. Há certas coisas neste mundo que devem ser servidas em quantidades limitadas, não acha?<sup>161</sup>

<sup>158</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 3 de junho de 1917. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 225.

<sup>159</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 1º de abril de 1920. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 153.

<sup>160</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 4 de fevereiro de 1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>161</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 7 de março de 1919. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 78.

O vai e vem dos livros entre esses intelectuais demonstra a constante circulação desses objetos portadores de textos e idéias. Essas idéias podiam ser ou não usadas em suas obras, mas eram discutidas nessa troca epistolar.

Capistrano não presenteava apenas João Lúcio com seus livros. Constatamos essa sua prática com outros correspondentes como John Casper Branner, caso citado acima. Outra correspondente que também foi presenteada com livros foi Cecília Assis Brasil,<sup>162</sup> que relatou em seu diário<sup>163</sup> que recebeu de Capistrano um exemplar da *Revista do Arquivo Público Mineiro* do ano de 1899. Verificamos na Biblioteca Capistrano de Abreu<sup>164</sup> que o historiador possuía alguns volumes da mencionada revista, mas não possui a coleção completa. Faltam alguns números. Entre os faltosos está o exemplar do período de janeiro a julho de 1899, exatamente aquele com o qual Cecília foi presenteada.

Os amigos de Capistrano também pediam livros, como João Lúcio, que desejava possuir um livro de Oliveira Viana. Assim, Capistrano tornou-se intermediário do pedido, escrevendo para Rodolfo Garcia solicitando a obra almejada pelo amigo: “Lúcio de Azevedo deseja possuir o livro de Oliveira Viana sobre o povo brasileiro e sua evolução. O autor freqüenta o Instituto Histórico, talvez lhe fosse possível obter dele que mande a obra diretamente pelo correio, registrado, a minha custa, ça va sans dire”.<sup>165</sup>

Em carta a Afonso de Taunay, anos antes desse pedido, revela que já leu a obra de Oliveira Viana e dá seu parecer: “ultimamente estou lendo Oliveira Viana sobre as Populações Meridionais, livro erudito, bem escrito, bem meditado, mas, ao menos para mim, nada convincente até a página 57, aonde cheguei”.<sup>166</sup> Em seguida, acrescenta uma crítica referente à ausência de seu

<sup>162</sup> Cecília era a primeira filha de Joaquim Francisco de Assis Brasil, nasceu em Washington (26-05-1899) e faleceu solteira, vitimada pela ação elétrica de um raio no campo, aos 35 anos de idade.

<sup>163</sup> Cecília deixou um diário onde registrou o cotidiano da vida em Pedras Altas. Cf. ASSIS BRASIL, Cecília de. **Diário de Cecília Assis Brasil**. Org. por Carlos Reverbel. Porto Alegre: L&PM, 1983.

<sup>164</sup> A Biblioteca de Capistrano de Abreu está sob a guarda do Instituto do Ceará. Participamos como bolsista de sua organização e catalogação e tivemos acesso aos volumes da Revista do Arquivo Público Mineiro.

<sup>165</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Rodolfo Garcia datada de 7 de maio de 1926. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 498.

<sup>166</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 1921. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 322.

nome na obra: “o autor não gosta de mim, deduzo pela omissão proposital de meu nome; note bem que escrevi proposital e escrevi muito propositalmente. Pouco importa se os gostos fossem os mesmos em tudo, desde muito o mundo andaria pelos ares”.<sup>167</sup>

Em outra missiva datada de 31 de outubro de 1921, João Lúcio volta a fazer pedidos ao amigo brasileiro, desta vez foi o 1º volume da obra *Documentos para a História do Brasil* de Guilherme Studart, e acrescenta: “mas de nenhum modo desfalcando a própria livraria”.<sup>168</sup> Os pedidos de João Lúcio continuavam e Capistrano parecia sempre pronto a atendê-los. Capistrano empenhava-se em encontrar os livros pedidos pelos amigos e presenteava-os com os volumes desejados, estabelecendo uma constante troca de obras. Isso estimulava seus amigos, como João Lúcio, que também resolveu presentear Capistrano:

Escrevi em 11 do passado. Depois recebi suas cartas de 3 e 21. Em 25, remeti a Crônica do Pe. Simão de Vasconcelos, meu exemplar, comprado há muitos anos no Pará. Como não tenciono versar novamente o assunto de que trata, posso dispensá-lo. Se tiver necessidade, consultarei a obra na Biblioteca Nacional, ou na Academia.<sup>169</sup>

Mas não eram somente livros de outros autores que Capistrano enviava aos seus amigos, ele também os presenteava com volumes de sua própria autoria. Presenteou seu amigo Teodoro Sampaio com um opúsculo de sua autoria editado pela casa Laemmert em 1900, intitulado *Descobrimiento do Brasil pelos Portugueses*

Recebi, há cerca de quinze dias, uns folhetos seus, sobre o Descobrimiento do Brasil pelos Portugueses, e fiz deles a distribuição segundo as dedicatórias. Gostei muito deste seu trabalho histórico, e gostei não só do modo como a questão foi encarada como do estilo, que é de fato o que mais

---

<sup>167</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 1921. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 322.

<sup>168</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 31 de outubro de 1921 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>169</sup> Carta de João Lúcio para Capistrano de Abreu datada de 3 de julho de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 235.

convém à exposição dos fatos. A parte crítica é muito interessante e, pode-se dizer, resolve as questões que a propósito do descobrimento se levantam, de modo claro e completo.<sup>170</sup>

Seu livro mais distribuído entre os amigos parece ter sido *Rã-txa Hu-ni-ku-i*, a gramática dos caxinauás. Um dos presenteados com a obra foi Alfredo Pujol: “duvido que as línguas indígenas interessem seu espírito, encaminhado para outros ideais mais elevados e bem diversos: em todo caso, vou mandar-lhe meu livresco sobre os caxinauás”.<sup>171</sup>

Alfredo de Carvalho também recebeu a obra e, em carta de 16 de fevereiro de 1914, agradece: “é com bastante atraso que hoje respondo às suas duas cartas e agradeço o magnífico presente do *Rã-txa Hu-ni-ku-i*, de que foi portador o Manuel Cícero. É um verdadeiro milagre da ciência e de paciência”.<sup>172</sup> Capistrano enviou a mesma obra também para amigos no exterior, como podemos apreender dessa carta de agradecimento de Raoul de la Grasserie:

J'attendais un mot de vous pour connaître votre adresse et vous remercier vivement de votre précieux envoi de votre livre sur les caxinauás, lequel je vais parcourir avec le plus grand intérêt et qui a dû vous couter un immense travail. Je me suis, em effet, occupé de la langue des panos, mais, malheureuse avec un matériel insuffisant. Avez-vous des documents sur le tupi-guarani? Je vous enverrai prochainement un petit ouvrage sur les langues américaines.<sup>173</sup>

Outro amigo de Capistrano de Abreu, Manuel Barata, também foi presenteado com um volume da obra e escreveu uma carta agradecendo:

<sup>170</sup> Carta de Teodoro Sampaio para Capistrano de Abreu datada de 29 de junho de 1900. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 180.

<sup>171</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Alfredo Pujol datada de 29 de abril de 1916. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 66.

<sup>172</sup> Carta de Alfredo de Carvalho para Capistrano de Abreu datada de 16 de fevereiro de 1914. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 299.

<sup>173</sup> Carta de Raoul de la Grasserie para Capistrano de Abreu datada de 24 de junho de 1914. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 300.

Muito e muito obrigado pelo seu valioso mimo! O seu *Rã-txa Hu-ni-ku-i*, com a amiga oferta autógrafa, por cima, encheu-me de grande alegria. O que eu tinha de dizer-lhe aqui, sobre o seu trabalho, já o disse, sem laivo de lisonja, pela imprensa, no jornal *Estado do Pará*, cujo exemplar junto lhe remeto. Se cometi alguma indiscrição, ou se errei na apreciação, leve isso em conta da minha incompetência, e desculpe-me, aceitando como atenuante a boa vontade. O seu livro será, com certeza, muito apreciado, e já o foi aqui, com a leitura do meu artigo. Consta-me que serão pedidos exemplares do Rio.<sup>174</sup>

Além de livros de sua autoria, doava aos amigos as edições que organizava, anotava e publicava. Enviou: “10 exemplares [das Confissões da Bahia] para Lúcio de Azevedo distribuir em Portugal”.<sup>175</sup> Não foi diferente com relação à obra *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, também distribuiu alguns exemplares. Em carta a Afonso de Taunay, informa: “junto uma lista com os nomes de pessoas de São Paulo a quem desejo oferecer exemplares de Frei Vicente, se algum dia terminar”.<sup>176</sup>

Esses “presentes de papel”<sup>177</sup> e as cartas de agradecimento mostram a “prática social que se traduz no processo da escrita epistolar”.<sup>178</sup> Ou seja, essa troca aponta para as práticas cotidianas estabelecidas entre intelectuais nas suas relações sociais e para o reconhecimento entre pares dentro do campo cultural. Referindo-se ao caso de Oliveira Viana, Giselle Venâncio afirma que a doação de seus livros pelo próprio autor “significa uma forma de auto-propaganda, ao mesmo tempo que indica o reconhecimento do receptor como pessoa autorizada a estabelecer uma leitura legítima”.<sup>179</sup>

Além de doar livros, Capistrano recebia volumes de seus amigos-correspondentes, como de João Lúcio, que ofereceu ao historiador brasileiro

<sup>174</sup> Carta de Manuel Barata para Capistrano de Abreu datada de 5 de fevereiro de 1914. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 186.

<sup>175</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada de 25 de novembro de 1922. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 427.

<sup>176</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 20 de janeiro de 1918. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 290.

<sup>177</sup> Sobre o termo “presentes de papel”, ver VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Viana. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, n. 28, p. 23-47, 2001.

<sup>178</sup> VENANCIO, Giselle Martins. **Na trama do arquivo**: a trajetória de Oliveira Viana (1883-1951). 2003. Tese (Doutorado) – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003, p. 256.

<sup>179</sup> VENANCIO, 2003, p. 257.

obras como: *História do Futuro*, de Padre Antônio Vieira; *O Livro de Montaria*, de D. João I; e *Baldio*, de Leotte. Além de seus próprios trabalhos: *Os Jesuítas do Grão Pará*, *O Marquês de Pombal e sua época*<sup>180</sup>, *História dos Cristãos Novos Portugueses* e *História de Antônio Vieira*. Em 26 de agosto de 1916, Capistrano agradece os volumes recebidos:

Agradeço o exemplar dos Estudos que já lera no exemplar do Bertino: espero relê-lo proximamente no meu, e também os Jesuítas e o Pombal. Agradeço também a cópia do Amador, que vou oferecer à B. Nac. em seu nome, para a Secção de Mss., aonde já existe a cópia de Pero Rodrigues. Agora pode-se comparar a versão com a da História Trágico-Marítima e a do Santuário Mariano, provavelmente bebida em Fr. Vicente do Salvador.<sup>181</sup>

Se pensarmos nos correspondentes de Capistrano que receberam os livros dele, veremos uma preponderância de homens de Letras em torno de uma “comunidade de leitores”, cuja figura central era exercida pelo historiador. Essas obras eram discutidas e recebidas num espaço relativamente particular, a correspondência privada, um espaço bem diferente do jornal ou da revista, que são públicos. Um lugar onde se poderia elogiar e criticar obras e autores no meio intelectual. Assim, no âmbito epistolar capistraneano, surgia uma “opinião pública” que discutia livros e autores privadamente e, de certa forma, legitimava uma auto-promoção do “mestre e amigo”<sup>182</sup> Capistrano de Abreu.

Elogios e louvores foram emitidos por seu amigo Afonso Celso, que, em carta de 30 de março de 1914, agradece “o exemplar, com que foi obsequiado, da ‘Gramática, texto e vocabulário dos Caxinauás’”. Sem competência para julgar do merecimento dessa grande obra, já tão louvada pelos autorizados, sabe, entretanto, o mesmo abaixo assinado que ela é um monumento de perseverança, erudição e probidade científica”.<sup>183</sup> Jacinto

<sup>180</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 30 de junho de 1916. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 13.

<sup>181</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 26 de agosto de 1916. CCA, v. 2, 1977, p. 14.

<sup>182</sup> Expressão usada por vários correspondentes de Capistrano de Abreu: Afonso de Taunay, Rodolfo Garcia, Mário de Alencar, Tobias do Rêgo Monteiro, Fernando Nobre e outros. Cf. ABREU, CCA, v. 3, 1977.

<sup>183</sup> Carta de Afonso Celso para Capistrano de Abreu datada de 30 de março de 1914 – Acervo do Instituto do Ceará.

Ignácio de Brito Rebello também foi presenteado com uma obra de Capistrano de Abreu e agradece “muito penhorado o seu importante livro, trabalho em que se revela, um cuidado e uma paciência verdadeiramente alemães, e que ficará como mais um monumento para a reconstituição dos idiomas americanos”.<sup>184</sup>

Mas não foi só a obra *Rã-txa Hu-ni-ku-i* que Capistrano enviou aos seus amigos. Enviou também outras, como *Capítulos de História Colonial*. Doou a Herbert Smith um exemplar dessa obra, que só foi recebido sete anos depois.<sup>185</sup> Presenteou também Ramos Paz: “vou passar alguns dias em Sobragi, Minas. Na volta creio poder-lhe entregar um exemplar dos *Capítulos de História Colonial*”.<sup>186</sup> Esses e outros depoimentos evidenciam a posição ocupada por Capistrano de Abreu no campo cultural brasileiro e a sua consagração na Historiografia Nacional.

Quando não presenteava os amigos com os volumes, Capistrano de Abreu indicava a compra dos livros ou mesmo a leitura das obras. Determinadas idéias proporcionam a aquisição de determinados livros. Capistrano partilhava suas leituras com os amigos e exercia um julgamento literário de alguns autores lidos.

As leituras de fontes, documentos, crônicas e corografias históricas eram leituras de obrigação “profissional”. Como historiador, Capistrano de Abreu lia textos necessários ao ofício, como relatórios de província, correspondências de funcionários da administração pública da colônia, anais das câmaras das vilas coloniais, crônicas históricas de autores como Pero de Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Souza, Jaboatão, João Antônio Andreoni, Antônio Vieira, além dos estudos históricos de Frei Vicente do Salvador, Rocha Pita, Luís dos Santos Vilhena e Alexandre Gusmão.

Como leitor-historiador fazia uma leitura crítica desses textos. Entre essas leituras, destaca-se uma discussão iniciada com João Lúcio sobre a “validade e/ou qualidade histórica” dos livros escolares, em que critica uma dessas obras, escrita por Rocha Pombo, que segundo Capistrano é

---

<sup>184</sup> Carta de Jacinto Ignácio de Brito Rebello para Capistrano de Abreu sem data - Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>185</sup> Essa doação foi comentada na carta de Capistrano de Abreu enviada para João Lúcio de Azevedo datada de 21 de abril de 1919. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 125.

<sup>186</sup> Carta de Capistrano de Abreu a Ramos Paz datada de 21 de setembro de 1907. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 27.

Autor de várias obras, ente elas uma *História do Brasil* para as escolas, e outra em 8 e dez volumes. Há dois anos um amigo convidou-me a uma excursão a Araruama e Cabo Frio, aonde tem família. Levei o volume escolar e em cerca de uma semana os dois não pudemos dar conta. O obrão, em não sei quantos volumes, disse a um oficioso para passar-lhe, que era pior que peste bubônica. Este respondeu que eu não podia dizer isto, ou não era sincero. Quando houve o célebre concurso de História, que tanto amofinou o Veríssimo, vendo-se perdido quis levar a coisa a chalaça. Reprovei-o; ficou meu inimigo. Ganhamos ambos com o resultado.<sup>187</sup>

Capistrano não se dedicava à escrita de livros históricos no formato didático, como o fez Rocha Pombo. Preferia a atividade da pesquisa histórica. Da mesma maneira, João Lúcio também criticava determinados trabalhos históricos destinados ao público escolar em Portugal, como nessa carta de 22 de março de 1925, quando afirma que não existiam boas corografias portuguesas para os alunos, o que havia eram compêndios escolares: “péssimos como todos os livros de ensino em Portugal”.<sup>188</sup> Em carta de 17 de maio de 1925, Capistrano confessa que os livros usados nas escolas brasileiras não são tão ruins, embora livros como do “padre [Galanti], que ficou muito meu amigo, não primava pela inteligência. Sua obra é muito usada em certas escolas. Tem a vantagem de não ser simples resumo de Varnhagen”.<sup>189</sup>

Essa preocupação, com o público e a recepção das obras, fazia Capistrano ir além da indicação de livros e leituras. Muitas vezes, ele colaborou nas obras dos amigos-correspondentes. Em carta de 25 de outubro de 1922, Fernando Nobre pede a ajuda do “mestre e amigo”: “mandei arranjar esse único volume provisório, do meu livro, exclusivamente para lhe ser mostrado. Como vê, todo o livro está impresso e pronto para ser encadernado. Agora falta o que unicamente vai dar valor à obra – a palavra de Capistrano de Abreu”.<sup>190</sup>

<sup>187</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 9 de março de 1921. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 197.

<sup>188</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 22 de março de 1925 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>189</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 17 de Maio de 1925. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 331.

<sup>190</sup> Carta de Fernando Nobre para Capistrano de Abreu datada de 25 de outubro de 1922 – Acervo do Instituto do Ceará.

Outros pediam a ajuda do historiador para a revisão de provas, como relata Capistrano nessa carta ao amigo Mário de Alencar: “Calógeras precisa de mim, para ajudá-lo na revisão das provas de um trabalho em que está empenhado”.<sup>191</sup>

Júlio Ribeiro, depois de ouvir as observações de Capistrano, agradece os comentários: “há de ver que me não foi inútil a conversação que tivemos, e que aceitei todas as observações que se dignou fazer-me. Em breve receberá um exemplar da gramática de Júlio Ribeiro”.<sup>192</sup> Tobias do Rêgo Monteiro convocado pelo mestre Capistrano para ouvir suas observações acerca de sua obra em conclusão, confessa:

Estou na situação de rapaz que estudou com afinco e está à espera do exame, confiado em ter trabalhado com dedicação, mas desconfiado de não ter sabido expor convenientemente quanto aprendeu, e só esperançoso de ser guiado pelo mestre, de quem espera franqueza e conselhos, sem reserva alguma”.<sup>193</sup>

As críticas de Capistrano aos trabalhos históricos de seus amigos, como Fernando Nobre, Tobias Monteiro ou Afonso de Taunay, legitimam sua posição no campo intelectual e nos auxiliam a perceber que tipo de escrita da História ele defendia, àquela concebida na pesquisa exaustiva de documentos e na vulgarização de fontes. Segundo Amed, “criticando Taunay, Capistrano parecia atacar uma visão de história, ou quem sabe, os próprios canais pelos quais seriam permitidos que os textos de história viessem ao público”.<sup>194</sup>

Em carta de 24 de janeiro de 1917, Capistrano sugere ao amigo João Lúcio que escreva o trabalho sobre o jesuíta Antônio Vieira em dois volumes, terminando o primeiro volume com a aventura na Amazônia e finaliza a carta

---

<sup>191</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 2 de março de 1910. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 224.

<sup>192</sup> Carta de Júlio Ribeiro para Capistrano de Abreu datada de 28 de agosto de 1881. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 268.

<sup>193</sup> Carta de Tobias do Rego Monteiro para Capistrano de Abreu datada de 22 de dezembro de 1925. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 259.

<sup>194</sup> AMED, 2001, p. 177.

com uma provocação: “quem não tem coragem, não amarra negro”.<sup>195</sup> Em seguida, João Lúcio admite que “a maior parte de suas sugestões foram aproveitadas (...) e nos intervalos das provas preparo o 2º volume”.<sup>196</sup>

No entanto, chega a confessar em outra missiva: “enfurece [-me] pensar que será necessário outro ano pra o segundo volume, e para finalmente descansar d’esta obsessão de um mesmo assunto por tanto tempo que já me pesa, e que me sentirei feliz de esquecer, quando a prova da última folha me sair da mão”.<sup>197</sup> Apesar de aceitar a sugestão de Capistrano, para prolongar seu trabalho em dois volumes, João Lúcio mostra-se esgotado e satisfeito com a finalização do trabalho. A partir dos agradecimentos de João Lúcio, percebe-se que Capistrano também apreciou o trabalho final:

Suas palavras acerca do “Antônio Vieira” enchem-me de orgulho, e as considero a melhor recompensa do meu trabalho; primeiramente porque a ninguém considero tão competente para julgá-lo, e tanto assim que suas insinuações, no decorrer da composição, foram sempre atendidas; depois porque V. não esconde as reservas, quando tem de as fazer. Assim aceito com júbilo seu abraço de felicitações, e profundamente desejo.<sup>198</sup>

Mesmo diante da cordialidade entre esses intelectuais, nem sempre as sugestões de Capistrano eram aceitas com tanta prontidão por João Lúcio. Quando Capistrano lhe sugeriu que escrevesse um livro sobre a História de Portugal, desde a proclamação da independência até a transplantação da Corte Portuguesa para o Brasil, João Lúcio lhe respondeu que

Sua sugestão de uma história de Portugal desde a restauração à revolução do Porto deixa-me frio. História do Pará já fiz nos “Jesuítas do Grão-Pará”; não vale a pena voltar a traz. Por agora penso em remodelar e completar os

---

<sup>195</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 24 de janeiro de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 26.

<sup>196</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 1º de Maio de 1918 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>197</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 18 de Fevereiro de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>198</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 12 de Maio de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

estudos sobre os Cristãos Novos. Nos arquivos da Inquisição há três séculos de história, que é preciso reviver.<sup>199</sup>

Capistrano mantinha em torno de si uma grande rede de intelectuais em busca de um guia para seus estudos sobre História, e um exemplo desse tipo de “cooperação intelectual” está na sua amizade intelectual com João Lúcio. Na troca epistolar mantida entre eles, percebemos que Capistrano é visto como aquele que tem o “discurso competente”, capaz de abalzar uma obra histórica, sendo que essa sua posição permite a formação em torno dele de uma corrente de discussão de historiadores.

É preciso observar que, no período em questão (1916-1927), Capistrano já havia escrito seus livros *Descobrimento do Brasil (1883)*, *Capítulos de História Colonial (1907)* e *Rã-txa-Hu-ni-Ku-i: a Gramática dos Caxinauás (1914)*, e assim se dedicava aos seus projetos de “vulgarização” bibliográfica com a organização da *Série Eduardo Prado: Para Melhor Conhecer o Brasil*, cujos primeiros volumes seriam publicados em 1922; a escrita de artigos publicados em jornais e revistas, como *Formação dos limites do Brasil*, divulgado na *Revista América Brasileira* em 1924; e a edição da *História Geral do Brasil* de Varnhagen, entre outros.

Além disso, a correspondência desses dois intelectuais revela que nem sempre a leitura é uma prática individualizada e solitária. Apesar de distantes, Capistrano e João Lúcio partilhavam suas experiências de leitura, que, mesmo feitas em um espaço de foro privado, como o gabinete de leitura, estava articulada com a sociabilidade da companhia letrada, já que eles trocavam livros e dividiam suas apreciações de leitura através das epístolas.

Essa prática de leitura feita em conjunto precisa ser compreendida a partir das suas conexões com a história da cultura, pensando que, em uma determinada época, elaboram-se textos segundo códigos e condicionamentos sociais da sociedade na qual são produzidos. Entretanto, não se pode esquecer que esses modos de ler têm suas particularidades, seus usos próprios do livro, e cada leitor em particular se singulariza a partir daquilo que

---

<sup>199</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 8 de Agosto de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

ele compartilha com os outros leitores que pertencem à mesma comunidade de interpretação.

As excentricidades e anedotas de um homem dedicado a viajar pelos livros como Capistrano encobriram, de certa forma, sua dedicação quase diária à difusão da leitura e dos livros. Seu labor inesgotável era a leitura, seja a crítica e sistemática de documentos e textos historiográficos ou a de obras de ficção e entretenimento. Capistrano queria difundir ainda mais a leitura no Brasil, talvez por isso tenha reeditado várias obras raras e esgotadas. Pretendia, possivelmente, arquitetar uma “identidade nacional” a partir da difusão das fontes e dos textos sobre a história do Brasil.

## 2.3 Escritos e Escritas

*A curiosidade do sábio absorveu a iniciativa do escritor.*<sup>200</sup>  
Raimundo de Menezes.

A análise da formação de um intelectual combinada com o estudo da correspondência privada, estimulada pelo trabalho em comum, como no caso de Capistrano e João Lúcio, faz-nos vislumbrar o trabalho do historiador na sua prática cotidiana desde a leitura de obras referenciais, passando pela investigação das fontes até o processo de elaboração do texto final. É preciso combinar correspondências com obras e vinculações às comunidades intelectuais, das quais são parte integrante. Os sistemas culturais que compartilhavam nos possibilitam articular como pensavam historicamente.

Podemos significar historicamente os discursos desses dois intelectuais a partir da suas correspondências, concebidas aqui como um “laboratório da obra”,<sup>201</sup> investigando a auto-imagem de “homem de letras”<sup>202</sup> que vai sendo moldada na correspondência estabelecida entre pares intelectuais. Tudo isso entrevedo Capistrano como participante ativo na construção do campo de conhecimento histórico, tendo em vista o processo de construção da História como ciência no Brasil nesse período.

A construção do campo historiográfico foi um processo contingente, já que se estabeleceu por diversos praticantes do ofício de historiador. Cansado de sínteses nacionais que explicavam a História somente pela política com narrativas cronológicas repletas de sucessões governamentais, João Lúcio revela a Capistrano como pensa a História de Portugal:

A história de Portugal até ao fim do século 18° pode dividir-se nestes períodos: 1° da conquista do território; 2° África, 1° ciclo do ouro; 3° Índia, ciclo da pimenta; 4° Brasil, 2° ciclo do ouro. Em torno destes fatos gira a vida

<sup>200</sup> MENEZES, Raimundo. **Capistrano de Abreu**: um homem que estudou. São Paulo: Melhoramentos, 1956, p. 56.

<sup>201</sup> Sobre o conceito de correspondência como Laboratório da Obra ver: TRESBICH, Michel. **Correspondances d'intellectuels**: le cas des letres d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947). Encontrado em: <[www.cnrs.fr/Trebtsch/cahiers\\_20.html](http://www.cnrs.fr/Trebtsch/cahiers_20.html)>. Acessado em: 20 out. 2006.

<sup>202</sup> Sobre o assunto, ver CHARTIER, Roger. O Homem de Letras. In: VOVELLE, Michel de. **O Homem do Iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997.

nacional, e por eles se explica a política seguida, pelos governantes e a ação dos governados. Creio ser tempo de excluir da história as guerras dinásticas e os casamentos dos príncipes, para indagar como se governava a casa no interior, e os simples cidadãos viviam. Ontem, dia de Natal, consagrei o dia a questão das minas. Calógeras é fundamental. No t. ? pag. [sic.] 311 diz ele sobre os diamantes, de que publica na página seguinte um mapa: “Constam dos seguintes números (os resultados da extração) com que estão de acordo todos os autores” – Necessito saber: 1° Que autores são esses e de onde colheram os números. 2° No mapa, e coluna que diz: pag. ao Real Erário – as quantias são provenientes da capitação ou avenças, ou representam além daquelas qualquer outra renda da Coroa? Agora já me não espanta que D. João 5° tendo as minas do Brasil andasse sempre aflito por dinheiro. Os milhões de que enchem a boca os historiadores – milhares de milhões, diz o fantástico Pinheiro Chagas – só na cabeça deles existiam. Com todas essas riquezas Portugal, ao subir D. José ao trono, era um país miserável. Sucedia então, como atualmente que as colônias somente serviam para alimentar uma burocracia enorme e faminta e alguns negociantes que serviam de intermediários entre o produtor estrangeiro e os habitantes dos domínios. A história econômica do Brasil ajudaria muito a entender toda a de Portugal em dois séculos.<sup>203</sup>

Tal concepção de história sensibilizava Capistrano. Contudo, Capistrano defendia que, em certa medida, o historiador precisava ter “opinião” acerca dos fatos do passado. Não podia ser imparcial ou neutro. Por isso, cobrou tal postura do amigo português, em 31 de dezembro de 1921:

Li quase a metade dos *Cristãos Novos*, sempre com o maior prazer. Revela um grande progresso: às vezes sucedia-me não saber exatamente sua opinião em seus livros anteriores: agora, clareza ou franqueza, a impressão é outra. V. tem razão em distinguir o ponto de vista dos Cristãos Novos e o da Inquisição. Devia ir mais longe: distinguir os pontos de vista internacional e nacional. Anti-semitismo é internacional – lembro-me ainda de umas páginas de Renan, dizendo que seria impossível na França.<sup>204</sup>

<sup>203</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 26 de dezembro de 1926 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>204</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 31 de dezembro de 1921. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 231.

Nesse trecho, percebe-se que a obra de João Lúcio era feita a partir de uma discussão de ambos, de um trabalho coletivo que permitia uma abertura para sugestões, tendo em vista que este aceitava a maior parte das considerações e sugestões feitas por Capistrano.<sup>205</sup>

Era da sua “torre de marfim” que Capistrano esboçava “juízos de valor” sobre alguns historiadores contemporâneos, em suas cartas trocadas entre amigos. Dizia quem, para ele, era o “bom historiador”, qual a “boa história” e quais livros que a representavam. Até mesmo com aqueles com quem tinha certa intimidade “media-lhes a inteligência e a cultura”,<sup>206</sup> elogiando-os ou os criticando, dependendo da “competência” do mesmo ou da sua habilidade em falar alguma língua estrangeira, principalmente o alemão.<sup>207</sup> Nesta carta a Paulo Prado de 3 de junho de 1922, ele tece comentários sobre a obra de Tobias do Rego Monteiro:

Encontrei-me ontem com Tobias: está nababescamente documentado. Os arquivos de Viena contêm tesouros. A ira do rei velho, as loucuras do Príncipe Real e o mais vem agora para a rua. A última novidade anunciada são, ou antes serão, umas cinqüenta cartas escritas em alemão pela primeira imperatriz ao pai sogro de Napoleão, e pai de Maria Luísa, para quem o Corso não teve amor bastante. Teremos segunda duquesa de Orléans? Parece que não gostava nada do Brasil; era natureza vulgar, caçadora, comilona, dorminhoca. Ela nos mostrará o modo porque o Senador estuda a História. Correu que, estando grávida pela última vez, recebeu do imperial esposo um pontapé, de que proveio o aborto, que levou-a à sepultura. O

---

<sup>205</sup> Segundo Le Goff, o trabalho do historiador se faz a partir do auxílio mútuo entre os pares, posto que a História ampla, profunda, longa, aberta, comparativa não pode ser realizada por um historiador isolado: a vida é muito breve. Isolado, nenhum especialista nunca compreenderá nada senão pela metade, mesmo em seu próprio campo de estudos. A História só pode ser feita com ajuda mútua. O ofício de historiador se exerce numa combinação do trabalho individual com trabalho por equipes. O movimento da história e da historiografia levou uma grande parte dos historiadores a abandonar sua torre de marfim. Cf. LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 26.

<sup>206</sup> Mário de Alencar escreveu em seu artigo que: “Há um feitio nele [Capistrano de Abreu] que embaraça os seus mais íntimos de medir-lhe o valor da inteligência e da cultura: é a sua maneira natural de caráter educada pela consciência de sábio”. Cf.: ALENCAR, Mário. Sobre um livro de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Minerva. t. 28, p. 310, 1915.

<sup>207</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Luís Sombra de 28 de julho de 1912. In: ABREU, v. 3, 1977, p. 25.

Plutarco transcreveu os últimos boletins médicos, submetendo ao Rodrigues Lima e ao Fernando de Magalhães, que ambos concluíram não haver relação entre os dois fatos – isto é, como já afirmava Melo Moraes, que a história do pontapé não é verdadeira. Fernando fez qualquer alusão ao caso, não sei em que escrito, e Tobias melindrou-se, considerando uma indiscrição. Nosso amigo vai exhibir toda a baixela, mas por trás da vitrina: ver podem, tocar só mais tarde; mais tarde, quando se convencerem que só ali está a água da vida.<sup>208</sup>

Capistrano cobrava os amigos e estes também lhe cobravam, seja na forma de abordar a História ou apenas nos pedidos de fontes ou ainda nas solicitações de artigos e livros para suas pesquisas. Capistrano justificava e retrucava que a indisposição para escrever e a falta de tempo o impediam de atender aos amigos. Em carta enviada a Oliveira Lima em 1900, o historiador afirma: “não nasci para escritor; para mim é sempre incômodo pegar na pena, e quanto mais velho vou ficando, tanto mais aumenta esta indisposição”.<sup>209</sup> Nas cartas a Paulo Prado, confessa sua dificuldade de escrita em 1923 e 1924: “o pior de tudo é a preguiça. Em dois meses, fora de cartas, não escrevi uma linha aproveitável”;<sup>210</sup> “vejo-me reduzido à situação do bode e da onça, incapaz de escrever mais de uma página por dia”.<sup>211</sup>

Essa aparente “indisposição” para a escrita evidencia o quanto Capistrano queria mostrar seu distanciamento do meio intelectual de sua época, no qual se valorizava a “produtividade” letrada. Entretanto, Capistrano criou algumas estratégias de escrita, como a epistolografia, para se inserir nesse meio intelectual e legitimar seu lugar<sup>212</sup> de destaque no mesmo. Para João Lúcio, Capistrano fala em 1917 da sua prática de escrita, aos 64 anos:

<sup>208</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado de 3 de junho de 1922. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 414-415.

<sup>209</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Oliveira Viana de 27 de outubro de 1900. In: ABREU, v. 3, 1977, p. 7.

<sup>210</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado de 13 de janeiro de 1924. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 451.

<sup>211</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado de 19 de março de 1923. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 443.

<sup>212</sup> Entendemos esse conceito de acordo com De Certeau. Para o autor, lugar se refere ao conjunto de determinações que fixam seus limites em um encontro de especialistas e que circunscreve a quem e como lhe é possível falar quando abordam a cultura entre si. Ver DE CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. Rio de Janeiro: Papyrus, 1997, p. 222.

Saio desanimado desta provação. O acaso favoreceu-me e a documentação é suficiente. O artigo terá umas vinte tiras; desde o princípio do ano tem sido minha ocupação quase diária, e ainda não acabei. Se isto não é começo de afasia, a diferença não é de palmo.<sup>213</sup>

Capistrano dizia a todos que a escrita era-lhe um tormento, mas a leitura era seu maior prazer.<sup>214</sup> Na sua epistolografia, distribuiu diversos pareceres favoráveis ou não a alguns autores brasileiros e estrangeiros, definindo quem escrevia um tipo de História semelhante à defendida por ele.

Homem de poucos livros em casa, ele era freqüentador de bibliotecas e livrarias, por isso mantinha como hábito suas visitas às livrarias da cidade, além de suas consultas ao Instituto Histórico, ao Gabinete Português de Leitura ou à Biblioteca Nacional. Com esta última, Capistrano trocou parte dos seus livros, como confessou a João Lúcio: “queria desfazer-me de uns livros e permutei-os com a Biblioteca Nacional”.<sup>215</sup>

Além dessas visitas para realizar leituras de obras referenciais e de documentos, Capistrano usava sua correspondência com João Lúcio como um veículo de contato com as bibliotecas e arquivos do exterior, principalmente de Portugal. Assim, através das cartas, podemos acompanhar todo o processo de organização da *Série Eduardo Prado*, com a organização e montagem das cópias dos documentos nela publicados, bem como o levantamento de fontes para o trabalho de ambos como pesquisadores de acervos brasileiros e portugueses.

Em uma das cartas dirigidas a João Lúcio, Capistrano critica o Arquivo Público do Rio de Janeiro: “a sala de leitura do Arquivo é pouco cômoda, quase sem luz. Olhos mais moços talvez sejam mais felizes”.<sup>216</sup> Diante disso,

---

<sup>213</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo da sexta-feira da paixão, 1917. In: ABREU, v.2, 1977, p. 44.

<sup>214</sup> Trataremos de sua prática de escrita e leitura no próximo capítulo com mais detalhes.

<sup>215</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 06 de outubro de 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 177. Em carta a Paulo Prado datada da Oitava da Purificação, 1923, Capistrano fala de outra permuta com a Biblioteca Nacional: “o exemplar do Claude d’Abbeville serviu para alguma coisa: por ele permutei com a Bib. Nac. o exemplar da 3ª edição de Varnhagen que V. tanto desejava”. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 440.

<sup>216</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 16 de julho de 1920. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 166.

podemos ter uma idéia do ambiente para pesquisas freqüentado por esses intelectuais.

Na concepção de Capistrano, era preciso conhecer os arquivos brasileiros para desenvolver pesquisas históricas, mas não só esses, já que muitos documentos relativos ao passado brasileiro encontravam-se no exterior, principalmente em Portugal.

Inicialmente, ele realizou essas trocas com Lino de Assunção, mas foi com João Lúcio que esse intercâmbio foi mais intenso. Às vezes, os pedidos eram numerosos e demorados, deixando Capistrano impaciente com o atraso do seu trabalho: “eu não quero mais novidades, quero apenas apurar os documentos apanhados, um só era suficiente e diminuiria as despesas”.<sup>217</sup>

João Lúcio enviava mensalmente documentos, notas e cadernos com cópias de manuscritos existentes nos arquivos portugueses para Capistrano, procurando auxiliá-lo em suas pesquisas. Em carta de 12 de agosto de 1922, João Lúcio informa sobre o andamento das cópias e reclama dos copistas:

Foi para o correio o restante do livro 3º das Denúncias. Deixaram de se copiar os termos sobre o crédito dos testemunhos, menos um, por ser o teor o mesmo para todos. O livro 4º não apareceu ainda. Pedi a Baião para procurá-lo, mas foi para férias sem cuidar nisso, e só regressa em Outubro. Os empregados são incompetentes e madraços: não sabem, não trabalham. Naquele caos, a não ser o próprio Baião, que faz segredo das coisas, ninguém por si é capaz de mexer-se. Braamcamp com longos anos de assiduidade, conhecia a idade média, que o interessava, e do mais não fazia caso. Dei ordem para continuar na visita de Marcos Teixeira.<sup>218</sup>

Para Torgal, João Lúcio e Capistrano “além da amizade que os unia, estabeleceram uma colaboração mútua bastante freqüente, através da troca de informações relativas à investigação histórica”.<sup>219</sup> Esse intercâmbio, reuniu outros intelectuais, como podemos apreender do pedido de Afrânio Coutinho,

---

<sup>217</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 22 de junho de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 217.

<sup>218</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 12 de agosto de 1922 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>219</sup> TORGAL, Luís Reis. A História através da História. In: CATROGA, Fernando; TORGAL, Luís Reis e MENDES, José Amado. **História da história em Portugal, séculos XIX e XX.** v.2, Lisboa: Temas & Debates, 1998, p. 234.

amigo e correspondente de Capistrano, solicitando cópias de documentos de Lisboa através de João Lúcio. No entanto, João Lúcio se queixou do excesso de trabalho e escreveu para Capistrano reclamando do pedido:

A carta de Afrânio faz-me crer que se supõe aí ser grande a facilidade de obter os documentos copiados, e que basta manifestar o desejo para este ser cumprido. Você, por experiência, sabe que assim não é. Pelas cartas juntas verá como são as coisas no Porto, onde não tenho outra pessoa além daquele correspondente. A carta de Gândavo creio ser a que em tempo mandei copiar para V. Fez-me o favor um colaborador da *Revista de História*, como homenagem pessoal. Esse há muito deixou de corresponder-se comigo, perdi o seu endereço, e não sei o que faz agora. Não me proponha pois servir Afrânio nesse ponto. Quanto aos Diálogos, se são os das *Grandezas do Brasil*, já foram publicados em 1887, na *Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco*, onde, com menos gasto e mais presteza, os terá o pretendente. Posso mandá-los copiar aqui do ms., mas com prejuízo dos seus documentos, o que penso não ser de sua conveniência, e aguardo novas ordens.<sup>220</sup>

João Lúcio diz não poder servir o amigo de Capistrano, embora, em carta de 12 de maio de 1919, tenha solicitado que Capistrano ajudasse seu amigo Fidelino de Figueiredo: “a propósito, Fidelino tencionou escrever-lhe pedindo lhe indique livro de crítica literária publicados no Brasil; e quis que eu apresentasse a pretensão, o que faço, tendo-lhe dito porém quanto V. é pronto em servir a todos, e quão generoso do seu saber”.<sup>221</sup>

Embora um estivesse disposto a servir o outro em assuntos históricos, nem sempre os dois concordavam, a ponto de uma vez Capistrano declarar que: “nossos pontos de vista são inconciliáveis”.<sup>222</sup> Além disso, as diferenças entre Capistrano e João Lúcio são evidentes no que concerne à temática historiográfica retratada em suas obras, visto que Capistrano enfatizava o povo, suas lutas e fracassos, realçando o papel do mestiço, do sertanejo, do índio,

---

<sup>220</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 11 de fevereiro de 1923. In: ABREU, v. 3, 1977, p. 243.

<sup>221</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 12 de maio de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>222</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 16 de julho de 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 166.

enquanto João Lúcio pensava nos jesuítas, nas instituições administrativas, ou ainda escrevia sobre a biografia de grandes homens públicos como o Marquês de Pombal e o jesuíta Antônio Vieira.

Em alguns momentos, Capistrano e João Lúcio operavam num campo comum de interesse e comungavam das mesmas teses. No caso dos trabalhos em torno da Inquisição no Brasil, João Lúcio chegou a dizer: “fico em dúvida se sou eu ou V. que vamos publicar os Judeus no Brasil (...)”.<sup>223</sup>

Mas a questão que era cara aos dois historiadores era a defesa de uma “verdade histórica” e a preservação e autenticidade dos documentos históricos, e por isso condenam os historiadores que queimam originais, como foi o caso de Melo Moraes, que queimava papéis para que quem quisesse lê-los tivesse que consultar seus livros,<sup>224</sup> ou o caso de Guilherme Studart que achava mais barato comprar originais do que angariar copistas nos arquivos estrangeiros.<sup>225</sup> João Lúcio relata um caso suspeito envolvendo-o:

Studart mandou-me o 4º vol. de “Documentos para a História do Brasil”. Falta-me na coleção o 1º, de que lhe fiz pedido e ele disse não possuir. Se ao alcance de sua mão passou o vol. gostaria de o ter, mas de nenhum modo desfalcando a própria livraria. Neste último e no antecedente acham-se as cartas de Vieira oferecidas em reprodução fotográfica ao J. H., ambas conhecidas minhas, pelo que não afetou a publicação a minha bibliografia. Novidade para mim foi o documento nº 267 – que é a célebre representação ou capítulos de Jorge de Sampaio contra os jesuítas, debalde por mim procurada no Arquivo Ultramarino. O silêncio de Studart sobre a procedência leva-me à suspeita de que pertenceria ao número dos documentos subtraídos em seu benefício quando esteve aqui. O sistema é cômodo e talvez barato para quem o emprega, mas priva o documento daquela autoridade que possui quando qualquer puder verificar-lhe o teor.<sup>226</sup>

<sup>223</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 15 de março de 1923. In: ABREU, v. 3, 1977, p. 247.

<sup>224</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 27 de março de 1917. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 41.

<sup>225</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 26 de abril de 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 156.

<sup>226</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 31 de outubro de 1921 – Acervo do Instituto do Ceará.

Eles não podiam denunciar o “suposto” roubo de documentos do Barão de Studart. Mas discutiam entre si através da correspondência intelectual. A defesa de “verificar os originais” era uma maneira de projetar o estandarte da “verdade histórica”, que, segundo João Lúcio, era a verdade mais crítica, tão cara às correntes historiográficas do século XIX. Essas correntes defendiam a imparcialidade e objetividade do historiador. Para isso, era necessária a adoção de procedimentos críticos que “seriam capazes de determinar a ‘verdade dos fatos’ com a mais infinita precisão, analisando documentos, confrontando testemunhos, estabelecendo, enfim, quais textos eram ou não confiáveis, para se conseguir uma visão realista do passado”.<sup>227</sup>

Capistrano lia estudos empíricos e ensaios teóricos em assuntos variados. De acordo com Reis,<sup>228</sup> a produção de Capistrano de Abreu não pode ser “teoricamente” definida, contudo suas leituras de Friedrich Ratzel e Leopold Ranke marcaram sua produção e, a partir delas, passou a defender com veemência a questão da indicação das fontes, além da sua preservação e divulgação.

Capistrano procurou em seus escritos fazer uma História voltada à “verdades dos fatos” e à originalidade, por isso tratou de temas até então ausentes na historiografia brasileira, como as bandeiras, as minas, as estradas, a criação do gado. João Lúcio também vivia em busca de uma “verdade histórica”, como podemos perceber em vários trechos da sua correspondência.

Segundo João Lúcio,<sup>229</sup> as lendas e a literatura tinham vitalidade em Portugal. Por isso, era fundamental escrever História naquele país, com o objetivo de apurar a verdade dos fatos do passado,<sup>230</sup> já que a literatura portuguesa tinha mais espaço no meio intelectual português, e esse gênero usava o espaço privilegiado para escrever sobre os grandes feitos da nação sem apurar a veracidade dos fatos narrados.

Na correspondência trocada entre Capistrano e João Lúcio, há relatos sobre problemas e trajetórias de suas investigações históricas. Capistrano e João

---

<sup>227</sup> Cf. ARAÚJO, 1988, p. 31.

<sup>228</sup> REIS, José Carlos. Capistrano de Abreu (1907). O surgimento de um povo novo: o povo brasileiro. **Revista de História**. São Paulo: USP. n. 138, jan/jul, p. 72, 1998.

<sup>229</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu sem data – Acervo Instituto do Ceará.

<sup>230</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 24 de abril de 1927 – Acervo Instituto do Ceará.

Lúcio foram homens de sínteses precedidas de longas investigações, cujos trabalhos tiveram como fio condutor a “fidelidade” ao documento. Essas longas investigações alimentam e marcam os temas da escrita epistolar.

Capistrano como escritor possuía um estilo singular, considerado “algo telegráfico, bastante sintético, em que dizia tudo em poucas palavras”.<sup>231</sup> Sua produção abrange três livros, vários prefácios, introduções, além de organizações, notas e publicações de obras raras e esgotadas no Brasil. Redigiu mais de 117 artigos e enviou cerca de 1.150<sup>232</sup> cartas. Em uma carta, datada de 29 de dezembro de 1894, dirigida ao seu amigo Guilherme Studart, Capistrano fala de sua produção:

V. pede as minhas monografias. Geralmente só tenho escrito em jornais e não só não guardo os artigos como nem sei o número em que saíram. Da minha tese não tenho um só exemplar, da monografia sobre D. Manuel talvez descubra algum, um dia em que me dispuser a afrontar a desordem da folhetada. Continuo o meu trabalho sobre os Bacaeris. Agora já estou mais orientado. Recebi ontem uns catecismos na língua cumanogota, que faz parte do mesmo grupo, que é o dos caraíbas. Logo que me familiarizar um pouco com a construção da frase, o que julgo exigirá pelo menos um mês e meio a dois meses investirei de uma feita contra o bicho. Mesmo porque já tenho gasto muito tempo com esta língua, e o tupi e o cariri me reclamam.<sup>233</sup>

Imerso nessa enorme “bagunça” e “desordem” de papéis, livros e cadernos, os principais trabalhos de Capistrano de Abreu estavam “perdidos” no meio das páginas dos jornais, como nos relata João Lúcio em carta de 22 de março de 1925: “devia já ter-lhe dito que recebi os artigos sobre Fernão Cardim; mas o gosto com que estava lendo o seu foi-me cortado com a falta da página onde saiu o final. Continua na 5ª página, diz o “jornal”; a 5ª página ficou em cima da sua mesa, ou perdeu-se no chão. Espero poder ler o todo em forma menos fulgaz que em coluna de gazeta”.<sup>234</sup>

---

<sup>231</sup> MENEZES, 1956, p. 46.

<sup>232</sup> Consideramos esse número somente da correspondência ativa de Capistrano de Abreu.

<sup>233</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 29 de dezembro de 1894. In: ABREU, CCA, v.1, 1977, p. 146.

<sup>234</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 22 de março de 1925 – Acervo do Instituto do Ceará.

Tristão de Athayde vai além, afirmou: “Capistrano era desses autores de que todo o mundo falava e que ninguém lia. E ninguém lia porque nada mais difícil do que obter os seus trabalhos. Tudo esparso em jornais, anais ou revistas. Tudo esgotado ou em edições limitadas. Ou em notas a obras alheias”.<sup>235</sup>

Entretanto, os trabalhos de Capistrano não se perderam, devido à dedicação dos membros<sup>236</sup> da Sociedade Capistrano de Abreu, criada em 11 de setembro de 1927, com objetivo de prestar homenagens à memória do patrono. Logo após a sua morte, a Sociedade encarregou-se do trabalho de coletar, organizar e editar seus textos.

A trajetória de Capistrano foi marcada pela cobrança dos contemporâneos e da posteridade, a propósito da escrita de uma História Geral do Brasil de sua autoria. Foi por diversas vezes interpelado sobre o caso. Entre seus questionadores está João Lúcio, que cobra a escrita de uma síntese da história pátria: “em todo o caso há nela um período, que eu me atreverei a perfilhar: aquele onde lamenta que V. nos não dê a obra considerável, que temos o direito de esperar. Quem mais capaz de escrever a história de sua terra?”.<sup>237</sup> Capistrano rebate o amigo português com certa ironia: “no Brasil nós não precisamos de história, precisamos de documentos”.<sup>238</sup>

A facilidade de escrever de João Lúcio é elogiada por Capistrano:

Recebi as últimas páginas, li-as logo, agradeço-lhe e abraço-o cordialmente. Não notei sinal de fraqueza ou cansaço. Pode reparar-se na falta de um capítulo final; seria de fato conveniente, mas não é indispensável. Fiquei sabendo muita coisa ignorada. E já se prepara para os *Cristãos Novos!* A vida comercial, com os prazos certos, prepara eficazmente para a carreira literária.

<sup>235</sup> ATHAYDE, Tristão. Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto do Ceará**. t. LXII (42), p. 138, 1928.

<sup>236</sup> Vale registrar a obstinação do historiador José Honório Rodrigues em publicar as obras e artigos de Capistrano de Abreu.

<sup>237</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 12 de maio de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>238</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 9 de junho de 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 165.

V. acha tempo para tudo e para o mais. E prevejo que ainda depois da *Correspondência de Vieira* virão novas idéias e serão realizadas.<sup>239</sup>

Diferente de João Lúcio, Capistrano dizia que não tinha disposição para escrever. Sua dificuldade tinha várias motivações, descritas na sua correspondência, como nessa carta dirigida a Ramos Paz, quando estava escrevendo um artigo: “está ainda em começo, e basta que me sente à mesa, na intenção de continuá-la, para aparecerem todos os demônios da preguiça, da má-vontade e da estupidez”.<sup>240</sup>

Passados 18 anos, em carta para João Lúcio, volta a falar do pesado fardo: “cada vez encontro maior dificuldade em escrever. A concentração de idéias torna-se cada vez mais difícil. O caju está maduro demais: quanto mais depressa vier a queda tanto melhor”.<sup>241</sup> Mas não parava de escrever, como relata em abril de 1920: “reduzido à muleta da minha memória e ao 8º vol. de Monsenhor Pizarro, comecei a pôr o preto no branco. Levo escritas quatro ou cinco páginas, quase uma página por semana”.<sup>242</sup>

Entretanto, um manuscrito revelado ou um documento surgido nos arquivos pesquisados trazia novas inspirações para esse historiador, a ponto de ele confessar em carta de fevereiro de 1917 a Mário de Alencar: “este ano sinto vontade de estudar e escrever: tenho em vista uns quatro ou cinco artigos sobre S. Paulo”.<sup>243</sup> Em outra epístola, mostra com certa ironia sua vontade de escrever: “o papel está pedindo tinta”.<sup>244</sup>

De acordo com Peter Gay, “escrever carta pode ser um exercício de auto-definição. Por isso, qualquer que seja a forma dessas cartas, natural ou afetada, elas podem ser fragmentos de uma grande confissão”.<sup>245</sup> Nas cartas

---

<sup>239</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada da conversão de S. Paulo, 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 192.

<sup>240</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Ramos Paz datada de 17 de fevereiro de 1900. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 13.

<sup>241</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 16 de setembro de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 110.

<sup>242</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 10 de abril de 1920 - CCA, v. 2, p. 154.

<sup>243</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 22 de fevereiro de 1917. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 246.

<sup>244</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 14 de setembro de 1901. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 209.

<sup>245</sup> GAY, 1999, p. 357.



a tarefa diária de escrever... e ainda algumas rezas! O tempo está de terminar. Talvez seja isso.<sup>246</sup>

De um jeito ou de outro, a preocupação com a escrita era constante no universo de Capistrano e João Lúcio. Às vezes, Capistrano criticava aqueles que escreviam com facilidade, como Domingos Jaguaribe: “deixa livros demais e nenhum bom, a facilidade com que escrevia não o deixava meditar. Uma de suas tristezas dos últimos tempos era não ter força para escrever”.<sup>247</sup> Capistrano, como crítico rigoroso dos outros e de si mesmo, mostrava-se sempre insatisfeito com seus trabalhos: “não estava preparado para tanto e a coisa não sairá como o desejo”.<sup>248</sup> Ou ainda, justificava-se culpando o tempo: “o tempo vai tão depressa que lembra, não a foice de Cronos, mas as asas de Hermes. Sem que o sinta, acaba-se o dia, acaba-se a semana, acaba-se o mês e, dado o balanço, só encontro um zero elevado não sei a que potência”.<sup>249</sup>

Embora a tarefa da escrita fosse árdua para Capistrano, como afirmava categoricamente aos amigos, ele escreveu mais de uma centena de artigos e mais de um milheiro de cartas aos amigos. Não parava de escrever, e escrevia inclusive sobre o ato de escrever, escrevia sobre sua escrita e a dos outros. Escreveu artigos para vários periódicos nacionais e regionais como *Maranguapense*, *Gazeta de Notícias*, *Kosmos*, *Jornal do Comércio*, *A notícia*, *Almanaque Garnier*, *Revista do Brasil*, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, *Revista do Instituto do Ceará*, *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco*, *Revista Brasileira*, *O Globo*, *Folhinha Laemmert*, *Gazetinha*, *Anuário do Brasil*, *O Jornal*, entre outros.

Capistrano tinha o hábito de escrever em cadernos, nos quais anotava dados e informações colhidas em documentos de bibliotecas, em livros, revistas ou nas suas entrevistas com os índios. Em carta a João Lúcio, escreve

---

<sup>246</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 2 de setembro de 1921. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 237-238.

<sup>247</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo sem data. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 368.

<sup>248</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 28 de dezembro de 1909. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 212.

<sup>249</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 3 de junho de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 214.

sobre essa prática: “ontem em S. Gabriel comprei um caderno para nele reunir os materiais de estudo que devia consagrar-lhe”.<sup>250</sup>

Parte significativa dos seus cadernos, cerca de 79 volumes, foram preservados pela Sociedade Capistrano de Abreu e encontram-se sob a guarda do Instituto do Ceará. Dentre os cadernos que se encontram nesse acervo, destacamos a compilação “Cartas ao Amigo Ausente”, com cerca de dez volumes, que correspondem à cópia de uma coluna publicada semanalmente no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro.

Na sua correspondência com Paulo Prado, Capistrano fala que está fazendo uma cópia dessa coluna para o amigo: “V. há de ter ouvido falar numas Cartas ao Amigo Ausente, escritas em 1850 pelo velho Rio Branco e impressas no Jornal do Comércio. Estão sendo copiadas e V. verá que merecem leitura”.<sup>251</sup> O autor das “Cartas ao amigo ausente” faz um panorama político, cotidiano e social do período no qual ele foi escrito, com críticas políticas, comentários das festas e etc. No fim de cada carta, existe uma lista dos mortos da semana onde os casos de febre amarela recebem uma estatística à parte.

Outra coletânea de cadernos, presente no acervo, refere-se à cópia de documentos alusivos às pesquisas que vinha desenvolvendo sobre a “Guerra do Rio Grande”. Esses cadernos têm cópias de vários documentos como: Carta ao Capitão do Rio Grande, para dar ao Coronel Antônio Albuquerque Câmara o necessário para a guerra do Rio Grande; Carta ao Capitão Domingos Jorge Velho ordenando que o mesmo parta para lutar contra os “bárbaros” do Rio Grande; Carta ao Capitão Mor do Rio Grande sobre a Guerra dos Bárbaros na sua capitania, entre outros documentos todos referentes ao mesmo assunto.

Em carta a João Lúcio, de 10 de março de 1924, comenta rapidamente essa pesquisa: “estava esperando-o [Padre Hafkemeyer] pretendia concluir trabalhos começados sobre a História do Rio Grande”.<sup>252</sup> Quatro anos antes, em 7 de julho de 1920, Capistrano escreveu um artigo intitulado *Ceará e Rio*

---

<sup>250</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 7 de março de 1919. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 113.

<sup>251</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada de oitava de São Sebastião de 1926 (20/01). In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 475.

<sup>252</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 10 de março de 1924. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 292.

*Grande para o n' O Jornal*,<sup>253</sup> onde aborda uma antiga controvérsia acerca dos limites entre os estados do Ceará e o Rio Grande (do Norte) em vias de decisão no Supremo Tribunal Federal na época.

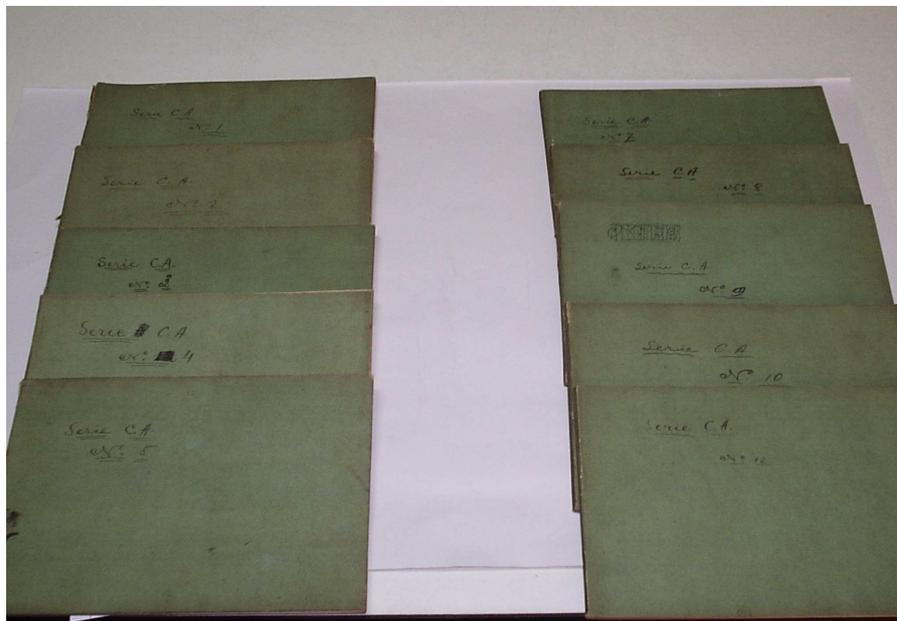


Figura 8: Cadernos de anotações de Capistrano de Abreu – Acervo Instituto do Ceará.

A maior parte dos cadernos, cerca de 30 volumes, o que corresponde a 38% do acervo da Sociedade Capistrano de Abreu, traz estudos indígenas, cujos títulos são diversos, tais como “Partes do Corpo”, “Usos e costumes indígenas” e “Língua dos Bakaeris pelo Capistrano de Abreu”.

Em carta a Mário de Alencar datada de 15 de setembro de 1915, Capistrano revela que encontrou seus cadernos sobre os Bacaeris na Biblioteca Nacional:

Outro dia trouxe da B. Nac. os cadernos bacairis que encontrei. São apenas uma parte mínima, talvez um sexto. Não voltei ainda a ver se aparecem mais, porque, contando sempre com a pior hipótese, adio a decepção. Os cadernos trazidos são exatamente os primeiros que escrevi, os mais fáceis. Quase todos têm tradução interlinear. (...) Para passar a limpo os cadernos antigos, alguns já bem furados de traças, não fiz separação de horas. Se achar os

<sup>253</sup> ABREU, Capistrano. Ceará e Rio Grande. In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)** – 3ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 29-33, 1976.

outros, consagrar-me-ei a seu estudo, só à tarde e à noite. Na primeira parte do dia, tratarei de preparar uma nova edição dos Capítulos.<sup>254</sup>

Esse conjunto de cadernos contém diversas anotações dos seus estudos sobre línguas indígenas com notas sobre gramática, fonética, frases soltas com suas respectivas traduções, verbos escritos em português seguido da sua respectiva conjugação em língua indígena. Apresentam também lendas, listas com nomes de pessoas enumerados, ou de plantas e seus respectivos usos nas tribos. Andava sempre com os cadernos para realizar suas pesquisas, como comenta em carta com Afonso de Taunay: “trouxe para divertir-me em Caldas um caderno de bacairi dos três copiados em Pedras Altas. Ia medir-me com os textos e elaborar a tradução. São 140 páginas bem largas, nem todas cheias”.<sup>255</sup>

Além desse conjunto de anotações, há outros cadernos sobre a temática indígena, como um escrito em espanhol, datado de 1º de junho de 1560, com o título “Anchieta”, que traz notícias acerca dos costumes dos padres em relação à “conversão” dos índios à fé católica, às guerras e à propagação da igreja em solo brasileiro. Em carta a Lino de Assunção, de 30 de maio de 1885, Capistrano menciona esse caderno: “recebi hoje os 3 primeiros cadernos e há uma semana o 4º e o 5º da Vida de Anchieta pelo Pe. Pedro Rodrigues. Agradeço-te muito a pressa e a bondade. Tua cópia está magistral, melhor do que era necessário”.<sup>256</sup>

Podemos acompanhar, em outro caderno, intitulado “Notícia da Capitania de Rio Negro”, suas pesquisas sobre os caminhos e povoamentos do Brasil. Nesses cadernos, cerca de três, há documentos vários sobre essa capitania, cujo texto compõe-se de uma escrita epistolar copiada de um original encomendado por Capistrano de Abreu. Encontram-se divididos em introdução e oito “notícias”, estas divididas em quatro cadernos. A introdução do texto além das referências do autor, Francisco Xavier, e data, 6 de Setembro de

---

<sup>254</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 15 de setembro de 1915. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 242-243.

<sup>255</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 3 de março de 1921. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 322.

<sup>256</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 30 de maio de 1885. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 313.

1775, contém informações sobre os rios que “alimentam” o rio Negro, o rio Orinoco, o rio Itapurã e o rio Amazonas.

Há outros 25 cadernos, com cópias de documentos, muitos sem títulos, que trazem anotações de vários arquivos públicos, entre eles destaca-se o caderno “1” sobre o período de 1713 até 1889, cuja primeira parte não traz referências sobre a origem das anotações. Já a segunda parte apresenta a referência do acervo de onde foram copiados os documentos: “Coleção de Governadores do Rio de Janeiro – Arquivo Público”. Além disso, há colado em uma das páginas um recorte de jornal intitulado “os mapas mais antigos do Brasil”, no qual o autor narra a dificuldade de obter mapas da terra onde hoje é o Brasil na época do descobrimento.

Outros volumes trazem anotações variadas, como listas de nomes de pessoas enumerados, identificando suas profissões, além de anotações de “datas e acontecimentos” dos séculos XVI e XVII. Entre os volumes destaca-se também um caderno com uma cópia de um livro de Direito Romano e outro sobre a Guerra de Palmares.

Quando Capistrano começou a escrita de sua “História do Brasil” anotava tudo em cadernos também. Segundo Raimundo de Menezes, “chegou Capistrano a munir-se de uma série de cadernos, e em cada um punha a numeração de um capítulo dos quais ia escrevendo um começo. Então, era visto pela rua a sobraçar os cadernos, de que não se separava... senão quando, um belo dia, os esqueceu na Biblioteca Nacional, para não mais encontrá-los”.<sup>257</sup>

Esse evento relatado por Raimundo de Menezes não foi mencionado por Capistrano na sua vasta correspondência com os amigos. Entretanto, na carta de 19 de março de 1917, Capistrano revela para João Lúcio como surgiu a idéia:

Tenho presente a primeira vez em que veio a idéia de escrever a história do Brasil. Estava no Ceará, na freguesia de Maranguape, com poucos livros, arredado de todo comércio intelectual. Acabava de ler Buckle no original, relia

---

<sup>257</sup> MENEZES, 1956, p. 54.

mais uma vez Taine, tinha acabado a viagem de Agassiz. Vim depois para o Rio em 1875; cada ano que passa é uma parede que cai.<sup>258</sup>

Essa História do Brasil imaginada no Ceará foi repensada no Rio de Janeiro quando o historiador entrou em contato com os diversos documentos coloniais na Biblioteca Nacional e em outros arquivos estrangeiros. Em carta de 1890, Capistrano fala ao Barão do Rio Branco que iria escrever uma História um pouco diferente daquela sonhada na sua terra natal:

Dou-lhe uma grande notícia (para mim): estou resolvido a escrever a História do Brasil, não a que sonhei há muitos anos no Ceará, depois de ter lido Buckle, e no entusiasmo daquela leitura que fez época em minha vida – uma História modesta, a grandes traços e largas malhas, até 1807. Escrevo-a porque posso reunir muita coisa que está esparsa, e espero encadear melhor certos fatos, e chamar a atenção para certos aspectos até agora menosprezados. Parece-me que poderei dizer algumas coisas novas e pelo menos quebrar os quadros de ferro de Varnhagen que, introduzidos por Macedo no Colégio Pedro II, ainda hoje são a base de nosso ensino. As bandeiras, as minas, as estradas, a criação de gado pode dizer-se que ainda são desconhecidas, como, aliás, quase todo o século XVII, tirando-se as guerras espanholas e holandesas.<sup>259</sup>

Dezessete anos depois, ou seja, no final do ano de 1905, surgiria a ocasião de escrever e publicar essa História, sob a forma de uma proposta do Centro Industrial do Brasil para redigir em cento e vinte páginas alguns traços da História do Brasil que deveriam constituir a introdução de um volume dedicado às riquezas e indústrias do Brasil. Em carta a Ramos Paz, Capistrano relata a encomenda da obra:

Um dos dias últimos do ano passado um dos proprietários do Kosmos, empregado na Biblioteca Nacional, encontrou-me no momento psicológico e prometi-lhe publicar lá a minha História do Brasil. Tomei como fato

---

<sup>258</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 19 de março de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 37.

<sup>259</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Barão do Rio Branco datada de 17 de abril de 1890. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 130.

consumado meu folheto sobre o descobrimento, impresso pelo Laemmert, e comecei com as primeiras explorações. Já saíram três artigos, o quarto está-se compondo; desde ontem estou liberto da terrível divisão em capitanias, o assunto mais incapaz de receber forma apresentável que eu conheço. Por este teor caberia em cada capítulo a narrativa de 8 anos, e a cousa assumiria proporções descomunais. Isto será só no princípio: o quinto, sexto e sétimo abarcarão mais de quinze anos cada um, em Pernambuco, S. Paulo e Bahia, de 1534 a 1549; depois a cousa correrá mais depressa.<sup>260</sup>

Em vez de cento e vinte páginas, Capistrano escreveu cerca de trezentas páginas referentes ao período colonial, posto que a obra se detinha ao último ano do século XVIII, razão pela qual foram intituladas "Breves Traços da História do Brasil até 1800" no índice de *O Brasil: suas riquezas naturais, suas indústrias*, obra que se destinava também a propaganda do país no exterior. Publicadas em separata no mesmo ano de 1907, receberiam o título de *Capítulos de História Colonial*.

De acordo com Ilmar Rohloff de Matos,<sup>261</sup> Capistrano não dera conta de toda a encomenda, avaliava que a parte realizada estava repleta de lacunas, já que se restringia à colônia, embora tivesse a certeza de ter feito germinar pesquisas e produções sobre a História do Brasil. Para João Lúcio, escreve sobre as lacunas, mas reconhece que: "em todo caso, ficará o gérmen para investigações futuras".<sup>262</sup>

Aos 53 anos, Capistrano de Abreu redigira enfim sua "História do Brasil", obra sonhada na juventude e repensada enquanto fazia a revisão da *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, em 1906. Sua História do Brasil até 1800, os *Capítulos de História Colonial*, foi composta em onze capítulos, chamados respectivamente: Antecedentes Indígenas; Fatores Exóticos; Os Descobridores; Primeiros Conflitos; Capitanias Hereditárias; Capitanias da Coroa; Franceses e Espanhóis; Guerras Flamengas; O Sertão; Formação dos Limites e Três Séculos Depois.

<sup>260</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Ramos Paz datada de 12 de abril de 1905. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 23.

<sup>261</sup> Cf. MATOS, Ilmar Rohloff de. **Capítulos de Capistrano**. Disponível em: <<http://modernosdescobrimientos.inf.br/Desc/capistrano/frame/htm>>. Acessado em: set 2007.

<sup>262</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 13 de janeiro de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 233.

Capistrano foi insistentemente cobrado pelos contemporâneos e pela posteridade como sendo a pessoa mais habilitada para escrever uma obra que pudesse ser classificada como uma História Geral do Brasil. Desde amigos íntimos, como João Lúcio, Mário de Alencar, Paulo Prado e José Veríssimo, até críticos, como João Ribeiro, Constâncio Alves, Tristão de Athayde e Afrânio Coutinho, procuraram responder a uma questão que lhes atormentavam: Por que Capistrano de Abreu não escreveu a História do Brasil? Eles apontaram várias hipóteses, como a ausência de documentação, a modéstia do autor ou mesmo a sua “falta de capacidade filosófica”.<sup>263</sup>

Capistrano respondia aos contemporâneos. Em carta ao amigo José Veríssimo, reconhecendo algumas lacunas nos *Capítulos de História Colonial*, ele assim se manifestou:

Quando pensei em consagrar-me a História do Brasil, resultado de uma leitura febril de Taine, Buckle e da viagem de Agassis, feita ainda no Ceará, não me lembro se pretendia abarcar toda a história. Mais tarde reconheci que era necessário incluir a época contemporânea, mas a minha curiosidade dispersou-me a atenção por toda parte e agora posso dizer como Monte-Alverne: é tarde! É muito tarde!<sup>264</sup>

Os *Capítulos* apresentaram uma enorme massa de documentos, apesar da ausência das referências às fontes e de notas bibliográficas. Mas, ele mesmo criticava outros historiadores por não indicarem suas fontes, como nessa carta a Afonso de Taunay: “V. podia fazer referência mais explícitas às fontes”.<sup>265</sup> É ainda mais enfático com Guilherme Studart:

Por que não dás a procedência dos documentos que publicas? (...) por que motivo, portanto, te insurges contra uma obrigação a que se sujeitam todos os historiadores, principalmente desde que, com os estudos arquivais, com a

---

<sup>263</sup> BARREIRA, DOLOR. Porque Capistrano não escreveu a História do Brasil? **Revista do Instituto do Ceará**. t. LVII, pp. 226 e 229, 1943.

<sup>264</sup> Carta de Capistrano de Abreu para José Veríssimo datada de 21 de janeiro de 1914. In: ABREU, CCA, v.1, 1977, p. 200.

<sup>265</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 18 de novembro de 1920. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 318.

criação da crítica histórica, com a crítica das fontes, criada por Leopoldo von Ranke, na Alemanha, foi renovada a fisionomia da História?<sup>266</sup>

A ausência das referências documentais e bibliográficas nos *Capítulos de História Colonial* incomodou muitos críticos e foi justificada por alguns, que tentaram descobrir o motivo dessa omissão. Entre suas explicações está a de que o autor [Capistrano] teve pouco tempo para redigir sua obra. Outros indicaram o seu desinteresse pela escrita ou mesmo seu estilo sintético.

Para José Honório Rodrigues, que fez as notas para os *Capítulos* na sua 4ª edição, em 1954, a explicação é a seguinte:

Os textos citados sem indicação de procedência num autor como Capistrano de Abreu, que no mesmo ano da 1ª edição destes Capítulos (1907) publicava uma edição anotada do 1º volume da História Geral do Brasil de Varnhagen, atualizando-a e revelando a origem das informações, mostram que só razões muito fortes o teriam levado a não fazer a indicação de fontes neste livro. (...) A pressa da encomenda, a rapidez com que teve de elaborar em um ano estes Capítulos e especialmente o limite de 120 páginas imposto pelo editor – e, Capistrano escreveu 300 – o impediram de cumprir uma obrigação a que se sentia consciente e moralmente ligado. Só isto explica a falta das citações e só isto justifica as notas agora apostas no fim, para mostrar as fontes utilizadas.<sup>267</sup>

De acordo com Ilmar Rohloff de Matos, por exemplo, a não inclusão de notas e referências bibliográficas nos *Capítulos* poderia ter como finalidade homenagear Francisco Adolfo de Varnhagen, que não incluiu notas em sua *História Geral do Brasil*. Assim, suprimindo as notas, Capistrano se filiava a uma tradição historiográfica brasileira, e tal como fez com a medalha Pedro II, presenteada pelo IHGB em 1914, imitava o gesto de Varnhagen.

Para Grafton, “o surgimento das notas de rodapé – e dos artifícios a ela associados, como apêndices documentais e críticos – separa a modernidade

<sup>266</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 20 de abril de 1904. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 165-166.

<sup>267</sup> RODRIGUES, José Honório. Explicação. In: ABREU, Capistrano. **Capítulos de História Colonial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu / Briguiet, 1954, p. 7.

histórica da tradição”.<sup>268</sup> Historiadores como Tucídides e Heródoto não indicaram suas fontes em suas narrativas, porém os historiadores do século XIX tinham como principal baluarte da História crítica a indicação das fontes em notas, posto que elas davam legitimidade ao texto do historiador e conferiam autoridade a seu autor.

A História do século XIX era uma história dos textos. Capistrano era um historiador que vivia mergulhado em pesquisa de documentos e crítica de fontes. Entretanto, omitiu as notas ao seu texto, embora fosse um profundo conhecedor das fontes e bibliografia utilizadas na produção da sua obra. Segundo Grafton, Leopold von Ranke, ícone do “historicismo”, também omitiu notas na sua obra *Geschichten der romanischen und germanischen Völker* (História dos povos românticos e germânicos) que o “levou ao maior constrangimento público de sua carreira”.<sup>269</sup>

A omissão de notas e referências em textos históricos, a partir do século XIX, era considerada um insulto contra a “história moderna”, que procurava se solidificar na crítica documental. Para Peter Gay, é “ao documento que os historiadores dessa época atribuem a maior importância como remédio específico contra a arbitrariedade e o particularismo”.<sup>270</sup> As notas, inclusive, passaram a diferenciar os textos históricos e eram uma marca da erudição histórica.

Capistrano gastou muito tempo, como se percebe na sua correspondência, anotando Varnhagen. Para ele, as notas eram significativas, seguindo o que se pensava sobre o caráter científico da História. Por outro lado, ele se irritava com o excesso de notas, como revela nessa carta de 20 de setembro de 1915: “acho excesso de notas: umas são dispensáveis, porque melhor ficariam fundidas no texto, outras caberiam melhor em uma história geral que em monografia”.<sup>271</sup>

No decorrer das suas escritas e das suas leituras, Capistrano abriu um espaço para se dedicar ao estudo com “testemunhas históricas”: os índios.

---

<sup>268</sup> GRAFTON, Anthony. **As origens trágicas da erudição**: pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Campinas, Papirus, 1998, p. 31.

<sup>269</sup> *Ib. Idem.*, p. 65.

<sup>270</sup> GAY, 1999, p. 224.

<sup>271</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Urbino de Sousa Vianna datada de 20 de setembro de 1915. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 380.

Dedicou-se com bastante empenho à pesquisa etnográfica, através de entrevistas com os índios. Mergulhou nos costumes e lendas indígenas, especificamente de dois grupos: os Bacaeris e os Caxinauás.

No artigo *Os Bacaeris*, publicado na Revista Brasileira de 1895, Capistrano traça um relato do estudo da língua desse grupo indígena, afirmando que a curiosidade do mundo científico voltou a se dedicar com mais afinco a esse ramo desde 1884. O historiador aborda a metodologia utilizada no seu trabalho com o índio Irineu, um bacaeri do Paranatinga:

Com aquele índio, chamado Irineu, e que aqui será designado pela inicial I, foram apanhados muitos textos, - lendas, descrições, tradições. O presente trabalho fita um relatório parcial desta colheita. Assentando sobre o livro do Dr. Steinen, cujo sistema de transcrição fonética adota com ligeiras variantes, mais que simples resumo é entretanto, pois em muitos pontos variam as opiniões, em outros aparecem pela primeira vez fatos ainda não conhecidos. Isto quanto à parte lingüística, objeto deste primeiro capítulo. A independência ainda é maior quanto aos artigos seguintes, pois funda-se exclusivamente no que disse Irineu.<sup>272</sup>

Dois anos antes, Capistrano havia levado o índio Irineu para Teresópolis, junto com seus filhos, para uma temporada de dois meses na região. Irineu às vezes não queria colaborar com seu entrevistador, como relata o próprio Capistrano em carta a Mendes da Rocha: “Irineu, como todo selvagem, tem suas luas; há dias em que não há meio de se obter trabalho útil, e já estou ficando aborrecido e enfadado com ele”.<sup>273</sup> Segundo Múcio Leão, outro índio entrevistado por Capistrano durante vários dias caiu numa mudez absoluta e o historiador insistia para que ele voltasse a falar, até que os lábios do índio se abriram para dizer a razão de seu silêncio: “qué mué”.<sup>274</sup>

---

<sup>272</sup> ABREU, Capistrano. *Os Bacaeris*. In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)** – 3ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 159, 1976.

<sup>273</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mendes da Rocha datada de 22 de fevereiro de 1893. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 59.

<sup>274</sup> LEÃO, Múcio. Capistrano de Abreu e a Cultura Nacional. **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, t. 221, p. 110, 1953.

Capistrano era um pesquisador persistente e infatigável, fazia longas conferências com os índios a ponto de irritar os entrevistados, como revela Múcio Leão:

Submetera Capistrano um dos seus índios a um interrogatório implacável que durara semanas e semanas. Por fim, o pobre rapaz – chamava-se Mongoi – já não tinha mais nada a dizer sobre a sua gente nem sobre o seu mundo distante e primitivo. Capistrano, entretanto, continuava insaciável, querendo saber coisas e coisas... Em determinado momento Mongoi perdeu de todo a paciência, exaltou-se até a fúria, e avançou, com as mãos transformadas em garras, na direção do pescoço do sábio. A intervenção de Manuel Mota impediu que tivéssemos a contar mais essa vítima da ciência.<sup>275</sup>

O resultado dessas entrevistas foi publicado em um ensaio intitulado *Os Bacaeris* que foi dividido em duas partes: a primeira constituía-se de uma análise gramatical e a segunda da concepção de mundo dos índios dessa tribo. Esse ensaio deu uma enorme contribuição aos estudos do idioma, levantando mais de quatro mil novas frases bacaeris. Em carta de 19 de setembro de 1909, o historiador fala de seu trabalho com os índios ao amigo Guilherme Studart:

Com este episódio lingüístico desviei-me inteiramente da história pátria; não continuei a narrativa, como pretendia, nem mesmo comecei a revisão e redistribuição do já feito. Às vezes lastimo, às vezes dou por bem empregado o tempo. Se todos os anos tivesse um índio para me ocupar, daria de mão às labutações históricas.<sup>276</sup>

Capistrano havia intensificado bastante seu trabalho com os índios, visto que, anos antes, em 17 de abril de 1890, confessou ao Barão do Rio Branco<sup>277</sup> que passava cerca de seis horas trabalhando mergulhado em manuscritos e espanando poeiras de arquivos. Porém, passava o dobro desse

<sup>275</sup> LEÃO, 1953, p. 110.

<sup>276</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 19 de setembro de 1909. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 182.

<sup>277</sup> Ver carta de Capistrano de Abreu para Barão do Rio Branco datada de 17 de abril de 1890. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 130.

tempo dedicado aos índios Caxinauás, como relata nessa epístola: “trabalho dez a doze horas por dia, revejo o que estava feito, agora com olhos mais acostumados ao escuro, e não rejeito matéria nova”.<sup>278</sup>

Sua satisfação em trabalhar com os índios também foi confessada em carta a Mário de Alencar: “estou trabalhando com gosto”.<sup>279</sup> Entretanto, em carta a Paulo Brandão, declara seu aborrecimento com os estudos indígenas: “já estou farto de língua de índio. Desde junho não faço outra coisa: é tempo de terminar”.<sup>280</sup>

Sua paixão pelos estudos indígenas foi confessada diversas vezes ao amigo João Lúcio. Por isso, em carta de 23 de dezembro de 1923, João Lúcio, em felicitações pelo ano vindouro, faz o seguinte desejo ao amigo: “do 1924 não espero melhoras, mas é sempre agradável ver finar-se o inimigo. Desejo-lhe para o novo ano paz de espírito e o índio de suas aspirações”.<sup>281</sup>

Toda a obra de Capistrano, seus textos históricos ou não, guiou-se por severos métodos de investigação documental. Para ele, discorrer sobre os eventos do passado era entender um pouco de um povo muito heterogêneo, que ia do vaqueiro ao bandeirante, do português ao índio, sujeitos de uma história difícil de escrever e construtores de uma identidade difícil de entender.

Capistrano e João Lúcio eram historiadores pela prática do ofício. Prática que demandava tempo, dedicação à pesquisa e estímulos diários. Ao trocar cartas, os dois intelectuais relatavam a cotidiana aprendizagem do ofício de historiador com suas glórias e dificuldades. Escrever sobre eventos do passado, para ambos, era uma árdua tarefa cheia de inúmeros percalços que iam desde a busca por documentos, a análise da sua autenticação, a leitura de livros sobre aquela temática e a escrita dos textos até a sua publicação.

Capistrano afirmava ao amigo João Lúcio que, para aprender a história de um país “basta ler certos livros”.<sup>282</sup> Como escritor, ele redigiu vários textos,

---

<sup>278</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 16 de março de 1912. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 230.

<sup>279</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 14 de setembro de 1901. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 210.

<sup>280</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Brandão datada de 15 de novembro de 1909. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 271.

<sup>281</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 23 de dezembro de 1923. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 249.

<sup>282</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 19 de julho de 1925. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 335.

livros e cartas; contudo, era preciso fazer esses escritos circularem, divulgar suas idéias, publicar seus textos. No próximo capítulo, veremos a inserção de Capistrano e João Lúcio no mercado editorial do início do século XX.

## CAPÍTULO 3

### O MERCADO EDITORIAL NA CORRESPONDÊNCIA DE CAPISTRANO DE ABREU

#### 3.1 “Casas de Papel”: o cotidiano das livrarias, editoras e tipografias.

As livrarias, as editoras, as tipografias e os jornais eram lugares de sociabilidade freqüentados por Capistrano. Esses lugares mais informais aparecem como suportes importantes da sua prática intelectual, como podemos perceber ao longo da correspondência trocada com João Lúcio.

As cartas trazem indícios sobre o comércio de livros entre Portugal e Brasil. A veiculação de autores e livros entre Brasil e Portugal era constante, visto que em Lisboa vários brasileiros publicavam livros e divulgavam suas obras em revistas nacionais. No Brasil, também havia essa circulação de escritores portugueses, como Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Camões, entre outros.

O rarefeito mercado editorial da época proporcionou, de certa forma, o estabelecimento de uma rede de confiança entre Capistrano e João Lúcio, posto que, através da amizade epistolar, esses dois historiadores passaram a trocar livros, revistas, jornais e documentos diversos.

Além das trocas de livros, Capistrano e João Lúcio também enfocam os locais onde esses livros circulavam: as tipografias, editoras e livrarias. Como afirma Darnton, “não basta falar de livros mediante um código específico. É preciso imprimi-los, estocá-los, vendê-los, embalá-los e expedi-los. Assim vai-se das palavras às coisas”.<sup>1</sup>

Para chegar às “coisas”, ou seja, ao objeto “livro”, existem várias etapas que perpassam o social, o econômico e o cultural. Nas cartas trocadas entre esses historiadores, estão presentes os mexericos, as intrigas e as

---

<sup>1</sup> DARNTON, Robert. **Edição e Sedição**: o universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 22.

bisbilhotices do mundo letrado, a partir dos seus julgamentos “lapidares” acerca dos tipógrafos, livreiros, editores e impressores.

Em 1923, quando Capistrano pretendia mudar-se do Rio de Janeiro para São Paulo, para morar com Domingos Jaguaribe, Carlos Werneck escreveu:

Viveria triste, longe dos seus amigos, e habitués, longe de suas livrarias. A visitinha habitual ao Brigueit, ao Garnier, onde encontra sempre este ou aquele outro perguntador; a consulta ao Instituto Histórico ou à Biblioteca Nacional; a palestra de volta, na Livraria Científica, com o Edgar Mendonça ou o Fernando; o jantar das 4<sup>a</sup> feiras à Rua Sorocaba ou os almoços dos domingos no Curvelo... tudo acabaria por fazer-lhe muita falta e conduzi-lo de novo à Guanabara. São pequenas cousas, ninharias, mas que formam a vida quotidiana e das quais um velho não se desapega facilmente.<sup>2</sup>

A carta revela um pouco dos hábitos cotidianos de Capistrano, e também de alguns homens de Letras. Segundo Tânia Bessone, “as livrarias eram locais de convívio e sociabilidade de leitores e tentavam manter-se às vistas desses interessados”.<sup>3</sup>

As livrarias e editoras são locais com os quais Capistrano sempre esteve envolvido por diversos motivos. Frequentava as principais livrarias da cidade do Rio de Janeiro - Garnier, Laemmert, Leuzinger, Francisco Alves, Brigueit -, com as quais entreteve contratos profissionais e pessoais e sobre as quais encontramos alusão na sua correspondência.

A presença de Capistrano nas livrarias do Rio de Janeiro, data desde sua chegada à cidade em 1875, quando foi trabalhar na livraria Garnier. Ao chegar à cidade, Capistrano tinha em mãos apenas uma carta de recomendação escrita pelo romancista José de Alencar com a seguinte solicitação: “esse moço, que já é fácil e elegante escritor, aspira ao estágio da imprensa desta corte”.<sup>4</sup> Tornou-se um dos funcionários de uma das principais

---

<sup>2</sup> Ver ABREU, Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu**, v. 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 193.

<sup>3</sup> BESSONE, Tânia. **Palácios de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 91.

<sup>4</sup> Apud. HOLANDA, Firmino. **Capistrano de Abreu**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

livrarias do Rio de Janeiro no século XIX e um dos poucos empregados brasileiros contratados pelo livreiro Garnier. Como relata Laurence Hallewel, Garnier preferia contratar franceses para trabalhar na sua livraria e na tipografia: “seus principais assistentes tinham nomes como A: Garraux, A. Franchou, H. Puysegur e F. Briguiet”.<sup>5</sup>

Capistrano escrevia críticas literárias de algumas obras publicadas ou vendidas pela livraria/editora. Esse emprego o aproximava da Imprensa e lhe dava acesso às publicações de uma das principais casas de livros do Rio de Janeiro. Além disso, a livraria era freqüentada pela elite intelectual brasileira da época. Segundo Alessandra El Far, a livraria Garnier localizada na famosa Rua do Ouvidor: “reunia todo fim de tarde renomados homens de letras que lá iam para saber as novidades editoriais e participar das discussões literárias em voga”.<sup>6</sup>

Desde 1875, Capistrano escrevia artigos para vários jornais da cidade do Rio de Janeiro como *O Globo* (1875), *Jornal do Comércio* (1876) e *Gazeta de Notícias* (1878), entre outros. Na *Gazeta*, participou ativamente da redação escrevendo artigos para a coluna “Livros e Letras”. A *Gazeta de Notícias* estava instalada na Rua do Ouvidor nº. 70, de onde o jovem jornalista Capistrano de Abreu escrevia cartas aos amigos usando o papel timbrado do jornal. Seu ambiente de trabalho, no início de sua carreira no Rio de Janeiro, centrava-se principalmente na famosa Rua do Ouvidor, tanto que em 03 de setembro de 1917, Capistrano escreveu uma carta ao amigo Domício da Gama, recordando-se dessas reuniões: “que lhe direi dos nossos amigos? Um a um vão desaparecendo, e quando me lembro de nossas sessões da Rua Nova do Ouvidor, e de sua aparição fulminante nas festas do centenário, hesito se é melhor morrer ou ver morrer, que é afinal em que se resume a vida”.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: EDUSP, 1985, p. 133.

<sup>6</sup> El far, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 22.

<sup>7</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Domício da Gama datada de 03 de setembro de 1917. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 263

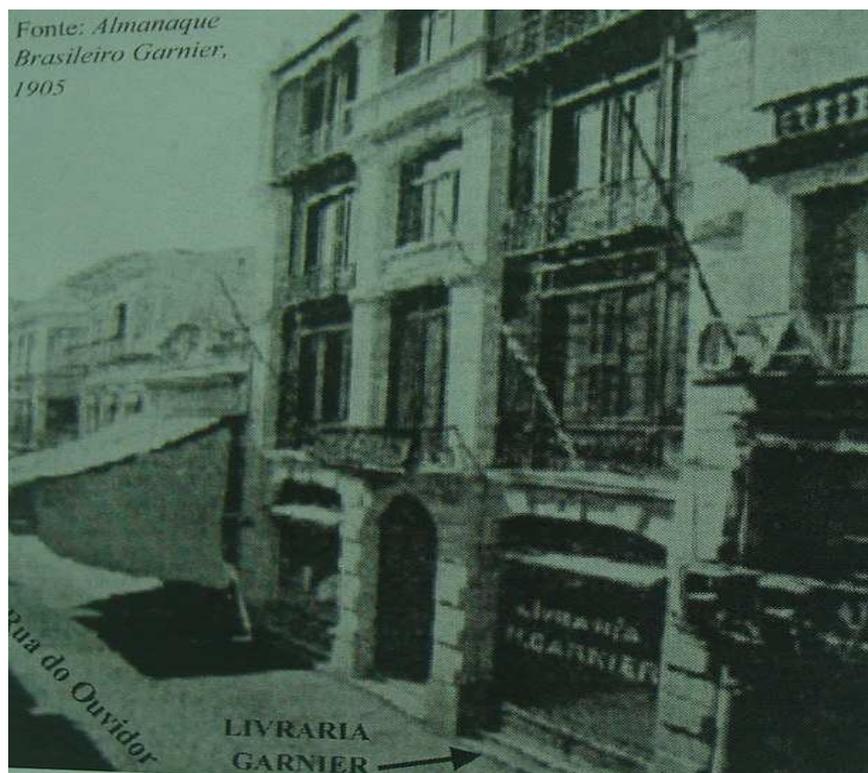


Figura 9: Livraria Garnier – *Almanaque Brasileiro Garnier (1905)*.

A livraria Garnier, de seu fundador e editor Baptiste Louis Garnier, editou clássicos estrangeiros e foi uma das primeiras a editar autores brasileiros. Foi responsável também pelo lançamento de romancistas brasileiros, como José Veríssimo, Olavo Bilac, Artur Azevedo, Bernardo Guimarães, Silvio Romero, João do Rio, Joaquim Nabuco. Baptiste Louis adoeceu e seu irmão, Hippolyte, assumiu a editora. Este não arriscava seu nome em autores desconhecidos, uma das exceções foi Graça Aranha, autor de *Canaã*, o primeiro autor desconhecido no qual ele apostou, cujo sucesso editorial foi um dos maiores do começo do século XX (1902).

Cabe sublinhar que a Garnier era a livraria e editora da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, embora fosse especializada em obras de ficção, editando autores de reputação garantida, campo que permitiu sua sedimentação no mercado editorial carioca. Também foi essa editora que publicara algumas edições dos romances de José de Alencar, escritor responsável pela mudança de Capistrano para a corte em 1875. Somente depois de vinte anos de trabalho como escritor, Alencar encontrou uma editora

para seus romances: “um editor, o Sr. B. Garnier, que espontaneamente ofereceu-me um contrato vantajoso em meados de 1870”.<sup>8</sup>

Desde seu emprego na Garnier, a frequência de Capistrano de Abreu às casas de livros da cidade era constante, a ponto do historiador usar as livrarias como referências de seu endereço particular, para onde pedia aos amigos que enviassem encomendas e endereçassem correspondências. Recomenda em carta a João Lúcio datada de 07 de fevereiro de 1916: “no Rio moro à Rua D. Luísa, 145 (Glória, às vezes). Para lá ou para a Livraria Briguiet, Rua Sachet, 23º, pode dirigir qualquer coisa que queira”.<sup>9</sup> Em missiva dirigida a Guilherme Studart, avisa que: “meu endereço no Rio continua Laranjeiras, 2. – ou Livraria Alves, Ouvidor, 136”.<sup>10</sup> Ou ainda, nesta outra carta, refere-se à outra livraria como endereço para correspondência: “quando me escrever, dirija antes para Gonçalves Dias, 46, caixa do correio 590, Livraria Clássica”.<sup>11</sup> Às vezes, solicitava algum livreiro, seu amigo, que pagasse uma conta sua: “pelo vapor passado enviou o livreiro Jacinto Ribeiro dos Santos a meu pedido uma ordem de 40\$ para pagar as colheres”.<sup>12</sup>

Note-se que o historiador menciona quatro livrarias da cidade como referências para encomendas e correspondências, o que aponta que suas relações não eram específicas apenas com uma livraria da cidade, mas generalizava-se por vários estabelecimentos editoriais. Esse era um hábito comungado por alguns “homens de Letras”, como podemos apreender da carta de João Lúcio de 19 de junho de 1919, que também enviava encomendas pessoais às livrarias de Lisboa:

Seu recomendado José Pinto Guimarães desembarcou à pressa, e deixou para mim na livraria do Teixeira o exemplar de Fr. Vicente. Tive pena de o não ver para conversarmos de Você. O volume ofereci-o à Academia das Ciências, ficando eu com o exemplar mandado antes a minha mulher, a que a

<sup>8</sup> ALENCAR, José. **Como e porque sou romancista**: autobiografia literária em forma de carta. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 74.

<sup>9</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 7 de fevereiro de 1916. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 10.

<sup>10</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada 20 de março de 1899. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 148.

<sup>11</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 18 de junho de 1893. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 146.

<sup>12</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Luís Sombra datada de 18 de abril de 1912. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 24.

comovente dedicatória realça o valor. Recebi todos os números atrasados da “Revista do Brasil”; onde sempre encontro cousas com que mato as “saudades da terra”. O discurso de Ruy soberbo, como documento do orgulho e despeito do super-homem.<sup>13</sup>

O uso desses espaços para encomenda mostra a assiduidade desses “clientes” aos estabelecimentos editoriais da época. Capistrano freqüentava as livrarias da cidade do Rio de Janeiro quase que diariamente, impulsionado por diversos motivos, desde a compra de volumes até a revisão de provas da impressão, visto que algumas livrarias também eram editoras de obras.

Alguns de seus amigos, ao saberem de seus hábitos, às vezes procuravam-no em alguma dessas casas de livros: “procurei-o ontem no Alves, mas um pouco tarde; o Sr. já havia saído. Hoje fiz a mesma coisa e sem outro resultado”.<sup>14</sup> Entretanto, segundo Antônio Sales, algum desconhecido ao deparar-se com Capistrano na Garnier, procurava iniciar uma conversa com o historiador, sem muito sucesso:

Em uma ocasião na livraria Garnier, um jovem escritor meu amigo, conversando com ele [Capistrano], tratava-o de “mestre”. De repente Capistrano irritou-se e disse: Porque me chama mestre? Mestre é sapateiro, pedreiro ou carpinteiro. O rapaz ficou de todas as cores, e nunca mais se aproximou dele.<sup>15</sup>

Capistrano entreteve contratos profissionais e pessoais com as principais livrarias do país, entre elas destaca-se também a Livraria Leuzinger, que por muitos anos descrevia seu estabelecimento como “loja de papel”, mas em 1875 passou a imprimir e encadernar volumes, tornando-se “a mais importante encadernadora do Brasil, produzindo trabalhos acima dos melhores padrões europeus, garantindo assim regularmente contratos para encadernar

---

<sup>13</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 19 de junho de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>14</sup> Carta de Max Fleiuss para Capistrano de Abreu datada de 10 de outubro de 1895. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 283.

<sup>15</sup> Ver SALES, Antônio. Reminiscências: Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto do Ceará**. t. XLI, 1927, p. 256.

as próprias publicações do governo”.<sup>16</sup> Era a tipografia preferida do Governo, em detrimento da Tipografia Nacional, já que foi a Leuzinger e não a Tipografia Nacional a impressora encarregada do *Catálogo da Exposição da História do Brasil* publicado pela Biblioteca Nacional entre 1881-1883, projeto que teve a participação de Capistrano de Abreu.

Datam deste período, então, os contatos profissionais estabelecidos entre Capistrano e a livraria/editora Leuzinger, de propriedade de Georges Leuzinger, editora de dois dos livros de Capistrano de Abreu: *Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI*<sup>17</sup> (Tese do concurso para o Colégio Pedro II) publicado em 1883 e *Rã-txa Hu-ni-kuj*,<sup>18</sup> publicado em 1914. De acordo com Laurence Hallewell “o mais importante autor a ser regularmente editado por Leuzinger foi o historiador Capistrano de Abreu”.<sup>19</sup>

Estava sempre circulando pela Leuzinger, como relata em carta a Paulo Prado: “todos estes dias tenho ido ao Leuzinger para ver se está brochado o tal volume primeiro”.<sup>20</sup> Ou nessa epístola a Assis Brasil, onde informa que: “acabo de chegar da casa do Leuzinger, donde trouxe 10 exemplares para distribuir pelos jornais. (...) Leuzinger me disse que o volume sai a 500. Entretanto, estou pensando em pô-lo a 2.200, porque tem que se dar a comissão de 20% e é melhor que pague-a o público do que V. ou o Clube”.<sup>21</sup>

Por ter impresso dois de seus trabalhos na livraria, ele recomendava aos amigos a tipografia e a livraria do Leuzinger. Mas não somente esta, freqüentava e recomendava também a Livraria Francisco Alves. Sua relação com o livreiro Francisco Alves foi bastante tumultuada. Os dois eram amigos, como aponta Laurence Hallewell,<sup>22</sup> mas, depois de um desentendimento, afastaram-se. Além de contatos pessoais, mantiveram contratos profissionais, visto que Capistrano fez três traduções para o livreiro. Entretanto, romperam

<sup>16</sup> HALLEWELL, 1985, p. 158.

<sup>17</sup> ABREU, Capistrano. **Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI**. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1883. Tese de Concurso para o Colégio Pedro II. 104p.

<sup>18</sup> ABREU, Capistrano. **Rã-txa hu-ní-ku-í**. A língua dos Caxinauás do rio Ibuçu, afluente do Murú. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1914. 630p.

<sup>19</sup> HALLEWELL, 1985, P. 160.

<sup>20</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada de 18 de janeiro de 1922. In: ABREU, CCA, v.2, 1977, p. 412.

<sup>21</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Assis Brasil datada de 19 de setembro de 1882. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 80-81.

<sup>22</sup> HALLEWELL, 1985, p. 210.

laços, como relata o historiador nessa carta dirigida a João Lúcio, em 2 de julho de 1917, quando da morte do famoso livreiro-editor:

Alves veio para o Brasil muito pequeno, a chamado do tio Nicolau, que tinha uma livraria. Fez estudos no Colégio Vitória e entrou para o comércio, primeiro na casa do tio, depois por conta própria. Em 77 liquidou o que possuía, visitou a exposição e viajou parte da Europa. Na volta o tio chamou-o e afinal ficou senhor da Casa que passou da Rua Gonçalves Dias para o grande prédio na Rua do Ouvidor. Sua fortuna foi adquirida honradamente, por força de trabalho e de vontade. Não era inculto; votava grande admiração a Alexandre Herculano e foi quem fez Sílvio Romero estudar a História de Portugal. Não era avarento: ainda não houve no Brasil quem desse tanto dinheiro aos autores. (...) Fiz para ele três traduções: a da Geografia de Selin, a dos Mamíferos e das Aves do Goeldi. Um dia escreveu-me uma carta declarando rotas nossas relações. Foi um rude golpe: disse-lhe Veríssimo que sentia-o tanto por ele como por mim; continuou amigo até o fim, porém com muita cautela. Uma amizade que se perde é como um vício que se larga: ganha-se com a perda. Nos últimos dezoito anos vi-o duas ou três vezes na rua.<sup>23</sup>

Em 12 de outubro de 1887, quando os dois ainda eram amigos, Francisco Alves transferiu a sede da livraria para um imenso prédio na Rua do Ouvidor, inaugurado com grande cobertura da imprensa carioca e diante de “concurso numeroso de pessoas das nossas classes ilustradas, entre as quais notamos a presença de muitos homens de Letras, escritores, membros do magistério, deputados, representantes da Imprensa e do Comércio, etc.”.<sup>24</sup> Francisco Alves, livreiro-editor, instalou sua nova livraria num edifício amplo em uma das principais ruas do Rio de Janeiro, projetado para ser a maior casa de livros da cidade, especializou-se em obras didáticas e se tornou o “mecenas da Academia Brasileira de Letras”,<sup>25</sup> segundo palavras do próprio Capistrano.

---

<sup>23</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 2 de julho de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 58-59.

<sup>24</sup> BRAGANÇA, Aníbal. A Francisco Alves no contexto da formação de uma indústria brasileira do livro. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004, p. 7.

<sup>25</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 2/4 de fevereiro de 1920. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 388.

Este afirma, em relato ao amigo João Lúcio, que a livraria Francisco Alves “especializou-se com livros elementares que fornecia aos Estados às centenas de milhares. Nisto não fez o bem que podia”.<sup>26</sup> Alves interessava-se pela História e Geografia do país, temáticas que abordou em algumas obras didáticas editadas pela casa, contribuindo para o desenvolvimento desse ramo editorial no Brasil e sendo considerado o pioneiro do país na publicação de obras didáticas.

Cada livraria da cidade do Rio de Janeiro procurava especializar-se em algum ramo do conhecimento, para não concorrer diretamente com outra casa editorial. Garnier se especializou em obras de ficção, Francisco Alves em obras didáticas, Laemmert editava obras científicas e de história e o livreiro Jacinto Ribeiro dos Santos, que herdou a livraria de Serafim José Alves, dono da livraria Cruz Coutinho, especializou-se em obras sobre Direito, como relata o próprio Capistrano a João Lúcio: “Jacinto é cercado de gente que em cousas de direito o aconselha bem. Há alguns anos atrás esteve quase quebrado: agora prospera. Em uma carta antiga julgo ter-lhe dado algumas informações sobre o modo por que virou livreiro”.<sup>27</sup>

Em cartas a João Lúcio, Capistrano havia relatado a trajetória do livreiro Jacinto, como na de 18 de março de 1918:

A carta de Montalvão encontrei no Gabinete Português, e já pus no correio. Não será igual à que o Instituto publicou na *Rev.* de 93? Mandei separar a carta para copiá-la no outro dia. Dizendo isto ao empregado, que teve algum trabalho em descobri-la, perguntou-me: Por que o Senhor não me encarrega de copiá-la? Fazia tudo direitinho, com a mesma ortografia. – Quanto quer? – Três mil.réis. Paguei-os logo. Conto isto, não para que encorpore [sic.] esta verba a meu ativo, mas para falar um pouco da vida alheia. Referiu-me ele há tempos que é filho natural do Cruz Coutinho, do Porto. Este nunca foi diante, ao contrário do que emigrou para cá. Ainda o conheci, e lembro-me da impressão forte que senti a primeira vez que fui à livraria e vi as raridades que acumulara. Morreu sem filhos e o pai veio tomar conta da herança, trazendo umas filhas maduras. Jacinto viera antes, empregara-se em uma fazenda de

---

<sup>26</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 2 de julho de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 58.

<sup>27</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 12 de maio de 1920. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 160.

café no Rio ou em Minas, primeiro como trabalhador, depois como feitor. Já conheceria o velho de além-mar? Chegou-se a ele, em pouco tempo estava genro, não muito depois viúvo e senhor da livraria. Há anos atrás parece que lutou com dificuldade e não gozava de bom nome. Venceu: hoje está publicando um comentário do Código civil, em vinte volumes, em que despenderá quatrocentos contos. Continua a saber ler como um trabalhador de enxada, mas cerca-se de bons conselheiros, creio que hoje é o editor mais forte do Brasil.<sup>28</sup>

Capistrano freqüentava a livraria de Jacinto, como relata a João Lúcio em 1918: “por acaso encontrei no Jacintho o livro de Júlio de Vilhena; li-o, achei bem interessante”.<sup>29</sup> Também nos informa sobre os freqüentadores mais assíduos da livraria de Jacinto, entre eles, João Ribeiro: “desde muitos anos vêmo-nos [sic.] com grandes intervalos e não tenho seguido sua evolução. O tempo disponível passa na livraria, do Jacinto, assenta-se na carteira e muita gente o procura”.<sup>30</sup> A presença de João Ribeiro na livraria do Jacinto fez João Lúcio enviar um exemplar do seu livro *História de Antônio Vieira* para a livraria: “envio agora um exemplar ao João Ribeiro, endereçado à Livraria Jacinto”.<sup>31</sup>

Quase vizinho à Livraria Francisco Alves, no número 66 da Rua do Ouvidor, encontrava-se a Livraria Universal dos irmãos Laemmert, com a qual Capistrano teceu fortes laços editoriais. Publicou um opúsculo editado pela casa Laemmert em 1900, intitulado *Descobrimento do Brasil pelos Portugueses*<sup>32</sup> em comemoração ao Centenário do Descobrimento do Brasil.

Além dessa edição, Capistrano e a Casa Laemmert estabeleceram no mesmo ano (1900) um novo contrato para a publicação da 3ª edição da obra *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo Varnhagen, anotada e prefaciada por Capistrano, como esclarece em carta a Guilherme Studart:

<sup>28</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 18 de março de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 87-88.

<sup>29</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 9 de março de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 85.

<sup>30</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 2/4 de fevereiro de 1920. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 389.

<sup>31</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 12 de maio de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>32</sup> ABREU, Capistrano. **O Descobrimento do Brasil**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900.

la chegando ao fim da carta, sem lhe falar da cousa principal. A Livraria Laemmert me encarregou de publicar uma nova edição de Varnhagen. Já comecei a impressão e espero dar o primeiro volume até maio: ao todo hão de ser três. Ficar-lhe-ia muito obrigado se V. quisesse me mandar as notas e retificações que tem sobre ele, e que, não preciso dizer, sairão com o seu nome.<sup>33</sup>

Os irmãos Laemmert possuíam os direitos autorais da obra desde a segunda edição realizada pelo próprio autor. Reeditar e anotar a obra de Varnhagen, indicando as fontes utilizadas, era um projeto antigo de Capistrano, no qual investiu muitos anos de pesquisa. Desde 1885, vinha trabalhando na obra, como conta em carta de 11 de junho de 1885 a Lino de Assunção: “vou começar um dia destes uma leitura atenta de Varnhagen, no que diz respeito ao século XVI para completar as indicações no que respeita as fontes d’aquele século”.<sup>34</sup>

O primeiro volume anotado da obra de Varnhagen só começou a ser publicado em 1907,<sup>35</sup> embora numa edição incompleta, devido em parte ao incêndio ocorrido na tipografia que fazia a impressão da obra para a Casa Laemmert, do qual apenas se salvou a parte já impressa, ou seja, o 1º volume. Afonso de Taunay esclarece o que aconteceu com a obra no prefácio da terceira edição integral, publicada somente em 1936, diz:

[Capistrano de Abreu] Encetou a penosa empresa com aquela perspicuidade [sic] e honradez que eram as suas e preparou o texto largamente anotado e comentado do que seria a terceira edição integral da História Geral do Brasil. Imprimiu-se o primeiro volume e passou pelo enorme desgosto de ver a quase totalidade da edição e o resto de seus originais desaparecer com o

---

<sup>33</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Guilherme Studart datada de 5 de fevereiro de 1900. In: ABREU, CCA, v.1, 1977, p. 149.

<sup>34</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 11 de junho de 1885. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 318.

<sup>35</sup> VARNHAGEN, F. A. **História Geral do Brasil**. 3. ed. rev. por Capistrano de Abreu. São Paulo/Rio de Janeiro: Laemmert, 1907.

incêndio arrasador da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro. Raríssimos volumes escaparam às chamas.<sup>36</sup>

Capistrano não continuou a empreitada da publicação da obra de Varnhagen, que foi continuada por Rodolfo Garcia e publicada integralmente apenas em 1936. O incêndio na impressora transformou a terceira edição de Varnhagen, anotada por Capistrano, numa raridade bibliográfica, como conta Capistrano a João Lúcio em 21 de abril de 1919:

Admirei-me que não conhecesse a edição do Varnhagen que publiquei em 1907. Alcançou as primeiras 371 páginas, ficou suspensa com o incêndio e a falência da Casa Laemmert. Lembro-me vagamente de que entreguei um exemplar a José Veríssimo para remeter-lhe. Estarei enganado? Terá se extraviado? Andará ainda passeando? Um exemplar dos *Capítulos*, mandado a Herbert Smith, só foi recebido sete anos depois. Vou ver se arranjo um para V. Não será fácil, porque a catástrofe do Laemmert perturbou tudo.<sup>37</sup>

Capistrano encontrou a obra em um sebo da cidade e o enviou para João Lúcio, como relata em junho de 1919: “afinal descobri num alfarrabista um exemplar de minha gorada edição de Varnhagen. Mandar-lha-ei para Inglaterra, apenas conheça seu endereço”.<sup>38</sup> João Lúcio recebeu a obra de Varnhagen anotada por Capistrano, teceu muitos elogios, mas lamentou: “mais uma vez me contristou a história do seu trabalho perdido no incêndio da Imprensa Nacional”.<sup>39</sup>

Segundo Hallewell, a livraria Universal, dos Laemmert, fechou suas portas em 1909, dois anos depois do incêndio que lhe destruiu a biblioteca e os arquivos. Em 1910, os direitos de publicação dos livros foram negociados com

<sup>36</sup> TAUNAY, Afonso de. A terceira edição integral de História Geral de Varnhagen e os seus comentadores (Prefácio). In: VARNHAGEN, Francisco de Adolfo. **História Geral do Brasil**. 3. ed. integral. São Paulo: Melhoramentos, 1936, p. IV.

<sup>37</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 21 de abril de 1919. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 125.

<sup>38</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 12 de junho de 1919. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 133.

<sup>39</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 4 de fevereiro de 1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

o livreiro-editor Francisco Alves, e os direitos de publicação do *Almanaque Laemmert* foram vendidos ao livreiro português Manuel José da Silva.

Além de publicar na casa editorial dos Laemmert, Capistrano também recomendava a editora aos amigos. Em carta de 20 de março de 1893, quatorze anos antes do incêndio, solicita a um amigo:

Peço-lhe o obséquio de mandar examinar se existem na Biblioteca os livros juntos, que me serão úteis e talvez necessários no correr da publicação. Caso aí não haja, pedir-lhe-ia que os mandasse vir com urgência pelo correio: a casa Laemmert, para estas encomendas, é muito boa, e se encomendar ao Gustavo que seja expedito, poderemos tê-los em menos de dois meses.<sup>40</sup>

Os irmãos Laemmert, Eduard e Heinrich, além de fundar a Livraria Universal, logo passaram a editar livros e inauguraram a Tipografia Universal. Os negócios com livros prosperavam e eram bastante diversificados, publicavam almanaques, clássicos da literatura, dicionários, coleções, obras técnicas e acadêmicas.

Mesmo tendo relações profissionais, e às vezes pessoais, com os principais livreiros do Rio de Janeiro e de São Paulo, Capistrano, nas cartas que escrevia aos amigos, não deixa de mencionar sua dificuldade de conseguir livros nas casas editoriais do Brasil. A João Lúcio solicita livros, em carta datada da sexta-feira da paixão de 1924:

Repito: o dinheiro que está em sua mão não é só para cópias, é também para livros: os livreiros daqui cada vez prestam menos. Por hoje peço-lhe: Caldas: A bula da Santa Cruzada, Coimbra (Não tenho confiança no autor. Da obra do bispo de Betsaida nada me ficou); Hümmerich, Studien, etc., Coimbra; O. de Melo, Ordens Militares Portuguesas, Lisboa; Mário Monteiro, Aleixo Garcia, Lisboa, H. E. G. de Carvalho (Que saberá do assunto? Ou haverá confusão e também sobre os deputados constituintes do Brasil nas cortes?). Tiro estas

---

<sup>40</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Doutor datada de 20 de março de 1893. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 61.

indicações do número dos Anais. Na capa dos Comentários vejo anunciadas diversas publicações. Todas desejo.<sup>41</sup>

João Lúcio se empenhava para satisfazer a sede de leitura do amigo brasileiro. Em carta de 17 de maio de 1925, João Lúcio informa que teve dificuldade de encontrar a obra de Hümmerich:

Pedi para o livreiro de Oxford que costuma arranjar-me os livros alemães, a obra de Hümmerich. Não sei se foi posta no mercado. O exemplar que li pertence a Pedro de Azevedo, oferta do autor. Estão encomendados para Coimbra os volumes 4º a 6º do Arquivo da Bibl. da Universidade, onde verifiquei acharem-se os artigos que deseja. O catálogo de Abel de Andrade não existe na Biblioteca Nacional, nem na Academia. Não foi posto à venda. Com o autor não tenho relações. Ficou de lhe pedir um exemplar o alfarrabista Coelho. Espero a resposta.<sup>42</sup>

A circulação de livros brasileiros em Portugal também está presente na correspondência desses dois intelectuais. João Lúcio se surpreendeu quando encontrou um amigo seu que conhecia o livro *Capítulos de História Colonial*, já que havia procurado o livro por vários meses em Lisboa sem resultados satisfatórios. Para João Lúcio, a dificuldade de encontrar livros sobre História do Brasil em Portugal devia-se ao fato de que em “Portugal a história do Brasil não interessa”.<sup>43</sup> A busca de livros portugueses no Brasil também era difícil, como revela Capistrano nessa epístola: “para Portugal o caso continua o mesmo. Dizia-me Said Ali: o verdadeiro, quando se quer um livro português, é mais fácil tomar o vapor e ir buscá-lo”.<sup>44</sup> Essas cartas podem indicar carências no trânsito de livros, mas também mostram uma vontade de promover intercâmbios entre os dois historiadores.

---

<sup>41</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada da sexta-feira da paixão de 1924. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 298.

<sup>42</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 17 de maio de 1925. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 251.

<sup>43</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu de 25 de novembro de 1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>44</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 4 de março de 1922. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 242.

Como leitor insaciável, impaciente com as demoras dos pedidos de livro e desejoso de atualizar suas leituras, volta e meia, Capistrano solicitava aos amigos que viajavam para o exterior para enviar obras que não encontrava nas livrarias brasileiras:

Por isso, e porque tenho certeza de que, mandando-os vir por nossos livreiros, não poderei obtê-los, peço-lhe o obséquio de me enviar pelo correio e com a maior brevidade possível: W. H. Bret – Mission Work among the Indian Tribes in the Forest of Guiana (...), W. H. Bret – Indian Tribes of Guiana. W. H. Bret – Legends and Myths of the Aboriginal Indians of British Guiana. Im. Thurm – livro sobre os índios da Guiana, cujo título não conheço. O preço destes livros satisfarei aqui aos seus correspondentes, que julga serem ainda os srs. Sousa & Irmão.<sup>45</sup>

Esses pedidos eram freqüentes, embora alguns livros impressos no exterior fossem obtidos nas livrarias cariocas, como informa Hafkemeyer a Capistrano de Abreu: “em resposta de sua carta, antes de tudo, comunico que o *Grão Pai* foi impresso em Madri – Gabriel L. del Horns. No Rio o Sr. há de encontrá-lo na Livraria Araújo, mas duvido que lhe dê algo de novo”.<sup>46</sup> Contudo, em carta a Lino de Assunção, Capistrano afirmava que algumas encomendas não eram satisfeitas: “encomendas de livros feitas d’aqui para a França, a Inglaterra ou Alemanha são satisfeitas com toda regularidade e presteza, mas para qualquer outra da Europa é uma desgraça”.<sup>47</sup>

As obras logo se esgotavam, em parte, devido ao pequeno número de exemplares impressos, ou porque os livreiros tinham dificuldade de encomendar obras no exterior, como conta Capistrano em carta aos amigos. Em 7 de janeiro de 1918, pergunta a Afonso de Taunay se nas livrarias de São Paulo “já chegou o 3º vol. de Pastells? Por aqui não. Apesar dos lembretes constantes no Briguier. Também o 10º vol. dos An. de la Bibl. de B. Aires ainda

<sup>45</sup> Carta de Capistrano de Abreu para o Barão do Rio Branco datada de 22 de junho de 1895. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 135.

<sup>46</sup> Carta de J. B. Hafkemeyer F. para Capistrano de Abreu datada de 27 de abril de 1917. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 300.

<sup>47</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção sem data. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 320.

não o consegui; parece esgotou-se, apenas impresso”.<sup>48</sup> Em outra epístola, informa que: “junto um exemplar da Ciropedia, porque não há mais nas livrarias”.<sup>49</sup>

Em carta a Mário de Alencar, de 4 de junho de 1921, diz que não compreende a dificuldade dos livreiros em adquirir os volumes solicitados pelos leitores-consumidores: “não sei por que há tanta dificuldade em arranjar números de revistas. Três de English Hist. Rev., três do Geog. Mag. de Edinburgh, pedidos não sei quantas vezes aos livreiros, Mich. Calógeras me arranjou com a maior facilidade, apenas recebeu a minha carta com o pedido”.<sup>50</sup>

As dificuldades para adquirir os livros publicados no exterior muitas vezes irritavam Capistrano, a ponto de ele afirmar para João Lúcio que a “cidade das letras”, como era chamada a cidade do Rio de Janeiro, assemelhava-se a uma aldeia: “quer ver como o Rio é uma aldeia? Há dias mandei comprar no Alves a Inquisição de Alex. Herculano e não havia! É provável que já tenha chegado ou exista em outra livraria. Amanhã verificarei”.<sup>51</sup> Em outra carta enviada a João Lúcio, fala da demora nos pedidos feitos aos livreiros: “encomendei ao Briguiet com a máxima urgência: A. S. Turbeville, *Medieval Heresy and Inquisition*, London, Crosby, Lockwood, 1920: antigamente uma encomenda chegava em 40 dias, e agora não sei quanto levará”.<sup>52</sup>

Diante dos embaraços para conseguir livros nas casas editoriais do Brasil, em muitos momentos, Capistrano recorria aos amigos que moravam no exterior -João Lúcio, por exemplo - para que lhe enviassem livros de Lisboa. Mesmo sabendo que havia, entre outras no Rio de Janeiro, a livraria de Solidônio Leite, que era “especialista em livros portugueses”. Para João Lúcio, chegou a declarar que preferia pedir livros ao amigo do que a algum livreiro:

---

<sup>48</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 7 de janeiro de 1918. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 289.

<sup>49</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Conselheiro datada de 17 de julho de 1889. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 56.

<sup>50</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 4 de junho de 1921. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 254.

<sup>51</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo sem data. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 142.

<sup>52</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada do dia de S. Marcos de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 209.

“para completar minha coleção do Arq. Hist. Faltam os números: 80/81, 87/88: estes parece não se vendem separados; por isso recorro à sua intervenção, em vez da de meu livreiro”.<sup>53</sup>

Em carta de 17 de novembro de 1921, Capistrano pede um livro que há muito tempo desejava possuir: “a nova edição de Marco Pólo”.<sup>54</sup> O pedido foi respondido por João Lúcio: “o livro de Marco Paulo [sic] deve estar à venda por estes dias, e brevemente, pois, lhe será remetido”.<sup>55</sup> Esse autor e seu *Livro das Maravilhas* já eram conhecidos de Capistrano, posto que ele é citado no artigo *O descobrimento do Brasil - povoamento do solo - evolução social*<sup>56</sup> que escreveu para o *Livro do Centenário (1500-1900)* publicado pela Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil.

Na correspondência de Capistrano, percebemos uma série de dificuldades enfrentadas por ele no sentido de comprar e também publicar livros no rarefeito meio editorial do país. Situação diferente da vivenciada pelo historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, que, na falta de editores, apelava para o Governo imperial na figura do Imperador Pedro II. Segundo Hallewell, “um escritor de talento tinha grandes possibilidades de obter uma sinecura do governo”.<sup>57</sup> Quando estava pronto o segundo volume da *História Geral do Brasil*, que levou vinte anos para se esgotar,<sup>58</sup> Varnhagen escreveu uma carta ao imperador pedindo para liberá-lo do pagamento dos direitos de importação:

Não hesitei em responsabilizar-me por todos os gastos adiantados. E a obra já está cara; e ainda seu preço tem de aumentar para o público com acréscimo do transporte; e por fim do tributo que cada exemplar de entrada na alfândega, se, por influxo de V. M. I., o seu ilustrado governo não tomar a

<sup>53</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 18 de junho de 1917. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 56.

<sup>54</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 17 de novembro de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 228.

<sup>55</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 26 de fevereiro de 1922. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 239.

<sup>56</sup> ABREU, Capistrano. *O Descobrimento do Brasil - o povoamento do solo - a evolução social*. In: **O Descobrimento do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 121-177.

<sup>57</sup> HALLEWELL, 1985, p. 89.

<sup>58</sup> *Ib. Idem*, p. 148.

este respeito algum arbítrio protetor, dispensando a obra nesta edição dos direitos de entrada.<sup>59</sup>

A obra de Varnhagen foi dedicada ao Imperador D. Pedro II como forma de agradecimento pelo apoio à publicação do livro, seja na primeira ou na segunda edição. Mas os tempos eram outros e, com o advento da República Brasileira, o mercado editorial havia se transformado. Há de se notar, também, que os livreiros mais proeminentes do período, como Garnier, Laemmert, Francisco Alves, Jacinto dos Santos, foram “aqueles que não se restringiam à venda de livros, e apostavam também nos trabalhos de impressão e edição”.<sup>60</sup> Os livros eram editados com poucos exemplares e logo se esgotavam, como no caso da edição de *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador. Sobre isso, Capistrano diz a João Lúcio: “quando combinou-se a reedição de Frei Vicente o editor [Weiszflog Irmãos] inquiriu das condições. (...) Deu-me a ler o público instrumento. 500\$ francos, 75 exemplares, dos quais 25 em papel superior. Lá ficou o jamegão final”.<sup>61</sup>

Apenas 75 exemplares que logo esgotaram nas prateleiras das livrarias. Essa pequena tiragem devia-se, em parte, à lenta marcha das vendas nas livrarias, o que elevava o custo da produção unitária das obras. Diante dos custos e da longa espera que os livreiros tinham para recuperar o investimento feito, preferiam editar poucos volumes, como no caso do opúsculo escrito por Capistrano de Abreu e editado pela casa Laemmert em 1900, intitulado *Descobrimento do Brasil pelos Portugueses*, que teve também um número limitado de exemplares, como revela Carlos Bonanni em carta de 9 de julho de 1900:

Li com interesse e agrado o seu trabalho, e congratulo-me com o senhor porque se decide, ainda bem, a enriquecer a literatura pátria, e especialmente a História do Brasil com estes produtos do seu talento. Ainda mais fico-lhe devedor da minha gratidão porque me quis contemplar no pequeno número

---

<sup>59</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Correspondência ativa**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961, p. 229.

<sup>60</sup> EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 34.

<sup>61</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 25 e 26 de junho de 1918. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 102.

daqueles que podem apreciar o seu opúsculo, impresso em número limitado de exemplares.<sup>62</sup>

Quando não editavam, apenas compravam as obras para revendê-las, as livrarias encomendavam um número restrito de volumes para serem comercializados na casa, como podemos apreender da carta de Capistrano para João Lúcio:

Apurei que a Livraria Schettini recebeu apenas três exemplares da sua *História de Vieira*, Jacinto cinco, Alves pouco mais: foram logo vendidos e não veio nova remessa. Informou-me Taunay há meses que a obra estava à venda na Paulicéia. Como se explica a indiferença do editor? O livro de Rangel, já anunciado na capa do *Baião*, ainda não chegou, mas este gosta de trazer os livros em sua companhia. Na capelinha da travessa do Marquês de Paraná, aonde Euc. da Cunha é deus e Rangel seu profeta estão esperando.<sup>63</sup>

As livrarias também tinham fortes concorrentes: os caixeiros viajantes. Esse mercado “informal” de livros, que era realizado junto com a venda de diversos produtos, como perfumes, material de papelaria, jornais, permitia uma maior circulação das obras. Para Capistrano, o caixeiro não era muito confiável: “o agente do correio do Prata, italiano de nascença, barbeiro, vendedor de perfumaria, livros e jornais, inspirou-me confiança medíocre. Felizmente parece que nada avocou seu. Por isso repito as encomendas feitas lá”.<sup>64</sup>

Em carta a Mário de Alencar, que também tinha certos receios com relação aos caixeiros-viajantes, Capistrano concorda com o amigo: “V. tem carradas de razão contra os caixeiros-viajantes, e vou mais longe: devem ser

---

<sup>62</sup> Carta de Carlos M. Bonanni para Capistrano de Abreu datada de 9 de julho de 1900. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 297.

<sup>63</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 12 de março de 1920. CCA, v.2, 1977, p. 147.

<sup>64</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 23 de outubro de 1925. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 342.

proibidos os anúncios de jornais. Privados desta base, não atingiriam a opulência, transformando-se em Pandoras pestíferas”.<sup>65</sup>

Essa aversão aos caixeiros pode ser pensada a partir dos pedidos não atendidos e dessa sede de leitura não saciada de Capistrano de Abreu. Para além das dificuldades de adquirir e encontrar livros, seja nas livrarias ou com os caixeiros, as tipografias também causavam vários atrasos. Em alguns momentos, Capistrano irritava-se com a lentidão das tipografias e ironizava: “mande-me uma corda para me enforcar ou um capanga que liquide a corja da tipografia”.<sup>66</sup> A lentidão das tipografias, também atinge Lisboa, como relata João Lúcio: “vão no pacote as primeiras quatro folhas do “Vieira”, cuja impressão vai muito demorada, e já perdi as esperanças de ver concluída em julho. A tipografia não chega a dar uma folha por semana. Esperemos”.<sup>67</sup>

Em carta posterior, datada de 18 de fevereiro de 1919, João Lúcio volta a falar dos atrasos: “no próprio dia em que lhe escrevi ultimamente rebentava no porto a contra revolução. Está pois liberto o meu Antônio Vieira, e se da tipografia houver um pouco de boa vontade poder-se-a [sic] concluir no mês próximo a demorada impressão”.<sup>68</sup> A impressão ainda iria trazer novos transtornos para o autor: “a última parte acho que ficou empachada na tipografia nas semanas recentes, quando com a regularidade mansa de até aqui, devia estar finda. Receio não corresponda a sua expectativa”.<sup>69</sup>

Capistrano, provavelmente, esperasse que as tipografias de Lisboa fossem mais hábeis que as brasileiras. Visto que seus reclames acerca do serviço prestados pelas tipografias das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo eram constantes. Ainda em 2 de junho de 1886, reclama da lentidão do serviço para Lino de Assunção: “aqui vai tudo com lentidão desesperadora. Apesar de terminados os relatórios, na Tipografia [Nacional] têm-me dado

---

<sup>65</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 6 de setembro de 1915. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 236.

<sup>66</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada da oitava de anunciação. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 480.

<sup>67</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 1º de maio de 1918 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>68</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 18 de fevereiro de 1919 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>69</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 25 de novembro de 1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

muito poucas páginas”.<sup>70</sup> Passados trinta e seis anos, o quadro pouco se modifica posto que Capistrano continua reclamando do atraso da tipografia para João Lúcio, em carta de 9 de maio de 1922: “o livro já estaria na rua há muito tempo, mas às enlaçarias da tipografia correspondem meus colapsos de preguiça”.<sup>71</sup> Em carta a Paulo Prado de 1923, os queixumes diminuem um pouco: “na tipografia o linotipógrafo parece disposto a compor cinquenta páginas por dia. Os originais das Denúncias pedirão pouco mais de um mês. Amanhã saberei seu balanço”.<sup>72</sup> Mas volta a falar do atraso das tipografias para Paulo Prado: “o livro [Diário de Pero Lopes]... já poderia estar impresso se as tipografias atuais fossem sérias”.<sup>73</sup>

Não era somente Capistrano que reclamava das tipografias brasileiras. Em maio de 1873, o romancista José de Alencar já falava do atraso da impressão provocada por esses estabelecimentos:

Ninguém sabe da má influência que tem exercido na minha carreira de escritor o atraso da nossa arte tipográfica, que um constante caiporismo torna péssima para mim. Se eu tivesse a fortuna de achar oficinas bem montadas, com hábeis revisores, meus livros sairiam mais corretos; a atenção e o tempo por mim despendidos em rever, e mal, provas truncadas, seriam melhor aproveitados em compor outra obra.<sup>74</sup>

Além da lentidão das tipografias, os tipógrafos, às vezes, faziam greves por melhores salários, como relata João Lúcio em 24 de março de 1922:

Pensava agora estar terminada a impressão dos Cristão-Novos. Faltam as provas emendadas da última folha dos documentos e a composição do índice. Declaram-se em parede os tipógrafos do Porto, reclamando 100 por

---

<sup>70</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 2 de junho de 1886. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 334.

<sup>71</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 9 de maio de 1922. CCA, v.2, 1977, p. 246.

<sup>72</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada de dia das petas, 1923. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 445.

<sup>73</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada da oitava da páscoa, 17 de abril. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 480.

<sup>74</sup> ALENCAR, 1998, p. 72.

cento de aumento de salários, e contado para a fêria o 7º dia da semana, em que não trabalham. Quanto tempo durará o conflito não posso saber ainda.<sup>75</sup>

Em carta de 15 de maio de 1927, João Lúcio de Azevedo volta a falar de problemas de atraso causados pelas manifestações trabalhistas dos tipógrafos portugueses: “a revista imprimiu-se na Biblioteca Nacional e a revolução dos tipógrafos e demissão destes atrasou a publicação. Creio porém que pôsto [sic.] que com demora se publicará por fim”.<sup>76</sup> Ainda quando não havia greve, as tipografias atrasavam, como relata João Lúcio em 9 de maio de 1925: “para o caso de aproveitar e com o nervo da guerra almejante, vencer a estupidez e a má vontade das tipografias”.<sup>77</sup>

Mesmo com baixos salários nas tipografias, o preço da impressão era muito elevado, tanto no Brasil como em Portugal. Capistrano reclamava do preço cobrado pelas tipografias para impressão das obras, como nessa carta de 2 de abril de 1886:

Sabes a dificuldade que há de encontrar editor e quanto é cara a impressão entre nós; por isso todos os nossos esforços vinham quebrar-se contra este rochedo. Julguei a princípio vencê-lo com um clube que imaginei, e que não devia ter presidentes, nem sessões, nem nada. Cada sócio publicaria um livro à sua custa, e seria isto a ata e a sessão. Tive muitas adesões... em palavras: esculpizavam todos passar à frente e ficavam todos parados.<sup>78</sup>

Quando Assis Brasil pediu ajuda de Capistrano para imprimir uma de suas obras no Rio de Janeiro, o historiador procurou algumas tipografias da cidade para saber qual seria a melhor para fazer a impressão. Sua busca nos oferece um panorama dos preços cobrados pelas principais tipografias da cidade em fins do século XIX:

---

<sup>75</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 24 de março de 1922. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 242.

<sup>76</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 15 de maio de 1927 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>77</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 9 de maio de 1925 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>78</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lino de Assunção datada de 2 de abril de 1886. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 326.

Deixei cair a alma aos pés... quando soube que Leuzinger, que eu julgava ser o mais caro de todos, é exatamente o mais barato. Um meu colega, que com ele falou, diz-me que ele fará a impressão por 35\$ - incluindo a brochura. À vista disto, nem é bom pensar nos outros dois, que, inferiores como artistas, só levam-lhe vantagem em serem mais careiros. Porque Leuzinger é tão barateiro? Perguntei ao meu colega. Em que ganha então? – No papel, respondeu-me: o papel dele, que aliás é bom, é comum: se quiser-se papel especial, a coisa não ficará por menos de 50. A vista disto, tendo-lhe submetido as propostas das três melhores tipografias, fico à espera de sua decisão.<sup>79</sup>

Capistrano estava atento ao preço dos livros, ao seu suporte e ao público final das obras. Em epístola para João Lúcio, fala da diferença de preço entre uma obra encadernada e outra em brochura: “no Schettini encontrei um exemplar da *História de Vieira*, encadernado em carneira. Gosto tanto desta encadernação em livros impressos em Portugal, que não resisti. Custou 12\$; em brochura comprei por 4\$ no Alves há meses: é o câmbio”.<sup>80</sup> Em outra carta datada da sexta-feira da paixão de 1924, confessa ao amigo: “ainda existem aí as encadernações de carneira? Tenho um fraco por elas”.<sup>81</sup>

Os livros “in-fólio” eram ricamente encadernados, ilustrados e compostos em papel de excelente qualidade, eram os preferidos de Capistrano de Abreu. Contudo, ele não tinha as mesmas regalias com outros objetos pessoais, como suas roupas, já que optava sempre pelas mais baratas, como relata nessa carta de 6 de setembro de 1915:

A questão do barato e caro é toda pessoal: não compro chapéu-de-sol de mais de cinco mil-réis [5\$], porque costumo perdê-los e o prejuízo é menor; não me visto no Raunier porque sou como H. de Melo, de quem dizia Pedro Luís – o antigo ministro: veste-se todo chibante no Raunier, desce apumado a Rua do Ouvidor, e chega com a roupa machucada na Rua Direita. Minhas

<sup>79</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Assis Brasil datada de 15 de março de 1881. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 74.

<sup>80</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada Ano Bom de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 190.

<sup>81</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada da sexta-feira da paixão de 1924. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 298.

finanças não me permitem mais que o Colombo, mesmo isso sem a freqüência que fora para desejar.<sup>82</sup>

Capistrano era desses eruditos que apreciavam as belas encadernações nos livros e as impressões de qualidade, embora ele mesmo vivesse “mal encadernado”, nas palavras de Américo Facó.<sup>83</sup> Seus trajes envelhecidos, paletó amassado, gravata torta e sua compulsão por leitura foram caricaturados por vários escritores contemporâneos. Entre elas, destaca-se a caricatura elaborada por Castro Rabello.



*Figura 10: Caricatura de Capistrano de Abreu feita por Castro Rabello – Acervo Instituto do Ceará.*

<sup>82</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 6 de setembro de 1915. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 236.

<sup>83</sup> “Olhos semicerrados de quem poupa / A luz dos próprios olhos... Indolente! / Cabelos, barba de esfiapada estopa. / Para trás, para os lados, para a frente... / Uns ares filosóficos de gente / A quem a vida vai de vento em popa: / Liga mais ao passado que ao presente / E liga à vida como liga à roupa. / Calçado sem tacão, chapéu sem aba, / Pobre, com aparência de usurário, / E, ao mesmo tempo de, morubixaba: / Tal é o Capistrano, o bem-amado, / Velho erudito, vivo Dicionário / Da História Pátria... mal encadernado”. (Os Três Mosqueteiros de Américo Facó).

Capistrano revela, em sua correspondência, algumas de suas exigências quanto às encadernações dos livros, como nessa carta de 12 de março de 1891:

Procurarei novamente Lombaerts para saber quanto ele imprimirá a folha sendo o tipo *renaissance*. É provável que seja mais barato: mais conveniente, não creio. O elzevir é um tipo elegante e *antique*, e não deixa de ter graça defender as idéias novas com instrumentos de tempos socialmente bárbaros.<sup>84</sup>

O historiador estava sempre preocupado com o formato das publicações e atento aos detalhes da impressão. Em carta de 9 de agosto de 1924, dirigida a Afonso de Taunay, fala da impressão da obra sobre os bacairis e afirma: “fica mais *chic* imprimir-se tudo de bacairi em itálico”.<sup>85</sup> Gostava de obras encadernadas, talvez por isso tenha mandado encadernar sua coleção das Atas da Câmara de São Paulo.<sup>86</sup> Essas coleções encadernadas eram extremamente caras, nem mesmo as bibliotecas públicas da cidade do Rio de Janeiro possuíam-nas, como revela o próprio Capistrano a Domício da Gama: “coleções completas e encadernadas: nenhuma biblioteca pública do Rio possui estes instrumentos de trabalho”.<sup>87</sup>

Capistrano e João Lúcio estabeleceram trocas livrescas entre os dois países. As epístolas desses dois historiadores mostram, também, um pouco do cotidiano das livrarias cariocas e lisboetas, apresentando parte do sortimento de livros dessas “casas de papel”.

Eram volumes variados que circulavam nesses estabelecimentos, iam desde romances até obras científicas. A aquisição também era variável, ia desde a motivação profissional à indicação feita pelo amigo. Essa circulação de obras no Atlântico, promovida entre os historiadores Capistrano e João Lúcio,

---

<sup>84</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Assis Brasil datada de 12 de março de 1891. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 73.

<sup>85</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 9 de agosto de 1924. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 340.

<sup>86</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada da oitava dos Reis de 1924. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 339.

<sup>87</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Domício da Gama sem data. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 268.

aponta para outros lados da produção historiográfica: a própria fabricação da obra. Ou seja, sua execução enquanto objeto cultural, que é escrito pelo autor, mas também impresso numa tipografia e vendido numa livraria.

### 3.2 O Autor, o Editor e o Público: estratégias de publicação, recepção e direitos autorais.

*Nenhum símbolo exprime tão bem a febre de lucro, esse furor de riqueza, que acomete a todo editor brasileiro, como a sanguessuga, cujo poder absorvente não encontra igual na escala zoológica. Em grande parte, ele é responsável pela nossa miséria literária, porque se encarrega de perverter o gosto público, editando economicamente baboseiras a dez tostões o volume.*<sup>88</sup>

Adolfo Caminha.

Os editores são figuras presentes na vida dos escritores. Nesse artigo escrito por Adolfo Caminha em 1894, o escritor compara a figura do editor a uma sanguessuga, para representar a sede de lucro desses comerciantes dos livros. Embora, de acordo com Tânia Bessone, no início do século XX:

O livro era um produto de retorno financeiro aparentemente baixo para os comerciantes de livros devido às numerosas dificuldades que tinham que enfrentar para adquiri-lo e vendê-lo. Era caro, frágil, pesado para o transporte no caso de importação e, por algum tempo, no Brasil teve que se submeter a uma série de restrições, o que o tornava de baixo padrão de qualidade, com o preço em desacordo com suas características.<sup>89</sup>

Cabe sublinhar que o pacto estabelecido entre escritor e editor era fundamental para a produção da obra, visto que “o escritor, ainda que seja um produtor de textos, não manufatura livros, de modo que da transação participa mais uma instância, o editor, este sendo o fabricante propriamente dito da mercadoria em questão”.<sup>90</sup>

<sup>88</sup> CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias**. Fortaleza: UFC, 1999, p. 121.

<sup>89</sup> BESSONE, Tânia. **Palácios de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 81.

<sup>90</sup> ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998, p. 62.

Em alguns trechos da correspondência de Capistrano e João Lúcio, vislumbramos parte das negociações feitas entre autores e editores. Essa negociação, na prática, ainda não era regulamentada por uma lei de propriedade literária no Brasil. Já havia uma proposta para criação de uma legislação sobre direitos autorais desde 1889 no país, mas somente a aprovação da proteção internacional aos direitos autorais de 1912 trouxe uma legislação específica sobre a questão. De acordo com Hallewell,<sup>91</sup> foi a ausência da proteção de direitos autorais estrangeiros que salvou a nascente indústria editorial brasileira de ser destruída pelas importações de Portugal e das impressões portuguesas feitas em Paris.

A sobrevivência das editoras brasileiras e seu crescimento foram favorecidos pela “inexistência” de uma legislação autoral. Assim as negociações com o editor eram feitas à revelia da lei, como podemos acompanhar nas cartas e nos depoimentos de muitos escritores do período. Em Portugal, a lei de propriedade literária só foi aprovada em 1927, como informa João Lúcio ao amigo Capistrano:

Saiu também a lei da propriedade literária, que será perpétua para nacionais e estrangeiros. Que pena você não ter netos, para daqui a 500 anos os bisnetos dos quintos netos dos seus tetranetos receberem direitos de autor em Portugal! Suponho que o Fidelino tem confiança na voga de suas obras nas gerações vindouras. Para os livros cuja propriedade caiu no domínio público já não vigora a disposição. Aqui tenho uma dúvida: Júlio Dantas está recebendo direitos de autor por conta de Camões e Antônio Ferreira, das peças *El-rei Selenco* e *Inês de Castro* que manipulou para o teatro. Persistirão os direitos dele per *omnia execula* [sic.] ou terão de ser procurado os herdeiros de Camões e Ferreira?<sup>92</sup>

Essa legislação trazia mais garantias aos autores, que podiam negociar e comercializar seus escritos com maiores vantagens nas casas editoriais. Esse era um queixume antigo dos intelectuais. Adolfo Caminha, nas *Cartas Literárias*, publicadas entre 1893 e 1895, já exigia um código que

---

<sup>91</sup> HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: UNESP, 1985, p. 170.

<sup>92</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 12 de junho de 1927 – Acervo do Instituto do Ceará.

regulamentasse a profissão de escritor: “devia existir um rigoroso tratado literário, em que os direitos do autor fossem claramente expressos, uma lei severa e positiva, estabelecendo medidas contra a especulação, o abuso e a improbidade comercial dos editores”.<sup>93</sup>

Alberto Rangel, autor de uma biografia sobre a Marquesa de Santos, revela ao amigo Capistrano que conseguiu ganhar dinheiro com a venda do seu livro: “a venda da Marquesa, como pode avaliar, faz-me bem, afinal de contas, levar pancada e perder dinheiro não me parece de vantagem para nenhum cristão; enquanto apanhar bordoadas e ganhar uns cobs me parece excelente negócio”.<sup>94</sup>

Capistrano e João Lúcio não ganhavam dinheiro com a própria pena, posto que seus honorários não decorreram diretamente da mercantilização de seus escritos. No período em que trocaram cartas, entre 1916 e 1927, Capistrano era professor aposentado do antigo Colégio Pedro II e João Lúcio de Azevedo vivia dos lucros de sua empresa fluvial. Assim seus serviços proporcionavam o ócio necessário à atividade de escritores nesse período.

João Lúcio escreve sobre a emoção que sentiu ao receber o primeiro rendimento com a venda de seu livro *O Marquês de Pombal e a sua época*:

A propósito de sua notícia sobre Antônio Sérgio: o milionário, sogro dele, saiu de Lisboa fugido aos credores e à cadeia; à última hora cometeu diversos estelionatos. Suponho que nunca reembolsou os prejudicados. Como tinha aqui o *Almanaque Comercial*, estava habilitado para a empresa do *Almanaque Laemmert*. Não sei se daí lhe vieram os milhões. Do genro ouço dizer que é muito agarrado ao dinheiro; pelo menos para com os autores da banda de cá. Pelo *Marquês de Pombal* prometeu dar 1 conto de réis (portugueses) em quatro prestações, de 3 em 3 meses; tiragem, 2000 exemplares. É o primeiro rendimento da minha pena, e acho-lhe graça, por essa razão. Pelos *Cristãos-Novos* quanto quererá dar? A cópia do original, à

---

<sup>93</sup> CAMINHA, 1999, p. 122.

<sup>94</sup> Carta de Alberto Rangel para Capistrano de Abreu datada de 8 de agosto de 1917. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 198.

máquina, fica-me por 300\$000 réis; deve acabar-se por estes dias, e espero a promessa de que a obra será publicada este ano para o enviar.<sup>95</sup>

Ganhar dinheiro com seus escritos lhe deixou contente, não somente no sentido de ter lucros financeiros, mas também porque significava que o autor poderia ter leitores. Mas fazer publicar e circular uma obra no restrito círculo de letrados do início do século XX era um árduo trabalho, diante dos imensos afazeres que teria, posto que seria preciso pensar no formato do texto que devia ser entregue para a impressão, ter cuidado com os revisores das obras e negociar o preço das obras com os editores. Embora esses escritores, de acordo com Alessandra El Far, fossem obrigados a conviver com a produção e circulação restrita de seus livros, eles possuíam singular liberdade de criação, gerenciando desde a capa, até no caso das revistas a composição dos reclames.<sup>96</sup>

Capistrano e João Lúcio comentavam sobre os preços e as negociações feitas com os editores, sejam de suas obras ou da obra de amigos. Em carta de 1925, Capistrano informa a João Lúcio que Said Ali vendeu a propriedade de seu livro *Lexicologia*: “não sei se lhe disse que vendeu a propriedade dos quatro volumes por 100 contos, pagos a 10 contos por ano”.<sup>97</sup> Os pagamentos às vezes eram feitos em parcelas, como mencionou João Lúcio e Capistrano nas suas cartas, o que dava margem para a impressão ser feita também em partes.

Todos esses atrasos na impressão das obras, em parte devido ao excesso de trabalhos desses estabelecimentos, deviam-se também à demanda existente para o livro. Ou seja, o livreiro-editor priorizava a impressão dos livros esperados pelo público-leitor em detrimento daquele que teria uma pequena demanda. Em carta de 10 de janeiro de 1920, João Lúcio revela:

Envio-lhe também o recente livro do mesmo Baião; por onde conhecerá o maneismo [sic] de que ele é capaz. Estando receoso a parte relativa ao Vieira

---

<sup>95</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 3 de julho de 1921. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 236.

<sup>96</sup> EL FAR, 2006, p. 41.

<sup>97</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de oitava de S. Pedro, 1925. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 334.

prejudicasse meu trabalho. A leitura sossegou-me. O homem sumaria o processo, e sumaria depois documentos já publicados no “Corpo diplomático português”. Julguei ter de retirar alguns dos que estavam no meu apêndice, mais nem isso é necessário. Suponho até que esta publicação servirá de reclamo à “História de Antônio Vieira”, porque quem o ler sentirá provavelmente o desejo de saber mais do mundo e compreender como as coisas passaram. O diabo é que o 2º volume não entrou no prelo ainda, nem entrará antes de 2 meses, ao que me informa o editor. Este tem a tipografia ocupada com livros sobre espiritismo e outras matérias de transcendência, que os mercadores de ciência e letras reclamam, e por isso pra traz fiquem os trabalhos que só tem o público restrito dos que sabem ler.<sup>98</sup>

Diante desse relato podemos apreender quais obras eram esperadas pelo público. O que mais vendia era literatura, como o próprio João Lúcio afirma: “sua indicação a respeito das ordens sacras de Antônio Vieira reservava-a para a segunda edição da “História”; mas esta está longe, segundo a venda se realizar até aqui. É necessário ser do gênero Dantas para os livros se venderem”.<sup>99</sup>

Para Peter Gay, “escrever história séria não era uma maneira fácil de ganhar a vida”,<sup>100</sup> posto que a venda dos livros sobre História era relativamente limitada, tendo em vista o número de possíveis “consumidores”. Mesmo um pouco limitada, os livros de história vendiam e “a julgar pela produção de obras históricas, embora elas fossem menos populares que as biografias, deve-se reconhecer que o século XIX, foi de forma preeminente um século histórico”.<sup>101</sup>

Diante de certa “inércia” dos livros históricos nas livrarias, Capistrano lamenta: “fiz uma asneira mandando tirar 500 exemplares das Denúncias. Pus à venda, exemplares no J. Leite, na Livraria Científica, na Brigueit. Como

---

<sup>98</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 10 de janeiro de 1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>99</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 22 de março de 1925 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>100</sup> GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 206.

<sup>101</sup> *Ib. Idem.*, p. 213.

não haverá compradores, poderiam ficar 200 na Biblioteca Nacional para as permutas e o resto iria para S. Paulo”.<sup>102</sup>

Mas não eram apenas os preços dos livros e sua venda que preocupavam os escritores. As revisões das provas de suas obras também lhe causavam amolações. Capistrano era um experiente revisor de obras, “embora Alencar tenha dado carta de mau revisor [para Capistrano] em uma nota do *Sertanejo*, penso que fiz o possível para desmenti-lo”.<sup>103</sup> Muitos dos seus correspondentes lhe enviavam obras para serem revisadas por ele. Em 17 de junho de 1917, aconselha João Lúcio a datilografar o original antes de entregar à editora para a revisão da obra: “porque não manda datilografar o original [História de Antônio Vieira] antes de remetê-lo para a imprensa? Li que nos Estados Unidos um editor pelo menos assim procede, na correção de provas da imprensa já o autor não tem de intervir”.<sup>104</sup>

Capistrano ia criando artifícios para conviver com editores e revisores. Sobre o método que deve ser empregado num texto que será publicado, se manuscrito ou datilografado, Capistrano volta a insistir com João Lúcio, em carta de 1º de abril de 1921:

Achamos graça nos seus escrúpulos quanto aos *Cristãos-Novos*. Será desconhecida aí a datilografia? As máquinas mais rudimentares tiram duas e três cópias. Li algures que alguns editores entregam as cópias datilografadas aos autores, dizendo-lhe façam quantas modificações aprouverem; depois, só verão a obra impressa. Faça a experiência com um dos capítulos não publicados pela Rev. de História, e decida-se pelo resultado. Melhor é experimentá-lo que julgá-lo.<sup>105</sup>

---

<sup>102</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada de 23 de dezembro de 1925. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 473

<sup>103</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Assis Brasil datada de 5 de maio de 1881. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 80.

<sup>104</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 17 de junho de 1917. In: ABREU, CCA, v.2, 1977, p. 53.

<sup>105</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada 1º de abril de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 203.

No pós-escrito da carta acima, ainda insiste com o amigo: “experimente a datilografia”.<sup>106</sup> Essa insistência de Capistrano pode ser pensada a partir das suas experiências com as casas editoriais do Brasil e do acidente da casa Laemmert, no qual ele perdeu os originais da terceira edição de *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, que estava anotando, como já mencionamos anteriormente. Além de um possível acidente na tipografia, havia casos de roubo de originais, como conta Capistrano a Martim Francisco: “acreditas na boa-fé do Cintra. Felizardo, eu é que não arredo pé da minha fórmula: nem ciência nem inocência. Vendeu aqui uns Contos, recebeu o dinheiro, carregou o manuscrito para revê-lo, e vendeu-o a Monteiro Lobato. A Paulo Prado papou 2 contos de réis, que outro melhor não pegaria”.<sup>107</sup> Em agosto de 1925, volta a falar do caso com Paulo Prado:

Definia Sintra como sem ciência e sem inocência. É menos inocente ainda do que eu pensava. A Monteiro Lobato vendeu um livro que vendera aos rapazes da Livraria Científica. Estes esperam não ser lesados, porque o Sintra e o Lobato receberão 100 contos para publicações relativas à Independência – que Washington lhe prometeu. No prólogo às Confissões anuncia como um livro o Caminho do Mar. Nem pode ser outra cousa. Com o dinheiro do Sintra, V. poderá fazer o aparelho cartográfico e bem poderia encarregar disto o nosso pobre Teodoro Sampaio (ai, princesa alemã!).<sup>108</sup>

Os problemas com os originais eram só o começo do drama da publicação. Os escritores tinham muitos entraves com as revisões das obras. Em dezembro de 1926, João Lúcio toca no assunto: “o ‘Antônio José’ saiu como era de esperar um pouco manco na revisão. Consolo-me facilmente: os erros graves passarão despercebidos aos indoutos, os doutos sabem que eu

---

<sup>106</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada 1º de abril de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 203.

<sup>107</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Martim Francisco datada do dia dos bacharéis – 22/101. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 88.

<sup>108</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada de 4 de agosto de 1925, In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 470.

as não podia cometer. Gostaria de toda a maneira que na continuação V. policiasse tipógrafos e revisor”.<sup>109</sup>

Os revisores também aborreciam Capistrano, como revela nessa carta de 14 de abril de 1918 para João Lúcio, referindo-se a edição de *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador:

Continuo na labuta das provas. O trabalho tem sido feito um pouco à la diable. Agora estou aborrecido com o revisor de provas que se permite alterar o texto. Pretendo escrever uma carta enérgica ao editor; será passada a máquina e mandar-lhe-ei uma cópia. Quem sabe se o trabalho feito com amor, não irá morrer de morte macaca. Não me posso dizer feliz nas poucas publicações que tenho feito.<sup>110</sup>

De acordo com Nelson Schapochnik, são inúmeras as “turras e queixumes dos homens de letras brasileiros contra a qualidade dos trabalhos tipográficos realizados nestas terras ao longo do século XIX”.<sup>111</sup> A maioria dos escritores reclamava de quase todas as etapas do processo produtivo das tipografias. Seus reclames iam desde o tipo de papel empregado na impressão até a revisão ortográfica. Para evitar essas falhas, alguns editores passaram a usar outras técnicas de impressão, como iniciar a confecção do livro depois da conclusão do original, como relata Capistrano nessa epístola de 23 de março de 1918: “o editor quer dar-se ao luxo de só imprimir a primeira folha quando a última estiver acabada, a última. Não me desagrada isto; ao contrário, vou ter a satisfação, que sempre invejei a Renan, de referir-se no princípio a páginas do meio e do fim do volume”.<sup>112</sup>

Capistrano refere-se na carta acima, ao editor Weiszflog, que foi o responsável pela publicação da edição de *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador, anotada por Capistrano de Abreu em 1918. Em carta a Afonso de Taunay, de 3 de abril de 1918, volta a falar do editor Weiszflog e da demora na

<sup>109</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 26 de dezembro de 1926 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>110</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 14 de abril de 1918. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 95.

<sup>111</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos Tipógrafos. **Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.

<sup>112</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Lúcia de Assis Brasil datada de 23 de março de 1918. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 89.

impressão: “o editor me disse que só voltaria a São Paulo lá para 5 e só então iria tratar a impressão. Temos muito tempo. Quem corre cansa, quem anda alcança”.<sup>113</sup> Nesse caso, autor e editor concordam no adiamento da impressão, posto que o primeiro ainda estava anotando a obra e o segundo tinha outras obras no prelo. Mas nem sempre havia essa harmonia. Capistrano não ficou satisfeito com o trabalho final feito no Weiszflog e reclama dos revisores da referida obra:

Um destes dias li os prolegômeros do Frei Vicente e aborreci-me bastante. Com a linotipia não há meio de evitar surpresas desagradáveis. Em regra corrigem o erro marcado, mas não escrupulizam [sic] em acrescentar outros por sua conta. Meu revisor, aliás competente, não admitia os cabaços e per razão de Frei Vicente, mas deixou passar os resultados resultaram. O filho é sem dúvida meu, mas não poderia ao menos chamar-me a atenção para o aleijão?<sup>114</sup>

Os problemas com a revisão das provas e as etapas da composição das obras eram apenas os primeiros enfrentados pelo autor. Depois de impresso o livro, autor e editor preocupam-se com os consumidores potenciais e prováveis leitores da obra. A demanda dos leitores ditava quais os livros mais vendidos e fazia os livreiros investirem naqueles gêneros mais procurados. O problema é que a demanda literária era variável e incerta, dependendo das necessidades do mercado da época. Assim, as encomendas dos livreiros aos autores mostram, em parte, o gosto dos leitores-clientes.

Capistrano afirma em carta de 18 de janeiro de 1911: “no prólogo do Fausto há um verso que sempre me comove: Como Goethe, eu também não terei o livro lido por aqueles que mais quisera”.<sup>115</sup> Capistrano tem uma preocupação constante com a recepção de suas obras e de outros autores também. Em carta para João Lúcio pergunta quantos leitores tem o livro de

---

<sup>113</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 3 de abril de 1918. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 293.

<sup>114</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada do equinócio de 1919. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 251.

<sup>115</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 18 de janeiro de 1911. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 226.

Gama Barros: “ainda vive Gama Barros e concluiu a obra? Tenho os três volumes. E quantos leitores terá o livro?”.<sup>116</sup>

Os leitores de uma obra são difíceis de serem rastreados. Os leitores de livros de História podem ser encontrados entre seus pares intelectuais, seus correspondentes e seu círculo de amizade. Em carta de 22 de junho de 1918, quase onze depois do lançamento de *Capítulos de História Colonial*, Capistrano comenta com João Lúcio as considerações de um leitor especial do seu livro, Paulo Prado: “preso em casa pela gota, leu meus *Capítulos* e ganhou amor à História do Brasil”.<sup>117</sup> Dias depois, Capistrano escreve outra carta para João Lúcio e volta a falar do leitor de seus *Capítulos*:

Há dois meses, na Avenida Rio Branco, dirigiu-se muito apressado para falar o Paulo Prado. Disse que, obrigado a ficar em casa por um acesso de gota, lera meus *Capítulos* e achara seu caminho de Damasco, e convidou-me para almoçar com um amigo que desejava muito de conhecer-me. (...) São simpatias que afinal vexam: nascem de um ideal sobre outrem que se forma espontaneamente e quando o real não combina com o ideal: aqui-del-rei, estou roubado”.<sup>118</sup>

Outro leitor de Capistrano de Abreu foi também seu amigo e historiador Barão de Studart. Encontramos um exemplar do livro *Rã-txa Hu-ni-ku-i*, em sua biblioteca particular, embora saibamos que, às vezes, possuímos livros que nunca lemos e lemos livros que nunca possuímos. Esse volume está depositado na Biblioteca do Instituto do Ceará, foi encadernado e possui o nome do Barão de Studart na lombar do livro. Além disso, o livro foi doado por Jonas de Miranda em 2 de julho de 1914 onde consta a seguinte dedicatória: “ao meu bom e nobre amigo Barão de Studart, lembrança afetuosa e de muita estima”.<sup>119</sup>

<sup>116</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 30 de agosto 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977 p. 220.

<sup>117</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 22 de junho de 1918. CCA, v.2, 1977, p. 99.

<sup>118</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 25 e 26 de junho de 1918. CCA, v.2, 1977, p. 101.

<sup>119</sup> ABREU, Capistrano. **Rã-txa Hu-ni-ku-i**: gramática, textos e vocabulários caxinauás. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1914.

Lima Barreto também pode ter sido um leitor de Capistrano. Em seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o personagem Policarpo Quaresma possui uma biblioteca somente com obras de brasileiros.

Estava num aposento vasto, com janelas para uma rua lateral, e todo ele era forrado de estantes de ferro. Havia perto de dez, com quatro prateleiras, fora as pequenas com os livros de maior tomo. Quem examinasse vagorosamente aquela grande coleção de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a sua reunião. Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais (...) Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major. De História do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gândavo; Rocha Pita, Frei Vicente Salvador, Armitage, Aires Casal, Pereira da Silva, Handelmann (*Geschichte von Brasilien*), Melo Moraes, Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagen, além de outros mais raros ou menos famosos. (...) Além destes, havia livros subsidiários: dicionários, manuais, enciclopédias, compêndios, em vários idiomas.<sup>120</sup>

A razão da reunião desses livros na biblioteca de Policarpo Quaresma, segundo o próprio Lima Barreto, estava no espírito patriótico do mesmo e na sua ambição de reunir um “conhecimento inteiro do Brasil”. Munido de toda a bibliografia necessária e disponível na época para a realização de seus projetos culturais, agrícolas e militares, que tinham como objetivo defender as coisas brasileiras, personificando um ideal de brasilidade muito bem caracterizado e metaforizado nos livros que compõem sua biblioteca.

Entretanto, não era somente no Brasil que Capistrano tinha leitores. Já vimos que havia certa veiculação de livros brasileiros em Portugal, porém João Lúcio se surpreendeu quando encontrou um amigo seu que conhecia o livro *Capítulos de História Colonial*, porque, segundo ele, em “Portugal a história do Brasil não interessa”.<sup>121</sup>

Capistrano retruca o convite do amigo e critica a forma adotada por alguns escritores portugueses ao abordar temas históricos. Embora não

<sup>120</sup> BARRETO, LIMA. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: FTD, 1991, p. 19-20.

<sup>121</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 25 de Novembro 1920 – Acervo do Instituto do Ceará.

gostasse do estilo de alguns escritores portugueses, Capistrano gostava dos livros de João Lúcio e em carta de 11 de novembro de 1920, fala da venda, no Brasil, do livro *História de Antônio Vieira*: “dou-lhe parabéns pela próxima conclusão da *História* que o singular editor continua a conservar inédita. No Rio só receberam o Alves, o Jacinto e o Schettini: nem Garnier, nem Briguiet, nem Cast. Se para mandar, o editor quer que lhe peça, vou dizer a Briguiet que o faça”.<sup>122</sup>

João Lúcio teve uma boa recepção das suas obras no Brasil como nos revela Capistrano na sua correspondência.<sup>123</sup> Capistrano chega a afirmar que o livro *História de Antônio Vieira* foi um sucesso de venda no Brasil, pois logo que o livro chegou às livrarias do Rio de Janeiro todos os exemplares foram vendidos. Esse sucesso, em parte, pode ter ocorrido devido à propaganda do livro feita por Capistrano, como podemos perceber neste trecho de sua correspondência dirigida a Paulo Prado: “indague na Casa Teixeira se tem à venda o 1º volume da *História de Ant. Vieira*; não perderá tempo em lê-la”.<sup>124</sup>

Foi ainda mais direto no pedido de propaganda do livro de autoria de João Lúcio ao paulista Afonso de Taunay: “já apareceu o *Vieira* na Livraria Alves daqui. É possível que o mesmo suceda na de lá. Faça propaganda que bem merecerá”.<sup>125</sup> Em carta de 15 de agosto de 1919, a Afonso de Taunay, ficamos informados que Taunay já possuía a obra: “vejo que já tem em seu poder a *História de Antônio Vieira*. Mandada pelo autor, ou comprada aí? Por cá ainda não a vi nas livrarias”.<sup>126</sup>

Não era somente dessa obra que Capistrano fazia propaganda. Em carta a Paulo Prado aconselha: “procure também aí no Alves ou em outra qualquer livraria o livro de Lúcio de Azevedo sobre a *Evolução do*

---

<sup>122</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 12 de março de 1920. In: ABREU, CCA, v.2, 1977, p. 185.

<sup>123</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo de 12 de março de 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 147.

<sup>124</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada de 13 de fevereiro de 1920. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 394.

<sup>125</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 10 de junho de 1920. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 311.

<sup>126</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Afonso de Taunay datada de 15 de agosto de 1919. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 302.

Sebastianismo”.<sup>127</sup> Em outro trecho da carta, alerta o amigo paulista: “antes que esqueça. V. encontrará em S. Paulo *Os Cristãos–Novos Portugueses* e o *Marquês de Pombal*, agora impresso no Rio, obras ambas do João Lúcio de Azevedo”.<sup>128</sup>

Capistrano propôs ao livreiro J. Leite publicar, no Brasil, uma segunda edição do livro *Os Jesuítas do Grão Pará*. Porém, essa edição brasileira do livro de João Lúcio não foi possível, como nos informa o próprio editor, porque “recebemos uma notícia que nos impossibilita de levar a efeito a edição projetada, a Empresa Literária Fluminense, de Lisboa, possui ainda em folha e brochura, mais de 200 exemplares da 1ª edição, que julgávamos esgotado. Havíamos mandar comprar os raros exemplares que aparecessem, e assim tivemos o conhecimento daquele fato”.<sup>129</sup>

Capistrano era distribuidor dos livros de João Lúcio, como relata nessa carta: “o exemplar de Afrânio deixei ontem na Câmara, a cuidado do Mário, que ainda não chegara. É de esperar tenha seguido sem demora. Para livrar-se de amofinações, Afrânio não quis o nome na lista de telefones. À viúva de Veríssimo mando agora mesmo”.<sup>130</sup> Embora houvesse essa repercussão de suas obras, João Lúcio reclamava que seus textos não eram lidos:

Não me lembra se já lhe disse que recebi o pacote com exemplares da Revista do Brasil. O número de janeiro 31 trazia o 5º artigo, a que devia seguir-se o 5º e final, não havendo naquele a costumada indicação contínua. Como nada mais recebi, suponho que os tipógrafos se aborreceram da composição, e os leitores não quiseram mais saber da conta do Antônio José. O resto do manuscrito iria para o lixo com o que não se perdeu nada para as letras, e o público da Revista ganham algumas páginas que mais podiam

---

<sup>127</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada da véspera de Santa Tereza, 1922. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 422.

<sup>128</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Paulo Prado datada do dia das treze mil virgens, 1922. In: ABREU, v. 2, 1977, p. 423.

<sup>129</sup> Carta de J. Leite e Cia para Capistrano de Abreu datada de 7 de junho de 1926 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>130</sup> Carta de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo datada de 5 de junho de 1921. In: ABREU, CCA, v. 2, 1977, p. 215.

interessar-lhe. O judeu foi pouco afortunado em vida, e eu com ele não mais feliz.<sup>131</sup>

Ser lido era o desejo de todo escritor. Esgotar uma edição era a marca do reconhecimento do trabalho publicado. Em carta de 20 de fevereiro de 1927, João Lúcio lamenta: “agrada-me que a História dos Cristãos-Novos fosse recordada. Sem embargo, a edição não se esgota. E que se esgote não haverá outra, porque não teria mais paciência para a pôr *up-to-date*”.<sup>132</sup> Além de esgotar uma edição, o autor desejava vender o maior número de exemplares possíveis, embora as tiragens fossem modestas. Em setembro de 1901, Capistrano escreve que é um sonho de todo autor vender 10.000 exemplares:

Não acho feliz a sua idéia do formato 32º. Com o nosso papel, o nosso tipo, a nossa brochura sairia um monstrengo. E qual a razão da preferência? Poder-se andar com o livro no bolso? Não atenua os erros contra a estética, não o tornaria de aspecto menos rebarbativo. É um sonho de poeta conseguir vendas de dez mil exemplares. Creio que Laemmert conquista este algarismo para suas folhinhas.<sup>133</sup>

O crescimento da imprensa durante o século XX e o surgimento de novas instituições escolares se refletiram num aumento do público leitor e do mercado para o livro. Capistrano era meticuloso no trato com a impressão dos seus livros, esses cuidados com a impressão, as negociações com os editores e as encomendas de livros mostram, de certa forma, o nível de profissionalização dos escritores brasileiros nesse período. No caso particular do historiador como autor, a encomenda de obras historiográficas, como *Capítulos de História Colonial*, sugere-nos que essas obras eram apreciadas pelo público-leitor da época, mesmo que fosse, em parte, restrito aos pares intelectuais.

<sup>131</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 15 de maio de 1927 – Acervo do Instituto do Ceará.

<sup>132</sup> Carta de João Lúcio de Azevedo para Capistrano de Abreu datada de 20 de fevereiro de 1927. In: ABREU, CCA, v. 3, 1977, p. 257.

<sup>133</sup> Carta de Capistrano de Abreu para Mário de Alencar datada de 14 de setembro de 1901. In: ABREU, CCA, v. 1, 1977, p. 209.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos interpretar as trajetórias da amizade epistolar entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo. Amizade alimentada pela colaboração mútua do cotidiano do ofício do historiador, cotidiano esse composto pelas pesquisas nos arquivos, pelas leituras compartilhadas e pela prática diária da escrita.

Para Bourdieu, “existir socialmente é ocupar uma posição determinada na estrutura social (...), é pertencer a grupos, é estar encerrado em rede de relações (...) que se lembram sob a forma de obrigações, de dívidas, de deveres, em suma, de sujeições”.<sup>1</sup> Os círculos de convivência, como os institutos e as academias, eram lugares de sociabilidade intelectual, onde os “homens de Letras” se congregavam. De tal modo, Capistrano e João Lúcio eram freqüentadores dessas associações: Capistrano era um freqüentador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Gabinete Português de Leitura e da Biblioteca Nacional, já João Lúcio freqüentava a Academia de Ciências de Lisboa e a Sociedade Nacional de História. Durante pelo menos 12 anos, eles discorreram sobre seu cotidiano nas cartas que trocavam entre si.

Capistrano dizia sentir-se deslocado de sua época, mas criou diversas estratégias para se inserir no campo intelectual brasileiro. Recusou o convite da Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Pedro II do IHGB, mas freqüentava as reuniões desta instituição, escrevia artigos para o periódico da mesma e acompanhava o seu cotidiano. E mais, freqüentava a casa de alguns membros do IHGB e confabulava, com os amigos, pedidos de emprego.

As relações sociais que eles teceram no decorrer da amizade epistolar foram fundamentais para o reconhecimento de sua posição no campo cultural. Souberam atuar politicamente através de uma convivência intelectual nos diversos grêmios influentes no período. Capistrano e João Lúcio tinham a História como um dever e viveram-na como uma verdadeira “profissão de fé”.

A intensa mobilização intelectual frente à comemoração do Centenário da Independência (1922), por parte dos membros do IHGB, detonou inúmeras

---

<sup>1</sup> BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 42.

críticas por parte de Capistrano, sendo o principal veículo para divulgá-las a sua correspondência. Protestou contra o Centenário da Independência (1922), mas fez planos de comemoração para o Centenário do Descobrimento (1900). Seguindo os olhares de Capistrano e João Lúcio e suas críticas sobre a produção do período, vislumbramos em parte suas atuações e mobilizações em torno das festas nacionais comemorativas dos centenários do Descobrimento e da Independência. Através de sua convivência epistolar, eles elegem os fatos que devem ser alocados no panteão da historiografia nacional.

Capistrano se aproximou de alguns intelectuais lusitanos, como João Lúcio, com intuito de estabelecer intercâmbios e também de penetrar no mundo dos arquivos portugueses. Essas cartas revelam as práticas de pesquisa, como ir aos acervos, anotar, copiar, contratar copistas. Também descrevem as dificuldades da escrita, o domínio das fontes. As correspondências permitem vislumbrar a trajetória de suas investigações históricas.

A tarefa do historiador era apurar fatos, buscar a exatidão dos acontecimentos; por isso, a busca pelos documentos se tornou primordial. Capistrano localizou fontes, copiou-as, publicou documentos, crônicas e obras sobre o Brasil colonial para transformar esses dados e informações em textos históricos que traziam suas reflexões sobre o processo histórico vivido no país. João Lúcio também se tornou um dos grandes conhecedores da documentação existente em Portugal sobre assuntos que se referiam ao Brasil.

Nos arquivos, há poucos traços da existência de leitores, mas essas cartas nos mostram esses dois historiadores trocando confidências literárias. Na maioria das vezes, Capistrano lia os livros e emitia julgamentos literários. A correspondência trocada entre Capistrano e João Lúcio funciona como um catálogo dos livros lidos por eles no início do século XX. Ler essas cartas de Capistrano nos oferece as dimensões sociais da república das Letras no Brasil, e através delas podemos vislumbrar uma classificação dos autores lidos por ele e seus círculos de amizades.

Seu labor inesgotável era a leitura, seja a crítica e sistemática, de documentos e textos historiográficos, ou a de obras de ficção e entretenimento. Capistrano queria difundir ainda mais a leitura no Brasil, talvez por isso tenha reeditado várias obras raras e esgotadas. Pretendia, talvez, arquitetar uma “identidade nacional” a partir da difusão das fontes e dos textos sobre a história

do Brasil. Como escritor, ele redigiu vários textos, livros e cartas. Contudo, era preciso fazer esses escritos circularem, divulgar suas idéias, publicar seus textos.

A sede de leitura de Capistrano e seu intercâmbio intelectual com João Lúcio permitiram que eles estabelecessem trocas livrescas entre os dois países. As epístolas indicam também um pouco do cotidiano das livrarias cariocas e lisboetas, apresentando parte do sortimento de livros dessas “casas de papel”.

Eram volumes variados que circulavam nesses estabelecimentos, iam desde romances até obras científicas, e os motivos de sua aquisição também variavam, iam da motivação profissional à indicação feita pelo amigo. Essa circulação de obras no Atlântico, promovida entre Capistrano e João Lúcio, principalmente de obras sobre História, aponta para outros lados da produção historiográfica: a própria fabricação da obra, que é impressa numa tipografia e vendida numa livraria, passando pelo processo de negociação entre autores e editores.

Os intercâmbios intelectuais marcam significativamente a escrita da história desenvolvida sobre a interferência de pares intelectuais, com trocas de documentos, livros, opiniões e afetos. O diálogo epistolar estabelecido entre esses dois intelectuais estimulava a produção historiográfica de ambos, além de propiciar a colaboração mútua entre uma rede de outros intelectuais.

Cabe sublinhar que o curso desta pesquisa foi dirigido pelas fontes. Ao participar da organização do Acervo Capistrano de Abreu, depositado no Instituto do Ceará em 2004, tivemos contato com a correspondência ativa e passiva deste historiador. Era uma diversidade de cartas, cerca de 508. Contudo, o conjunto de cartas escritas por João Lúcio despertava constantemente nossa atenção. Ao saber que essas cartas nunca foram publicadas, debruçamo-nos ainda mais sobre elas. Porém, o fato de possuímos um número maior de correspondências escritas por Capistrano, isso acabou direcionando este estudo para um enfoque maior na sua trajetória. Dessa forma, neste trabalho, optamos por historiar a amizade entre os dois a partir da trajetória de Capistrano de Abreu, relacionando a amizade epistolar com um cotidiano de leituras, escritas e livros. Entretanto, as cartas de

Capistrano de Abreu com um acervo documental diversificado possibilitam compor inúmeras interpretações com enfoques diferentes.

## FONTES

### 1. OBRAS DE CAPISTRANO DE ABREU.

ABREU, J. Capistrano de. **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/ Briguiet, 1960.

\_\_\_\_\_. **Capítulos de História Colonial**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Brasília: INL, 1976.

\_\_\_\_\_. **Cartas de Capistrano de Abreu a Lino de Assunção**, Lisboa, Oficina Gráfica, 1946.

\_\_\_\_\_. **O Descobrimento do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Temas Brasileiros).

\_\_\_\_\_. Vaz de Caminha e sua carta. In: **O Descobrimento do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 179-191.

\_\_\_\_\_. **Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça (Confissões da Bahia)**. Rio de Janeiro: Briguiet, 1935.

\_\_\_\_\_. **Rã-txa Hu-ni-ku-i**: gramática, textos e vocabulários caxinauás. 2.ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1941.

\_\_\_\_\_. **Ensaios e Estudos (Crítica e História)**. 1ª série, Rio de Janeiro, Sociedade Capistrano de Abreu/ Briguiet, 1931.

\_\_\_\_\_. Diálogos das Grandezas do Brasil. In: **Ensaios e Estudos (Crítica e História)**. 1ª série. 2.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975, p.205-232.

\_\_\_\_\_. Sobre o Visconde de Porto Seguro. In: **Ensaios e Estudos (Crítica e História)**. 1ª série. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1931, p. 200-201.

\_\_\_\_\_. **Ensaios e Estudos (Crítica e História)**. 2ª série. Rio de Janeiro, Sociedade Capistrano de Abreu, Briguiet, 1932.

\_\_\_\_\_. Fernão Cardim. In: **Ensaios e Estudos (Crítica e História)**. 2ª série. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

- \_\_\_\_\_. **Ensaio e Estudos (Crítica e História)**. 3ª série. Rio de Janeiro, Sociedade Capistrano de Abreu/ Briguiet, 1938.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio e Estudos (Crítica e História)**. 4ª série. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- \_\_\_\_\_. Biografia. História da fundação do Império Brasileiro. In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)**. 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 109, 1976.
- \_\_\_\_\_. José de Alencar. In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)**. 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 42-45. Publicado na Gazeta de Notícias, 13 de dezembro de 1877.
- \_\_\_\_\_. Livros e Letras (Seção). In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)**. 4ª série. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / MEC, 1976, p. 105. Publicado em 18 de novembro de 1879 na Gazeta de Notícias.
- \_\_\_\_\_. Sete de Setembro. In: **Ensaio e Estudos (Crítica e História)**. 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Brasília: INL, 1976, p. 284-287. Publicado na Gazeta de Notícias, 7 de setembro de 1881.
- \_\_\_\_\_. Novas Cartas de Capistrano de Abreu. **Revista de História**, São Paulo, [s.n], n. 31, 1957.
- \_\_\_\_\_. Sobre uma História do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Tipografia Minerva, t. 13, 1899.

## 2. OBRAS DE JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO.

- AZEVEDO, João Lúcio de. **Cartas de Antônio Vieira**, 3 v. Lisboa: Clássica, 1920.
- \_\_\_\_\_. **Épocas de Portugal Econômico, esboço de história**. Lisboa: Clássica, 1929.
- \_\_\_\_\_. **Estudos de História Paraense**. Pará: Tipográfica de Tavares Cardoso, 1893.
- \_\_\_\_\_. **A Evolução do Sebastianismo**. Lisboa: Presença, 1984.
- \_\_\_\_\_. **História de Antônio Vieira**, 2 v. Lisboa: Clássica, 3.ed., 1992.
- \_\_\_\_\_. Explicação Prévia. In: AZEVEDO, João Lúcio de. **História de Antônio Vieira**. Lisboa: Clássica, 3.ed., 1992.

- \_\_\_\_\_. **História dos Cristãos Novos Portugueses.** Lisboa: Clássica, 1921.
- \_\_\_\_\_. **Os Jesuítas no Grão Pará:** suas missões e a colonização. Bosquejo histórico com vários documentos inéditos. Lisboa: Tavares Cardoso, 1901.
- \_\_\_\_\_. **O Marquês de Pombal e sua época.** São Paulo: Alameda, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Novas Epanáforas:** estudos de história e literatura. Lisboa: Clássica, 1932.
- \_\_\_\_\_. **O Padre Antônio Vieira:** julgado em Documentos Franceses. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925. (Diplomacia da Restauração).
- \_\_\_\_\_. América Latina e América Inglesa. **Revista de História**, n.11, jul/set, 1914.
- \_\_\_\_\_. História do Brasil por Frei Vicente do Salvador. **Revista de História.** Lisboa: Clássica, n. 31, p. 239, 1919.

### 3. FONTES MANUSCRITAS.

Atas da Sociedade Capistrano de Abreu.

**Fundo:** Sociedade Capistrano de Abreu – Instituto do Ceará.

**Série:** Documentos administrativos.

Cartas inéditas de João Lúcio de Azevedo a Capistrano de Abreu (n° 57).

**Fundo:** Acervo Capistrano de Abreu – Instituto do Ceará.

**Série:** Correspondências.

Ofício da Sociedade Capistrano de Abreu (7/11/1927).

**Fundo:** Sociedade Capistrano de Abreu – Instituto do Ceará.

**Série:** Documentos administrativos

Saldo de Conta Corrente mantida entre Capistrano e João Lúcio de Azevedo com a data de 15 de Janeiro de 1927.

**Fundo:** Acervo Capistrano de Abreu – Instituto do Ceará.

**Série:** Correspondências.

#### 4. FONTES IMPRESSAS.

Cartas publicadas de João Lúcio para Capistrano de Abreu. (n° 30)

**Fundo:** ABREU, João Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu.** v. 3, organização e prefácio de José Honório Rodrigues, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977.

Cartas publicadas de Capistrano de Abreu para João Lúcio de Azevedo. (n° 263)

**Fundo:** ABREU, João Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu.** v. 2, edição organização e prefácio de José Honório Rodrigues, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977.

#### 5. REVISTAS E PERIÓDICOS.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO (IHGB). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. Tomos: LVII (1894); LVIII (1895); (1889); (1890); (1887); LXVII (1906); LXVIII (1907); 169 (1934); (1918).

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ (HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ANTROPOLÓGICO). Fortaleza: Tipografia Minerva. Tomos: 1 (1887); 13 (1899); (1910); 28 (1914); (1922); (1926); (1927); (1928).

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO DO PARÁ (IHGP). Belém: Imprensa Oficial, 1900, v. 1, n. 1.

REVISTA DE HISTÓRIA. Lisboa: Livraria Clássica. Tomos: 21 (1917); 35 (1920); 37 a 40 (1921); 41 a 44 (1922); 47 e 48 (1923); 49 a 52 (1924).

REVISTA NAÇÃO PORTUGUESA. Lisboa: Imprensa Beleza. Tomos: 1 (1926); 9 e 10 (1926).

REVISTA DO BRASIL. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Companhia de livros e papéis. Tomo: 9 (1927).

JORNAL O GLOBO. Ano IV, n. 1013. Coluna: Surpresas da História. Edição das 17 horas, 13 de maio de 1928. (Acervo da Biblioteca Nacional).

ALMANACH ESTATÍSTICO, ADMINISTRATIVO, MERCANTIL, INDUSTRIAL E LITERÁRIO DO ESTADO DO CEARÁ (Ano 1926). Fortaleza: Gadelha, 1927.

## 6. TEXTOS SOBRE CAPISTRANO DE ABREU E JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO.

ANDREONI, João ANTÔNIO. Cultura e Oportunidade do Brasil por suas drogas e minas. In: TAUNAY, Afonso de E. **André João Antonil (João Antônio Andreoni, S. J.) e sua obra: ensaio bio-bibliográfico**. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

ASSIS, Machado. **Correspondência**. São Paulo: Globo, 1997.

\_\_\_\_\_. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1995.

\_\_\_\_\_. A Nova Geração. In. **Revista Brasileira**, v. 2, 01/12/1879.

ATHAYDE, Tristão. Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico)**. t. LXII (42), 1928.

BARROSO, Gustavo. Capistrano de Abreu e a interpretação do Brasil. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, p. 92-101, 1954.

BEDÊ, Francisco Laélcio de Oliveira. **Capistrano de Abreu: o homem na província, na corte e no mundo**. 2. ed. amp. Fortaleza: Tipoprogresso, 2005.

CALÓGERAS, João Pandiá. Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto do Ceará**. t. XLI. Fortaleza: Minerva, 1927.

CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

CARMO, José Arimatéia Pinto. **Bibliografia de Capistrano de Abreu**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

CELSONO, Afonso. Elogio fúnebre a Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928, p. 343.

COELHO, Jayme. Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, 1954, p. 214-216.

- GARCIA, Rodolfo. Explicação para a 3. ed. In: SALVADOR, Frei Vicente. **História do Brasil 1500-1627**. 7. ed. São Paulo: Itatiaia, 1982.
- HOLANDA, Firmino. **Capistrano de Abreu**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. (Terra Bárbara).
- LEÃO, Múcio. Capistrano de Abreu e a Cultura Nacional. **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, t. 221, p.102-119, 1953.
- MATOS, Ilmar Rohloff de. **Capítulos de Capistrano**. Disponível em: <<http://modernosdescobrimientos.inf.br/desc/capistrano/frame/htm>>. Acessado em set. de 2007.
- MATOS, Pedro Gomes de. **Capistrano de Abreu: vida e obra do grande historiador**. Fortaleza: A. Batista Fontenele, 1954.
- MENEZES, Raimundo. **Capistrano de Abreu: um homem que estudou**. São Paulo: Melhoramentos, 1956. (Grandes Vultos das Letras, n. 17).
- MONTEIRO, Mozart. Curso Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, p. 151-181, 1954.
- MONTEIRO, Honorina de Abreu. O Avô que eu conheci. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, p. 182-193, 1954.
- NASCIMENTO, Alba Canizares. **Capistrano de Abreu: o homem e a obra**. Rio de Janeiro: Briguet, 1931.
- ORIBE, Aquiles B., **Capistrano de Abreu: perfis de su personalidad**. Montevideo: El "Siglo Ilustrado", 1927.
- OTÁVIO FILHO, Rodrigo. A vida de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, 1954, p. 46-66.
- PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Retratos do Brasil)
- \_\_\_\_\_. **Paulística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ariel, 1934.
- REBELLO, E. de Castro. **Capistrano de Abreu e a Síntese Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- \_\_\_\_\_. Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, 1954, p. 204-213.

- REIS, Arthur Cezar Ferreira. Capistrano – Geógrafo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, 1954, p. 139-150.
- RODRIGUES, José Honório. Introdução. **Catálogo de Exposição da História do Brasil**. Edição Fac-Similar. Brasília: Senado Federal, 1998. (Brasil 500 anos).
- \_\_\_\_\_. Capistrano de Abreu e a Historiografia Brasileira. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, 1954, p. 120-138.
- ROMERO, Sílvio. A Literatura Brasileira: suas relações com a portuguesa; o Realismo. **Revista Brasileira**, ano 1, t. 2, 1879.
- SALES, Antônio. Reminiscências: Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, t. XLI, 1927.
- SOARES, José Carlos de Macedo. Abertura do Curso Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, 1954, p. 44.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. Capistrano de Abreu – Historiador. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1954, p. 67-91.
- STUDART, Guilherme. **Dicionário bio-bibliográfico cearense**. v. 3. Fortaleza: UFC, 1980.
- TAUNAY, Affonso de. Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Curso Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. especial, 1954, p. 194-203.
- VERÍSSIMO, José. Capistrano de Abreu. **Revista da Academia Cearense de Letras**. t. XV. Fortaleza: Minerva, 1910, p. 202-211.
- VIANA, Helio. **Capistrano de Abreu**: ensaio bibliográfico. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1953.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José. **Como e porque sou romancista**: autobiografia literária em forma de carta. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- ALENCAR, Mário. Sobre um livro de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: tipografia Minerva. t. 28, 1915.
- AMARAL, Aracy. **Correspondência de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. **Correspondência cordial: Capistrano de Abreu e Guilherme Studart**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura, 2003. (Outras Histórias)
- AMED, Fernando José. **História ao portador**: interlocução privada e deslocamento no exercício de escrita de cartas de João Capistrano de Abreu (1853-1927). São Paulo: USP. Dissertação de Mestrado: USP, 2001.
- \_\_\_\_\_. As edições das obras de Capistrano de Abreu. **História: Questões & Debates**. Curitiba: UFPR, ano 17, n. 32. jan./jun., 2000, p. 99-117.
- ANHEZINI, Karina. Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, v. 1, n. 32, 2003, p. 51-70.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, v. 1, n.1, p. 28-54, 1988.
- ARTIÈRES, Philipp. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, v.1, n. 21, 1998.
- ASSIS BRASIL, Cecília. **Diário de Cecília Assis Brasil**. Org. Carlos Reverbel. Porto Alegre: L&PM, 1983, p.62-63.
- ASSMANN, Jan. Para além da voz, para além do mito. **Humboldt**. Bonn, GE. Goethe-Institut Inter Naciones, s/n, v. 86, 2003.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: FTD, 1991.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. O diário de Cecília de Assis Brasil (1916-1928): práticas de leitura de uma moça gaúcha. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Crystina Venancio (Orgs.). **Refúgios do Eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 145-157.

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura, 2006. (Outras Histórias, n. 41).

BESSONE, Tânia Maria Tavares. Os livros na imprensa: as resenhas e a divulgação do conhecimento no Brasil na segunda metade do século XIX: In: CARVALHO, José Murilo. (Org.) **Nação e cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 185-204.

\_\_\_\_\_. Direito de propriedade ou propriedade literária: os debates sobre autoria no Brasil Imperial (1862-1889). In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL. 1., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa/UFF, 2004, p. 1-15.

\_\_\_\_\_. **Palácios de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. 4. ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

BRAGANÇA, Aníbal. A Francisco Alves no contexto da formação de uma indústria brasileira do livro. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL. 1., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa/UFF, 2004.

\_\_\_\_\_. A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil. In: ABREU, Márcia. **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Livraria Ideal**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BREFE, Ana Claudia Fonseca. **O Museu Paulista**: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945. São Paulo: UNESP/ Museu Paulista, 2005.

BROCA, Brito. **A vida Literária no Brasil – 1900**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/ Academia Brasileira de Letras, 2005.

BUARQUE, Virgínia A. Castro. Cartas do claustro. **Trajetos**: Revista do programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Departamento de História da UFC, v. 3, n. 5, p. 137-154, 2004.

- \_\_\_\_\_. **Escrita singular: Capistrano de Abreu e Madre Maria José.** Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura, 2003. (Outras Histórias)
- CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias.** Fortaleza: UFC, 1999.
- CANO, Jefferson. Machado de Assis, Historiador. In: CHALHOUB, Sidney e Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs.) **A história contada:** capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 35-65.
- CATROGA, Fernando. **Nação, Mito e Rito:** religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal). Fortaleza: NUDOC / Museu do Ceará, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Memória, História e Historiografia.** Coimbra: Quarteto, 2001. (Opúsculos).
- \_\_\_\_\_. Ritualizações da história. In: \_\_\_\_\_; TORRALBA, Luís Reis e MENDES, José Amado. **História da história em Portugal, séculos XIX e XX.** S.l., Temas & Debates. [1998]. v. I/II.
- CAVALCANTE, Berenice. Iluminismo e tradição: considerações acerca de um "letrado" luso-brasileiro. **Leituras:** Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa. v. 3, n. 6, p. 173-193, abril- out. 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** MENEZES, Maria de Lurdes (tradução). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A Cultura no Plural.** Rio de Janeiro: Papyrus, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano:** artes de fazer. v. 1. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A Ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVII. Brasília: UnB, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de MORAIS. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- \_\_\_\_\_. Introdução. In: CHARTIER, Roger e CAVALLI, Guglielmo. **História da Leitura no Mundo Ocidental.** São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. O Homem de Letras. In: VOVELLE, Michel de. **O Homem do Iluminismo.** Lisboa: Presença, 1997.

- \_\_\_\_\_. (Org.) **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- \_\_\_\_\_. A história hoje; dúvidas, desafios e propostas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV. v. 7, n. 13, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CORBIN, Alain. A relação íntima e os prazeres da troca. In: PERROT, Michele (org.). **História da Vida Privada**. Da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 503-61.
- DARNTON, Robert. A História da Leitura. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). **Destinos das letras: história e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, p. 75-87, 2002.
- DIEHL, Astor Antônio. **A Cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos 1930**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- DUCROT, Ariane. Classificação de arquivos pessoais e familiares. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ARQUIVOS PESSOAIS, 1., 1997, [S.l.] **Anais...**, realizado pelo CPDOC [S.l.]: CPDOC / FGV, 1997 .
- DUTRA, Eliana. Tela imortal! O Catálogo de Exposição de História do Brasil de 1881. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA DO CEARÁ, 1., 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Circo das Letras, 2004. (mimeo)
- EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. Livros para todos os bolsos e gostos. In: ABREU, Márcia. **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2000, p. 329-341.

- \_\_\_\_\_. **A encenação da imortalidade:** uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924). Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FALCON, Francisco José Calazans. O Brasil de Capistrano de Abreu: características de sua produção historiográfica. **Trajetos.** Revista do programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Departamento de História da UFC, v. 3, n. 5, p. 69, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Alpiarça: Passagens, 2000.
- FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projeto autobiográfico: o arquivo de Gustavo Capanema. In. GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Capanema: O ministro e seu ministério.** Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 73-102.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Batella (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora:** estudo sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GAY, Peter. **O coração desvelado:** a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GOFF, Jacques Le. Prefácio. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 26.
- \_\_\_\_\_. Documento/Monumento. In: GOFF, Jacques le. **História e Memória.** 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1996.
- GOMES, Ângela de Castro. (Org.) Introdução. In: **Em família:** a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Mercado das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. (Org.). Introdução. In: **Escrita de si, escrita da História.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. (Org.). O ministro e a sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In. **Capanema: O ministro e seu ministério.** Rio de Janeiro: FGV, 2000, p.13-48.
- \_\_\_\_\_. **História e historiadores.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- GONÇALVES, Adelaide. Trabalhador lê? **Revista de Ciências Sociais da UFC.** Fortaleza: UFC. v. 34, n. 1, p. 59-72, 2003.

GONTIJO, Rebeca. **O velho vaqueano**: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador. Rio de Janeiro: tese de doutorado defendida no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, 2006.

\_\_\_\_\_. A reta e o círculo: amizade, projeto intelectual e construção identitária nas cartas de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo (1916-1927). **Trajetos**. Revista do programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Departamento de História da UFC, v. 3, n. 5, p. 101-128, 2004.

\_\_\_\_\_. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 163-193.

GRAFTON, Anthony. **As origens trágicas da erudição**: pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Campinas: Papyrus, 1998.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de (Org.). **Nação e cidadania no Império**: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 93-122.

\_\_\_\_\_. Entre Amadorismo e Profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. **Topoi**. Revista de História (PPGHIS – UFRJ). Rio de Janeiro, dez. 2002, p. 184-200.

\_\_\_\_\_. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, n. 1, 1988.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: USP, 1985.

HUNT, Lynn. Apresentação. In: HUNT, Lynn (Org.). **A Nova História Cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IGLÉSIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil**: capítulos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG/ IPEA, 2000.

IONTA, Marilda. Cartas de Pijama: Relações de gênero na amizade e na escrita epistolar de Mário de Andrade e Anita Malfatti. In: **La Correspondencia en la Historia, Modelos y Praticas de escritura epistolar**. Atas del VI Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita, v. I, Alcalá de Henares: Biblioteca Litterae, p. 261-274, 2002.

LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (Orgs.). **A missão Portuguesa**: rotas entrecruzadas. São Paulo: UNESP/ Bauru: EDUSC, 2003.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos em escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

- MALERBA, Jurandir. Teoria e história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A História Escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, p. 11, 2006.
- MARIELLA, Ricardo. Sobre Frei Vicente do Salvador. História. Documentos. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (Org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access, 1998, p. 95-106.
- MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello de (Orgs.). **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê, 2003, p. 141-156.
- MARTIUS, Karl Friederich Philipp von. Como se deve escrever a História do Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. t. 6, 1845, p. 389-411.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- MINDLIN, José. **Uma vida entre livros: reencontros com o tempo**. São Paulo: EDUSP: Companhia das Letras, 1997.
- MOTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência**. Rio de Janeiro: FGV/ CPDOC, 1992.
- NABUCO, Joaquim. Academia Brasileira de Letras. **Escritos e discursos literários**. São Paulo / Rio de Janeiro: Cia. Nacional/ Civilização Brasileira, 1939.
- NASCIMENTO, José Leonardo de. História da Cultura, da Historiografia, das Idéias e da Arte / Brasil: final do século XIX e início do século XX. In: ARRUDA, José Jobson e FONSECA, Luís Adão da (Orgs.). **Brasil - Portugal: História, agenda para o milênio**. São Paulo: EDUSC/ FAPESP; Portugal, PT: ICCTI, 2001.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As festas que a República manda Guardar. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 4, p. 172-189, 1989.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)**. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado: UFRGS, 2006.
- PAREDES, Marçal de Menezes. A Querela dos originais: notas sobre a polêmica entre Silvio Romero e Teófilo Braga. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 2, 2006, p. 103-119.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A Danação do objeto**. O Museu e o ensino de História. Chapecó: Argus, 2004.

- \_\_\_\_\_. Rodolpho Teófilo e Capistrano de Abreu. Algumas memórias no Museu do Ceará. **Trajetos**. Fortaleza, v. 1, n. 5, p. 79-99, 2004.
- REIS, José Carlos. Capistrano de Abreu (1907). O surgimento de um povo novo: o povo brasileiro. **Revista de História**. São Paulo: Universidade de São Paulo. n° 138, jan/jul, p. 63-82, 1998.
- RIBEIRO, Maria Luiza Gaffrèe. **Uma ruptura na historiografia brasileira: a formação intelectual de João Capistrano de Abreu (1853-1927)**. Dissertação defendida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1990.
- ROCHE, Daniel. As práticas da escrita nas cidades francesas do século XVIII. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.
- RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. O Achamento do Brasil e de Portugal: perfil intelectual do historiador luso-brasileiro João Lúcio de Azevedo. **Acervo**: Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. v.12, n. 1-2, jan/dez, p. 37-66, 1999.
- RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1979.
- SÁ, Carlos (Org.). **Francisco Sá: reminiscências biográficas**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Coleção Melhores Crônicas**. São Paulo: Global, 2003.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos Tipógrafos. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL. 1., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa/UFF, 2004, p. 1-15.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SERPA, Élio. Portugal no Brasil: a escrita dos irmãos desavindos. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/ EDUSP. v. 20, n. 39, 2000, p. 81-114.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na 1ª república**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

- STUDART, Guilherme. **Datas e Fatos para a História do Ceará**. Edição Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. (Biblioteca Básica Cearense).
- TENGARRINHA, José (Org.). **História de Portugal**. 2. ed. São Paulo: Edusc/UNESP; Portugal, PT: Instituto Camões, 2001.
- TREBICH, Michel. **Correspondances d'intellectuels: le cas des lettrés d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947)**. Disponível em: <[www.cnrs.fr/Trebitsch/cahiers\\_20.html](http://www.cnrs.fr/Trebitsch/cahiers_20.html)>. Acessado em 20 out. 2006.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Correspondência ativa**. Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.
- \_\_\_\_\_. **História Geral do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1936.
- VENANCIO, Giselle Martins. Memória guardada em papéis e livros. **Trajetos**. Revista do programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Departamento de História da UFC, v. 3, n. 6, p. 67-84, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Viana (1883-1951)**. Rio de Janeiro: Tese de doutorado defendida no IFCS da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003. (mimeo)
- \_\_\_\_\_. Sopros inspiradores: troca de livros, intercâmbios intelectuais e práticas de correspondência no arquivo privado de Oliveira Vianna. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). **Destinos das letras: história e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, p. 217-242, 2002.
- \_\_\_\_\_. Presentes de papel; cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Viana. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, n. 28, p. 23-47, 2001.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- WEHLING, Arno. **A invenção da história: estudos sobre historicismo**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001.
- ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.